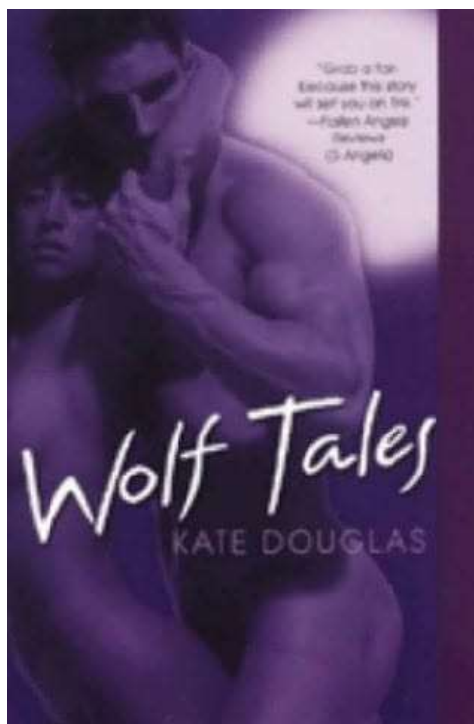




Encontro Selvagem

Wolf Tales 01

Kate Douglas

Disponibilização e Tradução: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Lucilene

Revisão Final e Formatação: Byba

Projeto Revisoras Traduções

Bem vindos a um mundo onde nada é o que parece e cada carícia se converte em puro êxtase.

Quando Alexandria se mete com o carro em uma terrível tempestade de neve, não tem nem idéia de que a noite lhe trará um poderoso homem, que a resgatará de sua difícil situação, e será o culpado de seu incrível despertar sexual. No momento em que Xandi acorda nos musculosos braços de Stefan e sente o calor de seu corpo, deixa de sentir-se atemorizada e permite ser possuída por um homem cujos instintos primários sempre estão à espreita. E enquanto a conexão entre ambos cresce e Xandi vai deixando para trás todas suas inibições sexuais, vai se colocando totalmente no misterioso mundo de Stefan, onde conhecerá a atraente e bela Keisha, assim como ao desumano e dominante Antón - que pode ter a qualquer homem ou mulher que queira... Da forma que desejar.

Versão em Espanhol: Soñando Despiertas

PARTE I



STEFAN

CAPÍTULO 01

Xandi afastou o airbag desinflado do regaço e utilizou o último lenço de papel que tinha para limpar o pára-brisa, sabendo que isso não a tiraria do apuro em que se encontrava. Tudo era branco ao seu redor. Ao menos ainda era de dia. Apesar disso, tremiam-lhe as mãos, e os batimentos do seu coração aceleravam-se. Deteve-se um momento, apertando com força o lenço contra o pára-brisa e logo se obrigou a inspirar fundo e lentamente. Respirar rapidamente não a ajudaria em nada.

“Veja o lado positivo. Ao menos ainda é de dia. Isto poderia ter acontecido de noite”.

A idéia fazia que seu coração pulsasse inclusive mais forte.

Patinou ao menos cem metros ladeira abaixo e aterrissou sobre um monte de neve espessa e densos matagais. Seu pequeno Sedan branco se inclinou para um lado, apanhado por completo entre árvores jovens e arbustos. A neve espessa que caía rapidamente já cobria o capô, e provavelmente, também o teto do carro. Voltou a olhar seu celular. Maldita seja. Ainda não tinha sinal. O estreito desfiladeiro onde tinha caído devia estar bloqueando-o.

Permanecer no automóvel era uma opção, ao menos até que se acalmasse a tormenta, mas tinha batido com força e se enterrado profundamente, e não havia sinais de que o mau tempo fosse cessar. As portas já estavam emperradas pelo peso da neve, e as janelas se encontravam cobertas quase por completo.

Não era provável que alguém estivesse procurando-a, mas se assim fosse, quem poderia encontrar um pequeno automóvel branco enterrado debaixo de uma tonelada de branca neve? Teria que tomar uma decisão, e logo, antes de morrer asfixiada.

Xandi pegou sua jaqueta do assento traseiro, assegurou-se de que suas botas estivessem bem amarradas, de colocar as luvas e que o chapéu lhe cobrisse as orelhas. Lentamente, baixou a janela, tirando a pesada neve para que não caísse sobre seu colo.

A ironia da situação não lhe era alheia. Tinha muito tempo de férias acumulado no trabalho, e se tinha tomado parte. Havia dito a seus amigos e colegas de trabalho que precisava ir refletir seriamente sobre as mudanças que devia fazer em sua vida. Insistiu que não era necessário lhes dar detalhes sobre seus planos, já que só se iria por algumas semanas e não se encontraria longe.

Pois bem, não chegou realmente longe. Só tinha se afastado perto de vinte e cinco quilômetros de Portland antes que o maldito veículo tirasse seu carro da estrada. Perguntou-se se o caminhoneiro que atravessou diante dela tinha idéia do que tinha feito.

Perguntava-se ao menos se importava.

Tremiam-lhe as mãos enquanto tirava os flocos úmidos das pestanas e observava através da janela aberta, para cima, pelo largo pendente. Frio. Sentia tanto frio. E estava assustada.

— Cale-se.

Começou, surpreendida pela veemência em sua própria voz. Essa situação não encaixava com os densos flocos de neve e a imagem postal de ramos de pinheiros inclinados pelo peso. Tampouco encaixava com seus planos, o motivo pelo qual tinha decidido partir apesar da tormenta. Simplesmente não encaixava.

Nada encaixava.

A estrada não podia estar muito longe acima dela, apesar de que era difícil distinguir dali debaixo nas atuais condições da tormenta de neve. Qualquer rastro deixado por seu automóvel já teria desaparecido. Não perdeu os sentidos, mas tinha passado muito tempo desde que se encontrou no assento dianteiro com o airbag desinflado sobre o regaço, tentando pensar nas coisas boas da vida. Enquanto isso, a neve seguia caindo.

É obvio, devia agradecer o fato de que ainda estivesse com vida depois de precipitar-se pelo inclinado declive a mais de cem quilômetros por hora. Ultimamente, não tinha sido tão afortunada. Inspirou profundamente, sem pensar em todas as burrices referidas à vida de Alexandria Olanet, ao menos por enquanto. Com sorte, subiria a colina antes que escurecesse e faria auto-stop para voltar para a cidade. Tudo isso por sua grande aventura.

Tudo isso por ocupar-se de sua vida.

Tirou o resto de neve do guichê aberto, agarrou a pequena bolsa de couro, abriu caminho com dificuldade pela abertura e saiu desabando-se sobre a neve.

Tinha as mãos e os pés dormentes e tinha perdido a luva da mão direita junto com seu celular fazia horas. A neve formava redemoinhos em rajadas escuras enquanto caía à noite. Obviamente, tinha perdido o rastro da estrada, mas onde diabo estava?

Esfregando o gelado nariz com uma mão, Xandi conteve um soluço. As lágrimas não a ajudariam. Era muito tarde, e com semelhante frio, congelariam no seu rosto. Estava muito escuro para seguir, e tinha muito frio e cansaço.

Sentindo-se atordoada e estúpida, olhou a seu redor, perguntando-se como as engenharia para construir um refúgio quando a única coisa que podia ver ao seu redor eram neve e sombras escuras.

«Diabos». Era todo culpa de Jared. Bom, Jared e sua loira ninfa. Alguma vez se livraria da humilhação, do nó no estômago? Não tinha desaparecido, nem sequer uma vez durante a semana

passada... Não desde que tinha entrado em seu quarto, que tinha compartilhado com seu noivo durante o último ano, e o tinha encontrado nu com o rosto enterrado entre as pernas dessa cadela.

O pior de tudo foi à reação da mulher. Nem sequer tinha se alterado. Não, somente tinha sorrido para Xandi com um olhar de desenfreada satisfação, mas sim tinha aberto as pernas ainda mais e fingido um orgasmo. Não podia ser real já que o tempo era muito bom, mas Jared parecia não se importar.

Enquanto Xandi seguia de pé ali, paralisada, Jared levantou a cabeça, com o rosto manchado com os fluidos da outra mulher, e a observava com olhar estúpido, piscando como o idiota que era.

Em certo modo, ela pensou, era algo bom. Muito bem, tinha lançado sua auto-estima no chão, mas ao menos tinha descoberto a verdade antes de contrair matrimônio com ele. Se só tivesse escutado os seus amigos... Tinham tentado adverti-la, haviam-lhe dito uma e outra vez que se afastasse antes que fosse muito tarde.

Agora, possivelmente o era. Tinha chegado à noite. A neve formava redemoinhos em rajadas mais fortes. Tinha deixado de tremer, não podia sentir os pés, não podia mover as mãos. Uma calidez quase reconfortante se apoderou dela. Suspirando, sentindo mais arrependimento que temor, Xandi desabou lentamente sobre a suave e acolhedora neve.

Calidez. A sensação de calidez, e de satisfação, mais maravilhosa. Com um suspiro, Xandi se aconchegou entre as mantas, sentindo um leve comichão nos dedos dos pés e das mãos, uma sensação de calor ao seu redor, de peso, comodidade e segurança.

E algo muito grande, muito comprido, muito sólido, meteu-se com força entre suas nádegas nuas, percorrendo a linha de seus lábios e repousando quente e duro contra seus clitoris. Piscou e abriu os olhos, mas só viu escuridão.

Já acordada, sentiu uma suave respiração lhe fazendo cócegas na nuca, braços quentes que a rodeava, um corpo robusto, musculoso, que envolvia o dela. Manteve-se muito quieta, e embora não se sentisse preparada para isso, tentou pôr suas idéias em claro. Muito bem... Recordava haver-se perdido em uma tormenta de neve, ter pensado em construir um refúgio, recordava... Quase nada. Só a sensação de que era muito tarde, de que sentia muito frio... Logo, nada.

O corpo detrás dela trocou. O grande pênis — ao menos isso o reconhecia — se deslizou contra seus clitoris enquanto a pessoa que a segurava, empurrava seus quadris um pouco mais perto dos dela.

Xandi tossiu. Quem quer que fosse, obviamente tinha salvado sua vida. Todo mundo sabia que os corpos nus irradiavam mais calor, mas, em realidade, ela nunca tinha pensado na idéia de despertar

na escuridão, protegida por um corpo nu totalmente desconhecido. Não, na realidade isso não tinha cruzado sua mente... Ao menos até esse momento.

Lutou contra a necessidade de deixar sair uma risada tola. Nervos. Tinham que ser os nervos. Mas ela sentiu que seus lábios se relaxavam, inchavam-se; era consciente de que seu clitóris tinha começado a observar, oculto detrás de seu pequeno capuz de pele, procurando um contato mais próximo com esse pênis. Os braços a agarraram um pouco mais forte. Uma das mãos se moveu e lhe cobriu um seio.

Nenhum dos dois falou. Ele sabia como era ela. Ela não tinha nem idéia de quem a segurava. Não sabia que idade tinha, de que raça era; não tinha idéia de nada.

“Salvou sua vida”.

Era isso. Arqueou as costas, pressionando seu seio contra a grande mão que o sustentava. Em resposta, grossos dedos lhe apertaram o mamilo. Conteve um gemido. Jared odiava que ela fizesse ruídos enquanto tinham relações sexuais.

“Não é Jared, idiota”.

Os dedos a beliscaram mais forte, espremendo sua pele. “Ao diabo com isto”. Ela gemeu, separando ao mesmo tempo só um pouco as pernas para poder acomodar-se sobre o grande pênis que parecia crescer cada vez mais. Logo apertou as coxas ao redor dele, deslizando o traseiro para trás contra o duro ventre dele.

Ela sentiu o denso pêlo púbico lhe fazendo cócegas no traseiro. Apoiou-se contra a dura base de seu pênis onde se erguia sólido desde sua virilha e apertou as coxas uma vez mais, sujeitando-se a ele. Sentiu sair o ar de seus pulmões e logo as suaves carícias de quentes lábios na orelha, a suave ponta da intrometida língua dele que tinha rodeado o exterior, a suave rajada de seu fôlego.

Um calafrio lhe percorreu as costas. Agarrou-o pelos pulsos, segurando-se enquanto ele ainda apertava suas mãos com força contra seus seios. O pêlo de seus braços era suave, quase sedoso. Ela tratou de imaginar seu amante oculto, mas antes que a imagem lhe chegasse à mente, ele gemeu contra sua orelha, e logo desceu a língua pelo seu pescoço.

Sentiu um chiado que lhe chegava à vagina, sentiu que os lábios dele exploravam o pescoço, enquanto sua inquieta língua brincava com os pequenos cabelos da nuca. As mãos massageavam seus seios, apertavam seus mamilos, para logo deixar que a dor se dissipasse. Seus quadris pressionados contra ela, obrigando a seu pênis a deslizar-se muito lentamente para dentro e para fora entre seus inchados lábios.

Voltou a gemer; o som lhe saiu da garganta antes que ela reconhecesse que se tratava de sua própria voz. O fogo que a rodeava se intensificou. Quem quer que fosse, quem quer que a fodia... e

suspirou. Literalmente, ele irradiava fogo, calidez e pura luxúria carnal. Uma de suas grandes mãos se deslizou pelo ventre dela, segurou seu púbis e a pressionou contra ele. Enquanto ainda a colhia com força com a mão esquerda pelo antebraço, sentiu seu dedo deslizar-se entre suas pernas.

As gemas dos dedos se detiveram em seu inchado clitóris, aplicando uma leve pressão. Ela ficou absolutamente quieta, temendo que ele se detivesse se ela se movesse, temendo sua própria reação por esse contato íntimo com um perfeito estranho. Ela seguiu segurando seu pulso que se encontrava perto de seu seio. Os dedos de sua mão direita se afundaram nos tendões da parte inferior de seu antebraço, e tudo nela gritava que empurrasse seus quadris para frente, lhe rogando que a acariciasse, que enterrasse mais que um dedo no calor úmido entre suas pernas.

Em lugar disso, embora lhe tremesse o corpo pela impetuosa necessidade de mover-se, manteve seus quadris imóveis. Depois de um momento que poderia ter durado por sempre, ele esfregou a gema do dedo ao redor de seus clitóris cuidadosamente, introduzindo-o em sua úmida vagina, em busca de um pouco dessa umidade, para logo voltar a acariciá-la uma vez mais.

Conteve um grito enquanto a áspera gema de um dedo a tocava novamente, com um movimento circular que era tão suave que mal podia senti-lo. Seus tremores aumentaram, igual a seu desejo e sua quase incontrolável necessidade de inclinar-se e empurrar seus quadris contra ele, para fazer que ele entrasse nela.

Não importava se ele utilizava seu pênis, sua língua, seu dedo... Diabos! Nesse ponto, ele poderia usar toda sua mão e ainda não seria suficiente. Conteve um gemido enquanto ele mudava o sentido da massagem, movendo a gema do dedo lentamente para cima e para baixo sobre o pequeno órgão. Cada movimento o aproximava de sua vagina. Mais perto, mas não o suficientemente perto.

Conteve a respiração quando ele se introduziu nela; girou o grosso dedo ao redor das paredes de sua vagina e logo voltou a lhe acariciar o clitóris. Uma pequena parte da consciência de Xandi a recordava que estava tendo relações com um completo estranho, que seus dedos estavam segurando grossos e musculosos braços, que ela sujeitava as coxas ao redor do maior pênis que tinha sentido em sua vida, e que ainda não tinham trocado uma só palavra.

Então lhe chegou, em um brilho quase cegador, uma epifania pessoal de necessidade pura e carnal e de luxúria absoluta, que jamais, nem sequer em sua fantasia mais desatinada, tinha estado tão excitada em toda sua vida. Nunca havia se sentido tão estreitamente ligada — mental, física e sexualmente — a ninguém. Gemeu com força enquanto o dedo dele voltava a deslizar-se entre suas pernas. Agora a acariciava no clitóris com o dedo polegar, e esse dedo grosso entrava e saía com cuidado de suas vísceras.

De repente, a ponta da língua percorreu sua orelha em espiral, logo mergulhou dentro.

Surpreendida, empurrou os quadris para frente, fazendo que os dedos dele empurrassem mais fundo. Sua respiração lhe fez cócegas na parte superior da orelha, a língua girava no interior, deixando-a quente e úmida, cheia de promessas de luxúria.

Empurrou com força contra os dedos dele, que ainda segurava uma mão contra seu seio, empurrando a outra entre suas pernas. Ela sentiu a espessa rajada de fluido, seu orgasmo que tomava forma com cada empurrão de seu pênis entre suas coxas, cada mergulho de seus dedos, cada...

Sem prévio aviso, apoiou-a sobre seu estômago, soltando-se de suas mãos com muita facilidade. Agarrou seus quadris e a levantou. Xandi gemeu, estendendo as pernas, lhe dando a bem-vinda, rogando com seu corpo. Com os olhos bem abertos, só viu escuridão, perdeu o sentido do espaço, perdeu toda noção do tempo. Estremeceu, ao bordo de uma espantosa e interminável queda.

Suas grandes mãos a seguraram pelo quadril, sustentando-a com firmeza. Massageou-lhe o traseiro durante um momento com os dois dedos polegares, estendendo as nádegas. Ela sentiu sua umidade na gema do dedo dele, quase consciente de cada pequeno lugar de seu corpo que entrava em contato com o dele.

Perguntava-se quanto podia ver ele, se sua visão noturna era melhor que a dela. Estava tão escuro como dentro de uma caverna, em qualquer lugar que estivessem. Não importava quanto o tentasse; não podia ver a suave cama debaixo dela, nem sequer podia ver suas próprias mãos.

Tampouco via as mãos dele.

Apesar disso, o vínculo persistia, uma sensação de conexão, de necessidade, de desejo tão profundo que de repente tornou-se parte de sua existência, de todo seu mundo. Um vínculo que ela sabia que continuaria para sempre quando ele finalmente entrasse nela, enchesse-a de calor e latente necessidade.

Levantou-a mais alto. Suas mãos se deslizavam para segurar suas coxas, elevando-a para que seus joelhos não tocassem o colchão, para que seu peso estivesse em seus antebraços, com o rosto colado contra a almofada.

Ela esperava que seu grosso pênis enchesse sua vagina. Queria seu pênis, agora. “Por favor, agora!”. Sua respiração estava apanhada em curtos e selvagens ofegos, tremiam-lhe as pernas, e pendia ali em suas mãos, esperando... esperando. Erguida no ar, no alto, o frio ar soprava acariciando sua quente e necessitada pele. Esperando que ele a enchesse.

Em lugar disso, sentiu que ele se afastava, sentiu que se afundava no colchão enquanto ele trocava de posição... Sentiu a ardente umidade de sua língua entre as pernas.

— Ahhh...

Seu grito concluiu em um gemido. Ele entrelaçou os braços ao redor de suas coxas e a elevou

inclusive mais alto, enquanto sua língua encontrava a entrada da sua vagina, com os lábios sujeitando os inchados lábios dela, sugando com a boca. Ele a mordiscava e chupava, atravessando-a com a língua, beliscando-a com dentes afiados, para logo banhá-la com delicadas e cálidas carícias. De repente, seus lábios rodearam seus clitóris, e ele sugou forte, pressionando o pequeno e sensível órgão com a língua.

Xandi não pôde conter um grito. Prendeu-lhe a cabeça com ambas as pernas, sentindo uns ásperos bigodes, e a forte mandíbula. Sua língua dava voltas e girava, enchendo sua vagina, enquanto ela se movia contra ele. Era forte, mais forte que qualquer homem que ela tivesse conhecido e a sustentava no alto, devorando-a como uma besta faminta: sua boca toda lábios, língua e afiados dentes.

Arrastou a língua por seus clitóris uma vez mais, sugou-lhe os lábios com seus próprios lábios e a levou a outro orgasmo. Uma vez mais, lambendo-a agora, indo lentamente do clitóris até o ânus, onde cada movimento a levava mais acima, mais longe. A língua dele roçava sua pele, inundando-se em seu úmido centro, fazendo cócegas no sensível clitóris, tocando o apertado o músculo em seu ânus. Gemendo agitada enquanto lhe tremiam as pernas, Xandi lutava por respirar, por ter outro orgasmo.

Ele a deixou ali, novamente ao bordo. O ar frio roçava sua úmida pele, deixando sua pele arrepiada nas coxas e no ventre.

Ele a fez baixar até que seus joelhos pousaram uma vez mais sobre a cama. Ela sentiu suas coxas quentes pressionando contra os dela, suas grandes mãos segurando seus quadris, a larga e suave ponta de seu pênis estalada na abertura de sua vagina.

Lentamente, com grande cuidado e controle, fez pressão contra ela. Diabos! Era enorme! Ela moveu as pernas e relaxou os músculos tanto como pôde. Apesar disso, sua pele se estendeu e a lubrificação de seus orgasmos facilitou o caminho enquanto ele, lenta e inexoravelmente, entrava nela.

Sentiu que ele pressionava contra a boca do útero enquanto seus testículos se apoiavam contra o clitóris e a púbis. Fez uma pausa, dando tempo a ela para adaptar-se a sua grande circunferência e comprimento e logo, começou a mover-se.

Primeiro lentamente, facilitando a entrada, logo a saída, percorrendo-a, sentindo-a. Xandi agarrou a almofada entre as mãos enquanto tomava ritmo. Dentro, fora, dentro novamente. Os testículos lhe faziam cócegas no clitóris com cada cuidadoso empurrão. Fez pressão contra ele, obrigando-o a chegar mais profundo, convidando-o.

Ele gemeu e logo penetrou com mais força. Ela tomou, deleitou-se com o poder e a força de seu amante misterioso, sentiu o princípio de outro orgasmo, soube que desta vez não a deixaria sozinha.

Ela se inclinou para trás entre suas pernas, segurando o peludo saco dele entre os dedos justo quando ele empurrava com força contra o colo do útero. Seu afogado grito a respirou. Sorrindo, sentindo-se poderosa, feminina e muito forte, apertou-o com cuidado na palma da mão, sentiu seu

testículo contrair-se, esticar-se, aproximar-se de seu corpo.

Deslizou um dedo por detrás do saco, pressionou a área sensível, logo percorreu brandamente o caminho até os testículos. Ele golpeou contra ela, seu corpo rígido com desenfreado poder. Gritando como um guerreiro, golpeava-a com maior intensidade, mais forte. Ela seguia sujeitando seu testículo com força, mas com cuidado, até que a quente fervura de sua semente entrou nela.

Afligida, muito estimulada, gritou e golpeou os quadris com força contra sua virilha. Seus músculos vaginais se contraíram, envolvendo-se ao redor de seu pênis, apanhando-o e sujeitando-o perto. De repente, encheu-a ainda mais, seu pênis se inchava para adaptar-se intensamente aos tensos músculos, prendendo seu corpo dentro do dela.

Fundiram seus corpos. Uma união mais profunda que o ato em si, mais poderosa que qualquer outra coisa que ela tivesse conhecido.

Ele se desabou sobre suas costas e logo rodou para um lado, arrastando Xandi com ele. Ela sentiu a quente rajada de sua entrecortada respiração, a pulsação rítmica de seu pênis, o galope de seu próprio coração. De repente, inexplicavelmente exausta, com a vagina contraída contra o calor de seu pênis ainda surpreendentemente inchado, Xandi se aconchegou contra seu robusto corpo e deixou que seus olhos se fechassem pouco a pouco.

Amanhã. Amanhã descobriria quem era ele.

CAPÍTULO 02

Xandi rodou, piscando contra a pálida luz da manhã, e se encontrou com o duro e frio flanco de um banco de neve. Assustada e muito alerta, sentou-se, tomando consciência de repente de que estava em uma área de descanso arborizada junto à estrada. Reconheceu-o imediatamente. Seu automóvel saiu da estrada umas centenas de metros mais atrás.

Sacudindo a cabeça, desconcertada, observou seus objetos. Faltava-lhe uma luva, junto com sua bolsa, mas, além disso, todo o resto era o que tinha posto no dia anterior quando tinha ocorrido o acidente.

“Ontem? Mas...”. Lentamente, tentou ficar de pé, e parou, com o corpo tremendo, tratando de recordar. Imediatamente, notou uma certa ternura entre suas pernas, essa gloriosa sensação da manhã seguinte ao ter tido um bom sexo que fazia tempo que não tinha.

Deixou sair um tremente suspiro. Com quem demônios tinha tido relações? Deus Santo, nunca tinha feito algo como isso. “Alguma vez!”. O que era mais estranho, por que se encontrava novamente

ali, junto à estrada?

“Possivelmente simplesmente não foi boa na cama...”.

“Não”. Ela sabia que não era assim. A pessoa com a qual tinha tido sexo obviamente desfrutou tanto quanto ela. Vagamente recordou ter despertado durante a noite, sentindo lábios que procuravam seus seios, grossos dedos enterrados profundamente em sua vagina.

Pensar nisso a fazia sentir um comichão nos mamilos. Sabia que estavam erguidos como borrachas porque roçavam sua blusa, e sentiu uma sensação de espiral entre as pernas.

Xandi inspirou fundo o ar frio, observou a espessa nuvem de vapor enquanto exalava, logo se voltou e olhou ambos os lados, para cima e para baixo pela larga estrada. Ainda era cedo, acabava de amanhecer. O céu brilhava com um rosa intenso no Leste, e uma capa de gelo cobria a neve, de forma que tudo estava banhado de brilhantes matizes de cor rosada e dourada.

Não havia tráfego. Um par de faróis de um carro ao longe era o único à vista. Observou como as luzes se aproximavam lentamente enquanto o delicado sol invernal se elevava sobre as montanhas e projetava um resplendor prateado e dourado sobre as copas das árvores cobertas pela neve. O bosque estava povoado de profundas e escuras sombras.

Os faróis do veículo se voltaram mais brilhantes, mais próximos, até que um grande Mercedes negro com janelas escuras se deteve no encostamento. O automóvel permaneceu ali um momento, com o motor ligado e soltando espessas colunas de vapor pelo escapamento. Sem saber se assustava-se ou alegrava-se, Xandi esperou, observando. De repente, o motor se desligou. O silêncio a envolveu uma vez mais.

Depois de um momento, o condutor saiu do carro e se inclinou levemente. Era pequeno e de pele escura, vestia um prolixo uniforme cinza com uma boina. Xandi conteve uma risada nervosa, quase histérica. Que viagem tão surrealista tinha sido! Um acidente automobilístico, ela perdida em uma tormenta de neve, sexo assombroso com um misterioso estranho. E agora era resgatada por um esquálido e pequeno homem em uma limusine?

— Senhorita, quer que a leve? — A voz do condutor era muito suave, o acento era talhado, preciso e muito inglês.

Ainda sacudindo a cabeça pela incongruência da situação, Xandi tirou a neve das calças e se aproximou do automóvel. Pois bem, tinha querido algo diferente, ou não? O condutor abriu a porta traseira. Xandi sorriu e o agradeceu, logo se deslizou dentro do escuro interior do Mercedes.

Estava quase seguro de que ela gritaria quando notasse que não estava sozinha. Permaneceu muito quieto, mal respirando, esperando que seus olhos se acostumassem à tênue luz do assento

traseiro. Seu coração pulsava agitado. Estava seguro de que ela o escutava. Esfregou os dedos com os polegares, desejando encontrar a forma de deter o suor de suas palmas, alguma maneira de acalmar os acelerados pulsos de seu coração.

Não devia ter feito. Nunca devia ter-se arriscado tanto. Mas deixá-la ao lado do caminho tinha sido o mais difícil que tinha tido que fazer em sua vida. Diabos! Afastara-se apenas um quilômetro antes que notasse que não podia deixá-la ir.

Ela demorou muito tempo em ajustar o cinto de segurança, estirou sua jaqueta e tirou o espesso cabelo dos olhos. Lentamente, virou-se e o viu. Seus formosos olhos cinzas se abriram ainda mais.

Ele esperou um olhar de repugnância da parte dela. O temor. Compreender que tinha sido resgatada por um monstro.

Seus lábios se abriram. Franziu o cenho, logo sorriu. Elevou a mão, como se fosse tocar seu rosto.

Ele a segurou pelo pulso. Isso não. Não estava preparado para isso.

— Foi você, não é verdade? Foi você que me resgatou.

Sua voz era suave, a entonação refletia sotaque do nordeste. De repente, ele recordou que nenhum dos dois tinha pronunciado nenhuma palavra a noite anterior.

Nenhuma palavra.

Gemidos. Gemidos. A tinha feito gritar, a tinha feito soluçar. Tinha-a feito chorar. Tinha feito ele chorar. Mas não houve palavras.

Tossiu e abriu a boca para falar. Para lhe dizer que estava equivocada. Que devia havê-lo confundido com outra pessoa. Alguém inteiro. Sem marcas.

“Humano”.

Ela roçou sua boca com o dedo, como se explorasse. Ele se afastou.

Ela piscou com surpresa, mas o tocou uma vez mais, com uma mão apoiada contra sua bochecha.

— Sei que foi você. Não o negue. Feromônios? Seu aroma... Não estou segura como sei, mas sei.

— Riu. Com uma risada surpreendentemente forte —. Minha vagina sabe isso asseguro. Estou ficando molhada. Meus músculos já estão encontrando um ritmo, seu ritmo, contraindo-se, relaxando-se...

A imagem se apoderou da mente dele: toda essa carne úmida, preparando-se para ele. Seu saco se esticou. Os testículos se endureceram. Sentia o calor e o batimento do pulso da grande artéria que fazia que o sangue fluísse para o largo pênis. Sentiu que se estendia, crescia. Alongava-se.

Suas palavras o paralisaram. Surpreenderam-no.

Excitaram-no. Santo Deus, era tudo o que podia para conter-se. Ela não entendia o que estava

fazendo? O que realmente tinha feito? Queria rasgar suas roupas, tomá-la ali mesmo, no assento traseiro do veículo, com o Oliver justo ao outro lado do vidro escuro. Fudê-la até que não pudesse ver bem.

Até que não o pudesse ver.

— Não sabe o que diz. — viu-se obrigado a engolir em seco e tossir — Não sabe quem sou. O que sou.

Ela sorriu, com um sorriso fácil e natural que lhe iluminou todo o rosto.

— Ah, mas sei. É o homem que salvou minha vida. O homem que fez amor comigo durante toda a noite. — Piscou. Ele se surpreendeu ao ver seus olhos cheios de lágrimas — É o homem que me fez sentir mais mulher, mais atrativa, como jamais me senti em minha vida.

Ele estendeu o braço e acendeu a luz no alto; logo a segurou pelos ombros. Sua risada soava violenta. Doída.

— Olhe-me. Realmente me olhe. Isto te excita? Este rosto? Sim, tivemos relações, na escuridão. Estava de costas, seus olhos não me viam. Poderia me olhar, ver a forma que sou, quando colocar meu pênis em sua vagina? Ainda me desejará quando estiver preso a você, quando meu pênis se inchar e se prender contra seu corpo, presa em mim como uma cadela no cio? Segurá-la para que tenha que contemplar este rosto, ver este corpo? Poderia fazer isso, pequena? Poderia transar comigo sem a fantasia?

Grunhiu, tirou a mão do ombro dela e afastou o olhar.

—Isso foi imperdoável. Sinto muito. Farei que Oliver a leve para sua casa. Por favor, me dê seu endereço.

Xandi, atônita, observou em silêncio como primeiro lhe grunhia e logo afastava o olhar furioso. Com ela? “Não”, pensou. Mais provavelmente com ele mesmo; entretanto, por que acreditava que seu maravilhoso rosto a afastaria... Não, não a afastou, absolutamente. O efeito foi exatamente o oposto.

As palavras que ele havia dito com fúria lhe sacudiram o corpo. Uma litania sensual, uma promessa de prazer inimaginável: quando meu pênis se inchar e te prender contra meu corpo... quando colocar meu pênis em sua vagina... poderia transar... transar... transar...?

“OH, Deus, sim!”.

Havia sentido a noite anterior, essa conexão, essa necessidade que sentia por ele. É obvio, nesse momento ela somente o considerava um homem. Um homem normal, embora muito sexy. De repente a paixão, a luxúria inimaginável, cobrava sentido. Havia algo além do humano, mais à frente do desejo normal, com essa pessoa. Algo que seu corpo ansiava, que sua mente necessitava. Algo sobre ele que a

fazia sentir-se completa.

Examinou seu perfil à tênue luz da lâmpada. Obviamente, não era completamente humano, embora não era possível que fosse o que aparentava. Observou-lhe as mãos. As grandes mãos de um homem, os nódulos grandes e ossudos, as unhas prolixas, o cabelo grosso entre seus dedos.

Recordou a sensação desse cabelo sedoso. Na noite anterior, tinha segurado os braços dele contra ela. Tinha-o sustentado com força enquanto lhe tocava os seios, acariciava-a entre as pernas.

Amava-o. Apaixonadamente.

Agora que podia vê-lo, apesar de estar vestido com calças escuras e com um pulôver negro com pescoço alto, notou que a maior parte de seu corpo devia estar coberto pela sedosa pelagem. Não era negro, como havia pensando em um primeiro momento. Não, era cinza escuro com manchas prateadas. O cabelo comprido lhe caía sobre os ombros e era da mesma cor cinza escura, também com manchas prateadas.

O que tinha pensado que era sua barba era muito mais. A mesma pelagem prateada lhe cobria o rosto, a mandíbula... E o que só poderia descrever-se como um focinho. Seu nariz era escuro, seus lábios quase negros. Quando ele levantou o lábio superior, viu uns caninos afiados e brancos.

Inclusive suas orelhas eram animais, triangulares, perto da cabeça, para trás contra o crânio como se estivesse zangado... Ou assustado?

Humano, mas com aspecto de besta. Uma criatura elementar, tão deslocado no assento traseiro de uma limusine Mercedes.

Sentia-se uma idiota por desejá-lo. Não era humano. Não era natural.

Era muito mais que isso. Muito mais.

Ele girou lentamente até sentar-se frente a ela. Deixou cair as mãos sobre suas robustas coxas. Seus ombros se elevaram e caíram enquanto inspirava fundo, esticando as costuras do pulôver. Ela ouviu seu suave suspiro e o sussurro do som.

— Seu endereço? Por favor, agradecer-me-ia levá-la para casa.

— Não. — Sacudiu a cabeça, enredou os dedos ao redor do pulso direito dele. Ele começou a afastar sua mão, mas ela o segurou com firmeza — Quero ir para casa com você — O olhou aos olhos, obrigando-o a vê-la como uma mulher. Uma mulher que estava mais intrigada que desgostosa com a besta que obviamente o dominava em grande parte —. Quero voltar a fazer o amor com você. Quero... — Se fez um nó na garganta. Ficou sem palavras — Não quero perder o que me deu. Por favor. Me leve com você. Quem quer, ou algo, que seja. Preciso saber... Mais. Entende-me?

Ele franziu o cenho. Suas prateadas sobrancelhas uniram-se sobre esse largo e lobuno nariz prateado. Seus olhos resplandeciam com cor âmbar, virtualmente dourados à tênue luz interior do

automóvel, as pupilas eram quase negras, fragmentos com forma de diamantes.

— Não — disse, contemplando os dedos que o seguravam com força no braço —. Não, realmente não entendo. Olhe-me. Veja o que sou. Não quem...

Ela inspirou profundamente e estremeceu. Deixou-o sair. Pressentia que, de algum jeito, todo seu futuro dependia de sua resposta.

— Vejo o que é, embora não possa explicá-lo. Quero saber quem é. — Apertou-lhe ainda mais o pulso com a mão e lentamente girou a mão dele para que apoiasse a palma sobre a coxa — Não pode negar que o sentiu. Sentiu o que aconteceu entre nós ontem à noite. — Como pode alguém explicar um vínculo, uma conexão, muito poderosa, muito... Pura? Colocou sua mão esquerda sobre a dele e examinou a diferença de suas cores, a grande diferença de tamanho.

A noite anterior tinha notado que o homem que a segurava era grande. Não tinha podido imaginar seu tamanho real. Sua mão fazia parecer pequena a dela, seus ombros eram largos, podia distinguir os músculos de seu peito através de seu pulôver negro. Nem sequer podia adivinhar sua estatura, mas imaginou que superava os dois metros.

Levantou o queixo e examinou seu rosto. Embora se encontrasse sentado, ela teve que levantar o olhar para encontrar seus olhos. Com um metro setenta e cinco de estatura, Xandi fazia parecer pequenos à maioria dos homens de sua agência de bolsa. Era incomum que se sentasse perto de um homem e se sentisse pequena e miúda.

Ele não disse nada, somente a observava com perguntas nos olhos enquanto ela o examinava. De repente, a lembrança dele tomando-a, colocando seu grande pênis entre suas pernas, de esticar-se enquanto ele empurrava cada vez mais profundo para dentro, apoderou-se de sua mente. Em resposta, sua vagina se contraiu. Sentiu o cálido espiral de desejo golpear em seu centro. Sabia que suas calcinhas deviam estar empapadas ante o só feito de pensar em fazer o amor com esse homem.

Perguntava-se se ele podia cheirar sua excitação sexual. Se seus instintos e habilidades eram tão definidos... Se era tão lobo quanto parecia.

Ele a observou durante um longo tempo, suas fossas nasais se alargaram, seus olhos se entrecerraram, logo se inclinou para frente e deu uns golpes sobre o vidro escuro. A janela abaixou o suficiente para permitir uma conversa.

— Oliver. A mulher decidiu me acompanhar. Leve-nos à cabana, por favor.

O condutor assentiu, a janela se fechou em silêncio e o grande automóvel partiu. Xandi se recostou contra o suave assento de pele, cruzou as mãos sobre o regaço e fechou os olhos agradecido.

De repente, sentiu que seus dedos passavam cautelosamente sobre os dela. A calosa gema de seus dedos se deslizou através do reverso de sua mão direita. Conteve o fôlego. Lentamente, ele

volteou sua mão palma acima, logo fechou seus dedos com firmeza, prendendo sua mão na dele.

Uma sensação de paz invadiu seu corpo. Finalmente, depois de anos de espera, teve a sensação de ter encontrado o caminho de casa.

Xandi notava as mudanças no caminho: pavimento desigual que se convertia em liso e logo se voltava a se tornar irregular; em duas ocasiões o automóvel diminuiu a velocidade para supostamente atravessar uma entrada. De todas as formas, as janelas escuras faziam que tanto a vista exterior como interior permanecessem ocultas para que ninguém tentasse jogar um olhar.

Acima de tudo, notou a presença de sua cálida mão sobre a dela, seus dedos entrelaçados firmemente com os seus. Sentia a tensão interna do homem besta que se encontrava sentado junto a ela. Nenhum falava; entretanto, nunca tinha estado tão dependente de outra pessoa em toda sua vida.

Ele irradiava energia, uma energia controlada, como se seu corpo pudesse explodir a qualquer momento. Ela se perguntava que pensamentos passavam por sua mente, perguntava-se se sentia arrependimento, expectativas... Desejo?

Deveria ter estado aterrada. Teria que haver sentido alguma sensação de medo, sabendo que, basicamente, estava tendo parte do seu próprio seqüestro. Em lugar disso, era pura expectativa e luxúria. Doía-lhe o corpo pela necessidade que tinha dele. Sentia-se liberta de uma couraça desnecessária, outro corpo ou alma que tinha governado sua consciência e seu coração durante muito tempo. Livrou-se dela como se tratasse da pele de um lagarto, deixando-a fresca e limpa, esperando... Desejando.

Durante seus trinta anos de vida, nunca antes tinha conhecido essa sensação de ter feito o correto. Essa natural certeza de que seguir a esse homem, aprender desse homem, era seu destino.

Xandi piscou. O automóvel se deteve. A porta junto a seu acompanhante se abriu, e Oliver apareceu a um lado.

— Senhor?

Seu salvador soltou com delicadeza sua mão e saiu do automóvel. Seus movimentos eram incrivelmente elegantes para alguém tão alto. Estendeu sua mão para Xandi. Ela apertou os dedos ao redor dos dele e permitiu que a puxasse com para a porta, para logo ficar de pé. Sentia-se torpe e insegura, parada na brilhante luz do sol em frente a uma enorme casa de madeira de sequóia.

Não estava preparada para olhá-lo. Em troca, contemplou a adorável edificação que virtualmente crescia do chão coberto de neve.

Com certeza não era uma simples cabana. Os balcões ao redor da casa se estendiam até as árvores, e grandes janelas refletiam o brilhante sol da manhã. Montanhas cobertas de neve que se

sobressaíam do bosque emolduravam toda a cena como um anúncio de umas muito caras férias de esqui.

A neve cobria o chão, por isso era impossível predizer como seria a paisagem em um clima mais quente, mas Xandi imaginava azáleas e rododendros derramando cor ao longo dos profundos trabalhadores de pedreira de samambaias.

Notou que reinava o silêncio, mais ainda quando Oliver voltou a subir à limusine e conduziu por uma entrada em curva mais à frente do extremo mais afastado da casa. Por último, depois de perder de vista a casa e os arredores, deu-se a volta e examinou em detalhe seu anfitrião.

fresca luz do dia, via-se mais que formoso. Ela deveria ter sentido medo. Mais provavelmente, se tivesse encontrado com ele por acaso em uma rua escura, teria saído correndo, gritando de pânico. Agora, o havê-lo conhecido tinha matizado a percepção que tinha dele. A ternura de seu beijo, as delicadas carícias de seus dedos... O golpe controlado de seu enorme pênis.

— Não o agradei de maneira adequada — disse ela, olhando-o aos olhos de cor âmbar. A idéia de que nunca se cansaria de olhá-lo, de estar perto dele, cruzou sua mente — Teria morrido ali fora. Como me encontrou?

Ele abaixou o queixo, reconhecendo seu agradecimento com uma inclinação de cabeça.

— Estava no bosque. Senti-a perto, percebi que seu espírito se desvanecia. Isso bastou para que decidisse trazê-la até aqui.

— Estava a quilômetros daqui.

Segurou seu braço e a conduziu para os grandes degraus sem dizer uma palavra. Ao chegar à porta principal, deteve-se e a observou, observou e olhou seus dedos apertados ao redor de seu antebraço.

— Estou acostumado a viajar longe pelas noites. É meu estilo.

— Salvou minha vida.

Ele abriu a porta e esperou que ela o seguisse, fechou, logo girou e se apoiou com força contra a porta como se fosse seu sustento. Ainda com as mãos sobre o trinco, examinou-a por um momento. Ela não podia ler em seus âmbarinos olhos o que ele sentia, mas uma sensação de tranquilo desespero reinava nele.

— Não — adicionou ele, enquanto seu peito se expandia e contraía com cada profunda inspiração —. Você salvou a minha.

CAPÍTULO 03

O quarto onde a tinha levado era elegante, mas muito simples, com tons suaves de dourado e verde. A cama era grande, o quarto de banho luxuoso, com uma banheira o suficientemente grande para nadar nela. Deixou-a ali com instruções de reunir-se com ele para tomar o café da manhã dentro de uma hora.

Ela usou seu tempo para banhar-se, sem surpreender-se absolutamente ao encontrar um grande robe suave e esponjoso pendurando detrás da porta depois de sair finalmente da água quente. Havia um secador de cabelo sobre a mesa, junto com um pente e uma escova, e inclusive uma escova de dentes nova. Ela secou o cabelo e o escovou, logo o deixou solto sobre seus ombros. Vasculhou um par de gavetas, em busca de maquiagem, mas logo desistiu e retornou à habitação, com toda a intenção de vestir-se com os objetos que havia trazido consigo.

Um vestido verde escuro de caxemira brandamente tecida jazia sobre a cama. Não havia calcinhas, mas não se importou. O tecido se aderiu a seu corpo, acariciava sua pele. Abrigava-a. Ficou de pé em frente a um espelho dourado de corpo inteiro e contemplou seu reflexo.

O estilo era assombrosamente simples: decote em "V", mangas longas e um drapejado natural que contornava seu corpo, realçando seus arredondados seios e sua magra cintura, seus quadris e sua incomum altura. Dado a cor cinza de seus olhos e o avermelhado escuro de seu cabelo, notou que não poderia ter escolhido um tom ou desenho mais adulator.

Afastou-se do espelho e viu sua bolsa, a bolsa de pele que tinha perdido no dia anterior. Estava na mesinha de noite junto à cama. Agarrou-a, viu que sua carteira ainda se encontrava dentro, que tudo parecia estar em seu lugar. Suspirando, encontrou sua bolsa de cosméticos, maquiou-se com um pouco de lápis de lábios e logo deixou a bolsa sobre a mesa.

Xandi observou a bolsa por um momento e refletiu sobre o acontecido. Tudo nas últimas horas era como um sonho, quase surrealista. Experimentou um breve instante de temor, a sensação de que possivelmente devia chamar por telefone a alguém, lhe dizer a algum de seus colegas de trabalho onde estava... Com quem estava. Observando o quarto, de repente notou que não tinha telefone, nem rádio, nem relógio.

Logo sorriu. Cruzando as mãos sobre a cintura, inspirou fundo. Não tinha idéia de onde estava. Não havia motivo para chamar, nada que temer. Ela tinha pedido um giro em sua vida.

Tinha-o encontrado.

Já era hora de fazer algo a respeito.

Ele estava sentado junto a uma mesa redonda com tampa coberta de vidro localizada em um lugar com janela dentro da enorme cozinha. Ela tinha esperado encontrá-lo em um ambiente mais gótico, à cabeça de uma longa mesa em uma sala escura e muito formal, mas a cozinha era extremamente moderna, cheia dos deliciosos aromas do café da manhã. A luz era brilhante e alegre, e o aroma da xícara de café que lhe serviu era delicioso.

Uma vez mais, sentiu-se presa em um sonho surrealista, um sentimento que não se atenuou nem sequer quando lhe entregou a seção financeira do periódico local uma vez que se sentou no outro lado da pequena mesa.

Bebendo café; lendo o periódico... Poderia ter sido qualquer manhã em qualquer cozinha de qualquer lugar do país. Exceto, quando ela levantava o olhar, os olhos ambarinos de um homem lobo a observavam.

— Não me disse seu nome — disse, enquanto bebia o café — Eu sou Alexandria Olanet. Xandi.
— Dedicou-lhe um sorriso, à espera de sua resposta.

Ele a observou um comprido momento, bebeu café.

— Sei — adicionou — Devo me desculpar. Como já deve ter notado, guardei sua bolsa. Li sua carteira de motorista, encontrei-a na Internet. É uma mulher muito bem-sucedida. Já é sócia em sua companhia. Trabalhou muito duro para ser tão jovem. O que me recorda algo. Precisa avisar a alguém onde se encontra? Poderia alguém estar buscando-a?

— Não — respondeu ela sem pensar — Parti ontem por duas semanas para tirar umas férias... - OH! De repente, levantou o olhar, assustada, consciente de que não era prudente lhe dar tanta informação.

Ele assentiu com a cabeça.

— Não tenha medo. Não a mantere aqui contra sua vontade, senhorita Olanet. Oliver a levará para sua casa quando quiser. Somente deve me pedir isso. — Afastou o olhar. Como se pensasse em algo agradável, logo voltou para ela — Convido-a para passar estas duas semanas comigo. Aqui, em minha casa.

— OH, não poderia...

— Devido ao que sou. — Sua voz tinha perdido seus matizes, já não era o barítono que ela tinha encontrado tão cheio de vida.

— Não — continuou —. Esse não é o motivo absolutamente. Ia dizer que não poderia sentir que sou um incômodo, apesar de que desejo ficar. Agradar-me-ia ficar mais do que possa imaginar. Por favor, me diga seu nome. Não posso seguir pensando em você como meu salvador, ou sim?

Sorriu e, sem pensar estendeu o braço ao longo da pequena mesa e colocou sua mão sobre o antebraço dele. Ele não se afastou desta vez, apesar de que ela sentiu que seus músculos se contraíam. Simplesmente observou seus dedos, e ainda os estava observando quando Oliver entrou na cozinha com uma bolsa com pãezinhos doces de uma padaria no Portland cujo nome Xandi reconheceu.

— Bom dia, senhorita. Senhor. — Colocou a bolsa em frente a eles, girou, abriu a porta do forno e agarrou uma quiche quente e uma fonte de salsichas com toucinho. Depois de colocar rapidamente a baixela em seu lugar e lhes servir a comida, o homenzinho deu meia volta para retirar-se — Se não se importa, senhor, já me retiro. Retornarei amanhã cedo.

— Desfruta da visita a sua família, Oliver. E obrigado. Tudo estará bem.

Xandi observou enquanto Oliver saía da cozinha, logo deu a volta e olhou seu anfitrião.

— Muito bem. Já evitou minha única pergunta durante muito tempo... Minha única pergunta até agora, quero dizer. Seu nome é... Pode completar o espaço em branco quando quiser.

— Meu nome não é tão misterioso. — Voltou a mão e agarrou seus dedos —. Meu nome é Stefan. Stefan Aragat.

— Aragat? Esse nome me soa familiar. Não havia um...?

— Um mago. Sim, um muito famoso, um mago muito poderoso. Um mago extremamente tolo e misantropo.

Xandi percorreu com o olhar suas mãos entrelaçadas até chegar a seu rosto. De fato, ele estava sorrindo, com o lábio curvado; seus afiados caninos o impediam de ocultar o humor auto depreciativo.

— Infelizmente, incomodou a um artífice da magia negra inclusive mais forte que ele. Um bruxo, de fato. Um bruxo muito ancião, muito poderoso. Aragat não teve a paciência para aprender a controlar os poderes que esperava obter. Sem controle, a gente normalmente comete enganos. Enganos... Muito, muito graves.

Soltou-lhe a mão, agarrou a fonte com a quiche e o ofereceu a Xandi.

— Sirva-se, por favor. Não deixe que a comida se esfrie.

— Você fez isso a si mesmo? — Pegou a quiche sem olhar sequer, encheu seu prato com salsichas com toucinho e inclusive tomou um dos pãezinhos doces quentes.

— Infelizmente, só posso culpar a mim mesmo. — Ele também se serviu, logo bebeu outro gole de café — Não foi uma experiência agradável, sobretudo no princípio, quando estava limitado à vida a quatro patas e a um apetite por carne crua e muito fresca. Realmente incomodou a alguns dos fazendeiros locais e quase dispararam em mim mais de uma vez. Tratei de desfazer o feitiço, mas obviamente não tive muito êxito. Ao menos recuperei um corpo principalmente humano. Graças a Deus recuperei minhas mãos. Era extremamente complicado fechar minhas calças com garras. Sem

mentonar escovar meus dentes.

Xandi quase derramou seu café. Agarrou o guardanapo de linho e limpou a boca.

— Sinto muito, é só que... Perdoe-me. Não deveria achar graça.

Ele riu entre dentes, suspirou e logo deu uma dentada à salsicha.

— De fato, sente-se bem. Rir. Não tive muito do que rir durante os últimos cinco anos.

— Cinco anos? Passou tanto tempo? Já sabe, acredito que me lembro de um anúncio dizendo que tinha decidido se afastar. Pensei que se mudava para a Europa, a Liechtenstein ou a algum outro pequeno país freqüentado por gente rica.

— Esse é o anúncio que pedi a Oliver que pusesse. Logo retornei para casa para lambar minhas feridas, literalmente. Oliver esteve comigo desde que eu era muito jovem, mal tinha começado no negócio, de fato. Felizmente, ficou comigo, porque não me encontro de todo apto para que o público me veja. Durante muito tempo me preocupou que se me capturavam, terminaria em um zoológico. Ao princípio tinha problemas para falar. Não foi fácil até que pude modificar alguns dos aspectos mais lobunos atrás de vários feitiços. Você é a primeira pessoa que esteve em minha casa desde meu... Contratempo. É a única pessoa, além de Oliver, que me viu. — Observou-a, durante um longo momento e com olhar penetrante. Xandi sentiu que seus mamilos se endureciam, sabia que se marcavam através do suave tecido de seu vestido.

Baixou a cabeça para que ele não visse a luxúria desenfreada que já devia ser bastante evidente em seu rosto. Voltou a perguntar-se se ele percebia sua excitação sexual, se seus instintos animais estavam o suficientemente aguçados para cheirar o líquido que inclusive agora se acumulava entre suas pernas.

Terminou a comida em silêncio. Stefan fez o mesmo. Perguntava-se no que ele estava pensando, se sentia a mesma rajada de desejo que ela, se experimentava a profunda e forte necessidade que fazia eco por suas veias.

Esperava que fosse assim. Ansiava-o. Desejava-o à luz do dia, cara a cara, enchendo-a. Amando-a. Queria que tanto a besta como o homem se apoderasse dela. Uma e outra vez... E outra vez. E outra vez.

Ele grunhiu: um som lobuno, um grunhido baixo que começou profundo em sua garganta e saiu lenta e ameaçadoramente até seus lábios. Xandi se levantou imediatamente da cadeira, observando seus olhos de cor âmbar.

Notou a necessidade que sentia refletida no profundo de seu ser. Limpou com delicadeza a boca, dobrou o guardanapo e a apoiou junto à faca. Logo ficou em pé e estendeu sua mão para ele.

Em silêncio, Stefan também ficou de pé. Agarrou sua mão e a conduziu para o final do comprido

corredor iluminado pelo sol.

Seus dedos eram magros, mas muito fortes, sujeitavam com força sua mão, inclusive enquanto a guiava. Pôde ouvir como o sangue corria por suas veias, cheirou o delicioso e exuberante aroma de seu desejo, sabia que sua vagina estava começando a pulsar, os lábios em sua entrada começavam a inchar-se. Seu pênis se estendeu, cresceu em circunferência e comprimento, até sua contida presença na perna esquerda de sua calça. O tecido roçava sua ereção com cada passo que dava. Seus aguçados sentidos percebiam cada fio, cada pequena imperfeição no material, quase com dor.

Seu dormitório se encontrava no final do corredor, só a alguns metros da cozinha. Quase não chegava. Sua necessidade era incontrolável. Quando finalmente abriu a porta e entraram no dormitório — sua guarida, seu santuário —, ela estava tremendo, lhe reafirmando com sua reação física que seu desejo era tão forte como o dele.

Ele começou a baixar as persianas, para obscurecer o quarto, mas ela o deteve.

— Não. Quero vê-lo. Quero saber quem me leva tão alto, quem faz amor comigo tão bem.

Ele quase chorou. Perguntou-se se alguma mulher alguma vez o quereria, desejá-lo-ia. Tinha sido celibatário desde a mudança, para não correr o risco de ser descoberto, ou de ser rechaçado. Pensar que tinha encontrado uma mulher que o aceitava, que encontrava atrativa a essa besta... Era mais do que podia ter sonhado.

Ela deu a volta entre seus braços e o agarrou pela cintura, deslizando seus longos dedos por debaixo de seu pulôver. Ele tremeu quando ela levantou a prega ao longo de seu peito, deixando ver a suave pelagem cinza que o cobria. Ele tinha acreditado que era feio, animal, mas era impossível negar a fascinação dos olhos dela quando o viu.

Levantou os braços e se inclinou, permitiu que lhe tirasse o pulôver antes de voltar a levantar-se. Sentia-se nu, de pé ali com seu peludo corpo a simples vista, mas ela se inclinou mais perto e aconchegou uma bochecha contra seu peito, logo lhe roçou um bico do peito com a língua.

— Ahhh. — O grito escapou sem prévio aviso. Conteve-o enquanto ela lambia seu tenso mamilo e o acariciava com a língua. A sensação lhe chegou até os testículos, percebeu o contato como um relâmpago envolvente. Mordiscou-o, e ele quase gritou novamente, mas conseguiu manter o controle, bem a tempo.

Ela percorreu todo seu corpo, passando as mãos sobre seu torso, por suas costas. Parecia estar fascinada com ele, excitada por sua bestial aparência... Por ele.

De repente, seus trementes dedos procuraram o zíper e atiraram dela. Ele a segurou pelos ombros, para sustentar-se, para não cair de joelhos.

A noite anterior tinha sido uma fantasia, um maravilhoso interlúdio com uma mulher

desconhecida.

Hoje era um milagre.

Depois de um momento de luta, ela encontrou o zíper, baixou-o lentamente, liberou a pressão de seu contido pênis. O brilhante pênis animal virtualmente saltou ao fazê-lo. Possivelmente suas mãos tinham mudado, mas o pênis seguia sendo como o de um cão... Um cão de grande tamanho. Ele se perguntava se alguma vez se acostumaria ao prepúcio parecido a uma camisinha, a sua estranha forma, à superfície extremamente sensível de seu membro.

Observou Xandi. Olhava-o extasiada. Deslizou a língua entre seus lábios, lambeu-os, e voltou a colocá-la na boca. Ele tentou pensar na maneira de fazer que essa língua tocasse seu pênis quando ela se ajoelhou de repente e puxou suas calças por debaixo de seus quadris.

Completamente livre agora, seu pênis se meneava justo frente ao rosto dela, o prepúcio para trás, perto de seu corpo. Ela se inclinou sem vacilação alguma e lambeu todo seu comprimento. Os joelhos dele quase cederam. Apertou com força os ombros de Xandi, e ela levantou o olhar e sorriu.

Ele ainda estava tentando compreender o significado desse sorriso quando ela se inclinou para frente e meteu o pênis na boca.

“Mãe de Deus!”. A única coisa que o mantinha erguido era as mãos dela em seu quadril.

Ela enterrou os dedos em suas nádegas, sua boca lhe rodeava o pênis e sua maldita língua dançava ao longo dele, lambendo-o e lhe fazendo cócegas até fazê-lo sentir vontade de gritar.

Em lugar disso, gemeu. De fato, foi mais um gemido. Não muito masculino, mas o único do que era capaz nesse momento.

Os dedos dela pressionavam e acariciavam seu traseiro, sua boca fazia coisas assombrosas a seu pênis, e ele pensou que seu testículo estavam a ponto de explodir pelas inumeráveis sensações.

Ela o colocou ainda mais dentro, sua boca o pressionava e o sugava, seus dedos se afundavam na linha de seu traseiro. Ele temia perder o controle. Sabia que se o fazia, esse maldito nó em seu pênis a afogaria. Amaldiçoando em silêncio seu arrependimento, retirou lentamente o pênis de entre seus lábios. Ela se inclinou e o lambeu por completo. Em resposta, ele se sacudiu. Ela voltou a fazê-lo, e seus dedos encontraram o estreito anel do ânus e começaram a introduzir-se e a fazer pressão nele.

Foi tudo o que pôde fazer para afastar-se dela.

— Meu pênis não é humano — disse, sabendo que o arrependimento em sua voz seria mais que óbvio — Temo que se entrar em sua boca, se perder o controle, o nó, a parte que nos manteve unidos ontem à noite... Poderia te afogar. Não posso me arriscar a isso. Entende-o?

Ela lambeu os lábios, como se saboreasse as poucas gotas de líquido pré-ejaculatório que devia ter encontrado. Logo, assentiu com a cabeça. Ajudou-a a ficar em pé, tirou as calças e parou diante dela,

nu. Humano. Lobo. Uma combinação de duas espécies, um ser único entre homem e besta.

Esperava algo menos o olhar que lhe dedicou, a evidente luxúria que irradiava de seus formosos olhos, o empurrão de seus seios que se sobressaíam do suave vestido que tinha comprado para ela.

Sem afundar mais em seus pensamentos, Stefan se aproximou e agarrou seu vestido, franzindo-o na cintura e o puxando por sua cabeça. Ela estava de pé ali frente a ele, seus seios erguidos, os mamilos turgentes, onde se sobressaíam as aréolas escuras como se rogassem o contato com sua boca.

Aproximou-se dela, levantou o quente peso de seus seios com as mãos e imediatamente se perdeu sentindo a sedosa pele contra seus calosos dedos. Reclinando-se, sugou primeiro um mamilo, logo o outro. Ela gemeu. Seu corpo se balançou mais perto dele enquanto lhe rodeava o mamilo uma vez mais com a língua, logo o soltou com um pequeno e silencioso ruído.

Ela piscou, com os grandes olhos cinza suaves e extraviados. Ele tomou um tempo para observá-la. Seu ventre era levemente arredondado, seus quadris bem proporcionados e cheios. Os escuros cachos do púbis tinham sido minuciosamente cortados, o suficiente para que seu sobressalente clitoris se visse através do úmido arbusto de pêlo. Também havia umidade na parte interior de suas coxas, prova da excitação sexual que ele tinha cheirado inclusive enquanto tomavam o café da manhã.

Ela o desejava. Inclusive sabendo, vendo, quem e o que era, desejava-o. Seu corpo não podia mentir.

— Oh, Deus — disse ele, sem sequer tratar de esconder seu entusiasmo, suas ânsias. Estava ali, em sua voz, em sua respiração entrecortada, todo o desejo, a necessidade, a luxúria. Começou a dizer algo, mas tinha ficado sem palavras. Engoliu em seco, e finalmente disse: — É formosa. Perfeita. Minha.

Estendeu sua mão para ela, aproximou-a. Ela foi com prazer, seus seios se balançavam; os lábios plenos fazendo uma careta. O cabelo lhe caía sobre os ombros em espessas e brilhantes ondas avermelhadas, uma capa escura e radiante. Seus olhos cinza brilhavam agora risonhos e luxuriosos. Stefan sentiu que lhe corria o sangue pelas veias, sabia que seu coração se acelerava e o animal que havia nele estava a ponto de libertar-se.

Quando ela o abraçou, elevou seus lábios até os dele e o beijou na boca, ele soltou à besta.

CAPÍTULO 04

Ficar nas pontas dos pés, rodear seu pescoço com os braços e beijá-lo era o mais natural do mundo. Sua boca poderia ser mais lobina que humana, mas Xandi sentia que já conhecia homem oculto. Roçou o canto dos lábios dele com a língua.

Ele os separou, brincou com a língua dela, arrastou-a até sua boca. Era diferente... O mesmo... Surpreendentemente sensual, esse beijo que era mais que um beijo, com um homem que era mais que humano.

Pressionou seus quadris contra ele. Era um pouco mais baixa que ele, pelo que seu duro pênis, ainda úmido, chocou-se contra seu ventre. O suave cabelo que cobria seu peito lhe roçava os mamilos, e ela queria inundar-se nele, ser parte dele.

Abraçou-a e caíram de costas sobre a cama, logo rodaram para que ele ficasse sobre ela, que sorria à besta que se erguia sobre seu corpo. Percebeu a indecisão dele, a incredulidade. Custava-lhe acreditar que ela pudesse verdadeiramente desejá-lo dessa forma.

Uma pequena parte de sua mente se perguntava o mesmo. Como podia desejar a uma besta? Que estranha luxúria fazia que lhe doessem as vísceras, que umedecesse a vagina, que acelerasse o coração?

Ele abaixou a cabeça e lambeu sua mandíbula. Sua larga língua se arrastou por sua bochecha até encontrar sua orelha. Ela tremeu e logo riu.

— Imagino que pode fazer coisas maravilhosas com essa língua — disse ela.

Ele grunhiu e mordiscou sua orelha. Logo foi descendo por seu corpo. Deteve-se em seus seios, sugou primeiro um mamilo, logo o outro. Ela sentiu a afiada curva de sua língua tocando a ponta, logo o golpe agudo de seus dentes antes que ele a banhasse, lambesse-lhe por completo um peito com essa língua hábil e quente.

Gemendo, ofegando pequenas e desesperadas baforadas de ar, ela elevou o quadril em busca de seu pênis, que sobressaía, fora de seu alcance. Stefan lhe acariciou o ventre, deleitou-se com o ninho de cachos entre suas pernas e lambeu a dobra entre a coxa e a virilha.

Uma escorregadia umidade alagou sua vagina que pulsava. Tinha contrações profundas e rítmicas, mas não havia nada contra o que contrair-se. Ela gemeu em uma súplica profunda e gutural. Logo, agarrou-o pelos ombros e o puxou para baixo, mais perto de sua vagina quente e necessitada.

Ele riu, logo baixou a cabeça e a lambeu do ânus até o clitóris. Uma longa e quente varrida com a língua. Logo se sentou de joelhos entre suas coxas abertas e lhe sorriu, mostrando os grandes caninos e a ponta da língua.

A mescla entre homem e besta era mais que evidente nessa postura. O corpo belamente moldado, o forte peito e os poderosos braços, o desenfreado pênis inchado e úmido, as orelhas em estado de alerta apontando para frente, o brilho selvagem de seus olhos de cor âmbar, os dentes e o focinho de lobo.

Esperava. Observava. Ria em silêncio. Ela elevou os quadris, sem poder alcançá-lo, logo golpeou

as desarrumadas mantas com os punhos.

— Merda. Oh, foda! Não vais fazer isso e se deter. Não permitirei isso! — Tentou parecer furiosa. Em troca, pôs-se a rir —. Abaixo, moço! Abaixo! — ordenou-lhe, sacudindo um dedo — Comporte-se, ou dormirá fora.

Ele piscou como se sua ordem o tivesse pego de surpresa. Logo sorriu, abaixou a cabeça e voltou a lambar seu corpo. Meticulosamente. De um extremo da virilha até o outro, com uma rápida pausa para inundar profundamente a língua em sua vagina.

Ela não se moveu. Não podia. A única coisa que pôde fazer foi manter-se imóvel e experimentar algo que nunca, nem em suas fantasias mais selvagens, tinha imaginado. Sua longa língua se movia em seu interior, retorcia-se e lambia as paredes de sua vagina, logo passava por seu inchado clitóris antes de voltar a lambar seu púbis.

Quando ele levantou a cabeça, os fluidos dela cobriam seu focinho. O coração de Xandi pulsava com tanta força que temia que fosse explodir. Sua vagina se contraía uma e outra vez, mas o orgasmo rondava somente ao outro lado da sensação.

Stefan tossiu e lhe sorriu. Ela já se acostumou a seu sorriso canino.

— Me diga, senhorita. Está interessada no adestramento de obediência? — perguntou. Passou a língua pelo focinho e lambeu a boca para limpá-la, como se realçasse seu lado animal — Devo lhe advertir, que não sou bom amarrado.

Ela mal pôde respirar para responder. O humor era quase inaceitável nesse ponto. Ela o tentou.

— Possivelmente somente um colar? Entretanto, quando te disser "abaixo", espero que obedeça.

— Ah, abaixo? Assim?

Uma vez mais abaixou a cabeça. Desta vez deslizou suas mãos debaixo do traseiro dela e a aproximou de sua boca. As pernas dela se penduravam entre seus braços. Ela gemeu enquanto ele a lambia cuidadosa e lentamente, com minuciosidade, sem omitir nenhum ponto entre suas pernas, exceto o clitóris.

— OH, Deus... Sim... Assim. Mais. Por favor — gemia — Mais.

Segurou-se na roupa de cama, arqueou os quadris, esperou que ele roçasse seu clitóris, mas fez tudo menos isso. Sua vagina pulsava, seus sucos fluíam, até que ela foi quase consciente de que seus dedos se moviam ao longo de seu traseiro, encontrando a linha entre suas nádegas, esfregando o estreito anel de músculo do ânus.

De repente, a língua dele encontrou seus clitóris e o grosso dedo ingressou em seu ânus. Era muito! Muito! Gritando, ela arqueou as costas e apertou com força as nádegas contra a mão dele. Ele a

manteve imóvel, enquanto lhe acariciava o clitóris com a língua, mergulhando-se logo em sua vagina; seu dedo entrava e saía do ânus dela, encontrando um ritmo lento e sensual em contraposição a seus desesperados intentos por golpear e retorcer-se.

Abaixou-a lentamente, gemendo e ofegando, enquanto suas pernas tremiam, sua vagina se molhava, seu orgasmo se adaptava a uma pulsação lenta e rítmica.

Olhou-o com olhos entrecerrados, esperando, desejando. Não era possível que ele pensasse que já tinham terminado, ou sim? Observou-o sentar-se sobre seus pés, com seu grande pênis brilhando com tons avermelhados à luz que se filtrava através das persianas. A suave pelagem que cobria seu corpo também resplandecia. As manchas prateadas de sua surpreendente pele captavam a luz do sol como diamantes.

Xandi estendeu uma mão e o tocou. Seus dedos mal roçaram seu pênis. Sacudiu-se com o mero contato. Stefan grunhiu do profundo de sua garganta. Ela contemplou seu rosto, sobressaltada pelo som, mas sua cabeça estava inclinada para trás, com os olhos bem fechados e a boca retorcida pelo grunhido. Notou imediatamente que se tratava do som do desejo, não de ira, mas sim de uma necessidade quase desesperada para que ela o tocasse.

Lentamente, rodeou seu grosso pênis com os dedos, segurando-o com cuidado na mão. Ele empurrou os quadris para frente, com um movimento involuntário, pensou ela, mas era mais que óbvio que ele a desejava. Com loucura.

Ela arqueou os quadris e se aproximou, colocando a ponta do pênis contra os inchados e úmidos lábios de sua vagina. Ainda segurando-o, movia seu pênis para frente e para trás entre suas pernas, banhando-o com seus fluidos. Ele gemeu, logo se aproximou ainda mais, colocando somente a ponta em sua vagina.

Ele se movia lenta e cuidadosamente, mas ela o insistia com as lentas ondulações de seus quadris. Ela o agarrou desta vez sem problema algum, colocando-o muito dentro, até que a grande cabeça de seu pênis descansou firmemente contra o útero. O peso de seu testículo empurrava de maneira agradável e acolhedora em seu traseiro.

A cabeça dele estava erguida, os olhos fechados. Ofegava, como se lutasse por controlar-se. Ela o observava, o rosto lobino de um homem afastado da besta, e a sua vez parte da criatura, e sentiu os primeiros indícios verdadeiros de uma emoção real, de paixão além da luxúria, de necessidade, de afeto e calidez.

Sabia que o machucava, que odiava o rosto animal com o que tinha sido amaldiçoado. Ela achava exótico, intrigante, sensual. Estendeu as pernas ainda mais, elevou os quadris para obrigá-lo a se chocar com mais força contra o pescoço do útero e logo agarrou seus magros quadris.

— Abre os olhos, Stefan. Olhe-me da mesma maneira que você quer que eu te olhe. Por favor. Abre os olhos.

Pouco a pouco, sua respiração se acalmou, e ele se acomodou entre suas pernas, logo a observou. Havia um brilho selvagem em seus olhos de cor âmbar, um olhar que lhe indicou que ele estava perto, muito perto, na beira do que o fazia humano, do vestígio de sua alma que controlava à besta.

Xandi estendeu uma mão e passou os dedos por seu focinho, sentindo os afiadas espetadas dos duros bigodes junto ao nariz, a elegante linha de sua mandíbula onde os fortes músculos se mesclavam em sua garganta.

— Desejo-te, Stefan. A você. Tal como é. Desejo a maneira que se sente em mim. A maneira em que me toca. — Fez uma pausa e girou a cabeça para que a olhasse nos olhos. Seus brilhantes caninos reluziam à luz da manhã. A curva rosada de sua língua podia ver-se entre seus dentes — Seu aspecto, Stefan. Amo seu aspecto.

Uma expressão do que somente podia ser dor nublou seus olhos, mas começou a mover-se, seus quadris empurravam lentamente mais dentro, suas fortes mãos seguravam sua cintura. Ela se acoplou ao seu ritmo, unindo-se a ele, homem e mulher, aparelhando-se em uma dança mais antiga que o tempo, quadris empurrando, corações pulsando, enquanto ele aumentava o ritmo, adquiria velocidade, enchia-a.

Nessa posição, ela o sentia ainda mais que a noite anterior. Seu pênis estava quente. Queimava-a com cada penetração, esfregando sua sensível pele, aproximando-a mais e mais do seu clímax.

Sua respiração explodia em curtos e agudos ofegos. Perto, muito perto, de seu próprio orgasmo, Xandi lutava por permanecer com ele. Viu que seu peito se inchava, sua mandíbula se esticava. De repente, ele jogou a cabeça para trás e gritou, as palavras eram incompreensíveis, um grito de vitória, enquanto ela o sentia crescer, sentia o inchaço em seu pênis deslizando-se através de seus lábios inchados, enchendo-a, unindo os dois em um nó culminante.

Ela lutou contra o pânico do momento pensando que ele era muito grande, que ela choraria, que lhe faria mal, mas a conexão existia, uma vez mais, essa conexão que era mais que só sexo. No momento em que ela o sentiu, seu corpo reagiu: seus músculos se estenderam e se contraíram, sustentando-o muito dentro, espremendo cada jorro de sêmen que saía dele. Fundidos, mente e corpo, em total sincronia, seu próprio orgasmo a atravessou, a espiral de calor virtualmente explodiu em seu corpo, arrancando um comprido e afogado grito dela.

Ofegando, tratando de respirar, Stefan se desabou sobre seu peito. Xandi cruzou os braços ao redor de seu pescoço, sustentando-o muito perto, acariciando sua nuca e os ombros, beijando um lado

de seu rosto. Ela sentiu sal na língua; sabia que tinha chorado, mas se perguntava se as lágrimas eram todas dela, ou possivelmente, também de Stefan. Ele estremeceu entre os braços dela, inspirou profundamente, e encontrou a resposta a sua pergunta.

Seu pênis ainda pulsava, profundas e rítmicas vibrações contra seu útero. Seus próprios músculos se contraíam ao redor dele, igualando sua cadência, sustentando-o com força.

Passado um tempo, ele levantou a cabeça, piscando como um mocho enquanto a olhava.

— Está bem?

— Não, estou mais que bem. — Passou o dorso de seus dedos ao longo da mandíbula dele, deleitando-se com o sedoso toque de sua pele — E você?

Ela quase pôde sentir o alívio. Ainda podia sentir, além disso, o duro nó de seu inchado pênis enchendo-a.

— Incrível. Absolutamente incrível. Não tinha feito... — sacudiu a cabeça, olhou para outro lado, fechou os olhos com força por um momento, logo girou para ela novamente — Não tinha feito isto. Não durante os últimos cinco anos. Não desde que... Mudei.

Ela agarrou seu rosto nas palmas, seu formoso rosto lobuno com dentes afiados e olhos brilhantes, e o olhou aos olhos.

— O faremos outra vez. E outra vez. Nunca havia me sentido assim. Nunca. Nunca esta conexão, esta profunda experiência física e mental. Com ninguém. Não o deixarei ir.

— Eu também o tenho sentido — sussurrou ele, girando a cabeça para lambe a palma—. Tinha muito medo de estar sozinho, mas o tenho sentido, tenho te sentido. — Seus quadris se balançavam contra as coxas dela, examinando-a, tocando a boca de seu útero com o duro pênis. Já desinchado, mas ainda ereto, fez-lhe amor uma vez mais. Ela cruzou as pernas ao redor de seus quadris e o manteve perto.

Sentaram-se tranquilamente diante do fogo, e beberam um excelente Cabernet Franc, observando as chamas dançar. As duas de semanas de férias Xandi quase tinham chegado a seu fim. Seu automóvel, levemente amolgado, mas ainda em bom estado, encontrava-se na entrada, onde Oliver o tinha deixado depois de rebocá-lo fora do profundo canhão onde tinha ocorrido o acidente. Era como se esperassem algo, sem saber o que seria esse algo.

Xandi não podia resistir mais o suspense, a necessidade de saber. Não tinham feito nenhuma menção do amanhã, nunca tinham falado sobre o futuro.

— E agora o que? — perguntou ela, apoiando uma palma sobre o peito dele — O que vamos fazer?

Seu braço ficou tenso ao redor dos ombros dela, e ela sentiu que suspirava.

— Não quero te perder, mas não posso, de boa fé prendê-la a uma besta.

Ela riu.

— Ah, mas eu adoro estar presa a uma besta. Você me mostrou um novo tipo de prazer, um ao que, temo, tornei-me viciada. — Fez uma pausa, refletindo —. Sabe que não pode me obrigar a ir.

— Posso ser tenaz. — Xandi se aconchegou mais perto de seu quente e familiar corpo. Um corpo que tinha aprendido a ansiar durante os dias e noites passados de sensual exploração.

— Eu sinto... Coisas por você, Stefan. Sentimentos muito fortes. Mais fortes do que jamais imaginei.

Ele apertou seus braços ao redor dela.

— Não ocultarei os meus, Alexandria. Eu te amo. Deu-me uma razão para viver, para procurar uma resposta a meu problema. — Sorriu-lhe, tirando o emaranhado cabelo de seus olhos—. Você é a mulher que nunca pensei encontrar, a que me recordou que a condição humana é mais que somente o aspecto físico. É a alma, o espírito, a essência o que converte um homem.

Voltou a afastar o olhar, mas quando se voltou para ela, seus olhos estavam cheios de determinação.

— Disse que foi meu orgulho desmedido o que me converteu em uma besta. O que não te disse é que foi um feiticeiro muito poderoso que criou o feitiço. Tudo o que ele pedia eram minhas desculpas, que reconhecesse meus enganos, e ele me devolveria minha condição humana. — Suspirou, logo sorriu.

— Levou cinco longos anos de minha vida para me dar conta de que estava equivocado e que ele estava certo. Devo-lhe essa desculpa, sem importar se devolve minha forma interior ou não. Decidi procurá-lo, para lhe rogar que me perdoe por minha insolência. Ele simplesmente se ofereceu para me ensinar, mas acreditei que eu era mais que ele. Não foi culpa dele, eu fui o estúpido. Entretanto, será minha culpa se não o faço saber que por fim aprendi a lição.

— Me leve com você. — Xandi girou entre seus braços, segurou seus ombros e o obrigou a olhá-la nos olhos — Leve-me com você em sua busca, Stefan. Não posso me imaginar estar separada de você. Nem agora, nem nunca. Converteu-se em um vício que minha alma necessita para sobreviver. Uma parte das células que mantêm irrigado o coração e vivo o cérebro. Por favor, me leve.

— E se quando a viagem terminar e eu for somente Stefan o mago, um homem normal com poderes inconsistentes? O rosto de um humano, a força de um homem normal. Amará-me quando já não for um lobo? Ainda me desejará?

Acariciou seu peito nu com um dedo, rodeou-lhe o umbigo e percorreu o comprimento de seu

crescente pênis.

— É obvio Stefan. Ainda te amarei. Mas quando o pedir que te devolva sua condição humana, acha que poderia conservar este pequeno resto de sua vida como besta?

Rindo, sujeitou-a, colocou-a de costas e com uma mão lhe separou as pernas.

— Procuraremos que isso seja uma prioridade, meu amor. Com sorte, ele o considerará uma pequena lembrança de minha vida como lobo.

PARTE II

ALEXANDRIA

CAPÍTULO 05

O Mercedes negro avançou pela estrada da elevada montanha sem esforço. Alexandria Olanet lutou para manter os olhos abertos, mas a viagem tinha sido longa e complicada, as emoções geradas entre ela e o enigmático homem sentado ao seu lado virtualmente estavam fora do comum.

Ele tinha guardado silêncio a maior parte da viagem, um companheiro reservado em uma busca que provavelmente trocava os aspectos mais elementares de suas vidas. Estudou-o, sentado ali junto a ela no amplo assento traseiro, com seus olhos entrecerrados, quase temerosa de considerar o que aconteceria.

O que tinha ocorrido até esse momento já era bastante difícil de explicar. Quando chamou o escritório e informou a seus companheiros que ia tomar um tempo sabático prolongado, tinham-lhe feito várias perguntas. É obvio, eles pensavam que ainda estava tentando superar seu fracassado compromisso. Poucos sabiam o quão agradecida estava de ter escapado dessa crise.

Agora se perguntava se estava a ponto de entrar em outra. Stefan Aragat era mais que um mistério; mais que um homem, nesse caso. Ele olhava pela janela, com uma mão elegante apoiada debaixo do queixo, os longos dedos com as unhas polidamente cortadas sustentavam um rosto que era, tentando descrever o de outra maneira, puro lobo. Focinho grisalho, caninos afiados, orelhas bicudas e peludas apontando para frente, penetrantes olhos ambarinos; apesar de que era alto, forte e quase completamente humano, debaixo das calças e da camisa de seda cinza escura se ocultava a pelagem cinza com manchas prateadas e o forte e violento coração de lobo.

E é obvio, um pênis muito surpreendente.

Xandi quase riu em voz alta. Nunca se cansaria desse maravilhoso atributo que tinha, todo parte de um pacote apanhado entre lobo e homem. Apaixonou-se por uma criatura que estava além de algo

que sua imaginação pudesse ter criado, uma criatura empenhada em voltar a transformar-se em humano.

Seria o mesmo, fazer amor com Stefan como homem? O mero efeito de pensar no lobo tomando-a, nesse maravilhoso pênis penetrando-a, inchando-se dentro de sua vagina e fundindo-os juntos em incríveis orgasmos, excitava-a. Fazia que sua vagina se umedecesse e que seus músculos se contraíssem com frustrada necessidade.

O que lhe acontecia que desejava ao lobo tanto, se não mais, que ao homem?

Stefan tinha o olhar perdido na janela enquanto pensava no homem que iam ver, e na mulher junto a ele. Xandi tinha permanecido inusitadamente calada enquanto atravessavam o comprido caminho na montanha, em uma limusine conduzida por um chofer. É obvio, ele também tinha agido assim, apesar de que havia muitas coisas que ansiava lhe dizer.

Ela tinha mudado sua vida durante as últimas duas semanas, desde que literalmente tinha tropeçado com seu mundo. Alexandria Olanet, Xandi, de lábios doces e corpo ainda mais doce, uma mulher fascinada tanto por suas qualidades bestiais como pelo homem que havia em seu interior. De que maneira ia se sentir quando recuperasse sua forma humana? Amá-lo-ia da mesma maneira? Sua fascinação e seu insaciável apetite sexual continuariam sendo tão intensos depois de que ele encontrasse sua condição humana, ou era o lobo nele o que a excitava?

Ainda mais inquietante, o que ia pensar ela de seu lado mais escuro? O desejo e a paixão que inclusive ele não compreendia? As necessidades que sentia, inclusive agora, com uma formosa mulher junto a ele.

Desejo relacionado com Antón.

Stefan abaixou os ombros e fechou os olhos. Teria as respostas a todas suas perguntas uma vez que essa comprida viagem chegasse a seu fim. Pôs-se em contato com o feiticeiro, seu mentor, Antón Cheval, e havia lhe dito que retornava, mas nada mais. Tinha encontrado ao bruxo graças a um feitiço de sua própria invenção, utilizando a assombrosa conexão mental que tinha com Antón, a mesma conexão que compartilhava com Xandi.

Ainda não tinha admitido ante a mulher que amava sua habilidade de ler as mentes de outros não era a única. Nem lhe tinha confessado o escuro desejo que sentia por Antón. Os sonhos que despertavam noite após noite com o pênis ereto e o corpo desejando a outro homem. Ela o seguiria amando, ou pensaria que era...? Diabos, inclusive ele não sabia o que era. Homem? Besta? Bissexual? Homossexual? Heterossexual?

“Diabos”. Era um maldito covarde! Durante cinco anos, tinha vivido como parte homem, parte

besta, torturado por sonhos eróticos com outro homem e com tanto medo a esses sonhos que tinha escolhido viver pela metade, em lugar de enfrentar o desejo que sentia por Antón.

“Antón”. Merda. O que acontecia com ele? Nunca tinha desejado a um homem, nunca tinha pensado em outro homem do ponto de vista sexual. Entretanto, essa necessidade, esse desejo sexual, era de algum modo inato em sua existência, em sua natureza. Como o poderia explicar a Xandi quando nem ele mesmo o compreendia? O desejo escuro, a necessidade sexual e o insuportável calor que parecia coabitar com cada pensamento sobre o homem que tinha sido seu mentor. Seu amo?

O homem que o tinha amaldiçoado. Tinha assegurado a Xandi que haveria culpas para pagar, castigos para tolerar, mas não havia dito tudo. O temor aos seus próprios desejos, puros e simples, tinha-no mantido afastado de Antón. Esses mesmos desejos agora o faziam avançar. Stefan sentiu uma crescente expectativa, uma necessidade puramente sexual e escura de subjugação, um desejo de entregar-se totalmente a Antón.

Imaginava o feiticeiro, escuramente atrativo, seu magro rosto e seus cativantes olhos de cor âmbar, extremamente inteligente. Os pensamentos sobre Antón tinham rondado suas noites durante cinco anos, enchendo os sonhos de Stefan com uma combinação de desejo carnal e intenções assassinas. Cinco longos anos de celibato, de despertar suando de noite, ofegando, dolorosamente ereto e pensando em Antón, em suas elegantes mãos sobre o corpo de Stefan, em sua boca, em seu pênis. Sonhos que o envergonhavam, que o excitavam, que o confundiam.

Era esse desejo pouco normal parte da maldição que o tinha convertido em metade homem e metade besta, ou era uma verdade sobre sua natureza que não tinha conhecido antes de Antón?

Quando Xandi entrou em sua vida e fez amor à besta, apaziguou os sonhos. Apaziguou-os, mas não lhes pôs fim. Ele se estremecia, sentindo Xandi perto dele, sentindo ao feiticeiro adiante. Odiá-lo-ia quando se inteirasse da verdade? Quando descobrisse um lado dele que ainda não estava preparado para admitir?

À medida que o automóvel se aproximava da casa de Antón, a sensação de terror de Stefan crescia e se apoderava dele. Isso não ia ser fácil, não com Xandi junto a ele. Amava-a desde a primeira vez que a tinha visto. Tinha-o revelado em sua compatibilidade sexual e mental. Ela o fazia mais forte, mais masculino. O fazia sentir-se mais equilibrado.

Ia perder tudo isso pelo Antón? Perderia também Xandi? Tragou e sentiu que os músculos da garganta se estreitavam, como se alguém estivesse estrangulando-o, lhe cortando o ar.

“Posso fazê-lo. Rogar-lhe-ei que me ajude e me entregarei. Tenho que fazê-lo. Quero fazê-lo. Oh, Deus, como o desejo!”.

Ia contra sua natureza, contra tudo o que o caracterizava.

Um escuro calafrio lhe percorreu o corpo. Seu pênis se inchou contra o tecido de suas calças. “Não. O que me caracteriza mudou. Eu mudei. Xandi me ama como sou. Seu amor me dá poder. Entretanto, o amor de Antón me atrai. Devo perder a um para ganhar o outro?”.

“Devo perder quem sou agora para recuperar minha condição humana?”.

Inspirou profunda e regularmente. Conteve o ar. Exalou e sentiu que seus ombros se relaxavam.

Suspirando, agarrou os frios dedos de Xandi em sua mão e segurou com força a mão dela contra sua coxa. Temeroso, ansioso, espectador. Confuso. Mas não sozinho. Já não estava sozinho.

Xandi permaneceu calada enquanto o automóvel avançava pela estrada até a casa do feiticeiro Antón. No alto das montanhas de Montana, a localização era um simples “X” no mapa que Stefan tinha encontrado na mesa essa manhã.

Nenhum dos dois tinha idéia de como Antón fez chegar o mapa e as instruções à casa de Stefan. A simples folha com indicações escritas à mão e o mapa, discretamente localizados junto ao saleiro e ao pimenteira, tinham insinuado o poder do feiticeiro.

Stefan estava silencioso como sempre, mas Xandi sentia emoções contraditórias que se ocultavam debaixo de sua aparente tranquilidade. Podia parecer relaxado, mas ela sabia que estava extremamente tenso. Percebia seu selvagem poder atenuado por um subjacente sotaque de temor. Ele se inclinou e tomou sua mão, apertou seus dedos, logo os sustentou contra a coxa.

Ela suspirou e se aproximou dele. Bem podia não dizer uma palavra, mas ela sabia que a necessitava, para sentir-se acompanhado, ou para algo mais. Por que parecia atormentado? Algo mais o incomodava, algo que ela não podia detectar. Ela apertou sua mão e se aconchegou a seu lado.

Xandi ainda estava considerando seu comportamento quando cruzaram a entrada da casa do feiticeiro. De estilo palaciano, a casa parecia como se tivesse sido esculpida nas árvores e montanhas que a protegiam, como se a rocha tivesse crescido da terra, e não tivesse sido colocada pela mão do homem.

Sentiu a força da determinação de Stefan enquanto o automóvel avançava em silencio até deter-se. Ele endireitou os ombros e levantou o queixo, logo assentiu com um quase majestoso porte quando o condutor lhes abriu a porta. Um velho lacaio com uma jaqueta de cor azul os esperava na parte superior da grande escadaria que conduzia para uma grande porta de madeira esculpida. Fez uma reverência e se afastou, inclinando-se sobre uma fortificação esculpida. Assentindo laconicamente, convidou-os a passar.

Stefan atravessou a porta com a determinação de um homem que deve cumprir uma missão. Xandi o seguiu em silêncio, curiosa pela inesperada demonstração fanfarronada de Stefan. Ele tinha

atuado com certa humildade ao fazer o feitiço para se contatar com Antón na noite anterior. Humilde e arrependido, como se fosse consciente da dor que sua arrogância tinha ocasionado.

Xandi notou que ela preferia esse perfil. Essa atitude, como se estivesse procurando rixa a desconcertava, alterava-a.

O ancião apareceu abruptamente justo diante deles, obstaculizando seu caminho. A voz lhe tremia como se tivesse paralisia. Sua mão na cabeça da fortificação tremeu.

— Stefan Aragat. Procura o feiticeiro. Por quê?

Stefan se ergueu, parando reto e orgulhoso, observando o ancião por debaixo de seu largo e lobuno nariz.

— Pode me olhar e me perguntar isso? Quero que devolva minha forma humana.

— Ah. Já vejo. — O ancião se aproximou de Stefan. Inclinou a cabeça e levantou o olhar, franzindo o cenho — Realmente lamenta seu orgulho desmedido? Aceita sua culpa por suas ações? Compreende a humilhação? Essa é a lição que ele desejava te dar.

— É obvio que sim, mas desejo discutir este assunto com Antón, ancião. Não com seu servente.

Xandi se separou de Stefan. Ela tremia por um repentino calafrio, e seu olhar passou nervosamente da inclinação orgulhosa da cabeça de Stefan ao brilho em resposta nos olhos do ancião. Ela se apoiou contra a parede, sentiu que um poder invadia a habitação, um halo de luz e escuridão modificante. Stefan não o sentia? Como podia fazer caso omissa da nuvem de aborrecimento, escuridão e fúria que os rodeava?

Logo o viu, a leve careta do lábio de Stefan, metade sorriso, metade grunhido, a mesma expressão no rosto do ancião enquanto assentia em sinal de ter compreendido.

De repente, tudo foi claro para Xandi. Stefan desafiou ao ancião! Queria brigar. Que diabos estava fazendo?

Stefan reconheceu seu engano no instante em que as palavras saíram de sua boca. Tinha irrompido ali com sua estupidez e sua fanfarronice. Seu coração pulsava com força e suas paixões corriam altivas e quentes. Estava equivocado. Tão equivocado que nem sequer estava perto de ter razão. Precisava sair dali, nesse mesmo momento, não aprofundar no tema enquanto Xandi estivesse de pé junto a ele. Em que diabos estava pensando? Deu a volta e a segurou, mas uma voz ressonou na habitação, sussurrou entre as paredes, ricocheteou contra o alto teto e deixou zumbindo seus sensíveis ouvidos de lobo.

Stefan deu a volta. O ancião sustentava sua fortificação no alto. O poder cintilava em um halo brilhante ao redor de seu corpo. Agora não havia nenhuma fraqueza nele.

É obvio! Stefan tinha se perguntado se o ancião era Antón. Agora tinha a certeza. Não era isso exatamente o que queria? Ao menos uma parte dele sim o queria. Stefan piscou, reconhecendo seus desejos, compreendendo por fim quão poderosas havia se tornado suas necessidades.

— Tão pouco aprendeu, Stefan Aragat? Os últimos cinco anos não lhe ensinaram nada? Esperava mais de você. É verdadeiramente um bastardo arrogante.

O alcance de seu engano o golpeou com a precisão de um míssil controlado por rádio. “OH, diabos”. Nunca deveria ter pressionado Antón com Xandi ali presente. Mal teve tempo para elevar as mãos em sinal de desculpa quando a mudança chegou instantaneamente. Em um momento enfrentava a um ancião zangado com uma jaqueta cor azul, e logo se encolhia debaixo das presas de um feroz lobo negro. Antes de que tivesse tempo de reagir, o lobo segurou os ombros de Stefan com sua poderosa mandíbula, girou seu corpo e o derrubou no chão. Stefan caiu de boca para baixo, com força. O ar saiu subitamente de seus pulmões em uma rajada poderosa, deixando-o aturdido e desorientado.

Grunhindo e golpeando, o lobo agarrou sua camisa e a puxou rasgando-a de suas costas, arranhando a pele de Stefan, rasgando-a com suas afiadas garras. Logo seguiram as calças de Stefan, despojando-as de seu corpo contorcido enquanto ele lutava desesperadamente por deter o desumano ataque.

De repente, permaneceu quieto debaixo do lobo ao compreender a situação. Isso era exatamente o que ele tinha desejado durante todo esse tempo. Não somente entregar-se, a não ser obrigado a entregar-se, obrigado a aceitar o castigo que merecia. Ser obrigado o absolvía, permitia-lhe exorcizar o feiticeiro de sua mente, os desejos escuros de seus sonhos, sem admitir sua aceitação.

Xandi gritou. O som cortou abruptamente um uivo. Desesperado, Stefan girou seu corpo e a viu, inexplicavelmente nua, presa contra a parede como por grilhões invisíveis, com os braços levantados, as pernas totalmente abertas, a boca aberta de susto e temor.

Xandi! Devia protegê-la. Esse não era momento de lutar com paixões contrárias e sonhos escuros. Stefan se retorceu debaixo do lobo, deu a volta e lançou um golpe com sua própria garra. Segurou-se na espessa pelagem. Cada vez que o agarrava, soltava-se, cada giro o deixava mais a mercê da besta. De repente, Stefan sentiu um algo afiado entre as pernas. Algo quente e úmido agarrou seu testículo, a suave pele perto do ânus.

Tinha esperado esse momento, tinha-o temido, tinha-o desejado, mas não agora, não assim, não com Xandi observando.

Não com um lobo!

Alterado, retorceu-se mais forte, retorceu-se e se sacudiu em um intento desesperado por soltar-se de seu agressor. Mas uma pesada garra empurrou sua cabeça contra o chão, garras

estendidas lhe rastelaram as costas e as coxas, e sentiu a agonia da penetração, o grosso pênis da criatura forçando a entrada.

— Não! Bastardo! Não!

Grunhindo, golpeando com impotência, lutou contra o lobo mais poderoso, seus quadris se retorciam e giravam para afastar à besta, mas a criatura o empurrava mais forte, seu grosso pênis estendendo e rasgando sua pele para encontrar a entrada. Uma dor abrasadora e aguda agarrou sua respiração, obrigando o ar a sair de seus pulmões. Ofegando, retorcendo-se com impotência, suas ações só conseguiam empurrar o grande pênis da criatura mais fundo em seu ânus. Moveu a cabeça para trás com um grito agonizante...

...E cravou o olhar nos olhos cinza de Xandi. Presa ali, seu precioso corpo preso com laços invisíveis contra a parede, os olhos abertos, os lábios separados.

A criatura lhe golpeava as nádegas, e Stefan sentiu a agonizante longitude do pênis do lobo perfurando-o, profundo e doloroso, o ritmo dentro de seu próprio corpo enquanto as malhas e músculos se contraíam, aceitavam-no.

Inclinou à cabeça, sua vergonha era total. Xandi observaria sua submissão, seria testemunha de sua debilidade. Stefan deixou de lutar reconhecendo tacitamente sua derrota. Nunca teria que ter lutado contra isso. Teria que haver-se ajoelhado e aceito seu castigo... O que ele tinha desejado todo esse tempo. Abaixou a cabeça ainda mais, fechou os olhos, enquanto as afiadas garras sujeitavam seus quadris nus, ao mesmo tempo que a criatura detrás dele pressionava com curtos e agudos golpes, até que o grande pênis encontrou seu ponto, profundo, dentro do corpo de Stefan.

De repente, a besta ficou quieta. Stefan se sentiu quase prodigiosamente consciente do sólido pênis pulsando quente e duro dentro de seu ânus, de seus joelhos nus apoiados contra o grosso tapete, seus trementes braços suportando seu próprio peso e o do lobo. Conteve o fôlego, com temor a mover-se, com medo de clamar o dor agonizante, que justo agora começava a diminuir.

Inspirou larga e profundamente através das fossas nasais acampanadas, controlando a expansão de seus pulmões. Enquanto seu corpo mudava e se ajustava ao intruso, um calor familiar lhe invadiu a pele e lhe esquentou as vísceras. Sentiu o primeiro movimento de desejo, brigou contra o impulso de abrir mais as pernas, de introduzir mais profundamente o pênis, de pressionar mais perto seus quadris.

Envergonhado, humilhado além do que se podia acreditar, Stefan lutou contra a tão familiar excitação sexual que corria pelo seu sangue, a dor nos testículo enquanto seu pênis se elevava, estendia-se, inchava-se, em resposta à plenitude pouco comum de um grosso pênis introduzido em seu ânus. A criatura saiu lentamente, retirando-se para que a cabeça de seu pênis incitasse o estreito anel

de músculo; logo, com cuidado, voltou a deslizar-se dentro, pressionando forte e fundo. O lobo encontrou um ritmo lento e constante, dentro e fora, mais profundamente com cada empurrão, que pretendia excitar, não castigar.

Envergonhado, traído por seu próprio corpo, Stefan retrocedeu enquanto os testículo da criatura golpeavam contra os seus, um severo aviso de sua posição debaixo do macho mais poderoso. Sua mente envolta em lembranças e pensamentos de orgulho e arrogância, de temor e desejo, tudo reduzido a isto, ao golpe constante e à opressão de um duro pênis enchendo seu ânus, ao fôlego quente contra suas costas, todo isso enquanto Xandi observava. Queria chorar de vergonha, mas ao mesmo tempo, seu corpo reagiu, contraiu-se, aceitou... Entregou-se.

Lembranças de sonhos enchiam sua cabeça, sonhos que eram parte de suas noites nesses últimos cinco anos; tinha aprendido a aceitá-los. Os sonhos de Antón e a paixão que tinha sentido pelo homem, a admiração por seu mentor, o ódio. Muitas emoções em conflito, formando redemoinhos agora, invadindo sua cabeça, seu coração.

Afiadas garras raspavam os flancos do corpo do Stefan. O pênis se introduzia mais fundo, cada golpe ameaçava atirá-lo para frente, outro aviso da força do outro. Um aviso de sua própria responsabilidade, de seus próprios enganos. Xandi ainda o veria como um homem? O iria querer depois disso?

“Importaria sequer?”.

Dominado pelo lobo mais poderoso, Stefan inclinou a cabeça em sinal de total submissão. Modificou sua postura, sustentando-se firme ante o poderoso ataque.

Logo foi um homem quem tomou, as coxas musculosas de um homem pressionavam contra os dele, o ventre de um homem lhe esfregava as nádegas. Ansiava sentir repugnância, experimentar asco, mas seu próprio pênis se endureceu, fortaleceu-se, seu próprio corpo reagiu ao encontrar um ritmo para igualar o do Antón. Gemendo, mais excitado do que podia recordar, Stefan se sacudiu debaixo dos firmes empurrões, sem poder negar sua natureza ou a paixão que lhe nublava a mente.

Levantou a cabeça. Xandi o observava, com os olhos abertos, os lábios separados, as mãos atadas contra a parede, os seios nus elevando-se e caindo com cada dificultosa respiração, os mamilos assinalando-o, eretos de orgulho. Um brilho suspeito reluzia agora entre suas pernas, a umidade se amontoava no avermelhado pêlo que lhe cobria o púbis. Não! Não pode ser... Ela não... Mas estava excitada, profundamente excitada, tão excitada como ele, participante e não só testemunha de sua vergonha.

Stefan estremeceu. Devia sentir-se traído, ou não? Traído pela mulher que encontrava excitante

sua humilhação.

Devia, mas não era assim. Seu olhar se cravou no de Xandi, sua mente era uma massa de sensações confundidas e enroladas, de luxúria e paixão, de humilhação e dor. E notou que ela estava ali, seus próprios pensamentos retorcendo-se com os dele, lutando por compreender a inumerável quantidade de sensações, as emoções e as paixões que os envolviam.

Ela vivia esse ato com ele! Estava excitado, e ela sabia, sentia-o, deleitava-se com isso. Ele sacudiu a cabeça, voltou a olhá-la, percebeu-a ainda mais presente em sua mente, a conexão que tinham descoberto durante as relações sexuais agora crescia, enchendo seus pensamentos, alimentando sua paixão. O pênis se afundava profundo dentro de seu intestino grosso, já não queimava com cada empurrão. Agora o apanhou em um ritmo escuro e carnal, um ritmo que parecia imitar os batimentos do seu coração, a corrente de sangue através de suas veias, um ritmo que ele compartilhava com Xandi. Um ritmo que ele conhecia no profundo de seu coração, que ele conhecia em seu corpo, ao igual em sua mente.

Sabia! De algum jeito, seu corpo conhecia esse ato, compreendia o profundo vínculo entre machos dessa espécie, compreendia o papel que Xandi jogava em sua identidade, naquilo no que ainda devia converter-se. Fazê-lo aceitar, receber e conhecer: isso era o estilo do Mestre. Era da única maneira em que Stefan aprendesse e compreendesse.

Antón estava ali, seus pensamentos se mesclavam com os do Stefan, e compartilhava sua experiência, sua compreensão, respondendo mais perguntas que Stefan nem sequer conhecia. Tantas lições... Tanto que compreender... Tantas coisas desconhecidas, todas unidas ao Mestre, impondo sua vontade sobre Stefan, impondo sua vontade da maneira em que o fazia sua espécie. Um grande brilho parecia rodeá-los, um brilho que crescia fora da visão dessa mulher que observava e compartilhava, macho submetido e lobo alfa. Finalmente, Stefan tomou consciência e compreendeu. Abriu os joelhos ainda mais, preparou os quadris para receber a profundidade de Antón, os empurrões penetrantes. Com os olhos ainda cravados em Xandi, os ombros exercendo pressão para manter-se firme, recebeu o pênis do homem em seu corpo agora disposto, recebeu a subjugação, recebeu Xandi e Antón em sua mente.

Uma mão segurou seu pênis inchado. Dedos fortes e masculinos roçavam sua sensível pele, acariciavam-no em um feroz contraponto com cada penetração aguda. A outra mão acariciou o flanco de seu corpo, logo sujeitou seu testículo, para que ele estivesse totalmente governado por seu Mestre, sob o controle total de Antón.

Flexionando os ombros, Stefan fortaleceu o vínculo mental com Antón, sentiu o profundo amor e a admiração do outro homem, a paixão, a necessidade e a confusão na mulher. Sentiu a primeira

contração nos testículo, a tensão dos músculos, o grande nó que crescia em seu pênis de lobo enquanto seu orgasmo o atacava.

A mão de Antón se fechou com força ao redor do pênis de Stefan, justo atrás do nó. A outra sujeitava seu testículo, apertando-os ao ponto de uma deliciosa dor. Arqueando as costas, sentiu o duro pulso do orgasmo do feiticeiro, o nó enchendo-o, os empurrões rápidos e duros enquanto Antón o dominava. Sacudindo-se através de seu próprio orgasmo, tremendo com sua descarga, com os braços estremecidos de paixão, Stefan se desabou.

Antón soltou as genitálias de Stefan e se inclinou para trás justo quando caía. O flácido pênis do feiticeiro saiu com facilidade do corpo de Stefan. Sem dizer uma palavra, Antón girou sobre seus pés e abandonou a habitação.

Não houve dor depois da pressão rítmica de seus músculos depois do orgasmo. Não houve humilhação. Não houve sentimento algum, mais que salvo a certeza de que o que tinha acontecido tinha que acontecer. O que Antón lhe tinha feito não era para humilhá-lo nem destruí-lo. Não, tinha sido uma lição. Uma lição muito gráfica, um ato tanto de amor como de dominação, compartilhar um conhecimento que tinha feito algo mais que estremecer seu mundo.

Stefan levantou a cabeça, quase com temor de olhar Xandi.

Liberta agora de qualquer que fosse o feitiço que a tinha prendido, ela se ajoelhou em frente a ele, seus joelhos muito abertos, seus lábios inferiores úmidos fazendo uma careta. Ela estendeu uma mão e o tocou no ombro. Stefan sentiu que o vínculo se fortalecia entre eles e imediatamente notou que o conhecimento que Antón lhe tinha dado não tinha sido compartilhado. Xandi não sabia. Entretanto, ele sentia compaixão, amor, necessidade, uma entristecedora necessidade.

Não havia lástima. Ele não poderia suportar a lástima. Necessitava sua paixão. Era dele, não de Antón. Ela poderia ter escolhido o lobo alfa. Mas escolheu Stefan. Ela o necessitava. Ele sentiu que o desejo emanava dela em ondas de calor, no apressado pulsado de seu coração ressoando em seus ouvidos, no forte e almiscarado aroma que rodeava seu corpo.

Agarrou suas mãos entre as dele, tirou seus dedos do ombro e os beijou. Logo, com cuidado, recostou-a sobre a amaciado tapete e se ajoelhou entre suas pernas.

Ela gemeu quando lhe posou sua boca nos lábios da vagina. Arqueou as costas e gritou quando os lábios dele lambeiram seus clitoris, logo levantou os quadris para encontrar-se com sua boca enquanto sua língua se movia contra as paredes da vagina. Ele lambeu e sugou, raspando a pele sensível com seus dentes, elevando seus quadris com os dedos estendidos ao longo de seu traseiro.

Encontrou a fenda entre suas coxas e introduziu brandamente seus dedos, elevando-a, lambendo-a, deixando que seus pensamentos de amor e paixão se mesclassem com os dela, atraindo-a

mais a ele, mental e fisicamente, até que sua língua lobina entrasse por completo nela, lambesse as paredes e as malhas, cobrisse o sensível casulo, banhasse os carnudos lábios.

De repente, o corpo dela ficou tenso. Gritou, um comprido e surdo lamento que lhe recordava o uivo de um lobo, um grito desesperado e necessitado que se converteu em suspiros e ofegos. Ele a baixou lenta e firmemente, sua língua era uma carícia sedosa sobre a delicada pele dela. Suas coxas tremiam, suas mãos agarraram a cabeça dele, seus ombros acariciaram suas costas, agitaram-se sobre seu couro cabeludo, pela ponta das orelhas lobinas.

Finalmente, ajoelhou-se sobre ela e levou lentamente seu pênis às espectadoras dobras. Recebeu-o com os joelhos elevados e as coxas muito abertas. Ele empurrou contra ela uma vez, duas vezes, logo se enterrou enquanto ela voltava a ter um orgasmo.

As apertadas contrações de sua vagina apanharam seu inchado pênis, introduziram-no profundo e firme, até que ele teve um orgasmo, o grande nó na base do pênis deslizando-se através de sua estreita abertura, fundindo-os, sujeitando-os juntos.

Sentiu que os pensamentos, os suspiros mentais de liberação, o amor e as perguntas dela voltavam a alagar sua mente. Inclinou-se a um lado, seus corpos ainda unidos, seu pênis pulsando no ritmo com suas contrações musculares. Seus magros braços envoltos ao redor do pescoço dela, seu rosto imerso no espaço livre entre seu pescoço e seu ombro. Ouvia com a mesma intensidade que sentia a suave exalação de fôlego úmido contra o focinho.

Correu o cabelo escuro do rosto de Xandi. Acariciou-a na testa com os lábios e nas pálpebras fechadas que lhe protegiam os olhos. Por que não o observava? O vínculo se desvaneceu. A sensação de que tinham sido dois corpos com uma mente, logo um só corpo, uma só mente. Agora ela fechou os olhos e suspirou contra o pescoço dele, e este se perguntava se ela sentia vergonha dele. Se sentia lástima. Arrependimento.

— Eu te amo — disse ela. Seus lábios se moveram contra o pescoço dele, que sentiu vontade de chorar —. Não estou segura do que aconteceu aqui esta noite. Não estou segura de acreditar no que vi. Mas te amo.

Ele não podia pedir mais. Agora não. Mais tarde, possivelmente. Mais tarde lhe explicaria o que significava ser parte da manada. O que significava ser fêmea quando o macho alfa fazia valer seus direitos.

O que aconteceria quando Antón decidisse que era momento de reclamar a Alexandria.

CAPÍTULO 06

Sua roupa estava destruída. A dela tinha desaparecido. Xandi se sentou e cobriu os seios com os braços cruzados quando abriu a porta que se encontrava ao final da habitação.

— Oliver? Que diabos aconteceu? — Stefan ficou de pé de um salto enquanto a familiar silhueta de seu servente atravessava a habitação levando dois penhoares —. Eu achava que estava com sua família. O que faz aqui?

Agarrou os objetos que Oliver lhe oferecia e entregou um a Xandi. Ela estava agradecida de que Stefan parasse em frente a ela, para que Oliver não a visse.

— Esta é minha família, senhor. — Oliver se negou a olhar Stefan nos olhos. Em lugar disso, assentiu com a cabeça e deu a volta, dando-lhes intimidade —. O Mestre lhe explicará. Primeiro, entretanto, mostrarei seu quarto. Siga-me — Com esse tom enigmático, Oliver os conduziu para a escada que levava ao andar superior.

Ao pé da escada, Xandi colocou uma mão sobre o antebraço de Stefan.

— Está bem?

Ele riu.

— Além de ter o traseiro dolorido, quer dizer?

— Eu...

Ela fechou a boca. Incômoda, preferiu não descrever como se sentia.

Ele cobriu sua mão com a sua.

— Está bem. Há muitas coisas que devo te contar. — Seus olhos brilhavam com expressão quase despreocupada —. Estou bem. Agora. — inclinou-se e a beijou —. Sei que não compreende, mas o que Antón fez era inevitável. Tem sentido agora. Com o tempo, também terá para você.

Ela esperava que assim fosse. Por enquanto, nada tinha sentido. Sabia que devia estar impressionada. Tinha visto um ancião converter-se em lobo. Isso era impossível, ou não? Mas o homem que amava também era um lobo. Impossível. Não existia nenhuma criatura metade homem, metade lobo... Entretanto, Stefan caminhava junto a ela. Tinha feito amor com ela.

Ela deveria estar se sentindo indignada pelo que, essencialmente, tinha sido o ataque de seu amante; entretanto, no meio do ato, havia sentido o desejo de Stefan, sua paixão, inclusive quando ele se entregava.

Ela tinha se excitado tanto quanto Stefan.

Sacudindo a cabeça, confusa e cheia de perguntas, seguiu Stefan e Oliver pelas escadas.

Uma hora mais tarde, banhada e vestida com um traje de jaqueta e calça de tecido aveludado de cor vermelha intensa que tinha encontrado no banheiro, Xandi segurou com força o braço do Stefan

enquanto seguiam mais uma vez Oliver. Ele os conduziu para baixo pelas escadas e ao longo de um amplo corredor, para o que parecia ser uma biblioteca no andar de baixo.

Um homem estava sentado em uma cadeira junto a uma grande janela, com o rosto parcialmente escondido entre as sombras. Estava impecavelmente vestido. Tinha o cabelo escuro afastado da testa e preso em um prolixo rabo-de-cavalo na nuca. Seus cotovelos descansavam sobre os braços da cadeira, e tinha seus longos dedos apoiados sobre os lábios. Ele assentiu com a cabeça a Stefan, notando sua presença, e logo sorriu para Xandi.

Quando sorriu, sua beleza quase a deixou sem respiração. Era uma beleza eterna que nunca teria esperado de um homem que fora capaz de fazer o que tinha feito a Stefan. Ela somente tinha visto o predador, os olhos selvagens e o grunhido de um homem que demonstrava sua supremacia sobre o outro. Não tinha visto esse homem, mas apesar disso, sabia que era a mesma pessoa, o feiticeiro que Stefan parecia amar e temer.

Antón os saudou com a cabeça, e lhes fez um gesto com a mão para que se aproximassem de um sofá que se encontrava perto da cadeira.

Seguindo a ordem de Stefan, Xandi sentou-se perto dele no cômodo sofá.

— Mestre.

Stefan inclinou a cabeça saudando-o, mas não demonstrou submissão alguma. Xandi, entretanto, percebeu o respeito que Stefan sentia pelo outro homem.

Um respeito que ela, de fato, não tinha notado antes.

— Por favor, me apresente à dama.

Os olhos de Antón, olhos que tinham o mesmo tom âmbar que os de Stefan, cravaram-se em Xandi. Sua voz era profunda, melodiosa. Poderosa. Surpreendentemente, ela percebeu o sutil vínculo, o mesmo vínculo que tinha aprendido a associar com Stefan. Xandi notou que seu rosto refletia surpresa, apesar de tentar não mostrar evidente em sua expressão.

— Mestre, eu gostaria de apresentá-lo a Alexandria Olanet. Alexandria, este é Antón Cheval, o feiticeiro do que te falei.

Como se a cena na grande casa nunca tivesse acontecido, Xandi se encontrou estreitando a mão do feiticeiro. Sua mão era firme, sua pele cálida. Quando ela tentou afastá-las, ele a segurou, agarrando-a com ambas as mãos.

— Querida, é um grande prazer conhecê-la. Percebo suas perguntas, e as compreendo. Todas serão respondidas. — Olhou ao Oliver, que esperava em silêncio na porta —. Oliver, vinho para meus convidados, por favor.

Sem soltar a mão de Xandi, Antón olhou Stefan. Ela se surpreendeu do tom de sincera

preocupação em sua voz quando lhe disse:

— Devo te perguntar, está bem?

Stefan inclinou a cabeça em sutil reconhecimento da superioridade do outro.

— Sim, Mestre.

Antón assentiu com rapidez e Xandi se preveniu de que, com esse breve intercâmbio, os dois homens tinham deixado para trás o que tinha ocorrido nessa manhã. Para sempre. Xandi se perguntava se ela faria o mesmo. A imagem de Antón fodendo Stefan, primeiro como lobo, logo como homem; o olhar de luxúria animal nos rostos de ambos os homens; não, não se esqueceria disso.

Sua vagina se contraiu, e ela fechou os olhos, desejando que seu agitado corpo se tranquilizasse. Os dedos de Antón acariciaram sua mão. Ele inclinou a cabeça e a olhou fixamente nos olhos.

“Ele sabe. Ele sabe o que estou pensando”. Ela estremeceu, consciente de uma profunda pulsação em sua vagina, o roce de seus mamilos contra a suave camisa de veludo. Antón afastou o olhar, mas havia um leve sorriso em seus lábios. Um olhar de satisfação.

Uma vez mais se dirigiu a Stefan.

— A palavra chanku significa alguma coisa para você?

Stefan sacudiu a cabeça.

— Não. Deveria? — Abaixou o olhar, como se estudasse as mãos de Xandi, que ainda se encontravam entre as de Antón. Logo estendeu uma mão e com cuidado libertou os dedos dela das mãos de Antón —. Sem ânimo de ofendê-lo, Mestre.

— Está bem. Ela é bastante formosa. Também é muito especial. Mais especial do que você acredita.

Oliver entrou na sala com uma garrafa fria de vinho branco e três taças.

— Degraus, Oliver. Eu servirei. —Antón assentiu com a cabeça, e o homenzinho se retirou da sala —. Oliver trabalhou para mim durante quase dez anos.

Fez uma pausa, como se desse tempo para Stefan de considerar as conseqüências. Xandi observou o jogo de emoções no rosto de Stefan, leu sua compreensão e aceitação.

— Então, observou-me todo esse tempo? — Os cantos de seus lábios se elevaram em um sorriso lobino — Ao menos isso explica o mapa. Perguntava-me como tinha chegado a minha mesa. Perguntava-me se seus poderes tinham crescido além do compreensível. — Stefan pegou a taça de vinho que Antón lhe ofereceu e a entregou a Xandi, logo pegou outra para ele — Então, Oliver nunca foi meu servente. Era seu espião. Por quê?

— Porque você é um chanku. Você é o mais poderoso que pude encontrar, e não podia me arriscar a perdê-lo. — Os olhos de Antón resplandeceram, e bebeu um gole de vinho, como se tentasse

se acalmar —. Explicarei-te algo que deveria haver explicado há cinco anos, quando confirmei o que era. Minha única desculpa é que ainda estava aprendendo naquele tempo. Tentando compreender todas as consequências.

Antón fez uma pausa, abaixou a taça e cruzou as mãos em frente a ele.

— Existia uma raça antiga, uma raça lobina, que coexistia com os primeiros humanos no Himalaya, muito tempo antes da chegada das aldeias e dos povos, antes que o homem começasse a assentar-se em comunidades. A lenda os denomina chankus, mas já não existem como o povo que uma vez foram.

— O que se refere como lobina? Animais que coexistiam com gente, do modo que fazem os cães? Ou refere-se a homens lobo? Eles não existem.

Xandi pegou sua taça de vinho. Já conhecia a resposta de Antón. Notou exatamente para onde ia à conversação.

Mas por quê? Como saberia? Por que conheceria a palavra, o nome chanku?

Como sabia que os chankus eram muito mais que lobos, muito mais que inclusive humanos?

Antón assentiu com a cabeça, e ela confirmou que ele lia seus pensamentos.

— Não, querida. Não homens lobo. Essas são somente criaturas de mitos e lendas. Apesar disso, sabia que o entenderia. — Girou para Stefan — Você também o compreende. Entretanto, é mais teimoso que a mulher. — Voltou a sorrir a Xandi, e suspirou —. Ele acreditará em mim com o tempo. Tudo irá bem. — Quando voltou a olhar Stefan, ele estava sorrindo como se tivesse compartilhado uma brincadeira secreta com Xandi.

— Os chankus, como os legendários homens lobo, têm o poder de mudar seus corpos de humano a lobo e de lobo a humano. Em nosso caso, entretanto, não é nada paranormal, nem sobrenatural. Não necessitamos lua cheia nem nenhum tipo de feitiço, nem devemos permanecer ocultos na escuridão. É físico; em realidade, tudo está apoiado em uma pequena parte do cérebro perto do hipotálamo, uma extensão desse órgão que existe somente nos chankus, uma porção insignificante de carne que sem certos nutrientes, perde sua capacidade de funcionar.

Ele ficou em pé, como se a informação que saía dele controlasse seus movimentos.

— Descobri a história dos chankus durante meus estudos sobre as ciências ocultas, aprendi sobre as ervas que eram comuns da área que hoje é o Tibet, ervas que têm a capacidade de extrair certos nutrientes da terra em porcentagens precisas, nutrientes perfeitamente formulados para estimular este pequeno órgão. Por sua vez, exercem uma influência sobre as funções do corpo que deve mudar. — Antón girou e assinalou Stefan.

— Você pensava que eu o converti em lobo como castigo por sua arrogância. Só estava

parcialmente certo. Dava-te o nutriente em quantidades suficientes para te permitir mudar. Não compreendeu como ou por que tinha acontecido, tampouco compreendeu as mudanças em sua natureza. Assustou-se, eu o assustei, então me culpou e partiu antes que pudesse te explicar. Sem o nutriente, não podia recuperar a forma humana. Não foi sua magia que ajudou à mutação parcial. Foi o efeito residual do nutriente que ainda se encontrava em seu sistema. Não era suficiente para completar a mutação, assim o deixou preso entre homem e lobo.

Antón fez uma pausa, inspirou profundamente e olhou Stefan, tomando uma vez mais o controle.

— Assustei-o então com isso. Estava equivocado, mas deixei que minha própria arrogância interferisse com a verdade. Expus a sua natureza sem te explicar a história que poderia te ter permitido aceitar o que era. Não cometerei esse engano novamente. Ficará aqui. Alexandria e você. Aprenderá os costumes de sua gente. Ambos receberão as quantidades adequadas de nutrientes, e encontrarão sua verdadeira essência.

Assombrada, Xandi se voltou para Stefan. — Nós? — Ela lambeu seus lábios, olhava Antón, que rondava ao redor deles. — Nós? Não... Não entendo.

— Sim, entende. Entende mais do que está disposta a admitir. — Antón se ajoelhou em frente a Xandi e segurou suas frias mãos entre as suas — Como acha que Stefan a encontrou? Perdida, morrendo em uma tormenta de neve? Ele percebeu sua presença. Sentiu um espírito similar. Você tem os genes de seus ancestrais. O vínculo quando faz amor com ele?

Xandi se ruborizou e girou a cabeça. Como poderia sabê-lo?

— Não se esconda de mim, Alexandria. Eu a senti. Eu sabia que estava ali, uma parte de nós dois, de Stefan e de mim. Quando tomei Stefan, quando penetrei em seu corpo, o que sentiu?

Xandi piscou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas contidas. Como poderia saber?

— Xandi? — Stefan a girou para que ela se visse obrigada a olhá-lo. — Não há de que envergonhar-se. Se houver alguém que tem que sentir vergonha, esse sou eu, por arrastá-la a isso sem adverti-la. Eu suspeitava o que podia acontecer com o Antón. Eu o desejava. Deveria haver isso dito. Lamento-o tanto. — Stefan lhe tirou o cabelo dos olhos —. Você estava ali. Em minha mente, foi tão parte da experiência que senti seu desejo. Sua paixão.

— Eu estava ali. — As lágrimas corriam por suas bochechas, e experimentou uma sensação de irmandade, assim como também de desejo. Desejo por ambos os homens? Era muito, muito poderoso. Olhou para Stefan e logo para Antón, logo novamente ao Stefan, seus traços lobinos. Observou-o e teve uma sensação de similaridade, de pertencer, que não tinha notado antes.

De repente, as palavras saíram de seus lábios.

— Teria que ter estado horrorizada, mas não o estava. Observei o velho laçao converter-se em lobo, vi o lobo jogá-lo ao chão, arrancar a roupa de seu corpo, e não podia me mover. O poder do feiticeiro me sujeitava contra a parede, mas em lugar de temor, em lugar de horror esperava... OH, Stefan! Estava me excitando tanto, mal podia suportá-lo! Quando ele entrou em você, senti-o dentro de mim; senti seu pênis me enchendo. Quando ele mudou a sua forma humana, meus sentidos pareceram modificar-se, e senti o pênis de Antón dentro de mim. E não me importou! Stefan, não me importou que outro homem estivesse fodendo-me!

Ela pôs-se a chorar, e Stefan a aproximou de seu regaço. Antón se sentou sobre os pés e afastou o seu comprido cabelo do rosto, sua outra mão descansava sobre o ombro de Stefan.

— Está bem, carinho. — Stefan esfregava seu focinho contra seu cabelo — Está bem. Acredito que era de esperar que se sentisse deste modo. Antón? Possivelmente precisa ser mais específico. Há coisas que acredito compreender, mas não estou seguro de que possa explicar a Xandi.

Antón se sentou junto a eles, com uma mão ainda apoiada sobre o ombro de Stefan, a outra afastando o cabelo do rosto de Xandi. Ela encontrava estranhamente tranquilizador, reconfortante, estar aconchegada sobre o regaço de Stefan, compartilhando as conexões com ambos os homens.

— Os chunkus são uma raça que se apaixona por vários membros de uma vez. Encontrei velhas escrituras que corroboram o que meus instintos me dizem que é verdade. Nos aparelhamos por toda vida, mas compartilhamos nossos casais dentro da manada. O macho alfa governa através do domínio físico quando é necessário, mas normalmente é a fêmea quem conduz a manada, seja em forma humana ou lobina. É sua decisão a quem escolherá para o prazer sexual, se será somente um ou todos os machos. Normalmente a mulher tem encontros sexuais com outras fêmeas do grupo, apesar de amar um macho por cima de todos os outros. As fêmeas chunkus somente podem ser fecundadas enquanto se encontram em sua forma lobina, e podem escolher quando reproduzir. Não tenho idéia de como funciona isso.

— Como sabe dessas coisas? — Xandi agarrou o lenço que Stefan pressionava em sua palma e secou as lágrimas —. Como sei que não o está inventando?

— Posso te mostrar os pergaminhos. Você inclusive poderia decifrar a linguagem. É necessário? Alexandria, olhe Stefan. Não é prova suficiente? Viu minha conversão de humano a lobo e novamente a humano. Escute seu coração e negue a verdade do que estou dizendo. — Antón ficou em pé e caminhou nervoso pela habitação —. Sei que meu ataque a Stefan, minha dominação sobre ele, assustou-a. Desculpo-me com ambos, mas era necessário. Temor, aborrecimento, paixão; todas essas emoções eram necessárias. Tinha que encontrar a maneira de enfrentar a ambos no mesmo momento, criar uma reação de emoções para que não lutassem contra a conexão. Era a única maneira de poder

fazê-la entender. A única maneira de poder te fazer sentir seu verdadeiro eu. — Deteve-se em frente a Stefan.

— Você desejava o que aconteceu hoje. Queria que o fodesse, que o liberasse da responsabilidade e que fizesse suas fantasias realidade. Desejou-me durante todos estes anos, do mesmo modo que eu desejei você. Percebi sua necessidade pelas noites, senti a paixão de sua alma sem poder dormir quando corria pelo bosque. Queria te explicar, mas tinha que vir para mim. Entende-o?

Stefan deixou cair os ombros. Suspirou e assentiu com a cabeça. Antón continuou caminhando. Xandi percebeu a aceitação de Stefan, igual à sua. Esse era somente um lado mais do homem que ela amava. Antón girou repentinamente, ajoelhou-se diante de Stefan e Xandi. Segurou suas mãos entre as suas e as sustentou com força.

— Ambos são chankus. Igual a mim. Estamos entre os poucos de uma raça em extinção. Devemos encontrar outros. Devemos lhes entregar seu legado antes que seja muito tarde. Por favor, descensem. Permaneçam comigo como meus convidados, como meus irmãos. Minha única família. Conheçam sua herança e me ajudem a salvar a nosso povo.

Inclinou-se lentamente, beijou-lhes as mãos. Seus olhos ambarinos brilhavam pelas lágrimas contidas, e sua voz se quebrou, vencida pelas emoções.

— Salvem-me também — disse levantando a cabeça — Por favor. Preciso dos dois.

CAPÍTULO 07

Xandi ouviu os passos de Stefan do outro lado da porta. Tinha estado ali com Antón mais de duas horas, enquanto ela passava o tempo em seu quarto, afligida pelos acontecimentos do dia. Ainda não estava segura de como dirigir suas emoções, sua atração por Stefan e Antón, mas tinha percebido a necessidade que tinha Stefan de passar algum tempo com o feiticeiro, para encontrar respostas a muitas das perguntas que ela sabia que ele tinha. Como completar a mutação de lobo a humano, para começar. Como dominar a arte de mudar, algo que Antón obviamente fazia com grande facilidade.

Como explicar o óbvio desejo sexual entre dois homens aparentemente heterossexuais.

Perguntas que ela nunca tinha sonhado fazer, não antes de conhecer Stefan. Perguntas e respostas que agora a afetavam profundamente. A porta se abriu em silêncio.

— Está bem — disse ela —. Estou acordada. — Saiu dentre as sombras perto da janela. Stefan cruzou o quarto rapidamente e a segurou em seus braços.

— Não queria despertá-la. Diabos, Xandi. Lamento muito ter te arrastado a tudo isto.

— Eu pedi para vir, recorda? Se o que diz Antón é verdade, tinha que vir. — Beijou-lhe o pescoço, o flanco do focinho. Tinha-o visto como um homem, não como uma besta, desde o começo. Se o que Antón dizia era verdade, explicava muitas coisas; por exemplo, sua pronta aceitação de uma besta como amante. Eles eram verdadeiramente almas gêmeas — Antón respondeu suas perguntas? — Não adicionou: “Respondeu as minhas?”. Não precisava fazê-lo.

— A combinação de minerais que nossos corpos necessitam para mudar tem que ser uma parte regular de nossa alimentação. Nós dois devemos poder mudar dentro de uns dias. Eu antes que você, o mais provável, porque já os ingeri antes. Antón é um homem assombroso.

— É muito compassivo. — Xandi se afastou dos braços de Stefan —. Obviamente perdoou Antón pelo ataque. Eu não estou muito segura de poder esquecer o que aconteceu esta manhã.

— É capaz de aceitar o que aconteceu? — Stefan acariciou seu suave cabelo com a mão e o retirou detrás de seus ombros — Me aceitará?

Xandi refletiu sobre isso, sobre a vibrante intensidade de sua reação ao que ela sempre consideraria como a violação de Antón a Stefan. Olhou Stefan e conteve as lágrimas, logo suas palavras saíram, uma atrás da outra.

— Meu problema é me aceitar.

Segurou os ombros dele, agarrando-se como se fossem sua salvação. A outra mão obstinada à realidade, trocando com cada pulsado de seu coração.

— Não entende, Stefan? Eu queria ser parte disso. Oh, Deus, eu pensei que ele estava atacando-o, e apesar disso queria ambos dentro de mim. Queria sentir o que você estava sentindo, sentir Antón fodendo-me forte e rápido, do mesmo modo que ele o fodeu. O só feito de pensar nisso me excita. Não posso afastar a imagem de minha mente. É como um desagradável filme pornográfico, somente que o vejo através dos olhos do amor, da luxúria e do desejo, como nunca me senti em minha vida! O que me aconteceu, Stefan? Por que reajo deste modo? — Estalou em lágrimas, soluçando entrecortadamente. Os braços de Stefan a sustentavam com força, seu quente fôlego em sua bochecha, e ela se perguntava se alguma vez compreenderia o que tinha acontecido.

— Antón o explicou, meu amor. Você o ouviu. É nossa natureza. A natureza dos chankus. Somos bestas extremamente sensuais. Isso explica tantas coisas...! Somos o que somos. Já não pode evitar se sentir excitada pelo que viu, da mesma maneira que eu não pude conter minha excitação quando Antón me penetrou. Temia te dizer isso, mas o desejava desde a primeira vez que o conheci, sentia-me atraído por ele, mas não entendia. Diabos, não sou homossexual. Os homens não me excitam. Mas Antón sim, e me assustava muitíssimo. Vim aqui sabendo perfeitamente bem o que ia ocorrer. Antón estava certo. Eu queria que ele me forçasse, porque tinha muito medo de admitir o que ansiava.

Suspirou, e seu fôlego era quente e úmido contra o pescoço dela.

— Eu te amo, mas há outra coisa que deve saber. Antón também a deseja. Não como sua companheira, a não ser para solidificar o vínculo dentro da manada. Teria que estar com ciúmes, mas não estou. — Riu e esfregou o focinho contra o lado do rosto dela — Ele não a esperava. Oliver nunca suspeitou que você é chanku. Antón estava tentando encontrar a maneira de nos separar até que a conheceu e reconheceu sua natureza. Acredito que foi uma surpresa para ele. A escolha, é obvio, será sua, mas tem dois homens que querem fazer amor com você.

Tomou seu queixo para q obrigar a olhá-lo. Seu corpo tremia, mas não havia temor nela. Não mais. Não com o Stefan abraçado a ela, lhe dizendo com sua acalmada e pormenorizada voz que por fim, depois de muitos anos de dúvida, ela descobria sua verdadeira natureza. Refletiu sobre suas palavras, sobre a profunda convicção que ambos compartilhavam, e notou que aceitava a verdade.

Do mesmo modo em que logo aceitaria Antón.

* * *

Stefan observou enquanto Xandi devorava com gosto o lombo pouco cozido. Tinha-a observado em detalhe durante a última semana, consciente das sutis alterações que se produziam dentro de seu próprio corpo enquanto os nutrientes adicionados a sua alimentação provocavam as mudanças desejadas. Obviamente, os minerais funcionavam igual para Xandi.

Ela comia muito pouca carne quando se conheceram. Agora ela preferia o filete quase cru, como Antón e Stefan. Estava habituada a passar dias inteiros no bosque, desaparecendo durante horas. Ao retornar à casa, não falava muito, mas era óbvio pelo arrebatamento de sua pele e o suor empapando seu moletom que havia corrido muito.

Ambos tinham notado uma crescente percepção, uma melhor audição, um sentido mais desenvolvido do olfato. Durante a noite, uniam-se quase desesperadamente, seus encontros sexuais duravam horas e os deixavam exaustos. Não havia retornado a mencionar que Antón se unisse a eles, mas Stefan sabia que era questão de tempo.

O mestre feiticeiro se tornou o elefante proverbial do salão, embora nesse caso, Stefan o considerava o lobo espreitando por trás da porta do dormitório.

Esperando. Sempre paciente.

Stefan já não tinha paciência. Estava ansioso por tentar a mutação, sentia a força correndo por suas veias, e se perguntava quando diria a Antón que estava preparado. Primeiro lobo. Logo humano. Finalmente voltaria a ser humano.

Perguntava-se o que pensaria Xandi quando finalmente visse o verdadeiro Stefan Aragat, e quando ela experimentaria também a necessidade de mudar. Perguntava-se o que faria aos dois. Como lobo, ela se converteria em líder desse pequeno grupo. Ela brigava contra isso agora, lutava contra o rol que Antón lhe tinha explicado que desempenharia. Um papel onde Antón respeitaria suas necessidades, seus desejos.

Continuaria desejando Stefan? Afastou o olhar de Xandi e surpreendeu-se com Antón observando-o. O feiticeiro piscou, logo sorriu e assentiu.

Stefan percebeu o movimento em sua mente, os pensamentos de indecisão enquanto Antón se conectava com ele.

— Torna-se mais forte a cada dia. Não acredito que Alexandria esteja preparada, mas sinto a força de chanku correndo por seu corpo. Esta noite. Depois dela dormir. Não queremos que se assuste se tiver problemas com a mutação.

Stefan assentiu.

— Estou de acordo. Virei até você assim que ela durma.

Xandi parecia distraída essa noite. Stefan a observava do seu lado da cama enquanto ela colocava com cuidado a camisola de seda, apagava as luzes e se aproximava dele. Chegou até ele na escuridão. Perguntava-se se sua visão noturna havia se aguçado como a dele nos últimos dias.

— Sim — disse ela, aconchegando-se contra ele — Não preciso das luzes absolutamente.

— Nem necessita das palavras. Posso ouvir seus pensamentos, meu amor. Em minha mente.

— Perguntava-me isso. Então isso significa que você manteve os seus bloqueados de meus. Por quê?

— Porque tenho medo. Sei o que Antón e você planejam fazer esta noite. Escutei-o dizendo que se encontrasse com ele assim que eu dormisse. Como vou dormir sabendo o perigo que corre?

— Se você estiver ali, temo me distrair.

Passou a língua lentamente pela linha da mandíbula, mostrando-lhe exatamente o tipo de distração que temia.

— Está certo. Sei. É algo que tem que fazer sozinho. Por favor, Stefan. Distraia-me mais.

Ele se sentou perto dela e lentamente tirou sua camisola que acabara de colocar. Sua visão aguçada o permitia ver as nuances dourados do corpo dela, os círculos perfeitos de seus mamilos, e o triângulo de pêlo escuro entre suas pernas que o atraíam como um ímã.

Inclinou-se sobre ela e lambeu seus mamilos. Xandi suspirou e arqueou as costas. Passou os dedos ao longo de seu arredondado ventre, separou os cachos que cobriam sua vagina e inundou um dedo dentro do úmido centro. Os músculos o apanharam imediatamente, sujeitaram seu dedo dentro.

Adicionou outro dedo, deslizando-se lentamente dentro e fora, lambendo e sugando primeiro um mamilo, logo o outro.

Ela o buscou, mas ele segurou sua mão.

— Não — sussurrou ele — Isto é para você. Somente para você. Antón disse que estarei melhor preparado se me mantivesse celibatário por esta noite. Não disse que isso se aplicava a você.

Liberou seus pensamentos, permitindo que Xandi sentisse o que ele sentia quando a tocava, que provasse o que ele provava quando sua língua lambia seus seios, percorria seu torso, primeira por uma coxa, logo a outra, antes de ficar de joelhos entre suas pernas.

Os joelhos dela estavam flexionados, e empurrou seus pés quase até o traseiro, abrindo caminho ao úmido calor para que este chegasse a sua língua. Ajoelhou-se ali um momento, sabendo que a brisa da noite esfriaria sua pele úmida e quente, compartilhando a sensação da necessidade e do desejo que atravessava seus corpos.

Quando ele soube que ela já não podia esperar mais, abaixou a cabeça e passou sua larga e canina língua por toda a vagina, finalizando com um forte redemoinho ao redor do clitóris. Ela sacudiu os quadris e gemeu quando ele se sentou sobre seus pés. Suas mãos agarraram os frios lençóis. Ela levantou os quadris, rogando em silêncio por mais.

Desta vez ele levantou seu traseiro com as mãos, tocando as carnudas nádegas, obrigando a suas pernas a abrir-se mais até que ela esteve completamente aberta para ele, seus lábios vermelhos e inchados, seu sexo umedecido pela necessidade. Seu próprio pênis se converteu em outra coisa; duro como uma rocha, grosso e ereto. Sentia-o roçar o ventre dela.

Diabos. Ele não queria outra coisa mais que inundar-se nela, enterrar-se em toda essa pele cálida e úmida, mas devia obedecer ao feiticeiro. Em troca, colocou a cabeça entre suas pernas e a lambeu, colocando a língua em seu escorregadio canal vaginal, fazendo descansar os dentes contra seus clitóris. Inalou seu aroma, o intenso aroma de mulher e desejo. Seu pênis se umedecia, e seus quadris empurravam descaradamente, mas ignorou sua própria necessidade e se deu um festim com a mulher.

De repente, seus joelhos apertaram os lados de sua cabeça e ela se arqueou contra ele. Ele segurou seu traseiro, massageando a pele com seus fortes dedos, aproximando-a da sua boca.

Sua língua saqueava os músculos, varria as paredes internas de sua vagina, lambendo seu primeiro orgasmo, levando-a quase imediatamente ao segundo. Ela gritou, um uivo comprido e baixo. Todo seu corpo ficou rígido.

Ele levantou o olhar para ver seu rosto. Seus lábios estavam separados, seus olhos bem fechados, seu cabelo sobre o rosto e o pescoço. Ele nunca tinha visto algo tão formoso, mais excitante

que Xandi na metade de seu orgasmo. Doíam-lhe o pênis e os testículos, e a única coisa que podia fazer era controlar o desejo por seu casal, brigar contra o irresistível desejo de inundar-se nessas quentes malhas, úmidas e carnudas.

Suspirou, desejando que sua ereção se comportasse. Suavizou o ataque a sua vagina para lhe acariciar o clitóris com a pressão mais suave possível. Ela contraiu com força os joelhos contra ele, logo lentamente deixou que seu corpo se relaxasse. Já não sentia forças nas pernas. Recuperou o fôlego com compridos suspiros, a consequência da paixão e o prazer.

Stefan voltou a perceber as perguntas da consciência dela e experimentou uma sensação de risada. Ao levantar a cabeça, com o focinho empapado de seus fluidos, ela sorria.

— Agradeço tanto que Antón somente necessitasse que fosse celibatário por esta noite... Obrigado, meu amor.

Ela estendeu o braço, tocou-lhe a testa, e acomodou seu cabelo detrás das orelhas.

— Tome cuidado. Faz isso por mim.

Apoiou seu corpo sobre o dela e a beijou brandamente no pescoço, acariciou-lhe a orelha, para logo voltar a beijá-la. Ela tirou a língua e lambeu os cantos de sua boca, e notou que estava saboreando-se a si mesma. Stefan a beijou uma vez mais, logo se afastou de seu corpo. Foi o mais difícil que teve que fazer em muito tempo.

Tudo o que Antón lhe tinha prometido não podia se comparar com o doce obséquio do amor de Xandi.

— Prometo-o — disse ele, vestindo-se apressadamente —. Voltarei assim que puder. Espere-me.

Inclinou-se e a beijou uma vez mais, logo abandonou o dormitório. Quando fechou a porta detrás dele, Stefan sentiu o amor de Xandi apoderando-se dele, protegendo-o. Sorrindo, partiu para encontrar-se com o feiticeiro.

Xandi abriu o grifo na grande ducha e permaneceu de pé debaixo da água durante um longo momento depois que Stefan partiu. Tinha aprendido que era uma maneira de afastar-se da constante descarga de pensamentos dentro da casa do feiticeiro. Ela duvidava se algum dos homens notava o alcance de sua acuidade mental. Depois de somente um dia de ingerir os nutrientes especiais de Antón, tinha começado a ouvir os pensamentos de outros. Inclusive a mente de Oliver era um livro aberto.

Tinha aprendido com rapidez a bloquear coisas que não queria ouvir, mas era impossível evitar escutar por completo conversações mentais privadas entre os homens. Já tinha confessado a Stefan que sabia que essa noite ele levaria ao fim sua mutação, que Antón o ajudaria. Ela sabia que Antón não

acreditava que estava preparada.

Xandi não o tinha tentado ainda, mas não tinha dúvidas de que estivesse preparada. Sua pele parecia arrastar-se às vezes. Seus ossos pareciam perder a solidez, desfazer-se, até que conseguia voltar a controlar seu corpo. Só uma coisa a impedia. Seu período devia chegar a qualquer momento, mas Antón havia dito que esperasse pouco sangue.

Agora que seu corpo se tornava cada vez mais chanku, seus órgãos reprodutivos sofreriam uma mudança. Em lugar de eliminar o revestimento interno do útero, eliminaria poderosos feromônios, fazendo-a irresistível para os machos. Apesar de a reprodução ser por escolha — a chanku fêmea deve atuar conscientemente para gerar um ovulo que deve ser fertilizado enquanto se encontra em forma lobina — os machos da espécie eram atraídos por uma fêmea no cio como qualquer macho canino o é pelos de sua própria raça.

Entendia que mudar pela primeira vez seria mais fácil durante sua menstruação porque os hormônios de seu corpo e a composição química básica se alinhariam perfeitamente para a transformação. Mas uma vez que adquirisse sua forma lupina, os homens viriam, ambos. Os dois viriam por ela. Dois formosos homens, incapazes de lutar contra a necessidade de aparelhar-se com a fêmea alfa.

Ela teria a aprovação final de um par, mas sua própria luxúria aumentaria. Queria arriscar algo que sabia que era inevitável? Sexo com Antón e Stefan, fosse em forma humana ou animal? Dois homens viris e atraentes tentando agradá-la?

Rindo em voz alta, Xandi levantou a cabeça para que a água banhasse seu rosto e deixou que caísse sobre seu pescoço e seus seios. Devia estar louca. Tinha que estar completamente louca para pensar que inclusive duvidaria dessa assombrosa possibilidade.

CAPÍTULO 08

Stefan se encontrava de pé olhando Antón, imaginando a vista que deviam oferecer: dois homens robustos de estatura similar, um completamente coberto com um casaco de pele prateada; o outro, com pêlo masculino no peito, no ventre, na virilha e nas pernas. Teria que estar se sentido incômodo por estar nu e só com o homem que o tinha feito experimentar sua primeira experiência homossexual, os dois juntos no centro de um pequeno claro, rodeados de pinheiros. Mas não estava. Ao invés disso, estava cheio de expectativas. A excitação corria por suas veias, golpeava contra seu peito.

Tinha estado tenso, seu pênis duro como uma pedra desde que tinha abandonado Xandi. Depois

de lhe ordenar que se tirasse o roupão, Antón, o feiticeiro, tinha observado o pênis de Stefan e assentido com aprovação. Não tinha havido intenções sexuais em seu exame, somente o reconhecimento de que Stefan estava preparado para tentar sua mutação. O pênis de Antón só se inchou levemente, entretanto a ereção de Stefan era a prova de que seu quente sangue fluía rápido, de que todo seu sistema estava em excelente forma e preparado para explodir.

A luz da lua se infiltrava entre as árvores, banhando a área com um brilho prateado em meio às sombras. Stefan colocou seus objetos a um lado e seguiu as instruções de Antón, para pôr sua mente em branco, para sentir o bosque ao redor dele, para abrir sua mente a do Antón.

— Quero que se una a mim, que seja parte dos meus pensamentos quando levar ao fim a mutação. Sentir o que eu sinto, sentir o que eu faço. Logo faça exatamente o mesmo. Não lute contra a sensação. Sofrerá vertigem, uma distorção da percepção enquanto seu corpo se adapta. É normal. Lembre-se: faça exatamente o que eu fazer.

As palavras de Antón soavam fortes e claras em sua mente. Stefan assentiu em sinal de conformidade. Tinha o fôlego preso na garganta. Havia algo totalmente elementar em relação a esse momento, o compartilhar disso com o homem que tinha aprendido a amar.

Sentiu as mãos de Antón descansando brandamente sobre seus ombros. Stefan se estendeu e apoiou as palmas contra a cálida pele de Antón.

— Feche os olhos. Concentre-se no que eu sinto. No que meu corpo faz.

Os dedos de Stefan tremiam contra os ombros de Antón. Suspirou, voltou a inspirar. Abriu sua mente, obrigou seu corpo a relaxar-se.

Sentiu que Antón começava a mudar.

Nua, Xandi observava os dois homens do seu esconderijo entre as espessas samambaias que cresciam junto ao pequeno prado. Seu aguçada visão noturna fazia que o prado iluminado pela luz da lua se visse tão claro como o dia. Sua perceptiva mente captou os pensamentos de Antón como se falasse em voz alta.

Ela fechou os olhos e sentiu as mudanças dentro do corpo de Antón assim como também no de Stefan, logo os imitou. Suas extremidades se relaxaram e se tornaram fluídas, seus músculos perderam sua força, seus ossos já não davam forma a seu corpo. Sentiu como se demorasse horas, mas durou somente uns segundos; as sutis mudanças floresciam, correndo através de suas veias e artérias, modificando a pele e os ossos em milhões de formas diferentes, reformando seu corpo, seu sangue, seu cérebro.

Desorientada, sacudiu a cabeça, notando repentinamente que podia ver o chão por debaixo do

comprido focinho. Sentando-se sobre suas ancas, Xandi levou uma longa garra em frente ao seu rosto, inspecionando as grossas unhas, as almofadinhas escuras. Sua cor não era a mesma que a de Stefan. A pelagem que lhe cobria o corpo era avermelhada intenso, do mesmo tom que seu próprio cabelo. Observou os pés durante um longo momento, assombrada pela diferença com sua contraparte humana; logo notou que a noite tinha criado vida com som e movimento. Piscou, girou a cabeça e notou que suas longas orelhas mudavam de posição para captar os sons do prado.

Movendo-se com sigilo, pouco a pouco ficou de pé e observou através dos arbustos. Dois lobos negros estavam parados de nariz colado no meio do prado, farejando-se como um casal de grandes cães. Teria rido se não houvesse sentido a necessidade de unir-se a eles. A identidade de Stefan era óbvia: os extremos prateados de sua pelagem já lhe eram familiares, a cabeça lobina virtualmente sem mudanças.

Antón era todo negro. Só seus olhos de cor âmbar brilhavam à luz da lua. Ele levantou seu nariz e farejou o ar, girando para olhar diretamente Xandi. Ela se manteve quieta, sabendo que seu aroma podia delatá-la. Arriscou-se, rogava que seu período esperasse até o dia seguinte. Não tinha considerado o fato de que seu aroma já poderia estar carregado de feromônios que Antón tinha mencionado.

Ela se escondeu entre os arbustos, esperando permanecer oculta. Stefan ainda parecia não ter notado sua presença, mas Antón sabia. Sua voz chegou à mente dela, seus pensamentos dirigidos unicamente a Xandi.

— Está segura de que isto é o que quer? Correu um grande risco, Alexandria. Sinto que seu cio está somente a horas de ocorrer. Será o suficientemente difícil para nós controlar nossos desejos em forma humana. Impossível como lobos.

Xandi inspirou profundamente e saiu dos densos arbustos.

— Deixe-me correr com você esta noite. Prometo mudar antes que seja muito tarde. Por favor.

— Xandi? — Stefan se enfureceu. Interpôs-se entre ela e Antón.

— Está tudo bem, meu amor. Não pude esperar. — Ela abriu a boca, sua larga língua pendurava em algo que se assemelhava a um insinuante sorriso — Quero correr com os lobos esta noite.

Girou e correu para o bosque, sua cauda agitando-se alta como uma bandeira. Antón e Stefan a seguiram de perto. Guiando os dois machos, correndo através dos densos bosques com seus sentidos vivos e seus instintos mais poderosos do que imaginava, Xandi por fim conheceu o verdadeiro significado da liberdade.

Não havia intenções sexuais em sua corrida através do bosque, mas era a coisa mais sensual

que Xandi tinha experimentado. Correndo com as patas dianteiras estendidas, as orelhas contra o crânio, as fossas nasais alargadas para captar os milhares de aromas que a rodeavam, sentiu como se esse assombroso corpo fosse uma grande terminação nervosa, sensível a algo e a tudo o que ela encontrava em seu caminho.

Os constantes sons de Stefan à direita e Antón à esquerda, os dois grandes machos seguindo de perto seu pequeno e veloz corpo, deu-lhe uma sensação de poder que não havia sentido antes. Sua percepção de tudo o que estava ao redor era diferente, já não tão humana, apesar de que notou que sua condição humana ainda dominava seus pensamentos. Seus pulmões inspiravam grandes quantidades de ar, seus olhos viam através da noite iluminada pela luz da lua como se fosse meio-dia, e suas largas patas eram o suficientemente poderosas para saltar pequenos riachos, saltar sobre troncos caídos, inclusive deixando para trás os dois grandes lobos que a perseguiam.

Correram durante horas, percorreram quilômetros. Em um momento perseguiram um coelho, rendendo-se por fim quando a aterrorizada criatura escondeu-se por debaixo de uma grande árvore caída, fora de seu alcance. Rindo, com as línguas pendurando, os três se retiraram como se seu plano sempre tivesse sido perder a corrida. Mas Xandi sabia que ela teria matado à pequena criatura sem pensar duas vezes. Tinha salivado durante a perseguição, golpeando Stefan com ferocidade quando ele havia se interposto entre sua presa e ela.

Por um instante, perguntou-se como se veria afetada sua parte humana pelas mudanças ocasionadas nela essa noite, mas sua preocupação saiu voando com o vento noturno, voou com exuberância, com a euforia que sentia nesse assombroso corpo.

Golpeando com alegria Antón, afastou-se dos dois machos através do espesso bosque. Eles a seguiram de perto, um a cada lado. Justo quando o céu começou a clarear sobre o horizonte, Antón levou sua louca corrida através do bosque em direção à casa. Esgotada, com as patas que já não lhe eram tão velozes, sua respiração entrecortada e forçada, Xandi caminhou detrás dos dois machos. Só a cauda de Antón seguia erguida. A de Stefan estava caída, como a de Xandi. Inclusive com as longas corridas que ela tinha feito nos últimos dias, tinha que admitir que devia melhorar seu estado físico.

Chegaram ao amplo parque detrás da casa de Antón justo quando o sol cruzava as montanhas para o leste. Esgotada, com as pernas tremendo e a língua pendurando, Xandi desabou sobre a fria grama, com o Stefan perto dela. Jaziam perto, ofegando, com os olhos entrecerrados, enquanto amanhecia. Xandi se perguntou se Stefan revivia as horas passadas. Finalmente, enviou-lhe uma pergunta com a mente.

Respondeu-lhe quase imediatamente.

— Meu deus! Alguma vez imaginou isto?

— Nunca, nem sequer em meus sonhos mais selvagens. Antón? — Ela olhou a seu redor, procurando o feiticeiro, mas não estava em nenhum lugar — Me pergunto aonde terá ido.

— Voltará, sabe. Deseja-a.

— Sei. Como se sente em realidade com respeito a isso? — Xandi se aproximou mais a ele e o acariciou no focinho — Você sabe que desejo a ambos, não? Isso está muito mal?

Antes que Stefan pudesse responder, Antón, o homem, desceu as escadas da frente. Era evidente que havia se banhado e barbeado. Vestido com umas calças jeans negras e uma camiseta justa, descalço e com o comprido cabelo solto, parecia cômodo e relaxado.

De repente, Xandi se sentiu suada e suja, quase envergonhada por sua forma lobina. Stefan se sentou sobre suas ancas, sem dúvida perguntando-se o que tramava Antón.

— Já é hora de que ambos mudem para suas formas humanas. Acredito que são capazes de fazê-lo sem minha ajuda. — Assentiu primeiro a Stefan, logo a Xandi — Podem reverter o processo?

Xandi entrou em sua mente e notou que podia perceber sua condição humana como uma imagem que a liberava de seu corpo lobino. Desta vez logo que advertiu a vertigem, só uma mudança na percepção enquanto sua visão passava da de lobo a de mulher.

Stefan a observou, e ela sentiu que a mente lhe seguia os passos. De repente, seu corpo de besta pareceu cambalear, alterar-se. A pelagem prateada desapareceu, o rosto mudou e se adaptou, e pela primeira vez Xandi viu Stefan, o homem, de pé em frente a ela.

Nu, sem a pelagem cobrindo seu corpo, era mais formoso que algo que ela pudesse imaginar. Forte e musculoso, seu magro peito poderosamente esculpido com um matagal de cabelo prateado estendendo-se entre seus peitos planos e de cor cobre, os músculos marcados no abdômen... Tinha o corpo de um atleta.

Entretanto, seu rosto... Ela estendeu um braço e tocou sua bochecha, passando os dedos ao longo da linha de sua mandíbula, percorrendo os sensuais lábios, acariciando o comprido cabelo que lhe chegava até os ombros. Negro, cheio de nuances prateadas, grosso e macio, emoldurava perfeitamente seu rosto. Nunca tinha visto seu rosto, só tinha uma vaga lembrança de como era por umas fotografias publicitárias de quando ainda se apresentava como Aragat, o Mago.

Entretanto, havia algo familiar, algo que a fez girar e contemplar Antón. A semelhança era extraordinária.

— Poderiam ser irmãos — disse ela — São muito parecidos.

Antón sacudiu a cabeça.

— Não. Possivelmente primos longínquos. Verifiquei nossa linhagem. A semelhança é somente uma coincidência. — Assentiu com a cabeça a ambos, sorrindo — Banhem-se, vistam-se e me

acompanhem para tomar o café da manhã. Temos muito que falar. — aproximou-se e levantou o queixo de Xandi com seus magros dedos, olhou-a nos olhos durante um longo momento, logo se aproximou mais e a beijou.

Apesar de que ela esperava algo como isso, sobressaltou-se pela reação de seu corpo, o impacto imediato de desejo que invadiu a boca do estômago, e que formou redemoinhos até pousar em sua vagina, no profundo de seu sexo.

Ele se afastou, observou-a durante longo momento, logo girou sobre seus pés e voltou a entrar na casa. Quase com temor de olhar Stefan, Xandi por fim girou para ele.

Estava sorrindo. Seu olhar era tenro, sua cabeça estava inclinada para um lado, seus olhos de cor âmbar brilhavam à luz da manhã.

Sentindo-se mais leviana do que podia recordar, Xandi beijou Stefan nos lábios, logo o conduziu pelas escadas em direção a seu quarto.

CAPÍTULO 09

Stefan a seguiu até a descomunal ducha. Esgotada, eufórica, confusa, Xandi se afastou para permiti-lo entrar. Seu corpo era robusto, tinha os músculos tensos pela corrida noturna, o pênis ereto meneava contra seu corpo. O selvagem olhar em seus olhos era o de um lobo, possessivo, manifestando sua necessidade de dominar, de sujeitar.

Suas ânsias a golpearam como um murro ao plexo solar, um desejo muito quente e elementar, que quase chispava através de suas terminações nervosas. Ela levantou os braços sob o intenso vapor da ducha, envolveu-os ao redor de seu pescoço e abriu a boca.

Pela primeira vez, beijou lábios humanos, sentiu o sólido empurrão de sua língua dentro da boca, e provou os sabores do homem, não da besta. Seus longos dedos a agarraram pelos quadris, e ela segurando-se nele, levantou as pernas para rodear sua cintura, com o corpo preparado para o duro pênis que abria caminho em seu interior.

Não houve necessidade de estimulação prévia, nenhuma razão para preparar seu corpo para seu ataque. A noite inteira tinha sido uma estimulação prévia; o resultado final ali, nesse momento, na ducha, com o vapor elevando-se e a água quente banhando seus febris corpos. Sua pele virtualmente chispava pela corrida entre eles, a necessidade compartilhada, a quente paixão correndo com intensidade; ela se sentia como uma marionete, como se seus braços e pernas se movessem por gentileza da mão de alguém mais poderoso que eles.

Seu pênis estirou as escorregadias paredes de sua vagina, entrou fundo, logo lentamente se

retirou antes de voltar a enchê-la. Ela apertou os seios contra o espesso matagal de pêlo que lhe cobria o peito. A textura era muito mais grossa que a da pele do lobo a que se acostumou, e seus mamilos se endureceram com cada novo contato. Experimentou com a sensação, esfregando lentamente os seios contra seu peito enquanto a água caía em cascata sobre seus corpos. Sentiu o chiado do mamilo até o clitóris, como se existisse uma linha direta de poder e sensação entre os três pontos de prazer, uma conexão além do físico, mais à frente do sexo.

As mãos dele apertavam seu traseiro, e a elevaram mais alto sobre seu pênis. Os músculos dos braços e do peito se expandiram pelo esforço, e ela se sentiu respondendo mais a sua excitação. Ele era humano, mas o instinto de copular, de marcá-la como dele, era algo primário, algo mais da besta que do homem, algo escuro, carnal e cheio de intriga.

Ela respondeu como a besta, arranhando seus fortes ombros, mordiscando sua mandíbula, agarrando-se a seu corpo, enquanto ele a empurrava, elevando-a mais, mais do que a tinha elevado como besta.

Soluçando, gritando, Xandi sentiu seus afiados dentes contra o pescoço, seus dedos segurando-a com força dolorosa, seu duro pênis penetrando-a, levando-a ao limite, enchendo-a com seu quente sêmen, movendo-se em seu interior uma e outra vez, até que ambos estremeceram debaixo da água da ducha.

Stefan se deslizou lentamente pela banheira até sentar-se no chão com o corpo de Xandi apoiado sobre seu colo. Ela levantou a cabeça para beijá-lo uma vez mais. Seu corpo tremia em contato com o dela. Seu pulso pulsava visivelmente na grande veia do pescoço. Suas fossas nasais ainda se alargavam com cada inspiração, mas seus olhos estavam preocupados.

—Você está bem? —Penteou-lhe o molhado cabelo escuro com uma mão, logo observou a água formando redemoinhos no deságüe. Seus olhos se abriram ainda mais.

Xandi seguiu seu olhar e compreendeu o calor que se apoderou dela, o irresistível desejo carnal que ainda pulsava em suas veias. Uma mancha rosa aquosa fluía pelo piso, formando redemoinhos em um perfeito espiral antes de desaparecer pela drenagem.

Seu período tinha começado, algo comum para uma mulher.

Um acontecimento poderoso para a fêmea alfa da manada.

Era hora. Ela sabia que chegaria, sabia que tinha que tomar uma decisão. Antón havia dito que a fêmea tomava todos os machos de sua manada sexualmente, que o desejo de copular seria mais forte durante a época de cio. Instintivamente, ela sabia que ele estava certo, que como fêmea alfa era sua escolha reproduzir-se, gerar um ovulo para fertilizá-lo.

Havia sentido os primeiros movimentos durante a corrida da noite, tinha reconhecido o desejo

profundamente enraizado que a instigava a competir com os dois machos através da noite, com a cauda levantada, suas ações zombadoras, brincalhonas. Ela tinha se deleitado com sua própria sexualidade, tinha celebrado seu poder como fêmea, como futura líder.

A hora de brincar tinha terminado. Estava preparada? Stefan estava?

— Como se sente a respeito? — perguntou ela.

Não havia necessidade de explicá-lo. Os braços de Stefan se ajustaram ao redor dela, e ele colocou sua cabeça sobre a dela. Seu pênis ainda se encontrava dentro de sua vagina, e ela sentiu que ele completava o vínculo, enquanto seus pensamentos corriam com facilidade por sua mente.

— Não quero compartilhá-la. Nunca. Entretanto, sei que Antón tem razão. O vínculo da manada se fortalecerá com sua copulação. Somos criaturas sensuais. Criaturas carnais. Agora compreendo inclusive mais, depois da corrida de ontem à noite, o vínculo que compartilhamos com Antón. Amamos com grande paixão. Odiamos com a mesma paixão. Entregue a ele seu corpo se deve fazê-lo, mas, por favor, guarda sua alma para mim.

Xandi se levantou e o beijou. Ouviu sua tácita petição, embora nunca tivessem mencionado o tema filhos.

— Você é o dono de minha alma. Você é o dono de meu coração. Sou eu quem controla se uma copulação resulta em crias. Meu corpo já responde a meus desejos, e não desejo ter filhos por enquanto. Este novo ser é tão fresco... Ainda sou uma menina. Quando for o momento indicado, minha cria será sua. Prometo-lhe isso, Stefan Aragat. Amo você.

Ela sentiu que sua tensão se aliviava com a promessa, mas Xandi seguia nervosa e ansiosa. Recebia Antón em sua mente, sabia que ele os esperava. O feiticeiro não só queria Alexandria. Não, ele queria mais. Sua intenção era voltar a exercer seu domínio sobre Stefan. Embora as intenções de Antón fossem para o bem-estar da manada, Xandi também compreendia seu desejo pessoal de poder.

Beijou os lábios de Stefan, envolveu os braços ao redor de seu corpo, sentiu a confirmação de seu coração. Sentiu a força, sua determinação.

Logo, compartilhou as intenções de Antón com o homem que amava.

Ele já sabia. Xandi entendeu o silencioso assentimento de sua cabeça, aceitou suas intenções. Stefan sabia o que Antón queria, o que esperava o feiticeiro. Ela compreendeu o olhar de segurança em seu rosto; já não tinha medo de Antón. A certeza lhe dava poder.

Xandi se vestiu com elegância para jantar com Antón. Nunca antes se vestiu para seduzir. Não em realidade. É obvio, se o que Antón tinha explicado sobre fêmea alfa durante a menstruação fosse verdade, não necessitaria de sedução. Só precisaria assistir.

Escolheu um vestido simples, sem mangas, de cor verde escura e com pescoço redondo e sutiã incorporado para realçar seus seios. A saia estreita abraçava as curvas de seus quadris e finalizava justo debaixo dos joelhos. Decidiu não usar sutiã, mas vestiu umas pequenas calcinhas de um biquíni, que pareciam uma tanga.

Não teve necessidade de colocar uma compressa ou um pano para evitar manchar a roupa. A metamorfose das últimas semanas se completou. Desta vez seu período era totalmente diferente de algo que ela tivesse experimentado antes, quando era somente humana. Além da pequena mancha de sangue quando Stefan e ela tinham feito amor, não tinha havido nenhum outro incidente, como Antón havia predito. Entretanto, um sutil aroma de almíscar invadiu seu corpo, um que nunca tinha notado antes. Sabia que Stefan o percebia. Quando estava perto, custava-lhe controlar as mãos. Suas fossas nasais se alargavam cada vez que ela passava perto dele. Ela sentia que o desejo ardia por debaixo de sua pele, sabia que o atraía tanto seu aroma como as emoções que já sentia por ela.

Seu corpo repicava pelos desejos sensuais. Sua pele era altamente sensível. Podia perceber o simples movimento do ar em seus braços nus, o calor do abajur perto da cama. Seu ouvido havia se aguçado, por isso o batimento do coração de Stefan fazia eco em suas orelhas, e estava quase segura de que ouvia circular a corrente de sangue por suas veias. O ar ao redor dela parecia ranger pela energia, mas não sabia se provinha de Stefan ou dela mesma.

Ele vestia umas calças escuras e uma camisa branca de mangas longas, com os punhos enrolados nos antebraços. Tinha o cabelo escuro, prateado e comprido, como o de Antón, tinha-o penteado para trás e o tinha amarrado com uma fita justo sobre o pescoço. Ela queria soltar a fita, permitir que seu cabelo caísse emoldurando seu rosto. Queria senti-lo roçando seus seios, lhe fazendo cócegas na sensível pele de suas costelas, enredando-se com o arbusto de cabelo avermelhado do topo de suas coxas.

Xandi olhou o relógio, apesar de que seus sentidos haviam se aguçado tanto que sabia que chegariam cedo. Oliver nem sequer tinha acendido o fogão da cozinha. Ela teria cheirado a chama de gás, apesar de que a cozinha e o pátio se encontravam localizados no lado mais afastado da casa. Inclinou a cabeça e piscou um dos olhos para Stefan.

Ele levantou uma sobrancelha, logo abriu mais os olhos enquanto ela ficava de joelhos em frente a ele e passava os nódulos dos dedos pelo zíper das calças.

O tecido se avultou imediatamente.

— Xandi, não. Devemos descer para a cozinha. Ainda não tem fome?

— OH, sim — sussurrou ela — Estou morta de fome.

Ela se aproximou e deu um sopro de ar quente contra o tecido, logo estendeu uma mão e só

desceu o zíper das calças. Não usava cueca. Sorrindo, deslizou os dedos pela abertura e segurou o sólido comprimento de seu pênis.

Seu membro era muito humano. Ela não tinha podido meter-lhe na boca até esse momento, não sem o risco de que seu grande membro a afogasse quando se formasse o nó canino. Agora, entretanto... Agora era totalmente humano; seu pênis, apesar de ser longo, não era tão longo para que ela tivesse que se preocupar com o tamanho.

Lambeu-lhe o extremo. Ele sacudiu seus quadris e riu, mas foi um som entrecortado, quase um soluço. Voltou a prová-lo. Envolveu a sedosa ponta com a língua e logo seguiu a grossa veia até chegar aos testículos. Sentiu que estes lhe roçavam o corpo, todo o incentivo que necessitava para metê-los por completo na boca, utilizando a língua e os lábios, os fortes músculos das bochechas, inclusive os dentes.

Voltou a gemer, e desta vez suas mãos a seguraram pelo espesso cabelo, como se quisesse ancorar-se nela. Encontrou um ritmo deslizando seu quente pênis dentro e fora de sua boca, mordiscando a ponta, logo segurando-o dentro, exercendo toda a pressão que podia. Ele tentou... notou que ele tentou conter-se, para evitar entrar em sua boca, mas ela tomou o controle, tomou com a boca, as mãos, acariciando seu testículo, a sensível pele entre seu testículo e seu ânus, tudo através da abertura do zíper de suas calças.

Stefan interrompeu com um gemido entrecortado. Seu corpo se convulsionou. Empurrou os quadris para frente. Seu pênis jazia duro e quente dentro de sua boca, e ela o sujeitou com os dentes e os lábios, sugando mais e mais, tragando os espessos jorros de sêmen enquanto ele se entregava a ela.

Muito depois que ele gozou, muito depois que as últimas gotas se derramaram da ponta de seu pênis, muito depois de que a grande ereção se apaziguou, só então deixou de lambê-lo e beijá-lo, enquanto o retirava da boca. Com ajuda da língua eliminou todo rastro de sêmen, colocou-o com delicadeza dentro de suas calças e subiu com cuidado o zíper.

Stefan a observava, com expressão transtornada. Sorriu para ele e recebeu o sorriso que dedicou a ela como o presente que tinha esperado. Logo ficou de pé e o agarrou pelo antebraço. Caminharam juntos para o grande salão, com seu segredo a salvo.

Antón ficou de pé imediatamente quando ingressaram na sala. Apoiou a taça de vinho tinto que estava bebendo e se aproximou para recebê-los, com os braços estendidos.

Ela ouviu o grunhido surdo junto a ela e sorriu a si mesma. Stefan e ela já tinham mantido essa conversa. Ele não procuraria briga essa noite. Nenhum dos dois mudaria. Enquanto ela conservasse sua forma humana, o encanto de seu aroma não seria irresistível para os homens. Se convertesse em

lobos, nada os deteria.

O grunhido surdo a fez sentir protegida, desejada. Antón soube também. Abaixou os braços e se inclinou para dar em Xandi um curto beijo na bochecha. Deteve-se ali um momento, e ela o escutou inalar profunda e lentamente. Quando se afastou, seus olhos resplandeceram com um fogo de cor âmbar à tênue luz. Lançou um rápido olhar a Stefan, logo a Xandi, com um sorriso desenhado no rosto. Suas fossas nasais se alargaram.

— O jantar está pronto — disse, rompendo o silêncio — Chegaram bem a tempo. — Antón girou sobre seus pés e caminhou para a mesa, mas Xandi pensou que seus delicados movimentos pareciam tensos, como se sentisse obrigado a afastar-se dela. Ele afastou uma cadeira e fez um gesto a Xandi, logo girou para a cozinha — Oliver, nossos convidados chegaram. Pode servir o jantar.

Xandi se encontrou sentada junto a Antón e em frente a Stefan. A agradável camaradagem da noite anterior se desvaneceu. Um silêncio que não pressagiava nada bom flutuava no grande salão. Em silêncio, Oliver serviu os lombos e uma quiche. A carne estava, como sempre, quase crua. Xandi sabia que a quiche continha as erva e outros nutrientes que seus corpos necessitavam.

Ela cortou a carne enquanto Oliver ligava o reproduzidor de CD's. A suave melodia de uma valsa do Johann Strauss acalmou um pouco a tensão que reinava entre eles. Antón comeu quase de forma automática, um anfitrião muito diferente do feiticeiro da cidade ao que ela se acostumou. Xandi olhou para Stefan, mas a pergunta estava em seus olhos, não em sua mente. Não sabia como conversar mentalmente com um homem sem que o outro os ouvisse.

Os olhos de Stefan refletiam uma advertência. Ele comeu sem deter-se, mas seu comportamento, apesar de ser atento, era muito mais relaxado. Xandi bebeu vinho, examinando Antón por cima da borda da taça de cristal. Ele centrou toda sua atenção na comida, mas ela notou que sua respiração era entrecortada. Havia um evidente tremor em suas grandes mãos.

Sem prévio aviso, Antón afastou a cadeira da mesa. Rasgou sua camisa, afastando-a da frente do seu peito, e jogando os botões pelo ar. Xandi levou uma mão à boca para reprimir um grito enquanto Antón rasgava o resto de suas roupas e se transformava, seu corpo contorcendo-se durante a mutação de homem a lobo em muito pouco tempo.

Xandi afastou a cadeira da mesa enquanto Antón se equilibrava para ela, grunhindo e abrindo as fauces. Antes que pudesse elevar as mãos para proteger-se, Stefan estava ali, mudando diante de seus olhos, fechando o passo do agressivo lobo, empurrando-o para trás com as mãos que eram garras, com os dentes afiados e as fauces apertadas justo por debaixo da garganta do lobo maior.

Com temor de mudar, Xandi se afastou. Teria que ter permanecido em seu dormitório, para evitar que os dois machos a farejassem enquanto estavam juntos, não durante seu período, quando a

luxúria instintiva poderia anular suas civilizadas mentes.

Antón lutou para soltar-se, mas Stefan foi mais rápido. Suas emoções estavam sob controle. Como vendo um pesadelo se repetir, Xandi observou enquanto Stefan, com a roupa rasgada pendurando em farrapos de seu corpo, tentava dominar Antón por cima, sujeitando-o com as fauces, apertando-o pelo pescoço e com ambas as patas dianteiras ao redor da parte superior do corpo.

Ambos os lobos estavam excitados pela batalha. Seus enormes pênis brilhavam vermelhos e inchados, mas dessa vez era Stefan que tinha a força, quem ingressou no corpo de Antón, forçando a entrada apesar das tentativas do outro lobo para defender-se. No momento da penetração, Antón deu um uivo e grunhiu, mas rapidamente abaixou a cabeça em aceitação e reconhecimento ante a força superior de Stefan.

Os quadris de Stefan empurravam para frente, primeiro dando golpes fortes e cortantes, logo diminuindo e reduzindo o ritmo ao notar que Antón tinha cedido. A mutação de ambos os homens foi quase simultânea. Enquanto Xandi observava um lobo dominando ao outro, ambos se converteram em homens, de aspecto quase idêntico, seus corpos magros e formosos, seus longos cabelos balançando-se ao ritmo de sua união. Stefan se ajoelhou por trás do feiticeiro, com os olhos fechados, com expressão de puro prazer em seu rosto, enquanto entrava e saía do corpo do outro homem. Antón se mantinha à frente, seus joelhos bem abertos, os braços estendidos, seu corpo deslizando-se para frente com cada poderoso empurrão dos quadris de Stefan.

Stefan se estendeu em direção à cintura de Antón e segurou o inchado pênis do feiticeiro, massageando-o enquanto dava golpes lentos e firmes. Xandi tirou o vestido de forma pausada e arrancou as pequenas calcinhas. Esfregou os rígidos mamilos com a palma de uma mão e pressionou com força entre suas pernas com o dedo do meio da outra mão. Não era suficiente. Nem sequer aceitável.

Ela se ajoelhou junto a Antón, ainda com os dedos dentro da vagina. Os olhos de Antón estavam fechados, seus lábios abertos com expressão de aparente dor, mas mais possivelmente de prazer. Ela se inclinou e o beijou no canto da boca. Os olhos de Antón se abriram. Xandi aproveitou a oportunidade de sua surpresa para voltar a beijá-lo, desta vez deslizando sua língua dentro da boca dele.

Antón estendeu o braço esquerdo e o envolveu ao redor do pescoço dela, segurando-a mais perto para compartilhar seu beijo.

— Lamento — sussurrou ele —. O lamento muito... Eu...

— Sei.

Ela percorreu o ombro dele com seus beijos, beijou a linha dos fortes músculos ao longo de suas

costelas, logo se sentou sobre seus pés para observar. Custou-lhe muito tomar consciência de que seus dedos lentamente rodeavam seus clitóris, inundando-se em sua vagina, para logo voltar a acariciar o clitóris.

Adotou o ritmo que os homens compartilhavam, golpeando-se a si mesma ao mesmo tempo em que Stefan penetrava Antón.

Era formoso observá-los: dois homens de magros corpos brilhando de suor, com os músculos esticando-se com cada arremesso e retirada. Os olhos de Antón estavam fechados, sua boca retorcida com uma careta de dor e prazer enquanto os quadris de Stefan golpeavam contra seu traseiro. Os olhos de Stefan eram meras fendas. Tinha a boca levemente aberta e os dedos agora sujeitavam os quadris de Antón, e o comprido cabelo se balançava detrás de seus ombros com cada poderoso golpe.

Xandi sentiu que seu desejo crescia; sabia que estava a ponto de ter um orgasmo. Stefan acelerou o ritmo, golpeando seu pênis contra Antón, sujeitando-o com as mãos enquanto o enchia. Antón jogou a cabeça para trás e gritou, seu grito se converteu em um comprido uivo de prazer, o som do lobo. Seu pênis ereto parecia inchar-se, fazendo gestos a Xandi. Ela estendeu uma mão e o agarrou, sustentou-o com firmeza, pressionando a dura pele, movendo o pênis de Antón ao mesmo tempo em que se produziam os profundos e penetrantes golpes de Stefan, enquanto ainda tinha a mão esquerda dentro da vagina.

Antón; ficou tenso, justo quando Stefan gritava e se movia para frente, quase derrubando Antón. Xandi observou os espessos jorros de sêmen salpicando o tapete diante de Antón enquanto ele tinha um orgasmo, sabia que Stefan tinha enchido o outro homem com sua própria ejaculação. Ela soluçou com seu próprio orgasmo, sentiu os músculos apertando seus dedos e ansiou que tivesse sido o pênis de Antón, o de Stefan, ou de qualquer dos homens aos que ela amava.

Ofegando, com os braços tremendo, Antón desceu com cuidado ao chão, afastando-se de Xandi. E em um segundo, tudo criou sentido. Por que não o tinha notado antes? Sacudiu a cabeça e sorriu, primeiro a Stefan, logo a Antón. Deixou que seu olhar se detivesse no feiticeiro.

— Está bem — disse ela, em voz bastante alta, por isso ambos os homens elevaram o olhar —. São idiotas. Já é suficiente. Por fim o compreendi, sabem? Esta é a última vez. Já não mais.

Antón entreceitou os olhos e a observou. Stefan ainda parecia um pouco aturdido.

— Não o compreendem, não é verdade? — disse ela, balançando-se sobre os pés —. Todo este assunto da dominação. Você, Antón, saltando sobre o Stefan quando ele já o desejava. Agora Stefan me salvando do impulso selvagem de Antón. Tudo são tolices. — limpou os dedos úmidos no tapete — Ambos têm muito medo de admitir o que realmente desejam. Não entendem? — Olhou Stefan e logo a Antón — Se amam. Desejam-se. Isso não os faz menos varonis nem menos do que são. Faz-lhes mais.

Deixem de se esconder detrás de todas estas idiotices de macho e façam amor do modo que querem fazê-lo.

Xandi ficou de pé e apoiou ambas as mãos sobre os quadris.

— Ambos precisam tomar um banho. Juntos poderia ser uma boa forma de começar. Logo precisam passar um tempo juntos, superar seus traumas. Aprendam a se acariciar com amor, não sob uma suposta rixa. Enquanto isso vou correr. Sozinha. Voltarei em algumas horas.

Mudou antes que tivessem tempo de reagir, adotando sua forma lupina com todo seu aroma a almíscar e os poderosos feromônios, sabendo que nenhum dos homens teria a energia para ir atrás dela. Correu pelo comprido corredor e atravessou a porta aberta, em direção à liberdade do escuro bosque.

Retornou ao redor da meia noite, quando a lua crescente se encontrava no alto do céu e a luz se projetava das grandes janelas do quarto. Antón e Stefan deviam estar acordados. Mudando para sua forma humana, Xandi foi direto ao quarto que compartilhava com Stefan. A grande cama estava vazia. Era o que esperava.

Ela sorria e cantarolava quando se meteu na ducha. Havia uma coisa a mais que devia fazer antes de pôr fim a essa noite. Uma coisa a mais antes que começasse um novo dia.

CAPÍTULO 10

Xandi secou o cabelo e vestiu um roupão de seda leve. Deixou sair um pequeno suspiro de lamento pelo maravilhoso vestido que tinha posto antes, pela dedicação com que se preparou para seu papel de sedutora. A inesperada resposta de Antón ao seu aroma enquanto ela ainda conservava sua forma humana a tinha assombrado, mas não a tinha surpreendido.

Ele tinha admitido na semana que fazia anos que não estava com uma mulher. Ao tomar Stefan, no que tinha sido mais uma demonstração de domínio que de luxúria, Antón tinha quebrado seu celibato. Ela se perguntava se Stefan se dava conta de que ela tinha organizado suas relações amorosas essa noite para aliviar suas tensões sexuais antes do jantar com o Antón para compartilhar seu amor.

As coisas poderiam ter se descontrolado facilmente durante o jantar. Como tinha acontecido, tudo tinha sido perfeito, apesar de não ter sido de tudo planejado. Sorrindo, Xandi ajustou o cinturão do roupão e caminhou descalça pelo comprido corredor. Sua vida tinha dado alguns giros estranhos nas últimas semanas.

A imagem do poderoso corpo de Stefan pressionado contra o igualmente forte corpo masculino de Antón invadiu sua mente. Seus mamilos se endureceram e notou a mudança de temperatura e

umidade na vagina. Um perfeito exemplo. Ela nunca tinha pensado que ver dois homens tendo relações a excitaria. Essa noite, excitou-se quase sem sequer masturbar-se no momento em que Stefan penetrou Antón.

Xandi se deteve poucos metros da porta fechada da sala de jantar e abriu sua mente. Podia receber ambos os homens no outro lado. Sentia a sutil mudança de poder. Stefan mantinha seu recentemente domínio ganho sobre Antón. Sem dúvida, a noite de descobrimento sexual não tinha terminado quando ela abandonou a casa, mas tinha deixado Stefan no comando. Com um sorriso nos lábios, Xandi abriu a porta. Antón havia dado conta de que sua noite de exploração ainda não tinha chegado a seu fim?

Pois bem, ela o estava fazendo pelo bem da manada, ou não? Sorrindo ainda mais, Xandi entrou na sala de jantar.

Antón e Stefan estavam sentados perto do fogo, segurando copos de conhaque. Ambos os homens estavam vestidos de maneira informal, com as camisas sem abotoar e pendurando por fora das calças. Stefan tinha escolhido uma poltrona de pele. Antón estava sentado sozinho em um dos extremos do comprido sofá de pele escura. Xandi notou as mordidas no pescoço de Stefan, marcas vermelhas como as que ele estava acostumado a deixar no seu pescoço quando faziam o amor. O nível de relaxamento dos dois homens era alto. A penetrante sexualidade entre eles era sensual e sedutora.

Graças a Deus, ela tinha ido correr umas horas para pensar nas coisas. Era muito mais fácil tomar decisões como um lobo. Sua educação civilizada e os costumes de classe média se desvaneciam no puro e elementar mundo de uma criatura da noite.

Stefan foi o primeiro ao notar sua presença, detendo-se na metade de um gole, sua taça de cristal com conhaque inclinada contra o lábio inferior. Sorriu.

— Retornou. Antón e eu estávamos nos perguntando se devíamos ir buscá-la.

Não havia censura em sua voz.

— De fato, íamos atirar a moeda. O ganhador iria te buscar. — Havia tal olhar de desejo nos olhos de Antón que fez um nó no estômago de Xandi.

Mais tarde. Haveria tempo para isso mais tarde.

Stefan serviu um copo do licor âmbar e o ofereceu. Xandi se sentou junto a Antón, olhando para Stefan.

— Precisava pensar — disse ela, bebendo um gole. O conhaque desceu por sua garganta como um fogo dourado. De repente, seus pensamentos foram ainda mais claros do que tinham sido antes — Esta foi uma semana assombrosa. — Contemplava o fundo da taça — Vim aqui com Stefan, procurando respostas para ele. Em troca, encontrei respostas às perguntas que me assediaram toda a vida.

Pergunta sobre meus desejos, minhas necessidades... Minha natureza básica. Também notei que muitas coisas que considerava verdadeiras foram contra meus sentimentos mais íntimos.

Levantou o olhar, sorrindo tanto a Antón como ao Stefan.

— Aprendi, mais graficamente, que o amor, o amor emocional e sexual duradouro que todos necessitamos e ansiamos, não é sempre entre um homem e uma mulher. Pode ser igual e intenso entre dois homens. — Fez uma pausa, esperando expressar seus pensamentos com as palavras adequadas — Ou, uma mulher e dois homens.

Stefan assentiu, animando-a a seguir. Ela girou para o Antón e viu a esperança em seus olhos.

— Faz somente uma semana que o conheço, Antón, mas o vínculo entre nós é forte. Instintivo, quase. Imagino que é o lobo em mim quem entende isto. Com segurança, a mulher humana não poderia compreendê-lo, apesar de que senti o vínculo com Stefan na primeira noite que nos conhecemos, inclusive antes de ter visto seu rosto. — Sorriu e inclinou a cabeça para seu amante — A propósito, disse quanto o seu rosto é belo?

Seu suave sorriso temperou a atmosfera ainda mais.

— Se alguém houvesse dito que me excitaria ao ver dois homens fazendo amor, e isso é exatamente o que fizeram, apesar dos jogos de domínio e prazer, teria negado. Se alguém tivesse sugerido sequer que eu desejaria ser parte desse amor, teria pensado que estava louco. Estava equivocada.

Suspirou e sacudiu a cabeça com o coração a ponto de explodir pelas assustadoras emoções, as suas e as deles.

— Amo a ambos. Noto que preciso de ambos. Pode chegar o momento, à medida que nossa manada aumente, em que deseje a outro casal também. Igual a vocês. Já seja o lobo em mim ou simplesmente quem sou, dou-me conta de que esta é minha nova realidade. Espero que possam aceitá-la... Me aceitar.

Stefan deixou sua taça vazia, ficou de pé e se inclinou sobre Xandi.

— Eu a amo — disse, beijando com delicadeza seus lábios. Girou para o Antón e deslizou a palma da mão acariciando o rosto do feiticeiro, percorrendo a suave queda de seu cabelo, até seu ombro —. Também amo você. A ambos, em igual medida. Mas foi um longo dia para mim, e imagino que os dois têm muito que falar. — Fez uma pausa e piscou os olhos para Xandi — Boa noite. Os verei pela manhã, não antes. — Sem nenhum sinal de inibição, Stefan se inclinou e beijou na Antón na boca, voltou a lhe apertar o ombro e abandonou a sala.

A expressão de Antón foi de pura incredulidade quando levantou o olhar e contemplou Xandi. Ela esteve a ponto de rir a gargalhadas, mas em troca, bebeu o último gole de seu conhaque e se

aproximou de Antón.

— Pelo bem da manada? — perguntou ela, tomando sua mão — Esse não foi o motivo que me deu para explicar as relações poliândricas dentro da manada de lobos. É mais que isso, Antón, eu o amo. Você tem feito o possível para que eu e Stefan, por fim conhecêssemos nossa verdadeira natureza. Você nos tem devolvido nossas vidas. Esse é um presente que não tem preço.

Antón ficou em pé. Seu ágil corpo se movia com a graça de um bailarino. Observou Xandi com atenção. Seus olhos de cor âmbar brilhavam de desejo e a comissura da boca estava curvada para cima com um leve sorriso.

— Sinto como se tivesse ficado preso em meu próprio jogo. — a cabeça enquanto pousava ambas as mãos sobre os ombros de Xandi — Entretanto, não é um jogo, Alexandria. Fala sério? Seu aroma está me deixando louco. Graças a Deus que Stefan me deteve esta noite, ou teria te violado sem pensar em sua condição humana, ou em suas próprias necessidades e desejos. Agora mesmo, se Stefan e eu não nos tivéssemos esgotado fodendo... Fazendo amor, estaria rasgando este roupão de seus ombros e me colocando em você, desejando-me ou não.

— Ah, mas sim o desejo. — Xandi cruzou os braços ao redor do pescoço de Antón e ficou na ponta dos pés para beijá-lo — Só que o desejo sob minhas condições, ao meu modo... Ao menos esta primeira vez. Tomo meu papel como fêmea alfa bastante a sério. — Ela provou a união de seus lábios com a ponta de sua língua, inundando-se quando ele os separou para ela. Os braços dele se ajustaram ao redor de suas costas, e ela sentiu o grande vulto de seu pênis pressionando seu ventre.

Não era Stefan; entretanto, a necessidade que sentia, o desejo pelo Antón, era quase idêntico. Baixou os ombros para que ele pudesse tirar seu roupão, e quando esteve completamente nua, parou diante dele e seu corpo lhe ofereceu o tipo de convite luxurioso que sabia que ele necessitava.

Antón se sentiu imerso em algum tipo de estado de sonho. Durante cinco longos anos só tinha pensado em Stefan, na tortura que o jovem mago vivia devido a sua falta de disposição para aprender, de sua própria reação sexual e quase visceral cada vez que estava perto do jovem. O confronto que tinham tido há uma semana o tinha deixado insatisfeito, zangado por sua própria falta de controle. Não tinha podido ler os verdadeiros sentimentos de Stefan. Tinha esperado não ter quebrado a vontade do outro homem ou, inclusive pior ainda, inimizar-se com um dos poucos que ficavam de sua própria espécie.

Agora essa mulher, essa mulher perfeita, sensual e inteligente, não só aceitava à besta dentro dele, a não ser, além disso, a que estava em seu interior. Sua boca se movia sobre a dela. As mãos acariciavam a suave e acetinada pele das costas. Era perfeita. Era tudo o que tinha sonhado.

Ela era chanku. Ele lutou contra a necessidade de mudar, de apoderar-se dela como lobo.

Controlou sua necessidade para submeter à vontade dela. Ela tinha se devotado em sua forma humana. Ele devia respeitar isso, sem importar o quanto difícil fosse. Percorreu-lhe as costas com as mãos e suspirou contra sua boca. Sua forma humana era em realidade muito agradável.

As mãos dela se deslizaram pela frente de sua camisa até retirá-la de seus ombros. Ele a tirou com rapidez, logo empurrou suas calças. Mas tinha esquecido seus sapatos. Rindo, sentindo-se ridículo e tolo, terminou com o traseiro no chão, observando Alexandria.

Essa vista não era desagradável absolutamente. Ela parou frente a ele com as pernas completamente abertas e as mãos sobre os quadris, lutando para conter a risada e fingindo olhar para baixo enquanto ele estava sentado no chão enredado nas calças. Os carnudos lábios de sua vagina faziam uma careta entre o arbusto de cachos ruivos, e seu aroma se apoderou das fossas nasais dele. Sua essência o excitava até o extremo.

Quase em transe, sentiu que seu sorriso abandonava seus lábios enquanto tirava as calças e os sapatos dos pés com um só movimento. Logo se inclinou para prová-la com sua boca. Os dedos dela se enredaram em seu cabelo enquanto a acariciava na suave pele do ventre com a língua, mas ela gemeu em voz alta quando lhe roçou o clitóris, que aparecia apenas entre o arbusto de pelo suave.

Estava excitada. Muito excitada. E seu gosto era doce e succulento, temperado com a essência de seu momento, seu cio. O lambeu os grossos lábios, chupando e sugando a torcida carne, consciente de que sua excitação liberava fluídos lubrificantes, preparando-a para sua união.

As pernas lhe tremiam e com as mãos colheu com força o cabelo dele. Tremendo para soltar-se de suas mãos, Antón ficou de pé e a tomou em seus braços, levantando-a como se não pesasse nada. Ela cruzou os magros braços ao redor do seu pescoço e sorriu.

Levou-a até o comprido sofá em frente ao fogo e a apoiou sobre uma suave manta. Era perfeita, uma mulher diferente a todas as que tinha conhecido. Uma fêmea de sua própria espécie.

Alexandria sorriu, deixou os braços estendidos para recebê-lo. Antón se colocou entre suas pernas, e seu pênis estava tão duro e sensível que parecia estranho a ele, como se outro ser lhe tivesse outorgado seu sentido de luxúria, de desejo profundo e carnal por uma mulher de seu tipo.

Pela Alexandria. Os pensamentos sobre Stefan, sobre alguns dos casais que poderia ter conhecido em seus cinqüenta anos, desvaneceram-se. Só estava Alexandria e seus lábios, sua vagina recebendo-o, lhe rogando que ingressasse.

Quando moveu o pênis para encontrá-la, quando tocou seu úmido centro, quase chorou. Esse era o sentimento que tinha ansiado, a confirmação pela que tinha rogado. Por todo seu poder como feiticeiro, como lobo, como mentor e como Mestre, isso era a única que tinha escapado: a união

perfeita de macho e fêmea, de lobo alfa e seu par.

Em sua mente, sabia que pertencia a Stefan, mas estava outorgando esse tempo, esse momento, sem pensar em nenhum outro macho. Antón encontrou a entrada e empurrou forte e profundo, logo se manteve ali, intensamente enraizado em sua quente e úmida passagem. Seus fortes músculos vaginais apertavam o pênis, afligiam-lhe os sentidos com o aroma de seu calor e de seu cio. Desta vez compartilhavam o momento.

Isso era o que em realidade significava ser parte da manada: se unir com a fêmea alfa. Sentia vontade de chorar, de inclinar a cabeça em sinal de agradecimento pelo presente, mas se retirou pouco a pouco e a encheu uma vez mais. Ela levantou os quadris, recebendo-o, e ele encontrou seu ritmo, o ritmo dos dois, até que os únicos sons foram os golpes do ventre contra seu púbis, seu fôlego e o dela, os suaves gemidos, os ofegos, os batimentos do coração acelerados do coração dela, os fortes batimentos do coração dele, e ambos alcançaram o clímax e encontraram juntos o final, unidos em um só pulsar de coração, um golpe final, um só suspiro e um gemido.

Quase em transe, Antón se sustentou sobre Alexandria com os quadris apertados com força entre suas pernas e o pênis profundamente enterrado em sua vagina. Seus músculos se contraíam ao redor dele a um doce ritmo, e ele sentiu seu sêmen enchendo-a. Não haveria filhos. Aceitava isso. Ela estava comprometida com Stefan. Sabendo isso, aceitou seu presente e o honrou. Seria uma verdadeira líder que receberia a todos na manada.

Afrouxou um dos braços e se apoiou sobre um lado. Alexandria colocou o rosto entre suas mãos, inclinou-se para ele e o beijou.

— Obrigado — sussurrou ela — Eu te amo. — Acariciou a bochecha dele com a sua, roçou-lhe o pescoço com os lábios. Jaziam juntos enquanto os batimentos de seus corações se desaceleravam, enquanto suas respirações retornavam à normalidade. Finalmente, Alexandria se levantou sobre um cotovelo e o beijou —. Preciso dormir um pouco — disse — foi um longo dia. Vem comigo, por favor. A cama é grande, e sei que Stefan está esperando.

Antón se inclinou para trás. Tinha que vê-la, tinha que saber que ela não estava brincando com ele.

Seus olhos cinza o observavam com atenção. Ele se moveu para um lado e se sentou. Alexandria se deslizou por debaixo dele e segurou sua mão. Não havia subterfúgio, nenhum sentimento de ciúmes, nada para fazê-lo sentir outra coisa mais que ser querido. Desejado.

Antón apertou os dedos de Alexandria e se levantou para parar junto a ela. Ela puxou sua mão, conduziu-o pelas escadas e foi a largos passos pelo corredor até seu dormitório. O quarto onde Stefan os esperava.

Melhor que qualquer sonho que ele poderia ter tido, mais potente que qualquer fantasia... Isso era real. Essa era a maneira que tinha esperado que acontecesse; tinha-o esperado, mas nunca o tinha sonhado. Apertando os dedos ao redor da pequena mão de Alexandria, Antón a seguiu até Stefan.

PARTE III

ANTÓN

CAPÍTULO 11

Antón despertou entre um batimento de coração e outro. Estava recostado na escuridão, rodeado pela calidez das duas pessoas que mais amava no mundo. Stefan enroscado junto a ele em sua forma lobina, e Alexandria, toda uma mulher cálida e sensual, estendida sobre seu torso. Seus suaves lábios, levemente separados entre sonhos, descansavam contra seu ventre.

Antón escutava o constante batimento de seus corações, a reconfortante corrente de sangue em suas veias, e soube que algo mais o tinha tirado de seu sono, uma mudança no ar, uma sensação de inquietação em sua mente.

Quase duas semanas de sonhos estranhos e intermitentes. Agora três noites seguidas. Não podia culpar a comida do Oliver por três noites de sonhos estranhos.

Fechou os olhos e se concentrou. Fez que seus sentidos transcendessem o alcance humano para chegar a essa parte dele que sempre permanecia lobo.

Nada.

Uma persistente sensação de inquietação, a lembrança visceral de um grito terrível? Não estava seguro. A sensação se desvaneceu. Suas pálpebras se tornaram pesadas. Acariciou o alvoroçado cabelo de Alexandria, colocou a outra mão no peludo ombro de Stefan e voltou a dormir.

* * *

Keisha Rialto observou suas firmes mãos e tentou desesperadamente acreditar em seu terapeuta. A suave voz da mulher, treinada para tranquilizar e consolar deslizou-se por seus tensos ombros sem o efeito desejado.

— Estes sonhos são uma manifestação de seu aborrecimento, seu temor... E sua dor. Você apagou o pior do ataque. É assim como a mente nos protege. Você não matou esses homens, Keisha, sem importar o que seu subconsciente queira te fazer acreditar.

A doutora Wilson, a terapeuta, aproximou-se e apoiou uma mão consoladora sobre o ombro de Keisha.

— Estamos tratando dois incidentes separados. Que tenha te golpeado e violado não tem nada a ver com o fato de que um bando escolhesse esse momento em especial para atacar os homens que lhe fizeram mal. Apesar de não ter sido deliberado, esse ataque pode ter salvado sua vida. Foi uma desafortunada testemunha de um brutal triplo homicídio, mas independentemente de quão poderoso seja para você acreditar, não foi você que matou esses homens que a atacaram. Foram assassinados por cães desumanos, animais treinados como armas.

A doutora Wilson fez uma pausa, e seu gole afogado pôde ouvir-se na pequena sala, sua voz foi apenas um sussurro:

— Cães horríveis e desumanos.

Keisha levantou a cabeça e observou o olhar de horror no rosto da terapeuta. Sabia que a mulher tinha visto fotografias do apartamento, sabia com exatidão quão terrível tinha sido a cena. A doutora Wilson devia estar recordando aquelas imagens nesse momento. O massacre estava impresso na mente de Keisha com uma dura clareza que não tinha podido esquecer: imagens dos corpos rasgados e ensangüentados de três homens, os homens que a tinham mantido cativa e a tinham violado uma e outra vez, que a tinham submetido a atrocidades inimagináveis durante um período de doze horas.

Mal tinha recuperado a consciência quando a polícia ingressou pela porta; entretanto, as imagens desses corpos viscerados e mutilados estavam gravadas a fogo em sua mente. O apartamento coberto de sangue, ela esmurrada e ensangüentada, seu cabelo que antes tinha estado trançado com força pendurava enredado e empapado de sangue ao redor de seu rosto. A polícia estava assombrada de que os cães não a houvessem tocado. Tinham matado a seus atacantes no que devia ter sido uma voragem de terror, sem ferir a Keisha.

As imagens eram típicas dos pesadelos, mas seus pesadelos eram piores. Em seus sonhos, ela era a assassina. Cada noite se repetia as mesmas imagens: ela ficando de pé, voltando-se para seus atacantes, convertendo-se em um grande lobo, um agente inteligente da morte, com garras, dente e poderosos músculos.

Ainda tinha o sabor do sangue quente na boca, sentia o prazer da matança, a emocionante satisfação dos fortes dentes rasgando os pescoços, das poderosas garras rasgando os corpos dos que a tinham ferido. Cada noite repetia os atrozes atos, ações que não eram mais aceitáveis pelo fato de que os homens virtualmente a tinham matado com sua agressão.

Fez um gesto desesperado para a terapeuta.

— Sei que o que está dizendo deve ser verdade, mas os sonhos não desaparecem. Se houver algo que fazem é tornarem-se mais claros, mais gráficos... Como se em lugar de um sonho, se tratasse de uma lembrança. — Keisha segurou a mão da doutora e a sustentou como se agarrasse uma corda de salvação. Seus dedos morenos contrastavam com a pálida pele da outra mulher — Ontem à noite despertei no jardim. Estava nua, e tinha os braços e as pernas arranhadas. Arranhões, como se estivesse estado correndo entre densos arbustos. Tenho lembranças vividas de ter atravessado o Golden Gate Park; só que não era humana. Era uma loba.

A doutora Wilson piscou com surpresa e observou suas mãos.

— Deus! Não tinha mencionado sonambulismo, apesar de que o sonambulismo é bastante comum durante os períodos de extrema tensão. Aconteceu antes?

Lentamente, Keisha soltou a mão da terapeuta.

— Não estou segura. Ao menos outras duas noites. É a única coisa que sei. Olhe meu cabelo!

Com expressão de total confusão, a mulher observou Keisha.

— O que aconteceu com seu cabelo?

—Um cabeleireiro o trançou. Supõe-se que dura ao menos algumas semanas. Cada manhã depois do sonho, as tranças aparecem desfeitas. Sempre foi muito encaracolado, mas está se tornando mais liso. Cresceu. O que está acontecendo comigo? O que vou fazer?

Piscando, indubitavelmente sem palavras, a doutora observou suas notas.

— Você retornou ao trabalho?

Keisha sentiu uma sutil retirada, a luta da mulher para não perder a objetividade profissional.

— Vejo que é uma arquiteta paisagista matriculada. Fez pós-graduação em... — Fez uma pausa para revisar as notas —. Ah, aqui está, em arquitetura paisagista com especialização em desenho, com grande experiência em botânica. — A doutora Wilson sorriu docemente a Keisha e segurou sua mão com firmeza —. Passou sete anos se capacitando para sua profissão, por isso sem dúvida deve amar o que faz. Acredito que a beleza de trabalhar com plantas e flores deve ser tão curadora como falar comigo. Vai levar tempo, querida. Não posso te pedir que esqueça um acontecimento que sem dúvida é muito poderoso para ser esquecido, mas posso te pedir que aceite o fato de que pouparam sua vida, que sua mente é forte e que sua saúde é boa. Seu corpo está se recuperando. Sua mente também sanará, e em algum momento, os sonhos desaparecerão. — Deu tapinhas na mão de Keisha — Quero que trabalhe nesses exercícios que fazia. Faz um registro de qualquer caso noturno que possa ocorrer. Só aponta o que recorde ao despertar. — A doutora Wilson se sentou para trás e cruzou as mãos sobre o colo, em sinal de que sua sessão tinha terminado — Voltaremos a falar na semana que vem.

Keisha estava parada em silêncio na esquina do Polk e Vão Ness, no coração de São Francisco, esperando o ônibus. Gente de todas as idades passava a seu lado. Alguns lhe sorriam, outros a roçavam ao passar a seu lado como se ela não existisse. Não sabiam. Nenhum conhecia o horror que tinha vivido, os temores que ainda dominavam seu coração.

Sabia que tinha um aspecto totalmente normal, sabia que projetava um ar de êxito, de controle. Tinha trabalhado duro para isso. Qualquer um que notasse sua presença veria uma atrativa jovem de cor, alta e magra, vestida com um prolixo traje de jaqueta e calça cor azul marinho, com sapatos e bolsa perfeitamente combinando e sem dúvida caros, com o cabelo trançado em forma puxada com um prolixo coque na nuca.

Nem um cabelo fora do lugar. Tudo sob controle.

Profissional, bem-sucedida... Normal.

Eles sabiam pouco.

A doutora Wilson disse que se curaria. Devia curar-se se queria ser mais que uma pálida imitação da vida.

O ônibus se deteve, e Keisha subiu. Pagou seu bilhete e se dirigiu para um assento vazio perto da metade do ônibus. Havia um periódico sensacionalista de supermercado apoiado sobre o assento, e o afastou para um lado.

A gráfica fotografia e o inclusive mais gráfico título chamaram sua atenção, deixando sua pele suarenta e o coração pulsando de forma entrecortada. Homens lobo matam violadores e perdoam a vítima.

A fotografia cobria a parte superior da primeira página, com o grunhido de um lobo raivoso sobreposto com a tinta preta e branca. Keisha o reconheceu imediatamente e soube que devia ser uma fotografia dos arquivos policiais. Os rostos e pescoços rasgados dos homens eram imprecisos, mas era óbvio que tinham sido mutilados antes de morrer. Havia poucos detalhes para identificar a localização. Ela não necessitava mais que isso.

Keisha nunca em sua vida esqueceria o imundo apartamento onde três homens tinham morrido de maneira atroz.

O mesmo lugar onde Keisha Rialto tinha perdido a alma.

Alexandria Olanet se estirou ao despertar com os olhos entrecerrados ante a brilhante luz do sol que se filtrava pelas persianas da janela. Procurou o homem que estava junto a ela e em lugar disso encontrou pelagem espessa e grossa. O grande lobo levantou a cabeça, seus olhos de cor âmbar

brilhavam à luz da manhã. Com um comprido bocejo, rodou de costas e se estirou.

As patas dianteiras se balançaram e tomaram forma, transformando-se em mãos. As patas traseiras se alargaram, trocaram, até que se tornaram lisas e musculosas, com compridos e estreitos pés. Finalmente, a cabeça lobina pouco a pouco adotou o semblante humano do homem que Xandi amava.

Ela se inclinou e lhe deu um beijo muito puro nos lábios de Stefan Aragat, um beijo que se transformou, como tinha feito com tanta facilidade seu corpo, em um pouco mais profundo, mais sensual.

Algo ansioso e demandante. Os lábios de Stefan estavam quentes e se moviam por debaixo dos dela. Sua língua procurava, explorava o espaço entre seus lábios e dentes, enredando-se com a língua dela e encontrando um ritmo que imitava as relações sexuais que os tinha mantido ocupados a maior parte da noite.

Ocupados com Antón.

Xandi se afastou pouco a pouco de Stefan.

— Onde está Antón?

— Estou aqui.

Tanto Stefan como Xandi giraram. Antón estava apoiado na porta, com a camisa desabotoada pendurando aberta, as suaves calças jeans abraçando seus magros quadris e suas fortes coxas. Segurava uma fumegante xícara de café em uma mão, um jornal na outra.

Xandi se apoiou sobre um cotovelo e sorriu.

— Levantou cedo.

Stefan se inclinou e mordiscou seu ombro.

— Por que não se une a nós?

— Por favor, Antón.

Xandi estendeu sua mão para o feiticeiro.

Ele vacilou um momento, logo sacudiu a cabeça e sorriu com a expressão de um homem que por vontade própria tinha perdido a batalha. Apoiou o café e o jornal sobre a mesinha de noite, tirou lentamente a camisa, logo abaixou o zíper do seu jeans e os deslizou por seus quadris.

Xandi lambeu os lábios enquanto o escuro arbusto de pêlo púbico dele aparecia, logo a sólida longitude de seu pênis parcialmente ereto. Diabos... Tão formoso! Seu corpo era todo seda e aço, suave pele sobre fibrosos músculos. O corpo de um predador.

Ela o tinha provado a noite anterior. Tinha provado Stefan também, dois homens de aspectos muito similares, mas sabores totalmente diferentes. Stefan era fogo e especiarias picantes, enquanto

que Antón recordava um bosque escuro e a madeira almiscarada.

Antón tirou as calças e se sentou na beira da cama. Reclinou-se sobre o ombro de Xandi e beijou Stefan, mas sua palma encontrou o seio de Xandi, e seus dedos fizeram que o mamilo dela se endurecesse. Xandi procurou o crescente pênis de Antón, suspirou e se recostou sobre os frios lençóis, entre seus dois homens.

A língua de Antón provou o lábio inferior de Stefan, logo encontrou a entrada na quente e úmida cova de sua boca. O seio de Alexandria abrangia toda sua palma, suas mãos lhe faziam coisas maravilhosas a seu pênis e a seu testículo, e a língua de Stefan batia em duelo com cuidado com a dele.

Tentou recordar o que havia o trazido para o dormitório em primeiro lugar, mas a mão de Stefan de repente encontrou seu traseiro, apertou-o com força, aproximando seu corpo ainda mais do de Alexandria. Ela moveu os quadris para segurar seu pênis com maior firmeza, e ele se moveu o suficiente para ajudá-la a guiá-lo para dentro de sua cálida vagina.

Sua boca encontrou seu mamilo, e ela sugou com força, beliscando-o quase até o ponto da dor. Stefan rompeu seu beijo justo quando Antón percebia seu suave fôlego. Ele sabia que Stefan tinha ingressado em seu ânus, pouco a pouco, por essa estreita abertura.

Antón lutou contra todo instinto que o impedia de empurrar duro e rápido dentro da mulher. Em lugar disso, manteve-se quieto, sentindo como seus músculos se contraíam e relaxavam ao redor dele, sentindo a mudança e o movimento do seu corpo enquanto acomodava o grande pênis de Stefan, assim como também ao dele, cada um encontrando um lugar por sua conta, lugares separados.

Antón sentiu o suave movimento do pênis de Stefan golpeando contra o dele. Uma excitante carreira pelo prazer puro e autêntico da quente cavidade de uma mulher que rodeava seu pênis e a incrível sensação provocada cada vez que Stefan entrava lenta e profundamente em seu ânus. Alexandria gemia e sugava mais forte seu mamilo. Suas mãos sujeitas ao redor do tórax dele enquanto encontrava seu próprio ritmo, alternando os golpes com os golpes de Stefan.

Stefan deslizou uma mão ao longo da coxa de Antón, através das costas de Xandi, logo, Xandi girou o suficiente para que ele pudesse sugar seu seio. Houve um pequeno som enquanto seus lábios detinham a sucção no bico do mamilo de Antón. Ela arqueou as costas, outorgando a Stefan mais acesso ao seu peito.

Antón se aproximou e levou seu outro mamilo a sua boca. Stefan e ele não se barbearam essa manhã. Seus queixos ásperos raspavam os pálidos seios de Alexandria enquanto cada homem os sugava e mordiscava. Antón igualou o ritmo de Stefan, entrando mais profundamente em Alexandria enquanto o outro homem se afastava, para logo retornar pouco a pouco.

Ele tinha tido fantasias deste tipo, fantasias nas que amava tanto ao homem como à mulher ao

mesmo tempo, mas nada do que tinha imaginado se aproximava da realidade. Antón colocou o mamilo de Alexandria mais profundo em sua boca e envolveu sua língua ao redor da tensa pele, sugando com força. Sentiu que ela se contraía, escutou o suave grito, enquanto seu primeiro orgasmo a chamava, sentiu o deslizamento do pênis de Stefan contra o seu enquanto o outro homem se enterrava por completo dentro de seu casal, enterrava-se tão forte e profundo que seu testículo apertaram os de Antón e seus musculosos braços o aproximaram de Antón e Alexandria em um abraço estreito e estremeecedor.

Antón deixou sua mente aberta, encontrou ao Stefan, encontrou a Alexandria, sentiu a paixão em seus corações, a cálida rajada de desejo, as múltiplas sensações do pênis do Stefan enterrado profundamente na Alexandria, a suave rajada de seu próprio pênis deslizando-se mais fundo em sua vagina.

Conectando suas mentes, Antón compartilhou as sensuais imagens que o rodeavam, o assombro de seu pênis deslizando-se contra o do Stefan, o assombro ainda maior frente ao amor de Stefan e Alexandria, um amor que fazia lugar a um homem que não tinha casal próprio.

Antón queria durar, tratou de agüentar, mas a mulher tremendo em seus braços, a cálida rajada de seus fluidos banhando seu pênis, o profundo gemido de Stefan enquanto seus testículos apertados contra si quando abraçou aos três em uma estreita, quente, estremeçada massa de pele, disparou Antón a sua própria descarga.

Arqueou as costas e entrou mais profundamente em Alexandria; sua estreita vagina era uma cavidade ainda mais estreita com o pênis de Stefan pressionando com força contra o seu.

— Muito?

— Uma vez mais... Por favor... Uma vez mais!

Ofegando, gritando, Antón sentiu que seus testículos se contraíam, sentiu o quente espiral do sêmen que dá vida queimando todo seu membro e cada espasmo e contração dentro da cavidade de Alexandria. A cabeça sensível de seu pênis encontrou a dura abertura de seu útero enquanto ele a enchia. Ela gritou uma vez mais e apertou as coxas com força contra os dele. A vagina espremeu até a última gota de seu sêmen, levando-o mais fundo, segurando Stefan, sustentando a ambos.

Amando a ambos.

Coração e mente. Corpo, alma... Apesar disso, não era suficiente.

Ela era o casal de Stefan. Ela era a líder de seu grupo. Ela somente daria um filho a Stefan. Stefan.

Sacudindo-se, ainda tremendo depois do orgasmo,

Antón se retirou pouco a pouco.

Consciente uma vez mais da razão pela qual tinha retornado ao dormitório deles em primeiro lugar.

CAPÍTULO 12

Antón se serviu de outra xícara de café e se inclinou sobre o balcão. Tanto Alexandria como Stefan, recém tomados a banho, estavam fascinados pelo artigo publicado no periódico sensacionalista de supermercado. Por fim, depois de um longo momento, Alexandria levantou a cabeça e tirou uma grossa mecha de cabelo castanho avermelhado dos olhos.

— Acha que ela é um de nós, não é verdade?

Antón assentiu.

— Despertei várias noites com a sensação de que algo estava errado. Não é um verdadeiro pesadelo, só uma estranha sensação de desassossego. Vi isto quando recolhi as provisões no dia de ontem e senti uma forte compulsão de comprá-lo.

Stefan sorriu.

— Como? E eu que pensava que este era seu habitual material de leitura... — Antón grunhiu.

— Claro... Como se gostasse de ler sobre bebês com quatro cabeças e seqüestros alienígenas. Não acredito. Este — assinalou o titular e a fotografia, e inspirou fundo — este tipo de coisa chama minha atenção. E se a mulher é o lobo? E se a tensão e o temor do ataque a obrigaram a mudar? Imaginem agora, só e traumatizada, possivelmente inclusive sem saber o que aconteceu.

— Isso é horrível. — Alexandria sacudiu a cabeça — Não posso imaginar o horror deste ataque, se for real.

Antón assentiu.

— Acredito que é real. Também acredito que é o que esteve perturbando meu sonho. Acredito que ela é capaz de mudar, e de algum jeito, percebo quando acontece. — Apoiou sua xícara de café com cuidado —. Desfrutem de seu café da manhã. Iremos a São Francisco dentro de duas horas. Será melhor que se apressem.

Xandi sacudiu a cabeça, sorrindo, enquanto que Stefan, Antón e ela abandonavam os escritórios centrais do Departamento de Polícia de São Francisco com o nome e a direção da vítima da violação.

— Seus poderes para cativar o detetive foram, sem querer exagerar, fascinantes.

Antón sorriu e piscou o olho enquanto dobrava com cuidado o pedaço de papel e o colocava dentro da carteira.

— Quando é bom, é bom. Nunca o duvide, mulher. Sou bom.

Stefan o golpeou com suavidade no ombro.

— Não seja tão presunçoso. Ele estava tão ocupado observando Xandi, que nem sequer estava emprestando atenção em você.

— Desse modo o apanhei. — Antón esfregou o peito com os dedos — O convenci de que Alexandria era a irmã da vítima e que estava desesperada para entrar em contato com ela.

— Ela é de cor, Antón. Eu não. — Xandi sacudiu a cabeça, surpreendida. Às vezes os poderes de Antón pareciam ilimitados.

Antón se deteve, com olhar sério e de algum modo retraído.

— De certo modo, querida, se tiver razão, são irmãs. Acredito que ela é chanku. Também está se recuperando de um horrível trauma. Espero que não só nos aceite como família, mas sim também nos permita ajudá-la.

Xandi deslizou sua mão ao redor do braço de Antón, segurou Stefan com o outro braço e abraçou os dois homens perto dela.

— Nos leve até ela, Antón. Descobriremos como ajudá-la uma vez que a encontrarmos.

Mordiscando uma larga fibra de grama amarelada que tinha arrancado de um vaso de barro em seu estúdio, Keisha observava sem compreender o desenho em frente a ela. O trabalho de uma vida, o desenho de um jardim comemorativo no Golden Gate Park, e tudo o que podia ver eram os olhos aterrorizados dos homens esperando sua brutal morte.

Um pequeno e sujo solo, banhado de sangue.

Um pesadelo do ponto de vista equivocado; não através de seus próprios olhos, a não ser através dos olhos de um louco predador, um lobo que se tornou louco.

Os homens mereciam morrer. Perguntava-se se poderia superar as horríveis lembranças, lembranças de seus violentos e horríveis atos, que a deixaram machucada, rasgada e sangrando. Eles tinham planejado matá-la. Sabia, sentia-o em cada parte de sua alma. Mas por que seguia acreditando que era a que tinha invertido o papel e os tinha matado?

“Impossível”.

O sol da tarde se infiltrava pelas portas francesas de sua oficina, projetando longas sombras através da desordem do lugar repleto de seus trabalhos, de sua vida. O que sempre havia lhe trazido paz agora só a distraía. Ela esfregou a testa com a suada palma da mão e conteve um soluço.

A terapia não a estava ajudando. As palavras de consolo dos amigos e colegas de trabalho só lhe recordavam que ainda seguia sendo uma vítima, que ainda a tinham que tratar com luvas de seda.

Ela não era uma vítima. Negava-se a ser uma vítima. Tinha trabalhado muito duro durante toda sua vida, tinha pago muitas dívidas, tinha brigado muitas batalhas para chegar até ali.

Seu pai podia ter sido um excelente jardineiro, trabalho que amou até o dia em que morreu, mas nunca o respeitaram por sua habilidade e conhecimentos. Ela era uma arquiteta paisagista, uma profissional matriculada, que já era reconhecida em um mercado muito competitivo. Não tinha sido fácil, e ao diabo, contudo, ela não ia perder de vista seu objetivo nesse momento.

O êxito estava perto. Os desenhos que se desdobravam ao longo de sua mesa de desenho eram a chave ao prêmio pelo que tinha trabalhado desde a primeira vez que viu um jardim desenhado profissionalmente e se apaixonou pela beleza da natureza.

A natureza forjada pela mão do homem.

“E a mão do homem a tinha privado de tudo”.

— Diabos. — Jogou o lápis no chão, ficou de pé e caminhou pela habitação. De repente, notou que estava caminhando da maneira como os lobos faziam no zoológico e se deteve tremendo.

Uma companhia repicou no andar de baixo.

— Quem diabos... ? — passou uma mão pela testa, jogou no lixo os pedaços de erva que tinha pego o costume de mastigar e alisou seu avental de trabalho antes de dirigir-se para as escadas. Olhou através da pequena mira e viu uma jovem e atrativa mulher branca no alpendre de entrada. A mulher parecia estar sozinha. Keisha abriu lentamente a porta. A mulher sorriu e estendeu sua mão.

— Senhorita Rialto? Meu nome é Alexandria Olanet.

Keisha assentiu, consciente de que lhe tinham arrepiado os pequenos cabelos da nuca. Seu coração se sobressaltou. A mão que estendeu à estranha tremia, logo se acalmou enquanto os dedos da mulher se ajustavam ao redor dos dela. Observou os dedos, apertados com força na mão da mulher, e notou uma sensação de calma e paz que não tinha sentido em semanas.

Com inocência, levantou o queixo e examinou à estranha.

A voz da mulher era suave e bem modulada.

— Você não sabe quem eu sou, e não tem nenhum motivo para confiar em mim, mas estou aqui para ajudá-la. — Sem esperar um convite, entrou no vestíbulo iluminado — Possivelmente deveria ter avisado, mas poderia ter me dito que não viesse.

Keisha retrocedeu, permitindo que a mulher entrasse ainda mais na sua casa.

— Por quê? O que quer de mim?

— Sei o que aconteceu nesse apartamento há duas semanas. Sei como aqueles homens morreram. Precisa saber a verdade.

O sangue de Keisha gelou. Apoiou-se contra a parede, com a respiração presa na garganta, e foi

a única coisa que pôde fazer para evitar gritar.

— Seria melhor que partisse antes que eu chame à polícia.

— Por favor. — Alexandria estendeu as mãos como se lhe suplicasse —. Não tento te fazer mal.

Nós somos parentes, e quero ajudar.

— Familiares? Diabos, mulher. Você é branca. Não somos mais familiares que...

A mulher não parecia estar louca. Não, era como se tivesse querido dizer o que disse. Possivelmente era um desses fanáticos religiosos que iam pela vida tentando salvar às pessoas do diabo.

— Somos irmãs de coração, você e eu. — aproximou-se de Keisha — Não sofri como você, mas sei sobre o lobo.

Sem dúvida, essa mulher estava louca.

— Que lobo? Isso é puro lixo do periódico. Foram pitbulls, cães de briga treinados, que mataram esses homens. Isso foi tudo.

A mulher assentiu.

— Sei que isso é o que você quer acreditar. Em seu coração sabe que não é assim.

— Não. — A garganta de Keisha pareceu contrair-se com essa palavra — O relatório da polícia dizia...

— O relatório de polícia está equivocado. Você matou esses homens. Mereciam morrer, e você os matou.

— Não! — Keisha retrocedeu, avançando lentamente para o telefone que estava no corredor.

A mulher só sacudiu a cabeça e suspirou.

— Teria que ter pensado nisso... Encontrar uma forma melhor de me aproximar de você... — Sorriu, quase com acanhamento a Keisha. Logo começou a derreter-se. Era a única maneira em que Keisha pôde explicá-lo. Ela se derreteu, ali, no vestíbulo de mármore do novo apartamento de Keisha.

Keisha abriu a boca para gritar. Não saía som algum. Suas pernas começaram a tremer, suas mãos estremeciam tanto que não pôde segurar o telefone, e se tivesse pensado nisso a tempo, teria fechado os olhos. Em troca, estavam completamente abertos e viu tudo, viu a formosa mulher de cabelo castanho avermelhado contrair-se, derreter-se e dobrar-se sobre si mesma, até converter-se em um montão de roupa no chão e um lobo de pé no vestíbulo.

Keisha fez o que qualquer mulher tivesse feito em circunstâncias similares.

Desmaiou.

— Possivelmente foi um pouco abrupto.

Xandi deslizou a bata de trabalho pelo ombro da jovem e afrouxou os botões superiores de sua blusa para que estivesse mais cômoda no fofo sofá de pele. Antón tinha levado o corpo de Keisha ao salão uns segundos depois dela desmaiar, reagindo imediatamente quando o grito mental de alarme de Xandi o tinha feito chegar e quase se chocar contra a porta.

Stefan estava sentado ao outro lado da sala, com os dedos pousados por debaixo do queixo. Seus olhos ambarinos estavam pensativos.

— Na realidade, não existe outra maneira. Pobre... Viveu experiências horríveis, um impacto atrás do outro. Diga-me uma maneira simples de explicar que ela também é um lobo que troca de forma, que matou sem piedade e devorou parcialmente três homens. Em minha opinião, meu amor, tem-no feito bastante bem.

Xandi retirou alguns cachos do escuro cabelo de Keisha de seus olhos. As pálpebras da mulher vibravam, mas permaneceram fechadas. Xandi suspirou e sacudiu a cabeça consternada.

— Descobri minha herança em um mundo cheio de amor. Keisha não teve essa opção. Foi obrigada, com violência. Seu corpo ainda não se recuperou do ataque, sua mente não o aceita. Temos que proceder com mais cautela com ela. Em realidade, coloquei tudo a perder.

Antón se aproximou, deslizando-se em silêncio até um lugar junto ao sofá. Ajoelhou-se junto à mulher inconsciente. Seu comportamento inteiro era de inquietação e preocupação.

— É tão formosa, está tão assustada. Não compreende nada disto. Ela quer... É muito inteligente, está muito aberta a novas idéias, mas tudo isto a aterroriza.

— Como sabe? — Xandi agarrou Antón pela mandíbula — Tentei lê-la, mas sua mente está fechada a mim. Compreende seus pensamentos?

— A esta distância, sua mente está virtualmente fundida com a minha. — Antón retrocedeu sobre seus pés, mas sua palma ainda penteava o cabelo de Keisha — Acredito que tivemos um vínculo parcial durante as últimas semanas, daí os sonhos que me mantinha acordado. Percebo seus pensamentos, seus temores. Está aterrorizada pela verdade, teme que o que lhe disse seja o que realmente aconteceu. Não o deseja. Não é violenta por natureza, ou isso é o que ela acha. Por isso a idéia do lobo em seu interior lhe resulta tão aterradora.

— Pode acalmá-la? — Xandi examinou o rosto da mulher. Era quase como se tivesse sido apanhada no meio de um grito; sua mandíbula estava rígida, seus lábios torcidos —. Sigo pensando que estaria mais cômoda com uma mulher, em especial depois do ataque que sofreu, mas não se não podermos nos conectar. Pode ajudá-la, Antón?

O assentiu com a cabeça.

— Me deixem sozinho com ela. Pegue Stefan e vão ver a cidade. Golden Gate Park está somente

a um quarteirão de distância. Desfrutem dos jardins... O que for. Não tentem contatar comigo. Preciso de tempo a sós com ela.

Xandi assentiu. Stefan ficou de pé e estendeu sua mão, que ela segurou e o seguiu até a porta.

— Demoraremos perto de uma hora, Antón. Tem o número de meu celular se estivermos muito longe para uma conexão mental. Se precisar de nós antes disso, é só me chamar.

“Só me chamar”. Palavras tão simples, mas tão especiais para um homem que tinha passado a maior parte de sua vida sozinho. Antón acariciou o ombro de Keisha, mas seus pensamentos seguiram o casal que caminhava pelo comprido corredor. Stefan e Alexandria. Casal, amantes, duas pessoas com suficiente amor para compartilhar não só seus corpos, mas também seus corações e almas com um solitário como Antón.

Quem diria? Ele emitia paz, calidez, calma e satisfação à mulher inconsciente, mas parte de seus pensamentos permaneciam com Stefan e Alexandria. Não estava com ciúmes do que eles tinham descoberto, mas queria o mesmo para ele.

Percebia seu amor e suas risadas, sua preocupação pela Keisha, inclusive sua preocupação por ele, enquanto passeavam pelas transitadas ruas de São Francisco. Sorrindo, desfrutando de sentimentos ainda muito novos para ele, retornou sua mente à mulher inconsciente. Era formosa. Sua pele era muito escura, de cor marrom café, com cabelo negro e grosso, trançado em prolixas e pequenas fileiras de tranças que nasciam da frente.

Desejava que abrisse os olhos. Não os tinha visto ainda, perguntava-se se eram da mesma cor âmbar que os de Stefan e o dele, ou cinza escuro como os de Alexandria. Sem importar a cor, sabia que seriam perfeitos.

Tudo o que era referente a ela o chamava gritos.

Chanku.

Antón levantou o olhar ao céu para uma breve oração de agradecimento. Ele a tinha encontrado, e ela sobreviveria. Quantos de sua espécie havia lá fora, perdidos e assustados, sem conhecer o poder que estava além da ponta de seus dedos?

Sem conhecer a sensação de irmandade, de família?

Tentou concentrar-se em imagens específicas em sua mente, mas só encontrou uma litania mesclada de temor, fotografias de pesadelos com os rostos de seus seqüestradores, a habitação ensangüentada e os corpos rasgados, tudo misturado com a beleza de seu trabalho e os jardins exuberantes que tinha desenhado.

Tomou as frágeis mãos dela entre as suas, concentrado em seus pensamentos e emitindo um

sentimento de pertencer, de irmandade, de paz e aceitação.

Sentiu sua leve piscada de consciência, a tensa reação de temor, logo a escutou suspirar com tranqüilidade. Sua língua se deslizou entre seus lábios, e primeiro lambeu o superior, logo o inferior, umedecendo-os. Antón pensou que seu coração se deteria enquanto ela, lenta e cuidadosamente, abria os olhos.

Antón sorriu quando reconheceu o brilho verde nas profundidades cor âmbar. Os seus olhos eram realmente os olhos de um lobo.

Levou-lhe um momento concentrar-se, e ele utilizou todos seus truques mentais nesse breve lapso para tranqüilizá-la, para fazê-la se sentir segura e protegida. Sentiu como a tensão desaparecia de sua mão e sabia que estava funcionando, ao menos por enquanto.

— Você está bem?

Antón manteve seu tom de voz baixo e profissional. Conservou uma mão firme, mas reconfortante sobre a mão dela.

Keisha retrocedeu no sofá e se sentou, olhando a seu redor como se tratasse de encontrar ao lobo, mas deixou sua mão dentro da mão dele. Segurou-a, de fato, como se fosse uma corda de salvamento.

— Quem...?

Ela observou suas mãos, e logo a Antón.

— Sou um amigo. Pode confiar em mim. Os outros se foram. Pedi-lhes que nos dessem tempo. Sei que tem muitas perguntas. — Antón acariciava sua mão enquanto emitia pensamentos tranqüilizadores —. Alexandria se sentia muito mal por ter te atemorizado, mas sabia que não havia outra maneira de te convencer.

— Quer dizer... Realmente vi o que acreditei ter visto? A mulher se converteu em lobo? — Sua voz chiou ao dizer a palavra.

Antón sorriu.

— Sim, viu-a converter-se em lobo. Não foi um truque de salão, não foi um produto de sua imaginação. É algo que todos nós podemos fazer.

— Nós quem? — Com cuidado, Keisha retirou sua mão da de Antón.

Com pesar, ele a deixou ir.

— Chanku. Todos nós somos dessa raça, uma raça antiga, você e eu, meu amigo Stefan e a mulher que viu, Alexandria. Também há outros, embora ainda não os localizei. Antes de ter lido o artigo no periódico, percebi sua existência. A história do periódico sensacionalista só me indicou o caminho correto.

Keisha o observou como se ainda pensasse que ele poderia estar completamente louco. Antón permitiu que seus pensamentos invadissem sua mente.

— Possivelmente isso te ajude. Nossa gente pode comunicar-se a curtas distâncias com o poder da mente, a distâncias mais longas sob certas circunstâncias. Sei que pode me ouvir. Olhe a veja se pode me responder.

— Foda — Keisha sacudiu a cabeça — Te ouço em minha cabeça.

— Podes me falar deste modo também. Tenta.

— Como?

Sua simples pergunta tocou sua mente, uma carícia erótica como uma pluma percorrendo seus sentidos. Antón estremeceu pelo breve contato.

— Simplesmente assim.

Seus olhos se arredondaram e abriram ainda mais.

— Quer dizer que pode me ouvir do mesmo modo que eu posso te ouvir? Como é possível que nunca tenha podido fazer isto antes?

— O mais provável é que ninguém estivesse te escutando. Agora acredita em mim?

— Pois bem, estou começando a acreditar que você está totalmente louco ou que eu estou. — Ela sorriu.

Antón notou que estava tão apanhada na magia da telepatia, que tinha esquecido seu temor. Ele a tranquilizava em silêncio, construía seu sentido de lucro.

Nunca tinha visto alguém tão bela, nem sequer Alexandria em toda sua glória lobina. O disse, permitiu que Keisha se visse através de seus olhos; pele como seda escura, olhos de cor âmbar, brilhantes e cautelosos, uma boca exuberante e sensual que rogava ser beijada, seios que queria acariciar e provar.

Keisha arqueou uma sobrancelha e se separou dele. As veias de seu pescoço se agitavam com o acelerado pulsar de seu coração. Antón sentiu seu temor e pôs freio imediatamente a seus sensuais pensamentos.

— Sinto muito. Isso esteve fora de lugar.

Ela o observou, obviamente duvidando se merecia sua confiança.

Ele sacudiu a cabeça, estendeu sua mão em sinal de desculpa.

— Sinto muito. Não tenho direito, em especial depois do que viveu. É uma mulher formosa, e permiti que meus pensamentos se desencaminhassem um pouco. Os chankus são uma raça muito sensual.

Keisha se mordiscou o lábio superior por um momento, logo pareceu tomar uma decisão.

— Me conte mais sobre esta raça antiga. Sou de descendência africana; isso eu sei, cem por cento. Posso localizar meus ancestrais na Costa do Marfim em meados de 1700. Meus pais já faleceram, mas pelo que sei, não há pessoas brancas em minha herança. Como posso ser parte de outra raça que nunca ouvi falar?

— Não sei. Em algum lugar de seu passado se encontra o sangue chanku. Não existe muita informação sobre a raça, mas sinto que é muito forte em você.

Antón ficou em pé e caminhou pela habitação, recolhendo seus pensamentos.

— Inteirei-me de minha própria herança quase por acidente. Eu era um mago, um muito bom. Queria mais. Queria ser um verdadeiro feiticeiro, um perito nas artes ocultas. Para obter este objetivo, estudei. Fui a bibliotecas por toda a Europa, li pergaminhos em suas línguas antigas, inundei-me nas escrituras de eruditos e profissionais da feitiçaria.

Ele se recostou contra a beira da grande mesa, cruzou os tornozelos e cruzou os braços ao redor de seu forte peito.

— Grande parte disso é pura e absoluta estupidez. Inclusive o antigo. Entretanto, algumas das coisas que aprendi me levaram ao Tíbet, onde me permitiram acessar a alguns velhos registros de antigas civilizações. Havia uma só referência que chamou minha atenção. Era a palavra chanku. Senti como se essa palavra abrisse uma parte secreta de minha mente. Literalmente, fiquei paralisado.

CAPÍTULO 13

Keisha compreendeu a parte sobre ficar paralisada. Observar a esse homem muito belo caminhando de um lado a outro do salão como se fosse sua própria casa era uma experiência surrealista. Embora não podia controlar o intenso temor aos homens quando ele se aproximava o suficiente para tocá-la, certamente podia admirá-lo do outro extremo da habitação.

Um escuro arbusto de cabelo lhe caía mais abaixo do pescoço, e seus olhos eram do mesmo incomum tom âmbar que os seus. Tinha as maçãs do rosto altas e a mandíbula escurecida de um modelo, e se movia com a graça de um bailarino, longos membros e corpo magro. Tinha ombros largos que estendiam as costuras da camisa que usava. Os músculos se esticavam ao longo de seus braços e através de seu peito. Ela era alta, mas ele era muito mais alto, muito mais forte.

Perguntava-se se alguma vez poderia permitir que um homem voltasse a aproximar-se dela. A imagem dos seqüestradores se apoderou de repente de seus pensamentos, e estremeceu.

— Você está bem?

Antón se ajoelhou em frente a ela. Seu olhar era de preocupação e compreensão.

— Sim... Só estava pensando...

Os pensamentos se desvaneceram. O coração lhe pulsava com força, enquanto Antón se aproximava. Ele sorriu e se afastou.

— Está bem. Respeito sua necessidade de espaço. Quero que saiba que nunca te farei mal. Nenhum de nós o fará. Nós compreendemos seu temor. Com o tempo, o faremos desaparecer.

— Não sei se alguma vez voltarei a ser a mesma!

Antón ficou de pé, ainda sorrindo, como se o grito de Keisha nunca tivesse entrado em sua mente.

— Uma vez que compreenda completamente os chankus, se dará conta de que não terá que temer nunca mais. Descobrirá novas forças dentro de si mesma e dentro dos laços que compartilha com outros de sua espécie. Estamos muito conectados e individualmente somos iguais e fortes. Somos os homens lobos das lendas, temos o poder de fazer mudar nossos corpos de humano a lobo e de volta a humano. Não é nada paranormal, nem sobrenatural. Não necessitamos lua cheia nem nenhum tipo de feitiço, nem devemos permanecer ocultos na escuridão. Deve-se a uma anomalia física, uma pequena parte do cérebro perto do hipotálamo; de fato, uma extensão desse órgão que só existe nos chankus, um órgão que sem certos nutrientes perde sua capacidade de funcionar.

Keisha o observou durante um longo momento, pensando na veracidade de suas palavras.

— Se o que diz é verdade, como pude ter mudado? Como pude de repente, sem prévio aviso, me converter em um lobo?

— Temor. Adrenalina. O corpo precisa sobreviver. Realmente não sei. Para o resto de nós, requiere-se uma alimentação especial. Quando estava no Tíbet, inteirei-me de que existiam umas plantas que eram foram nessa zona e que tinham a capacidade de extrair certos nutrientes do chão em porcentagens precisas, nutrientes perfeitamente formulados para estimular essa parte especial do cérebro, que por sua vez influi sobre as funções que são necessárias para levar ao fim as mutações. Atraíram-me as plantas, sem saber que meu corpo ansiava o que ofereciam.

Keisha pensou no pequeno envio de arbustos e ervas exóticas que se encontrava, nesse preciso momento, na pequena estufa de seu pátio traseiro. Algumas inclusive tinham crescido no vaso de barro decorativo no estúdio. Eram arbustos e ervas comuns dos lances inferiores do Himalaya. Tinha-os visto em uma demonstração, sentiu-se estranhamente atraída para eles, tinha criado todo seu desenho comemorativo com base nessas variedades de plantas as quais nunca tinha ouvido falar antes.

Algo em sua própria composição genética pôde ter criado a imediata conexão que tinha sentido pela estranha seleção de planta?

“Não. Rotundamente não... Mas e se fosse assim?”. A suspeita persistia em sua mente.

Inspirou profundamente.

— Sou uma arquiteta paisagista. Trabalho com variedades de plantas importadas. Possivelmente alguma dessas...

— Só se as comeu. — Antón encolheu de ombros, mas havia um brilho em seus olhos — Esteve mordiscando essas planta?

Keisha sentiu que a tensão de seu corpo diminuía pouco a pouco. Quem quer que seja ou que coisa fosse esse homem era atrativo e sexy e estava tentando ajudá-la a relaxar.

— De fato, sim. — ficou em pé, levando um momento para recuperar o equilíbrio e caminhou lentamente para o pátio traseiro, sentindo-se imediatamente mais aliviada — Tendo a mastigar plantas quando trabalho. Vem ver se algo te parece familiar.

‘Sentiu a atração para ela enquanto passava frente a ele. Seus músculos se esticaram quando ela sentiu a calidez de seu corpo; a reação foi involuntária e irritante. Seu ser interior sentia se retorcido, atado. Era atrativo, intrigante. Sentia-se atraída por ele, queria saber mais sobre ele, mas ao mesmo tempo, rechaçava-o por sua virilidade.

Antes de seu ataque, sempre tinha se considerado uma mulher sensual. Gostava do sexo. Sempre a tinha agradado. Ansiava voltar a desejar alguém, queria conhecer essa rajada de excitação sexual, o comichão de sua própria sexualidade. A frustração esticou seu modo de andar enquanto ela o conduzia para a parte traseira da casa e ao pequeno jardim.

Sua sexualidade, sua necessidade de tocar e ser tocada, tinha sido anulada nela para sempre? Suspirando, Keisha se ajoelhou e passou sua mão através da suave e amarelada grama que crescia ao redor dos degraus baixos que conduziam à estufa.

— Eu gosto muito disso. Plantei um pouco em meu próprio jardim e inclusive tenho um vaso de barro no estúdio. O resto é para um projeto em que estou trabalhando, um pequeno jardim comemorativo no Golden Gate Park.

Antón roçou com os dedos umas fibras de grama, levantou o olhar e sorriu, logo a seguiu à estufa.

Imediatamente, o espaço pareceu muito pequeno, o ar muito pesado, úmido, quente e fechado. Keisha se separou de Antón. Ele também se afastou, lhe dando mais espaço. Ela suspirou e sacudiu a cabeça, sabendo que ele sabia por que tinha reagido dessa maneira.

— Imagino que levará tempo. Ainda estou me recuperando. Sinto muito. Não quero me sentir como uma vítima, e não quero te fazer sentir como um pária.

— Entendo-o, mas o que é mais importante, sei que isto só é temporário. Sanará.

Antón deu a volta e contemplou com atenção as fileiras de superfícies planas, cada uma coberta

com suave grama, matas disciplinadas e enroscadas, pequenas e floridas que cobriam o chão. Quando levantou a cabeça, sorria novamente.

— A mera seleção de suas plantas me convenceria de sua herança. Cada um destes, em pequenas quantidades, é uma parte essencial da alimentação dos chankus. A maioria cresce em minha própria casa. Tem idéia do que te fez escolher estas variedades em especial?

Seus olhos brilharam, e seu sorriso se alargou. Mudou seu rosto. Ao princípio, tinha pensado que era atraente, mas não tinha notado que o homem era descaradamente impressionante. Literalmente. Diabos. Era um clichê tão estúpido, mas Keisha teve que recordar que tinha que respirar.

— Eu... Não sei exatamente por que as escolhi.

Entretanto, sim sabia. Sabia exatamente por que tinha eleito essas planta em especial. Tinha percebido que eram as adequadas. Isso era tudo. Quando tinha ido ao atacadista e visto o grande desdobramento de novelo, essa seleção de novelo virtualmente a tinha chamado.

Sua seleção das plantas indicadas somente para seus diferentes desenhos havia lhe trazido numerosos prêmios. Keisha sempre tinha pensado que se devia a sua grande experiência após anos de formação e capacitação. Era somente esse estranho sexto sentido sobre o que sempre se perguntou? Algo além do normal? Habilidades humanas? Ou simplesmente cumpria as necessidades do chanku?

Assombrada pela estranha cadeia de pensamentos, afastou o olhar, ajoelhou-se e deu uns tapinhas à terra ao redor de um pequeno arbusto. Seu coração pulsava com força, e se sentiu muito coibida, consciente ao nível do insuportável de que sua mente estava confundida, que estava sozinha em uma pequena e isolada estufa com um estranho. Concentrou-se nos grãos de terra que se agarravam aos seus dedos ao invés de pensar no poderoso homem de pé, que uma vez mais, encontrava-se o suficientemente perto para tocá-la.

— O jardim é uma comemoração a um grupo de sherpas que morreram enquanto guiavam uma expedição de escaladores locais. Pensei que as plantas da região seriam as corretas.

— Muito corretas. Entretanto, todas as que selecionou são essenciais na alimentação dos chankus. — Ele estendeu uma mão — Dou-me conta de que não me conhece, mas, por favor, tenta confiar em mim. Os outros estão retornando. Sinto-os aproximando-se. Você também poderia perceber sua chegada.

Keisha observou sua mão, reuniu a coragem que ficava e envolveu seus dedos ao redor dos dele. Sua pele cor oliva luzia pálida contra a dela, seus longos dedos faziam que os dela parecessem pequenos. Ele a puxou sem problemas para que ficasse em pé, com um movimento único e elegante que a aproximou até seu peito.

Ela tentou sentir os outros. Só sentia Antón. Percebeu os batimentos de seu coração, a suave

exalação de sua respiração. Cheirou o aroma limpo e almiscarado que fez com que seu próprio coração pulsasse mais depressa.

Soltou-lhe a mão e se afastou. Só então, quando pôs distância entre ela e Antón, notou que outras pessoas se aproximavam dos degraus da entrada. O som de seus passos ressoavam em sua cabeça, partes de uma conversação flutuando, que mal podia ouvir.

Lançou um olhar rápido a Antón, logo virtualmente saiu correndo da estufa.

— Seus amigos retornaram. Suponho que deveria deixá-los entrar.

Ouviu a risada de Antón enquanto a seguia através do pátio.

CAPÍTULO 14

— Sei que é muito pedir que venha conosco, mas, por favor, considera-o. — Alexandria apoiou sua xícara de café sobre a mesinha em frente a ela e sorriu para Keisha.

— Tenho trabalho... Não os conheço... — Keisha se agarrou a sua xícara, segurando-a com ambas as mãos.

Stefan bebeu um gole de café. Era muito parecido com Antón, o que era muito estranho, mas os homens insistiam que não eram parentes, só compartilhavam sua herança chanku.

— Disse que os desenhos estão quase terminados. Se mal não recordar, também disse que tem que atravessar um processo de aprovação que levará seis semanas. Vem conosco, só durante um mês. Dê-se uma oportunidade de nos conhecer, nos dê uma oportunidade de saber mais sobre você, para te convencer que se unir a nós. Querendo ou não, é uma de nós.

— Ela diz a verdade, Keisha. Todos os somos. Por favor, analisa nossas mentes. Todos nós estamos completamente abertos para você. Analisa nossas mentes e verá que não queremos te fazer mal.

As mãos da Keisha tremiam. Era tão estranho que Antón entrasse em sua mente com tanta facilidade... Fechou os olhos e inspirou fundo. A conexão era atemorizante, e ao mesmo tempo, reconfortante. Com os olhos ainda fechados, voltou a tentar sentir os pensamentos das outras pessoas que se encontravam na sala.

Como se tivesse levantado um véu, de repente apanhou a conversação revoando em sua mente.

— Está muito traumatizada, Stefan. Não é justo obrigá-la.

— É muito mais forte do que parece, meu amor. Necessita-nos tanto como nós a ela.

— Alexandria tem razão. Não forcemos o tema. Não quero lhe fazer mal. Se ela disser que não está preparada, não vamos obrigá-la. Esta deve ser sua decisão, e só sua decisão.

Antón! Alexandria se preocupava com ela, mas Antón era o que estava disposto a lhe dar o lugar que necessitava, que viu sua alma angustiada e a compreendeu. Pelo Antón, ela tomaria uma decisão. Assentindo lentamente, observou a cada uma das três pessoas na sala.

— Irei, mas só se me prometerem uma casa própria, um lugar tranquilo onde possa ser eu mesma, e um bilhete de volta se não funcionar.

— Concedido. — Antón estendeu lentamente uma mão para ela, não para sujeitá-la, a não ser para estreitá-la e fechar o acordo.

Keisha agarrou sua mão, sentiu a calidez e a honestidade inata do homem. Além disso, sentiu sua necessidade, seu desejo por ela. Quase deslizou sua mão para libertar-se, mas o olhou nos olhos e permaneceu quieta.

“Necessidade”. Essa necessidade e vulnerabilidade nuas... Pensou que seu coração se romperia. Antón necessitava aquilo que ela temia. Antón desejava aquilo que a preocupava.

Lutou contra a necessidade de soltar sua mão. Quase girou e correu, mas um sussurro de pensamento invadiu sua mente.

— Antón precisa de você. Todos a necessitamos, mas Antón mais que ninguém. Ele que redescobriu o chanku. Ele é o que uniu Stefan e a mim, que uniu a todos nós. Precisa te encontrar, e Antón será aquele que te ajudará. Por favor, una-se a nós.

Keisha sacudiu a cabeça em direção a Alexandria. O rosto da mulher não mostrava sinais do bate-papo mental que tinham compartilhado. Tinha sido totalmente privada, palavras entre duas mulheres. Relacionadas. Ela sentiu uma calidez em seu coração que não tinha conhecido antes. Alexandria assentiu, um movimento quase imperceptível, mas suficiente como para que Keisha soubesse que tinha sido ela quem tinha lhe falado.

Keisha observou uma vez mais Antón. Ele a examinou com os olhos bem abertos e tão tristes que a faziam querer chorar. Ele parecia acreditar que ela os rechaçaria que mudaria de opinião, apesar de que já tinha aceitado. Parecia ter medo de perdê-la.

Lentamente, Keisha assentiu com a cabeça.

— Irei com vocês. Preciso conhecê-los. Mais que isso, preciso me conhecer.

— É precioso.

Descalça, vestida como Xandi, com uma suave túnica de seda azul preso sobre um ombro, Keisha observava a vasta amplitude da montanha, matizada com pálido ouro e prata no último brilho da noite. Xandi e ela compartilhavam um tranquilo momento no grande terraço no lado ocidental da casa.

— Nunca tinha estado em Montana. Pensei que tudo era jeans e búfalos.

Xandi riu. Tinha seguido de perto a Keisha desde sua partida, uma presença reconfortante com tantas experiências novas.

— É formoso, e este é meu momento preferido da noite. Depois de jantar, Antón, Stefan e eu normalmente mudamos para nossas formas lobinas e corremos. Exploramos cada lugar dos bosques que nos rodeiam.

— Você realmente muda, não é verdade? — Keisha deu a volta e se recostou sobre a grade do balcão, com uma taça de vinho entre os dedos. — Ainda não posso acreditar, apesar de ter visto o que fez ontem, sei que tenho que aceitá-lo. Correrão esta noite?

— Se não se importar que a deixemos sozinha. Oliver estará aqui, mas nós três poderíamos nos ausentar durante horas. Em caso contrário, podemos ficar até que se sinta mais cômoda.

Keisha inspirou profundamente.

— Acredito que me agradaria vê-los mudar. Quero sentir o que sentem quando acontece. Poderia fazer que entendesse tudo com maior facilidade.

— Está segura?

Os olhos do Xandi se cravaram nos dela. Keisha assentiu. Imediatamente, Stefan e Antón se uniram a elas no balcão, e ela notou que tinham estado escutando a conversa.

Antón parou perto de Keisha.

— Não quero que nos tema. Há tanto que deve aprender... Mas admiro sua boa predisposição para ver algo que, embora me agradasse encontrar outra palavra, pareça impossível.

Ele sorriu, logo começou a desabotoar a camisa de forma pausada.

Keisha afastou rapidamente o olhar, em direção a Xandi. Ela já estava nua, já que só tinha posto uma túnica de seda. Stefan estava tirando as calças, sua camisa já se encontrava dobrada com minuciosidade sobre uma cadeira do balcão.

— O que? — levou uma mão ao pescoço, e afogou uma risada nervosa. Não tinha esperado que se despissem primeiro. Na realidade não tinha pensado em nada, mas de repente, estava rodeada de três das pessoas mais formosas que jamais tinha conhecido, todas nuas e sorrindo-lhe.

— Podemos nos converter vestidos, mas é uma desordem. Odeio passar roupa — Xandi riu. Logo, de repente, estava acontecendo outra vez e ela estava derretendo-se, convertendo-se, estirando-se e reformando-se. Aconteceu tão rápido que Keisha se esqueceu de conectar-se a sua mente, mas girou sobre seus pés e captou os pensamentos de Stefan enquanto atravessava o mesmo processo.

Tudo tinha sentido. Estranho e incomum, tão difícil de imaginar, mas quando ela se conectou a sua mente enquanto ele mudava, Keisha notou que já tinha feito isso antes.

Ela era o lobo.

Na verdade tinha matado três homens.

Girou para ver Antón transformar-se, mas ele estava de pé junto a ela, ainda em seu formoso corpo humano.

— Você está bem? Posso ficar aqui contigo.

A compaixão fluía dele em ondas. Compaixão e calidez, tão forte, tão amoroso, que Keisha se deleitava com sua força curadora.

— Não. Quero ir contigo. Quero me transformar.

Ela sentiu um soluço preso na garganta e viu que sua decisão tinha surpreendido os dois lobos que estavam em pé junto a ela e o homem que se encontrava justo em frente a ela.

— Está segura? Não tem que fazê-lo, não tão logo, mas se isso é o que deseja, a ajudaremos. Todos nós.

A delicada pergunta de Xandi fez com que os temores de Keisha se desvanecessem.

— Sei como mudar. Já tinha feito antes, embora deva de ter bloqueado a lembrança, mas agora... Já recorro de ter feito. Lembrança do poder do lobo. Quero voltar a sentir esse poder.

— Converta-se comigo. Una-se a meus pensamentos, sinta o que eu sinto e deixe seu corpo fluir. Será desorientador. Pode experimentar algumas náuseas. Somente relaxe e siga minhas ordens.

Keisha assentiu com a mente tão fundida a do Antón, que já não sentia os outros dois, já não sentia o balcão de madeira debaixo de seus pés descalços. Pouco a pouco, afrouxou o nó que segurava a túnica sobre o ombro. Deslizou-se sobre o balcão, roçando com arrepiante frescura seus pés descalços, um atoleiro de seda azul cobalto. Ficou de pé tremendo na cálida noite, mais consciente do fundido calor nos olhos de Antón que da sua própria nudez.

Seu olhar era pura apreciação masculina, mas ele rapidamente afastou a ardente luxúria dos seus olhos e agarrou as mãos de Keisha com delicadeza.

Ela sentiu o primeiro comichão consciente de que algo em seu corpo estava mudando. Seguindo as ordens de Antón, concentrou-se na mutação dos ossos e dos músculos às novas formas lupinas. Aconteceu tão rápido e tão completamente, que mal tomou consciência de que a mutação tinha finalizado antes que estivesse sentada no balcão, piscando ao lobo negro como o carvão que a observava.

Fascinada, levantou a pata dianteira, girando-a de um lado a outro, para examinar a grossa almofada, as afiadas garras. Sua pelagem era marrom escura, tão escura como o negro de Antón; entretanto, notou o brilho avermelhado quando se movia, como se houvesse fogo escondido nas profundidades de sua pelagem.

Seu coração se sobressaltou. Desejava correr. Queria deixar Keisha Rialto para trás. Queria superar a vítima e encontrar um novo ser na escuridão do bosque noturno.

Stefan saltou primeiro, passou pela grade e aterrisou sobre a frondosa grama que rodeava a casa. Xandi o seguiu. Seus músculos se fundiram enquanto atravessava com facilidade a cerca de um metro de altura. Antón a empurrou brandamente no ombro.

— Que diabos...? — Keisha seguiu, surpreendida de que seu cérebro soubesse como fazer que essa estranha forma funcionasse com essa fluída beleza. Aterrisou sobre a suave grama junto a Xandi, com o Antón que chegava justo diante dela.

Ele chiou, deu a volta, golpeou Keisha no ombro e saiu correndo.

A noite era clara e cálida. Os aromas do bosque eram fascinantes, a força e o poder de seu corpo lobino era uma sorte pura e genuína. Velocidade, incrível velocidade, enquanto eles corriam através dos bosques, saltando sobre riachos, deslizando-se por debaixo dos arbustos e seguindo os rastros apenas visíveis ao longo dos leitos dos riachos e canhões.

E sempre o vínculo, o fluxo constante de informação de um com o outro. Compartilhando o aroma dos seres vivos que se afastavam com rapidez de seu caminho, compartilhando a felicidade pura da caça. Keisha nunca antes havia sentido essa sensação de ser uma com a manada. Não tinha notado o poder inerente ao vínculo da manada, a beleza sensual de cruzar o escuro bosque com olhos que perfuravam a noite, com um cérebro que compreendia cada aroma, cada sussurro, cada pequeno chiado e gorjeio.

Correram durante horas. Seus corpos encontraram um ritmo que os fortalecia. Keisha queria seguir para sempre, mas a silenciosa presença de Antón junto a ela era um aviso de que devia tomar cuidado, ao menos nessa primeira vez. Apesar disso, os pálidos raios do amanhecer cruzaram o céu quando por fim se desabaram sobre a úmida grama em frente à grande casa de Antón, com as línguas pendurando, os olhos brilhando, as caudas muito cansadas para manter-se erguidas.

Stefan girou sobre as costas com sua pelagem lanzuda, cinza, emaranhado e sujo pela carreira através de um pântano lamacento. Com um brilho provocador em seus olhos de cor âmbar, Antón se inclinou e empurrou o ombro do Stefan.

O ato estava infestado de notas sexuais, uma sensação de domínio e submissão.

Xandi fez o mesmo com Antón, inclinando seu peludo corpo perto dele, acariciando logo ao Stefan. Keisha o sentiu logo, a forte sexualidade entre os três. Antón girou e a observou, seus olhos abertos, sua mente também.

Ele compartilhou a íntima relação que tinha com Alexandria e Stefan. Compartilhou a conexão sensual entre todos os membros da manada, as intimidades físicas que eram tão naturais para eles

como a mudança de humano a lobo e vice versa, as rajadas quase eróticas de desejo que acompanhavam cada uma de suas corridas pelo bosque.

Keisha o compreendeu e aceitou, consciente de sua própria sensação de realçada sensualidade, sua libido recentemente inativa ardendo quase fora de controle. De algum jeito, ao mudar, ao adotar a forma do lobo, havia tornado a despertar o lado sensual de sua natureza. Um lado sensual que ainda não estava preparada para aceitar.

Ela não sentiu ciúmes, só uma sensação de tristeza, uma consciência de que o que os outros três compartilhavam com tanta liberdade, não era para ela.

Não estava preparada. Ainda não. O ataque era muito recente, seu corpo se encontrava recém curado.

Exausta, ficou de pé e caminhou pelas escadas do balcão. Em um movimento fluido, como se tivesse mudado por anos, recuperou sua forma humana e recolheu a túnica que tinha deixado a noite anterior. Envolveu-o brandamente ao redor de seu torso.

O cabelo lhe caía sobre a testa. Estendeu-se para retirá-lo dos olhos e notou que agora lhe caía em cascata em cachos soltos e com forma de saca-rolhas sobre os ombros. Sua mão se deteve sobre a textura pouco familiar. O cabelo curto, grosso, fortemente encaracolado que tinha conhecido durante toda sua vida, tinha desaparecido.

Sua risada soou tremente inclusive para seus próprios ouvidos, e soube que seu sorriso era igualmente trêmulo.

— Pois bem, suponho que isto explica por que não posso manter as tranças. Seguem-se afrouxando. Deve ser o lobo em mim.

Mordeu os lábios e conteve as lágrimas que invadiram seus olhos. Tudo estava mudando: seu corpo, sua mente, inclusive seu cabelo. Era muito. Muito intenso, muito rápido.

Inspirou profundamente e observou com olhar solene Alexandria, Stefan e Antón, sem estar segura de por onde começar.

— Obrigado. Graças a todos por algo mais maravilhoso do que pude imaginar. Vai me levar algum tempo aceitar realmente o que aconteceu aqui esta noite. Preciso tomar banho, e dormir. Quero voltar a imaginar cada segundo da noite. — Começou a partir, logo girou sobre seus pés, sorrindo — E quero voltar a fazê-lo, de acordo? — Antón mudou e subiu as escadas. Colheu com força as mãos dela.

— Você está bem? Não quisemos desgostá-la. Nossos sentimentos são tão naturais, tão parte do que somos... Não o pensei. Quão último quero é te fazer se sentir incômoda.

Keisha riu e o examinou de cima a baixo. Seu corpo manchado com lama e erva úmida, seu pênis virtualmente ereto e se sobressaindo de seu ninho de cabelo escuro. Era a masculinidade

personificada, tão formoso que ela desejava tocá-lo.

Quando estivesse preparada.

— Ontem, te ver desta maneira teria me aterrorizado. Hoje, faz-me sentir saudades de algo que ainda não estou preparada. Não me incomoda, Antón. Está me ajudando a voltar a sentir. — Apoiou uma bochecha sobre a palma dele — Me dê tempo, por favor. Só um pouco de tempo.

Ele se reclinou e lhe deu um beijo muito puro na bochecha.

— Para você, qualquer coisa. Boa noite, Keisha. Que durma bem.

Keisha deixou Antón no balcão e se dirigiu diretamente de volta para o banheiro. Sorrindo, abriu a ducha e parou debaixo da ducha. Sua bochecha ainda sentia o comichão do delicado toque de seus lábios.

CAPÍTULO 15

O sol começava a aparecer por cima das montanhas quando Keisha por fim se arrastou entre os frios lençóis. Seu quarto se encontrava afastado. Tratava-se de um formoso espaço de paz e tranqüilidade, com uma grande janela e vistas para o bosque.

Ainda não podia acreditar que tinha se deslocado através desse bosque, seguindo o passo de três formosos lobos, suas suaves pelagens balançando-se, suas línguas pendurando entre suas poderosas mandíbulas. Sentia saudades dessa sensação, a sensação de família que tinha compartilhado no momento em que se converteu em lobo. Suspirando com tranqüilidade, aconchegou-se no grosso edredom, deixou que sua mente voasse, procurando o toque já familiar de Antón.

Encontrou-o. Sua mente procurava a dela do mesmo modo que ela procurava a dele. Notar que a estava procurando a fez sorrir.

— Onde está? — Responderia ele?

— Estou me metendo na cama. Corremos longe ontem à noite e estou cansado.

— Está sozinho?

Houve uma pausa longa e pensativa.

— Não, já não durmo sozinho. Xandi e Stefan compartilham sua cama comigo.

Ela sabia. Havia sentido o vínculo entre os três, apesar de que não o tinha aceitado por completo dado o que era.

— Oh.

— Gostaria de unir-se a nós?

Unir-se a eles? Dormir com três estranhos? Nunca. Não. Ela não podia fazer algo como...

— Não fisicamente. Mentalmente. Mantenha o vínculo comigo. Compartilha o amor comigo. Fique ai, na privacidade de seu quarto, mas sente o amor que os três sentimos pelos outros... E tenha a segurança de que pode ser parte disso quando estiver preparada.

— Permiti-lo-á? Sentir-me-ia como uma voyeur.

Keisha percebeu o som da risada dele, sabia que Xandi e Stefan compartilhavam a emoção.

— Será uma voyeur. O que tem de mal nisso se foi convidada a ver?

Não parecia estar bem. Mas sim. Deus, sentia-se tão bem ser parte do que eles três compartilhavam... Keisha cobriu os ombros com a manta.

— Não importa como se sinta, o compartilharemos contigo. É nossa irmã, Keisha. Nossa irmã, nossa amante, nosso casal mais novo. Fica conosco esta noite. Não em corpo. Não está pronta para isso. Compartilha este momento conosco em espírito.

Ela ainda estava tentando compreender as palavras de Antón quando de repente notou que se encontrava no quarto com Antón, Xandi e Stefan. A janela estava aberta, e as cortinas flutuavam brandamente com a brisa da manhã. A luz do sol se filtrava através das persianas parcialmente corridas. Ela via através dos olhos de Antón, sabia que ele protegia sua conexão contra os outros, apesar de que eles sabiam perfeitamente que ela estava com ele.

Foi Stefan quem primeiro se moveu. Reclinou-se sobre Xandi e a beijou. Movia a boca sobre a dela. Com a língua, separou-lhe os lábios e se deslizou dentro. Antón estava recostado junto a Xandi o suficientemente perto para agarrá-la entre seus braços enquanto ela e Stefan se beijavam.

Keisha notou que, apesar de estar observando através dos olhos de Antón, identificava-se com Xandi. Ela sentia a crescente paixão de Antón, notou que ele se aproximava, sua mão pressionando o magro flanco do corpo de Stefan, sua boca procurando o mamilo de Xandi.

— Quero estar com Xandi. Você acha... ?

A risada de Antón ressonava com suavidade em sua mente, logo Xandi ria com ele.

—Una-se a mim, irmãzinha. Eu me divirto mais que qualquer um desses moços.

Antes de poder construir uma resposta, Keisha tomou consciência dos lábios de Stefan sobre os dela, da boca de Antón sugando seu mamilo. Sentiu a dura extensão do pênis de Antón que pressionada sua coxa e o duro pênis de Stefan preparado na boca de sua vagina.

Seu corpo se contraiu, começou a tremer. Seu coração pulsava com um ritmo entrecortado, e se viu alagada de imagens de seu ataque, imagens de terror e temor e...

Os pensamentos tranquilizadores de Xandi dominaram seu temor.

— Keisha, tudo vai bem. Inspira profundamente. Não é seu corpo que eles estão tocando. É o

meu. Mantém uma separação clara em sua mente. Só relaxe... Está sozinha em seu quarto. É meu corpo que estão tomando. Recorda-o, somente é um pequeno inseto na parede, observando.

Keisha suspirou, seus tensos músculos se relaxaram, e assentiu com a cabeça contra a almofada, sabendo perfeitamente que Xandi não podia vê-la, mas saberia seus sentimentos.

— Um pequeno inseto na parede. Posso fazê-lo.

— Sei que pode. Fica conosco. Desfruta. Experimenta o amor sem temor, as carícias de dois homens que quão único querem é agradar a uma mulher. Se permita ser a mulher, através de mim. Ninguém te fará mal.

— Racionalmente, sei. É difícil aceitá-lo.

— Racionalmente, alguma vez pensou que tomaria a forma de um lobo, correndo através do bosque? — Uma risada suave seguiu o seco comentário de Xandi — Querida, se pode aceitar isso, pode aceitar qualquer coisa.

Keisha ouviu mais risadas.

— Olhe o que aconteceu. Enquanto falava com você, os moços encontraram outras coisas que fazer.

Uma vez mais Keisha viu através dos olhos de Xandi. Stefan e Antón estavam recostados olhando-se, abraçando-se, beijando-se com paixão. Antón estava de costas a ela, seus músculos esticando-se com cada inclinação de seus quadris. Xandi se centrou na suave linha do traseiro de Antón, seguiu a linha até a profunda e vermelha ponta do inchado pênis de Stefan, deslizando-se entre as musculosas coxas de Antón, movendo-se brandamente no escorregadio suor gerado por seus quentes e tensos corpos.

Assombrada pela imagem que via através dos olhos de Xandi, Keisha se perdeu no erotismo, a magia sensual, de dois fortes homens amando-se. Seus corpos eram formosos, brilhavam de suor, músculos magros e fortes, perfeição masculina. O pênis de Stefan se deslizava entre as coxas de Antón, a cabeça mais larga, escura como uma ameixa amadurecida, a ponta brilhando com as primeiras gotas de fluido. Seus dedos separados ao longo das musculosas costas de Antón, sustentando o outro homem perto dele, enquanto os dois se moviam juntos a um ritmo perfeito, os cus apertados, os corpos contraídos.

Keisha sentiu os primeiros movimentos em seu próprio corpo, a tensão em seu ventre, a dor de necessidade em seu útero. Presa ainda na visão de Xandi, ela se tocou entre as pernas e notou que estava úmida, as malhas de seus lábios grossos e incrivelmente sensíveis. Sorriu a si mesmo ao descobrir que o ninho de cachos que alguma vez tinham estado entrelaçados com firmeza entre suas pernas estava mais suave que antes. Lentamente ela acariciou para frente e para trás seu inchado

clitóris, igualando o ritmo entre o Antón e Stefan.

Xandi trocou sua posição perto dos homens, movendo-se detrás de Stefan para que o rosto de Antón agora fosse visível. Seus olhos estavam fechados, seus lábios abertos, ainda úmidos pelos beijos de Stefan, tão perdido na paixão que Keisha soube como se veria quando entrasse nela. Agora, entretanto, ele movia seus quadris mais rápido, mais forte, igualando o ritmo de Stefan. Xandi mudou seu enfoque, mostrando a Keisha a linha do traseiro de Stefan, a escura e úmida cabeça do pênis de Antón correndo entre as coxas de seu amante.

Xandi se deslizou mais abaixo na grande cama, agachou-se e passou as unhas ao longo do traseiro de Stefan, passando uma unha sobre a cabeça do pênis de Antón. Ela se aproximou ainda mais e deslizou as mãos entre as pernas de Stefan. Apertou com delicadeza seu testículo, logo encontrou os de Antón e também os massageou.

Unidos por um estranho grito, ambos os homens ficaram rígidos, empurraram com força um contra o outro e tiveram seu orgasmo. Keisha quase pôde sentir as esferas pulsando, vibrando em suas próprias mãos. Ofegando, Stefan se separou de Antón, e ambos os homens permaneceram de costas, rindo, respirando com dificuldade. Xandi separou as pernas, uma mão envolta ao redor de cada pênis, e pouco a pouco os baixou com golpes suaves, utilizando seu próprio sêmen para lubrificar suas massagens eróticas.

Ela se aproximou e passou a língua pelo comprimento do pênis de Antón, logo fez o mesmo com o de Stefan.

— Está bem, moços, nossa vez. Antón levantou a cabeça, uma sobrancelha levantada.

— Nossa vez? De quem?

Quase soluçando de frustração, Keisha empurrou seus dedos profundamente dentro de sua úmida e torcida vagina, logo os passou ao longo de seus clitóris. Tão perto! Estava tão perto de chegar, só de ver Stefan e Antón fazendo amor. Vendo-os através dos olhos de Xandi. Nunca tinha sonhado que dois homens juntos poderiam ser tão sexys.

— Sexys e tolos como um par de tocos.

A que se referia com “nossa vez”? Quem diabos acreditava que era ela?

— Nosso, de Keisha e meu. Ela ainda está comigo.

Um lento sorriso se estendeu ao longo do rosto de Antón. Keisha de repente sentiu um toque familiar em sua mente.

— Pensei que tinha ido. Já não te sentia comigo.

— Estava com Xandi. Nunca compartilhei nada remotamente parecido ao que Stefan e você tem feito. Não tinha nem idéia de que...

— Excitou-se? Esquentou-se o suficiente para querer compartilhar conosco? Stefan acredita que é muito formosa. Sei que te desejo Keisha. Desejei-a do primeiro momento em que a vi.

A necessidade em seu toque mental enviou calafrios através de sua pele. Calafrios de desejo e de temor que ela não tinha podido afastar.

— Não estou preparada, ainda não. Não estou pronta para permitir que me toque, mas estou pronta para sentir o que Xandi sente.

A suave risada de Antón correu através de seus sentidos, seguida por uma voz lenta e mental.

— Então seria melhor que nos assegurássemos de que Xandi se sinta realmente bem, não está de acordo?

A risada de Xandi ressoou em seus pensamentos.

— Acredito que Xandi vai se agradar muito disso.

— Espera, Keisha. Parece que os moços se recuperaram.

Era bastante decadente, estar na cama com a luz do sol da manhã filtrando-se através das persianas, seu corpo nu e desejoso, dois dedos enterrados profundamente entre suas pernas à expectativa de que outra mulher tivesse sexo com dois homens.

Keisha virtualmente riu em voz alta quando os pensamentos de Xandi voltaram a aparecer em sua mente.

— Isto não é decadente. É...

Os pensamentos do Stefan se interpuseram.

— Isto é para você, Keisha. De todos nós. Considere-o um presente de boas - vindas.

Ele se recostou sobre Xandi, seu comprido cabelo despenteado e arrastando-se por cima de seus peitos.

Keisha tremeu enquanto as sedosas mãos dele tocavam os mamilos, seguido pela quente boca de Stefan. Lutando contra o terror, a repentina necessidade de retirar-se da mente de Xandi, Keisha manteve o vínculo, superou mentalmente o temor e se permitiu sentir com Xandi, experimentar cada toque, cada beijo, cada sutil carícia, gemido e sabor.

Xandi havia dito que Stefan era, como Antón, um mago. Agora mesmo sua boca estava fazendo magia pura sobre os seios de Xandi. Keisha arqueou as costas como se a língua de Stefan oscilasse para frente e para trás pela sensível ponta, logo gemeu quando sugou o inchado mamilo com a boca.

Suas mãos acariciavam as coxas dela, percorreram suas panturrilhas, jogavam cada vez mais perto da vagina de Xandi. Keisha conteve a respiração, tão apanhada na sensação das mãos do Antón separando as dobras entre as pernas da outra mulher que, de fato, afastou seus próprios dedos do caminho.

Ela escutou sua risada satisfeita em sua mente, sabia que isso era exatamente o que esperava que acontecesse. Atirando os lençóis para ambos os lados, Keisha arqueou seus quadris contra a fria brisa da manhã. Os dedos de Antón penetraram Xandi, para dentro e para fora, dispersando seus sucros, deslizando-se com o passar da dobra de seu traseiro.

Stefan sugou o outro seio de Xandi, puxando primeiro com os dedos, criando seu próprio ritmo. Ao mesmo tempo, Antón separou ainda mais as pernas, aproximou-se mais e soprou seu quente fôlego sobre o clitóris dela.

Seus dedos se deslizaram mais profundamente em seu traseiro, entrando por trás, ao mesmo tempo que seus firmes lábios encontravam seus clitóris. Alternando as carícias da língua dentro de sua vagina e os dois dedos entrando e saindo de seu traseiro, adotou o ritmo de Stefan. Também sujeitou o crescente pênis de Stefan com a outra mão, fundindo-se fisicamente aos três, mentalmente eram quatro.

Desta vez não houve pensamentos sobre outras pessoas ou outras coisas mais que Xandi, Stefan e Antón. Não houve temor além do desconhecido, mais à frente do fato de que nunca tinha experimentado nada nem remotamente parecido a isso em sua vida. Keisha se retorceu e ondulou contra os lençóis. Seu corpo reagia do mesmo modo que o de Xandi. Seu sexo fazia uma careta e se inchava enquanto os fluidos lhe umedeciam o escuro ninho de cachos entre suas pernas.

Doíam-lhe os seios, os mamilos lhe faziam cócegas, com as sensações compartilhadas dos lábios, dentes e língua de Stefan, de seus dedos esfregando e puxando, sua boca sugando.

A língua de Antón a percorreu, uma e outra vez. Seus dedos estendiam seu traseiro, deslizando-se dentro e fora, mais e mais fundo com cada empurrão. As costas de Xandi se arqueou, seu grito invadiu o quarto, sua mente enlaçada por completo com a de Keisha. Esta também gritou. O fôlego ficou preso na garganta. Abriu a boca em toda sua extensão enquanto respirava e compartilhava cada sacudida do orgasmo de Xandi e o seu com o resto da manada.

Soluçando, ofegando, rindo, Keisha se encontrava sozinha em sua cama, lutando por respirar. Sua vagina se contraía e relaxava. Seus seios desejavam mais das carícias de Stefan, e ela queria os lábios de Antón onde tinham estado, sugando o agitado clitóris de Xandi, para que ela pudesse sentir mais do mesmo.

O suave sorriso de Xandi revoou em sua mente.

— Outra vez?

— Oh, Deus, sim! Nunca...

— Eu tampouco. Isto foi bastante espetacular. Gostaria de unir a nós? — Keisha ficou rígida.

— Não...

— Não há pressa, pequena, — A tranqüilizadora voz de Antón gentilmente se misturou — Nos deixe te amar através de Xandi por um tempo. Quando estiver preparada, pode se unir a nós.

Keisha se relaxou imediatamente. Não sentia pressões, nem aborrecimento. Somente pura aceitação.

Amor incondicional.

Permaneceu com Xandi enquanto ela colocava Stefan de barriga para cima e metia o ereto pênis na boca. Saboreou seu delicioso sabor, provou a protuberância e as texturas com a língua, sentiu os duros testículos dentro do saco enquanto Xandi os acariciava com suavidade com os dedos.

Quando Xandi separou as magras coxas de Stefan e se deslizou sobre seu pênis, Keisha ofegou pela sensação de plenitude, uma entrada tão profunda que o suave topo de seu membro tocava a boca do útero de Xandi.

Suspirou com a outra mulher. Sentiu-a acomodar seus quadris e ajustar-se ao homem que estava em seu interior. Logo se perguntou o que viria depois enquanto Xandi se inclinava para frente.

Antón se ajoelhou detrás dela e apoiou seu pênis sobre a linha do ânus dela. Ela sentiu que lhe acariciava o traseiro com o membro. Sabia que ele se sustentava sobre sua mão enquanto deslizava uma camisinha sobre seu pênis ereto. Xandi se ajoelhou para frente, ainda atravessada pelo Stefan. Keisha deu um grito afogado quando se deu conta do que Antón tinha em mente.

Ele empurrou seus dedos dentro de Xandi, encontrando a entrada junto ao pênis de Stefan, e encontrando, ao mesmo tempo, sua lubrificante umidade. Esfregou com suavidade, com sensualidade, ao redor das sensíveis malhas de seu ânus, voltando a colocar pouco a pouco primeiro um dedo, logo dois. Ele a dilatou ainda mais, sem deixar de esfregar para frente e para trás com a cabeça do pênis, incitando a entrada, para logo penetrá-la.

Deteve-se um momento, e Keisha notou que ele estava acariciando mais abaixo, encontrando os testículo de Stefan e incluindo-os em sua massagem sensual. Ela conteve a respiração, esperando ver se ele ia tomar Xandi da maneira que ela pensava, perguntando-se quanto dor haveria.

De repente, como uma escura névoa, as lembranças a afligiram. Sensações, temor, o terror de seu ataque, a dor, o incorreto de tudo o que estivesse associado com seu corpo, com o ato do sexo.

Queria gritar, queria lhes dizer que não, que isso estava mau. Esse mesmo ato, sem amor, sem cuidado, tinha sido parte de seu brutal ataque, parte do incentivo de trazer o lobo à vida.

Tinha sido brutalmente violada por três homens. Três homens que a tinham tomado ao mesmo tempo, metendo-se em sua boca, sua vagina, seu reto, rasgando sua pele, ignorando seus agonizantes gritos, ferindo-a, rindo enquanto...

— A amamos, Keisha. Você é uma de nós. Não haverá dor. Somente amor. Se te fere

compartilhar isto, nos deteremos, mas não romperemos o vínculo. Você está conosco. Deixe-nos te ajudar a sarar.

Keisha ouviu a voz de Xandi, mas também sentiu Antón e Stefan, sabia que eles estavam esperando, lhe dando tempo e força.

— Tentá-lo-ei. Prometo-o. Romperei o vínculo se não poder suportá-lo.

— O que desejar. Sempre será sua escolha.

A massagem sensual voltou a começar. As carícias suaves como plumas, a sensação de plenitude pelo pênis de Stefan sustentado com firmeza dentro da cálida caverna de Xandi, sem mover-se, à espera.

Uma vez mais, sentiu os dedos de Antón fazendo um movimento circular em seu ânus. Keisha se obrigou a relaxar, apesar de que era Xandi quem esperava a penetração. A suave e úmida cabeça do pênis do Antón encontrou a abertura, golpeou lentamente contra o tenso músculo, pressionou e soltou, voltou a empurrar e soltou, forçando a entrada, mas sem chegar ao ponto da dor.

Xandi se inclinou, acomodando o corpo e enterrando a cabeça no peito de Stefan. Keisha escutou seu coração pulsando, sentiu o amor rodeando aos três... Aos quatro. Ela estava ali, nos pensamentos de todos. Uma parte de suas relações sexuais.

Antón abriu a estreita abertura de Xandi, e seu pênis se deslizou pouco a pouco para dentro, apanhado pelo tenso anel de músculos. Ele se moveu para frente, só uns milímetros, e logo se afastou. Uma vez mais para frente, encontrando um espaço dentro do corpo de Xandi, pressionou perto das magras malhas que o separavam do pênis de Stefan; dois homens, amando-a, desejando-a, lhe fazendo amor.

Sem dor. Com delicadeza, com amor, com compaixão e cuidado e sem dor alguma.

Keisha soluçou, e seu corpo elevando-se com os suaves empurrões de Stefan e Antón. Notou que tinha rodado até ficar debruçada, enterrou seu rosto na almofada e levantou o traseiro, imitando a posição de Xandi. Mentalmente, tomou a ambos os homens, sentiu o crescente orgasmo de Xandi, notou que a tensão de seu corpo já não era temor, a não ser uma crescente necessidade de gozar, de entregar-se uma vez mais a outro orgasmo.

Stefan teve seu primeiro orgasmo, seguido rapidamente de Antón. Xandi foi à seguinte, seu corpo contraindo-se e tremendo com o poder de seu orgasmo, e Keisha o compartilhou, cada pico de incrível paixão, seu corpo esticando-se, lutando por soltar-se, brigando para romper a ira e o temor que a separavam da manada.

— Amamos você. Seja uma conosco. Três vozes separadas falando como uma. Três pessoas muito especiais, reclamando-a como dela.

Ela o sentiu, começando no centro e expandindo-se até os dedos dos pés, os dedos das mãos, a parte superior de sua cabeça; devorador, um torvelinho de calor, luxúria e êxtase incrível.

Keisha levantou a cabeça e gritou. Desta vez, o grito saía de seu coração, um gemido profundo e agonizante de inocência perdida, de paixão e dor, de temor, aceitação e irresistível amor.

Ofegando, soluçando, todo seu corpo convulsionando pelo poder de seu orgasmo, Keisha apertou o rosto contra a almofada e se desabou sobre as enredados lençóis. Aproximou os joelhos ao peito, as lágrimas caíam sem controle, seu corpo sacudindo-se e tremendo enquanto se balançava para frente e para trás.

Ouviu o ruído surdo da porta que se abria, sentiu a presença de Antón, sua preocupação enquanto ele a tomava em seus braços, segurando-a contra seu peito como um bebê e a balançava. Em lugar de temor, sentiu comodidade e soube, inclusive na parte mais profundamente machucada de sua mente, essa parte que ainda sofria o trauma da violação e do ataque, que esse homem a amava. Amava-a e sempre a protegeria, nunca lhe faria nenhum mal.

Pouco a pouco, sentiu que a tensão abandonava seu corpo, notou que seus braços se elevavam, sobre os fortes e sólidos ombros de Antón. Ela apoiou sua bochecha contra a suave pele onde o ombro dele se unia com a garganta e sentiu suas aceleradas pulsações. Quando ela levantou uma mão para lhe acariciar a bochecha, descobriu que seu rosto estava banhado de lágrimas.

— Antón?

— Não volte a me assustar assim nunca mais.

— Sinto muito, não...

— Eu te amo, Keisha. Senti a dor, o horror em sua alma. Nunca tive intenção de...

— Não! — Ela girou em seus braços e sustentando sua palma contra suas bochechas, obrigou-o a olhá-la nos olhos.

— Tudo o que senti nestas semanas do ataque é temor, temor e ódio, não só pelos homens que vi, mas sim por mim mesma. Vocês três me trouxeram de volta, dando-me esse sentido de quem sou, da mulher que pensei que se foi para sempre.

Levou seu rosto para ela e o beijou, muito brandamente, muito brevemente, na boca. Antes que ele pudesse responder, ela se afastou.

— Ainda fica muito para percorrer, mas agora sei que posso me curar. Vocês me deram isso. Stefan, Alexandria e você, mas em especial você.

Antón envolveu seus dedos ao redor de sua mão direita, levou-a até sua boca e beijou a palma.

— Temos todo o tempo que precisar. — Com grande delicadeza a recostou sobre a cama, alisou

os lençóis desarrumados e amaciou a almofada.

— Dorme. Foi uma noite longa, e precisa de algumas horas de descanso. A chamarei mais tarde para o café da manhã.

Keisha se aconchegou entre os frios lençóis enquanto Antón se afastava. A luz do sol da manhã bordeou a suave linha de suas costas, a curva de seu traseiro, os fortes músculos de suas coxas e panturrilhas. Ele era formoso, não só em corpo, mas também em espírito. Ela sentiu sua compaixão, seu amor, sua dilaceradora necessidade.

A necessidade dela. Antón estava sozinho e era solitário, como ela tinha sido ao longo de sua vida.

Sem dar tempo para pensar nas conseqüências, Keisha afastou os lençóis a um lado.

— Não vá. Por favor. Fica comigo.

Antón se deteve a meio caminho, girou lentamente e a observou. Não havia nada sexual no desejo nu que ela viu em seus olhos, nada para assustá-la ou fazê-la sentir-se ameaçada. Havia amor, puro e simples.

— Está segura?

Sorrindo, ela sacudiu a cabeça e alisou o edredom entre suas pernas.

— Não. Não estou segura absolutamente. Sei que não estou pronta para ter sexo, ao menos não para algo físico. Ainda não. Sabendo disso, quer ficar?

Sorrindo, Antón lentamente subiu à cama junto a ela, acolheu Keisha em seus braços e colocou a cabeça dela debaixo de seu queixo.

— Não conseguirá se liberar de mim, carinho. Sou seu, queira-me ou não. Sou seu, e fico.

Ela inalou, levando seu aroma familiar a seus pulmões. Escutou o constante batimento do seu coração, sentiu o fluxo de sangue por suas veias e soube que tinha encontrado seu lugar. Suspirando, Keisha relaxou na força de seu abraço.

Não havia nada mais a dizer. Nada que pudesse fazer esse momento mais significativo, mais poderoso, para ela. Sentia Alexandria e Stefan rondando além de seu conhecimento, preocupados, amando, conscientes do homem que a sustentava de maneira tão protetora.

Rodeada pela manada, Keisha deixou que suas preocupações se desvanecessem e se dispôs a dormir.

Antón sentiu que seu corpo relaxava, ouviu o suave suspiro enquanto ela abandonava a briga com sua consciência. Permitiu que seus pensamentos roçassem os dela e só encontrou paz, a tranquilidade de uma mente relaxada.

Não haveria sonhos, pesadelos, nem atemorizantes mudanças de humano a lobo e de retorno a humano sem sua decisão e conhecimento. Ajustou com cuidado seu corpo ao redor do dela, protegendo-a, sustentando-a perto de seu coração.

Seu desejo por ela fervia justo debaixo da superfície. Uma necessidade tão forte que o atemorizava por sua intensidade. O pênis pulsava com força, duro e ereto, mas conteve a pobre besta. Keisha lhe diria quando estaria preparada. Só ela saberia quando tinha sanado o suficiente para desejar a expressão física de seu amor.

Ele imaginou que seriam espetaculares juntos. Sabia que ela receberia Alexandria e Stefan em sua cama quando fosse o momento adequado. Ela era capaz de sentir um grande amor, uma enorme paixão, e já sentia um forte vínculo com ele. Sorrindo, acariciando os alvoroçados cachos esparramados ao longo da almofada, Antón por fim conseguiu relaxar-se.

Keisha encheu um vazio que ele desconhecia. Nunca havia sentido essa emoção por outra pessoa, nem sequer por Alexandria ou Stefan, duas pessoas que amava mais do que alguma vez pensou que fosse capaz.

Keisha suspirou e se aconchegou contra seu peito. Um leve sorriso se desenhava em seus lábios. Em sonhos, sua mão acariciou a longitude de suas costas, passando seus dedos ao longo de sua coxa, e descansando na curva de seus quadris. Ela aproximou sua pélvis da dele, entrando em contato com seu, de repente, acordado pênis.

Sem dúvida, iam ser espetaculares juntos, quando fosse o momento indicado.

Apegando-se a essa idéia, segurando Keisha entre seus braços e seu amor em seu coração, Antón adormeceu.

PARTE IV

KEISHA

CAPÍTULO 16

Correndo. Sempre correndo. A erva me golpeia o rosto e o peito, as patas rasgadas e sangrando. Procuo alguém? Fujo de alguém? Não sei. Nunca estou segura se estou perseguindo a alguém ou fugindo de alguém, só estou segura da velocidade. Uma velocidade constante, exaustiva, palpitante. Devo correr, mais rápido... Mais rápido.

Alguém me segue, alguém... Não. Algo novo, alguém vigilante, alguém forte e verdadeiro, escuro como a noite, com um coração puro como o ouro, correndo ao meu lado, uma sombra segura e forte

correndo perto na noite.

— Ai! Má! Isso dói!

— Deixa de se queixar. Nunca antes fiz isso em moça branca. Seu cabelo é tão macio, que é difícil de trançar. Possivelmente simplesmente deveria desistir.

— Por favor! Não pare agora.

Antón se deteve ao outro lado da porta aberta e sorriu para Stefan quando escutou a risada das mulheres na cozinha. Stefan só sorriu e sacudiu a cabeça.

O suave tom da risada de Keisha era tão assombroso...

Ouviu-a voltar a rir.

— Xandi, diz isso o tempo todo. “Por favor, Stefan. Não pare agora. Por favor, Antón. Não pare, Antón. Oh... Antón...” — pronunciou as últimas palavras com um gemido baixo e entrecortado.

— Eu ouvi — Rindo estridentes e sentindo-se como um perfeito idiota, Antón abriu a porta e entrou na cozinha. Alexandria estava sentada sobre um tamborete. O cabelo trançado de maneira tirante brilhava como cobre gentil, à luz do sol da manhã. Keisha estava em pé detrás dela, os olhos brilhavam enquanto trançava a última fileira do cabelo de Alexandria.

— O que é o que ouviu? A choringação desta menina porque estou puxando seu cabelo? É uma covarde. — Ainda entre risadas, Keisha puxou mais forte o cabelo, finalizou a última fileira e colocou uma pequena conta azul no final da trança.

Alexandria sacudiu a cabeça, e as contas que adornavam as dezenas de tranças fizeram ruído. Logo inclinou o queixo, fazendo que a as inúmeras contas coloridas ficasse a um lado, e dedicou um sorriso sedutor a Stefan. Pela forte respiração do outro homem, Antón tinha a sensação de que ela tinha obtido o efeito desejado.

— Diabos. — Stefan caminhou ao redor dela, observando o novo penteado —. Você fez isto, Keisha? É precioso.

— Obrigado. É obvio, tudo cairá no minuto em que ela se transformar em lobo. — Com as mãos nos quadris, Keisha retrocedeu para examinar sua obra de arte.

— Só queria ver como me veria. — Alexandria fez uma careta mal-humorada. Não pôde mantê-lo —. Onde está o espelho? Quero ver-me!

Keisha entregou um pequeno espelho de mão.

— Realmente ficou bem. Oxalá existisse uma forma de mantê-lo depois de cada mutação, mas tudo se desfaz. Todo esse trabalho e puf! Termina tropeçando com roda as contas!

Alexandria girou para o Antón.

— Você não disse nada. Qual é sua opinião, grande líder? — Antón a olhou de soslaio.

— Grande líder? Eu? Tinha entendido que você é a loba alfa nesta manada.

Alexandria soprou.

— Sim, claro. Vamos. O que acha?

— Acredito que Keisha é uma artista. Brilha absolutamente formosa. — Passou uma mão sobre a rodeada fileira de tranças que nasciam em sua testa — Brilha como Bo Derek mas com cabelo avermelhado. Lembra-se dela nesse velho filme, 10?

— OH, sim. — Stefan assentiu — Agora se ela tivesse colocado esse mesmo biquíni...

— Você me vê nua todo o tempo. O que tem de bom o biquíni?

— Desfruto desembrulhando o pacote. — Stefan se aproximou e inclinou a cabeça o suficiente para apanhar os lábios de Alexandria. Ela virtualmente se derreteu contra ele, de repente todas as brincadeiras se perderam na luxúria compartilhada de lábios e língua.

Antón olhou Keisha. A risada tinha desaparecido de seu rosto, e seu corpo tremia. Enviando um sutil bloqueio a Stefan e Alexandria, Antón passou ao redor deles para segurar a mão de Keisha e a conduziu para fora da cozinha.

Fechou brandamente a porta detrás deles e a abraçou quando rompeu a chorar.

— Sinto muito — sussurrou ela, soluçando contra seu peito —. Não quero ser assim. Não.

Acariciando com delicadeza sua mão, Antón sorriu contra seu cabelo e se deleitou em silêncio com os braços dela ao redor de sua cintura. Ela não tinha idéia de quanto tinha avançado. Nem a mais remota idéia.

— Carinho, não chore. — Beijou seu alvoroçado cabelo. Quando ela levantou sua cabeça, secou-lhe as lágrimas dos olhos com o polegar — Olhe-me e pensa no que acaba de acontecer. Passou mais de três horas trançando o cabelo de Alexandria. Tocando-a, estando perto dela. Agora mesmo seus braços estão ao redor de minha cintura. Está procurando se sentir cômoda.

Ela assentiu, mas não se afastou. Outro passo positivo.

— Tem temor de me abraçar deste modo?

Ela sacudiu a cabeça quase com acanhamento.

— Isso é porque confia em mim. Acredito que o que acaba de acontecer ali dentro, quando os viu beijando-se, fez com que seu corpo reagisse frente à sensualidade, e isso a atemorizou. Compreende agora?

— É obvio. — Afastando-se, Keisha cruzou a habitação, girou e se dirigiu a ele —. Tudo o que me disse tem sentido, diabos. Entretanto, não impede que me altere cada vez que os vejo se beijando. Cada vez que se coloca à cama com eles, e fazem amor, é tão intenso o desejo de estar ali que dói, mas o

perco. Parei detrás da porta sentindo meu coração pulsar e minha vagina virtualmente umedecer-se pelo desejo de querer estar com todos vocês, e permaneço desmoronando!

— Vai levar algum tempo.

— Estou cansada de esperar. — apoiou uma mão no rosto, abriu a boca, logo a fechou —. Quero fazer algo mais que só abraçar, mais que somente dormir em seus braços como se fosse meu irmão mais velho. Quero foder. Quero voltar a desfrutar do sexo, não fugir quando as coisas começam a entrar em calor. Não posso permanecer brincando de voyeur, tendo meus orgasmos em suas cabeças quando vocês três se deitam. Não posso ir a uma terapeuta. A terapia não funcionará se não puder contar o que está ocorrendo. — Ela o observou, como se seu estado fosse sua culpa — Posso me ouvir. “OH, é um pouco confuso, doutor. Não sou realmente humana. De fato sou uma chanku que muda sua forma. E realmente, realmente quero foder com meus companheiros da manada, mas a pequena e insignificante violação se segue interpondo em meu caminho”. Antón... — Quase rompeu a chorar ao lhe perguntar —: O que posso fazer para superar isto?

Uma vez mais Antón desejou ter sido o que matou aos bastardos que lhe tinham feito isso. Contendo um grunhido furioso, abriu os braços. Keisha jogou seu corpo contra ele, aceitando seu amparo, aceitando seu amor. Evitando a atração que o estava destroçando.

Abraçou-a enquanto ela chorava. Murmurou palavras de amor, beijou-lhe o escuro cabelo e lutou contra suas próprias lágrimas de completa e profunda frustração. Em momentos como esse, era o único que podia fazer para evitar ingressar sem convite a sua mente e mudar suas lembranças, mudar seu passado, para poder ajudá-la a aceitar seu presente.

“Inaceitável”. Apesar disso, tinha que haver algo que ele pudesse fazer para ajudá-la. Ela estava ali há três semanas. Seu corpo tinha sarado. Seu senso de humor tinha renascido. Sua capacidade de tocar e ser tocada estava retornando.

Entretanto, a única maneira em que tinha podido aceitar a natureza sexual de sua relação era através de um vínculo mental com Alexandria. Unir-se mentalmente à outra mulher, experimentando o toque sensual, os atos profundamente íntimos que os três compartilhavam, não como uma participante, mas sim como uma observadora mental.

Possivelmente... Possivelmente Alexandria era a chave.

— Meu amor, sente-se atraída sexualmente por Alexandria?

— Xandi? — Keisha levantou seu rosto cheio de lágrimas afastando-o de seu peito e franziu o cenho —. Acredito que nunca pensei nela desse modo. Ela é formosa. Amo estar em sua mente quando todos vocês estão juntos na cama, amo a sensação de compartilhar nossos corpos. Desejaria não perdê-la quando estou na mesma habitação contigo!

— E se você estivesse no comando? E se só fossem Alexandria e você, sós e juntas? E se as duas fizessem amor? Isso te pareceria atrativo? Ela não é um homem, não é uma ameaça. Ela te ama tanto como Stefan e como eu. É uma amante delicada e cuidadosa, cheia de compaixão e de paixão. Como chanku, deve achá-la tão atrativa sexualmente como a qualquer macho.

Deixou que a oração persistisse. Abraçando brandamente Keisha, observou como os pensamentos se desdobravam em seus brilhantes olhos ambarinos.

— Xandi? — Piscando, Keisha abriu sua mente à idéia do sexo com outra mulher. Sem dúvida, nunca tinha se imaginado como lésbica, apesar de que com frequência notava a presença de algumas mulheres que lhe pareciam sexualmente atrativas. Não era tão exagerado como soava, não em realidade. Xandi era formosa, sensual...

Com sua mente unida a de Xandi, Keisha tinha tido mais intimidade com essa mulher do que com qualquer outra mulher viva. Tinha participado do sexo grupal, tinha desfrutado das respostas da outra mulher e as tinha convertido em próprias. Nunca tinha existido a sensação de equívoco, nunca um sentimento de vergonha.

Como poderia se sentir envergonhada de alguém tão afetuosa como Alexandria Olanet? E se o que Antón dizia era verdade, que os chanku por genética se apaixonam por vários membros de uma vez, que viam o sexo como uma forma de demonstrar seu amor pela manada, então seus sentimentos por outra mulher dentro da manada estavam bem e eram normais.

Como não tinha pensado nisso antes?

— Ah, mas o tem feito. Sei que vem satisfazendo a si mesma durante o vínculo com Alexandria.

— Sim? — Lutando por sair de seu ligeiro abraço, Keisha observou Antón — Esteve farejando!

Ele voltou a rir e lhe acariciou o cabelo. Maldita se não se inclinava para que a tocasse! Levantando-se, longe de seus dedos magnéticos, Keisha inspirou fundo, preparada para lhe dizer exatamente o que pensava dele por entrar em sua mente sem ser convidado.

— Sim, estava farejando — afirmou Antón com tom apressado — estive preocupado com você, temendo que se separasse de nós. Quando notei que encontrava satisfação sexual na privacidade de seu quarto, deixei de me preocupar.

Ele colocou suas grandes mãos no queixo dela, seus dedos quentes e firmes.

— Quero que sare meu amor. Quero que seja capaz de vir para mim, para compartilhar seu corpo comigo. Compartilhá-lo algum dia com todos nós, com Stefan e Alexandria também, para que haja quatro de nós juntos, quatro tão íntimos como podem ser duas pessoas. Quero que me ame, que os ame. E, sobretudo, quero que seja meu par, como a futura mãe de meus filhos. Quero que esteja

comigo, para toda a vida. Antes que isso possa acontecer, deve estar completa, uma mulher completa, sem temores.

A respiração saiu de seus pulmões. As mãos de Antón tremiam contra seu rosto, e sua mandíbula estava apertada. Ela não tinha idéia absolutamente do longe que chegavam suas predições, do quão profundo que eram seus sentimentos.

O que tem que os dela por ele? Contendo as lágrimas, ela estendeu uma mão e tocou seu rosto com a palma.

— Me dê tempo, Antón. Só um pouco mais de tempo. Quero dizer que te amo, mas não até que possa chegar a você de corpo e alma, livre de temor.

A desilusão em seus olhos a fez desejar não ter pronunciado essas covardes palavras. Ele simplesmente assentiu, inclinou-se e a beijou brandamente na testa, logo girou sobre si mesmo e abandonou a habitação.

Keisha sentiu como se ele tivesse levado o sol, o ar que ela necessitava para respirar, o amor que ela necessitava para viver. Cambaleando-se com pressa por abandonar esse lugar frio e sombrio, correu pelo comprido corredor para seu dormitório.

CAPÍTULO 17

Oliver levou seu jantar, um visitante silencioso, que lhe indicou sua presença com um suave golpe na porta. Sentia-se tão tola, ocultando-se dessa maneira... Mas Keisha notou que tinha aproveitado o dia.

Xandi sempre tinha estado em seus pensamentos. Uma imagem silenciosa e sensual. Keisha se encontrou pensando em coisas relacionadas com a outra mulher que nunca tinha imaginado, pensando em coisas sexuais, pensando sobre seus desejos de tocar-se.

E o mais importante: notou que desejava tocar Xandi.

O sol tinha começado a cair. Era tempo de mudar, tempo de unir-se a Xandi e aos homens para sua corrida pelo bosque. Tempo de perder-se na mentalidade da manada, para caçar juntos, para fundir sua consciência, por um tempo, com algo primitivo e selvagem.

Não estava preparada. Não queria despir-se em frente aos outros. Não agora. Não quando ainda se sentia frágil, insegura.

Um suave golpe na porta fez com que Keisha voltasse para a realidade. Não tinha fome absolutamente, mas devia ser Oliver com um refrigerante.

— Entre. — recostou-se sobre a cama, descansando sobre as almofadas.

Xandi abriu a porta.

— Sou eu — disse ela — Os moços saíram. Eu... Eu não quis me desfazer das tranças. Decidi não mudar esta noite.

Keisha riu. De repente, tudo parecia esclarecer-se.

— Tranças, diabos. Antón mandou me seduzir, não é verdade?

Ao menos Xandi teve a gentileza de ruborizar-se.

— Bom... Está bem. Sim. Mas trago vinho! — Sustentou a garrafa no alto enquanto fechava a porta detrás dela.

— Já passei por isso, já o tenho feito. — Keisha se levantou sobre as almofadas — A primeira vez que fiz sexo, ele me embebedou, sabia que faria alguma coisa. É obvio queria fazer algo... Queria fazer tudo. Tinha dezesseis anos. O que podia saber?

— Muito menos do que sabe agora. — Xandi caminhou pelo quarto, sentou-se na cadeira junto à cama e lhe mostrou duas taças de cristal. Desentupiu com cuidado a garrafa e serviu o gelado Chardonnay em ambas as taças — Gostaria de fazer um brinde a você, mas em lugar disso farei um brinde para nós duas. Acompanha-me?

Keisha a observou um momento antes de pegar a taça.

— Farei mais que beber. Pensei em você o dia todo. Primeiro, entretanto, me diga o que Antón te disse. Acredite em mim, essa é uma conversa que teria me dado prazer escutar.

— Só disse o que eu esperava que dissesse. Desejei-a desde que compartilhamos o vínculo, Keisha. Não minto, nunca estive com uma mulher. Mas sonhei fazer amor com você quase desde o começo.

Surpreendida, Keisha observou Xandi, procurando uma sensação de decepção.

— Acredito que...

— Estou sendo honesta — a interrompeu Xandi. Levou uma mão ao coração — No princípio me sentia estranha, acredite. — Baixou o queixo e se ruborizou — Em especial, quando tive a fantasia de que foi você em lugar de Stefan quem se metia profundo em mim.

— Chanku? — Keisha mal pronunciou a palavra.

— Sim... E não. Estou segura de que é o motivo pelo qual me sinto tão atraída por uma mulher como por um homem. Agradou-me imediatamente, desde a primeira vez que a vi. Depois de conhecê-la, comecei a te amar. A amar sua fortaleza, sua resistência, sua habilidade de aceitar o inaceitável. Desejei me parecer mais com você, desejei tocá-la. Ao mesmo tempo, sabia que não estava preparada. Acredito que já estou. Acredito que quer explorar tanto quanto eu.

Ela queria fazê-lo, tanto para satisfazer sua curiosidade como para outra coisa. Ao menos isso é

o que se disse a si mesma. Segurando a taça cheia com ambas as mãos, Keisha a inclinou e bebeu de um gole. Quando esvaziou sua taça, estendeu-a para que Xandi voltasse a enchê-la.

— Ainda sinto certa inibição. Uma taça mais a fará dormir.

Xandi soprou. Logo serviu com cuidado o dourado vinho, enchendo a taça uma vez mais. Encheu a sua, abaixou a garrafa e levantou a taça para Keisha.

Keisha golpeou com delicadeza sua taça contra a de Xandi em um brinde.

— Por nós, irmã.

— Por nós. Por nos atrever a explorar novos territórios. — Xandi bebeu seu vinho. Seus olhos cinza brilhavam sobre a borda da taça. Ao baixar a taça meio cheia, passou a língua pelo lábio superior.

As sombras da noite se projetavam no quarto. As mulheres se observavam em silêncio. Keisha notou que estava fantasiando, imaginando o que cada uma delas podia fazer para agradar à outra. As imagens, imagens gráficas de seus corpos unidos, invadiram sua mente. Exuberante e sensual, o doce erotismo de suas fantasias dava a Keisha a sensação de que de fato estavam por explorar novos territórios.

Enquanto o quarto se escurecia, ela notou ainda mais o som de seus corações pulsando, o aroma familiar de Xandi, o suave som de sua respiração, o delicado som das contas que ela tinha trançado no comprido cabelo de Xandi. As contas ressoavam com cada movimento que fazia, sem importar quão leve fosse.

De repente, Keisha percebeu que o som se aproximou.

Xandi estava sentada agora junto a ela na grande cama. Perto, sem tocá-la; entretanto, Keisha sentia a calidez de seu corpo, imaginava seus corpos unidos, suaves e sensíveis nos mesmos lugares.

Keisha apoiou a taça sobre a mesinha de noite, apenas consciente de que novamente estava vazia. Xandi bebeu o último gole de vinho, e voltou a abaixar a taça. Lentamente girou para a Keisha. Deslizou sua mão por debaixo da suave camiseta de algodão sem mangas, seguindo cada uma das costelas de Keisha, percorrendo-a até que seus dedos descansaram debaixo de seu seio.

Keisha inalou com força enquanto um dos dedos de Xandi encontrava um de seus mamilos de repente ereto. A umidade começou a fluir entre suas pernas quando Xandi simplesmente esfregou um dedo para frente e para trás, levando seu mamilo até um pico estreito e sensível.

O quarto se obscureceu, mas a visão aguçada de Keisha a permitiu ver enquanto lentamente envolvia seus dedos ao redor da barra de sua camiseta e a tirava pela cabeça.

Xandi nunca alterou as suaves carícias de seu mamilo, mas agora que ambos os seios se livraram da camiseta de algodão, aproximou-se de Keisha e lambeu a ponta do outro.

As pequenas contas no final de seu cabelo lhe fizeram cócegas ao redor dos seios. Os suaves

sons que emitiam enquanto Xandi se movia por seu peito ecoavam na habitação. Sua língua estava quente e úmida, e lambia somente a ponta do mamilo de Keisha.

Uma vez mais Keisha se esqueceu de respirar. Sentou-se em uma postura rígida, recostando-se para trás com as pernas cruzadas como índio, sustentando-se com suas mãos apoiadas com força sobre as mantas, enquanto Xandi lambia seu mamilo uma vez mais, para logo sugá-lo pouco a pouco entre seus lábios e colocá-lo em sua boca.

— Ahhhh... — Keisha inclinou a cabeça para trás e empurrou seus seios para frente. Xandi sugou mais forte, utilizando a língua e os dentes, mordiscando e sugando, enquanto sua mão continuava com as suaves carícias no outro mamilo de Keisha.

As contas lhe faziam cócegas, ressoavam e lhe faziam mais cócegas.

Nenhuma mulher compartilhava seus pensamentos. Keisha não estava preparada para essa intimidade, não queria saber o que estava pensando Xandi, só queria experimentar seu próprio prazer, por mais egoísta que fosse.

Tremendo, recostou-se contra as almofadas e abriu as pernas, fazendo espaço para que Xandi se localizasse entre suas coxas. Xandi foi com ela, dando prazer lentamente nos seios de Keisha com os lábios, a língua e os dentes, com seus suaves dedos e a cálida palma de sua mão. As contas pareciam pequenos dedos, tocando, jogando, esquentando pouco a pouco o corpo de Keisha.

Depois de um momento, Xandi soltou o mamilo de Keisha rompendo a forte sucção com um suave som. Lambeu a úmida ponta, soprando ar frio através dele, logo beijou as costelas da Keisha, deslizando as calças por debaixo de seus quadris ao chegar à cintura com a boca.

As pequenas contas rodaram e fizeram ruído, arrastaram-se detrás da boca de Xandi, avançaram como um exército de pequenas bocas, enquanto ela beijava e lambia a pele de Keisha.

Keisha arqueou os quadris e sentiu o frio ar da noite contra sua úmida vagina e seus mamilos. Sentiu os lábios e a língua de Xandi percorrendo a suave pele debaixo de seu umbigo, uma forte dentada na face interna da coxa, o caminho de uma cálida língua ao longo de seu púbis onde a coxa se unia com a virilha.

Ouviu as contas, sentiu que uma delas golpeava seus clitoris, outra descansou um momento na fenda de seu umbigo, outras se pulverizaram através de suas coxas, entre suas pernas.

De repente, o caminho que tomava a boca de Xandi começou a unir-se em uma rajada de entendimento e desejo.

— Você não quer... Não pode querer... Oh, Deus, mulher!

— Oh, sim, quero.

Keisha levantou a cabeça e abaixou o olhar. Xandi estava ajoelhada entre suas pernas. Seus

olhos brilhavam, as brilhantes contas se moviam lentamente com cada respiração, cativantes, hipnóticas. Keisha nunca antes tinha imaginado como se sentiriam essas contas contra seu corpo, como a estimulariam e a atraíam.

De algum modo Xandi tirou a túnica, e seu corpo nu brilhava na escuridão, seus seios com seus escuros mamilos balançando-se enquanto ela se inclinava para frente e uma vez mais lambia a sensível pele da parte interna da coxa de Keisha.

As contas lhe faziam cócegas... Faziam ruído. O som de algum modo adquiriu o ritmo dos lábios de Xandi, enfatizando cada dentada e lambida.

Xandi deslizou as mãos por debaixo do traseiro de Keisha e a elevou, logo colocou uma almofada debaixo de seus quadris para mantê-la erguida. Golpeou com delicadeza o ventre de Keisha, finalizando o golpe com uma longa e lenta carícia descendente entre suas pernas, passando por seus clitóris.

Gemendo, Keisha levantou os quadris em sinal de convite. Diabos, nunca havia se sentido tão excitada, perguntando-se o que aconteceria logo, perguntando-se até onde planejava chegar Xandi. Um homem a teria lambido superficialmente entre as pernas para logo lhe dar um golpe duro de um grosso pênis. Não estava se queixando. Mas isso era muito estranho; a pessoa que estava ajoelhada entre suas coxas sabia exatamente que parte tocar, que botões apertar.

Se somente o fizesse! Xandi se inclinou, mas em vez de dirigir-se a sua vagina, pressionou seus seios contra os de Keisha, arrastando seus mamilos sobre o par escuro, pressionando seu osso púbico contra o clitóris de Keisha, esfregando com delicadeza a pele sensível e o arbusto de cabelos levemente frisados de seu suave ventre.

As contas faziam ruído, cada vez mais forte, mais rápido, com cada movimento de Xandi.

Respirando rapidamente, Keisha lutou contra a necessidade de cruzar os braços ao redor do corpo de Xandi e unir-se a ela. Essa era a demonstração de Xandi, sua oportunidade de experimentar, e se sentia bem. Sentia-se muito bem, e de certa forma, proibido e mau, e tão bom e formoso, tudo ao mesmo tempo.

O contraste de pele pálida contra escura, de cabelo púbico encaracolado contra a vagina quase nua de Xandi, de mamilos contra mamilos e a música das contas ia além do que Keisha tinha imaginado. Apanhada em suas diferenças e igual em suas semelhanças, ela estava acariciando o seio de Xandi, levando-o até seus lábios, sugando a pele da outra mulher com a boca, inclusive antes de tomar consciência do que estava fazendo.

Nunca tinha imaginado como seria isso; nunca tinha pensado no que sentia um homem quando sugava seu seio. Chegou à conclusão de que poderia passar todo o dia sugando o doce mamilo,

mordiscando-o com os dentes, envolvendo a língua ao redor da ponta, utilizando seus lábios para comprimi-lo e segurá-lo com força.

Xandi gemeu e seus gemidos soaram fortes contra os de Keisha, logo ela se afastou pouco a pouco, deslizando-se uma vez mais para baixo, mais abaixo, entre as coxas de Keisha, arrastando essas contas, esses pequenos dedos cada vez mais devagar, cada vez mais abaixo.

Apenas animando-se a respirar, Keisha esperou. Sentiu a suave rajada de ar, a primeira lambida da língua de Xandi contra a necessitada pele. Seus quadris se moveram em resposta. Conteve uma risada nervosa. Fechou os olhos.

Xandi a lambeu uma vez mais, desta vez lentamente, utilizando a língua para passá-la entre as dobras dos lábios de Keisha e a ponta da língua para lhe estimular o clitóris. Sugou os lábios de Keisha mais fundo em sua boca, puxando-os, para logo soltá-los. Beijou-lhe as partes internas das coxas, mantendo-se afastada do clitóris até que Keisha rogou por uma descarga.

Por último, com a respiração entrecortada, sem poder construir uma palavra coerente, Keisha se uniu a ela.

— O que está esperando, cadela?

Xandi riu em voz alta.

— Vamos. Admita. Está mais excitada agora do que jamais tinha estado com um homem.

— Ah, caramba, sim. — Ela se retorceu entre as mantas, empurrando seus quadris para a boca de Xandi, rogando com seu corpo, sua mente, seus gemidos, pela descarga.

Xandi abriu as pernas de Keisha ainda mais, agarrou seu traseiro com uma mão, logo deslizou os dedos da outra mão profundamente na vagina de Keisha, que sentiu os músculos contrair-se ao redor dos dedos de Xandi enquanto se aproximava, e fazia cócegas com as contas, e logo levava seus clitóris à boca, sugando-o como tinha feito com o seio.

Xandi gemeu contra o clitóris de Keisha, um som profundo de puro desejo e necessidade. Sua língua pressionava mais forte, seus dedos se introduziam mais fundo.

Sensação. Sensação pura e sem adulterar.

As pernas de Keisha tremiam. Tinha os quadris pressionados contra a boca de Xandi. Uma estimulação envolvente, de uma vez! Uma mão massageando seu traseiro, a língua e os dentes sujeitando seus clitóris, magros dedos empurrando para dentro e para fora de sua vagina, tudo a um ritmo perfeito com as contas, o ruído hipnótico, movendo-se mais rápido... Mais rápido. Tudo emoldurado por uma sensação mental de amor e aceitação, fluindo através de seu ser como um afrodisíaco.

Mais alto, mais forte, pelo que jamais tinha imaginado, Keisha sentiu que seu corpo se arqueava,

esticava-se, escutou o grito do profundo de seu peito, sentiu como se quebrava como uma taça feita em pedacinhos, em um orgasmo alucinante.

As luzes detrás de seus olhos cintilaram, e seu corpo se intumescceu. Seus braços e pernas eram cimento sólido, mas os dedos dos pés e das mãos tremiam como se tivessem recebido uma descarga elétrica. A única parte dela que se movia era sua vagina, ajustando-se ritmicamente ao redor dos dedos de Xandi.

“Oh, Deus meu”. Keisha inspirou profundamente.

— Isso foi divertido.

O comentário inexpressivo de Xandi fez com que Keisha risse.

— Oh, isso digo eu. Ao menos para mim. Dê-me um minuto, logo é sua vez.

— Você não tem que fazê-lo. Os homens retornarão logo.

— Quero fazê-lo.

— Está segura?

— Sim, estou. Possivelmente não da mesma maneira, mas quero que goze. Quero ver seu rosto.

— O seu era formoso. Nunca vi o rosto de uma mulher ao ter um orgasmo.

— Seus dedos ainda estão dentro de mim.

— Sei. Pergunto-me se posso fazer que volte a fazê-lo.

Keisha riu e apertou sua vagina contra os dedos de Xandi.

— Loba.

— Loba alfa para você, querida.

Keisha se soltou e girou Xandi de bruços antes que a outra mulher tivesse idéia do que ia acontecer. Rindo, sentou-se sobre seu traseiro e a imobilizou com os joelhos apertados com força sobre seus quadris, sustentando seus braços sobre sua cabeça.

— Mais tarde falaremos do papel da loba alfa. — Xandi fez um rebote pouco entusiasta para dominar Keisha.

— Necessitará mais que isso.

Antes que Xandi pudesse reagir, Keisha tinha atado suas mãos à cabeceira com uma meia de náilon. Ambas estavam rindo histericamente no momento em que separou os pés de Xandi e os atou aos postes da cama.

Logo se dirigiu ao abajur que se encontrava na mesinha de noite, que projetava um suave brilho no quarto, e empurrou uma grande almofada debaixo do ventre de Xandi, elevando seu traseiro para deixar exibido seu sexo.

— Nunca antes tinha me fixado no bonito traseiro que tem. — Keisha lhe deu um pequeno

ãoite no glúteo.

Xandi saltou.

— Golpeando o traseiro de uma moça negra, não se obtém essa bela cor rosada. O teu é bastante atrativo. — Golpeou o outro glúteo, desta vez com mais força, e conteve uma risada. Tinha deixado um rastro perfeito em cada glúteo. Virtualmente brilhava.

Não podia acreditar que estivesse batendo em outra mulher!

— Tem se comportado mal, pequena. Muito mal. — Keisha se inclinou e arrastou seus mamilos ao longo das costas de Xandi, logo lambeu o espaço ao longo de sua coluna, justo debaixo de sua cintura. A pele de Xandi sabia tinha um sabor um pouco salgado.

Keisha a lambeu uma vez mais.

Xandi gemeu e pressionou seu ventre contra a cama.

Keisha se afastou e passou os dedos entre as pernas de Xandi. Sua vagina estava suave e torcida, escorregadia pelos fluidos. Keisha passou os dedos para frente e para trás várias vezes, introduzindo-os em sua vagina uma vez antes de retirar sua mão e mostrar a Xandi.

— Oh, Deus. Está molhada. Essa não é uma falta penavel?

Xandi riu.

— Oh, Deus. Espero que sim. Fui muito má. — Meneou os quadris tanto como esteve ao seu alcance.

A Keisha pareceu que Xandi definitivamente queria uma surra.

CAPÍTULO 18

Xandi ainda saboreava os fluidos de Keisha com a língua, um gosto salgado e terroso que o fazia querer prová-la novamente. A fazia desejar passar mais tempo com sua boca entre as pernas da outra mulher, enterrada em sua escorregadia vagina. Não tinha sido tão mau.

Antes já tinha tido fantasias sobre estar atada, embora sem dúvida não por outra mulher! Havia algo tão decadente a respeito disso, nua e apoiada sobre o ventre; bom, nua exceto pelas contas no cabelo, com as pernas bem abertas, o traseiro levantado e os braços estendidos, as mãos atadas aos postes da cama.

Keisha se ajoelhou entre suas coxas.

Paf!

— OH, foda! — Tinha-lhe doído, mas houve uma reação imediata que não tinha esperado: uma rajada de umidade quente entre suas pernas.

O segundo açoite no outro glúteo pareceu inclusive melhor. A pele de Xandi experimentava um comichão, e seu traseiro entrava em calor.

— As moças más que acreditam que são lobas alfa precisam ser castigadas, não acha?

— Humm...

Paf! Paf!

— Não está de acordo?

— Sim, senhora, mas soaria mais alfa se deixasse de rir... Mulher.

Keisha soprou. Xandi mordeu os lábios para não rir em voz alta. Sentia-se realmente estúpida presa dessa forma, e esperava que os rapazes não as encontrassem. Realmente estúpida, como duas meninas fazendo provas com jogos sexuais... Estúpida, e excitada.

Ela estava quente e esperava os próximos açoites.

Keisha não a fez esperar muito.

Golpeou-a forte, primeiro em um glúteo, logo no outro. Açoite rápidos e ardentes com a parte plana da palma, baixou no traseiro de Xandi uma vez, mais alto a próxima, alternando glúteos e intensidade, encontrando um ritmo que mantinha Xandi tão fora de si que não estava segura de onde aterrissaria a próxima vez.

De vez em quando, Keisha se detinha por completo, o suficiente para arrastar seus dedos através dos lábios de Xandi, inundando-se no líquido que se acumulava ali, encontrando mais "provas" de que tinha sido uma "menina má".

Mais forte, mais rápido, até que seu traseiro ardia e fazia cócegas, e sua vagina rogava que a enchessem. Retorcendo-se para encontrar e evitar cada açoite, Xandi se sacudiu e girou, lutando contra as ataduras de náilon, rogando pelo orgasmo que flutuava fora de seu alcance.

Perto, tão perto, ao bordo, ela... Keisha de repente se deteve.

— Diabos!

— Acredito que já é suficiente, não? Seu traseiro já tem uma preciosa cor avermelhada. Embora desafine com seu cabelo. Que pena.

Com seu corpo tremendo pela necessidade de ter um orgasmo, Xandi voltou a cabeça e viu Keisha remexendo na gaveta da mesinha de noite e pegando um vibrador maior e realista que Xandi tinha visto.

— Vejamos como se sente isto. Tinha-o estado guardando para algum dos moços. Quer dizer, se em algum momento supero meus nervos. — Keisha riu, acariciando o pênis de borracha. Era de cor marrom escura, com veias proeminentes e uma ponta que se sobressaía.

— De repente, estou me sentindo realmente nervosa.

Ela girou a base, e um zumbido invadiu o ar. Xandi observou até perder de vista Keisha. Sua vagina estava tensa, à espera do vibrador.

Em lugar de inseri-lo, Keisha o passou lentamente ao longo do traseiro sensibilizado de Xandi, acariciando a pele com o frio e estriado brinquedo. Xandi sentiu cada vibração, cada suave passada, como se todo seu corpo fosse tocado.

Gemendo, elevando os quadris, ela rogou por seu orgasmo.

— Vamos, Keisha. Eu não a fiz esperar tanto!

— Sim, fez! Estava rogando! Minha vagina estava úmida, e eu estava desesperada. É sua vez de comprovar o que se sente.

Pouco a pouco, deslizou o pênis vibrante entre as pernas abertas de Xandi, mal tocando seus clitóris.

Rindo com nervosismo, Xandi se sobressaltou e conteve um grito.

— Cadela!

— Cadela alfa para você, carinho. Vamos, diga, ou a deixarei aqui.

— Nunca acreditei que fosse tão malvada!

— Diga. Vamos. "Keisha é a loba alfa". Pode fazê-lo. — Uma vez mais, deslizou lentamente o vibrador através dos sensíveis glúteos de Xandi.

A vagina de Xandi se contraiu, e sentiu a umidade escorrendo sobre seus clitóris.

Keisha colocou com delicadeza o vibrador no ânus de Xandi, esfregando para frente e para trás sobre a enrugada abertura, logo deslizando-o para baixo, entre suas pernas, roçando seus clitóris.

Xandi quase gozou quando lhe tocou o ânus, e se Keisha tivesse permanecido nesse pequeno lugar sensível, ela...

Keisha desligou o vibrador e se afastou.

— Que seja da sua maneira.

"Oh merda, oh merda, oh merda...". Soluçando, rindo tão forte que mal podia falar, Xandi girou e sacudiu os quadris.

— Loba alfa, loba alfa, Keisha é a loba alfa. Vamos não me deixe assim!

Keisha a açoitou uma vez mais no traseiro, com força.

— Não me deixe assim, loba alfa, senhora — disse Keisha, logo começou a rir —. Ah!, Não sabia que o tinha em mim. Sou muito boa!

O zumbido retornou quando Keisha religou o vibrador, e Xandi sentiu o comprido e lento deslize da grande cabeça do pênis abrindo caminho entre suas pernas, mais profundo, mais profundo, estendendo, introduzindo-se, logo descansando contra a boca de seu útero, onde vibrava e zumbia.

— Ahhh... Bendita seja, senhorita loba alfa. — Xandi fechou os olhos, saboreando a plenitude, o calor e a vibração. Keisha sabia o que fazer exatamente com o grande brinquedo, deslizando lentamente o vibrador dentro e fora enquanto ela esfregava o clitóris de Xandi com a ponta do dedo, mais forte, mais rápido, gerando maior velocidade e pressão.

Xandi sentiu o primeiro espiral de seu orgasmo, uma sensação vazia, de necessidade profunda no útero, sentiu o forte golpe do pênis vibrador e o toque quente dos dedos de Keisha sobre seus clitóris.

Seu corpo se contraiu, todas as sensações se fundiram em uma sensação de plenitude, e o orgasmo ardeu em seu corpo. Gritando, ela se moveu dentro de suas limitações e se sacudi contra o consolador que vibrava contra suas sensíveis malhas. Sua vagina se contraiu ao redor dele com espasmos rápidos e convulsivos. Keisha sustentou o pênis duro e profundo em seu interior.

Soluçando com sua descarga, Xandi tremia enquanto saía pouco a pouco de seu orgasmo. Respirou quando Keisha substituiu o vibrador de borracha por sua própria e suave língua, lambendo brandamente as malhas sensíveis de Xandi, levando-a a outro orgasmo mais breve e leve.

Ela voltou a gozar quando os dedos de Keisha encontraram o ponto perfeito para acariciar entre suas pernas. Fechando os olhos, Xandi deixou que seu corpo se tornasse completamente líquido enquanto os rítmicos tremores por fim diminuía e se tranquilizavam. Afrouxando as ataduras, fechou os olhos e se entregou às amorosas carícias de Keisha.

Deve ter adormecido, ao menos por um tempo. Xandi de repente notou que estava acordada, suas mãos e pés já não estavam atados, e Keisha estava sentada na cama junto a ela, com as pernas cruzadas, o queixo apoiado sobre sua palmas.

— Perguntava-me se iria despertar.

— Ah... Sinto-me totalmente... Totalmente fodida. — Xandi riu —. Diabos, mulher. É boa. Quem necessita os homens?

Keisha sorriu com acanhamento.

— Parece estranho, não? Despertar junto a uma mulher. Estive aqui sentada te observando, pensando em como me tem feito sentir, no bom que foi o sexo... Que diferente. Apesar do bom que foi, ainda necessito os homens, você não? Quero dizer, em algum momento quando você me tocava, pensei em Antón. Perguntei-me como seria sua língua, me lambendo, como seriam seus dedos dentro de mim. — Ela afastou o olhar e suspirou —. Acredito que queria não temer seu pênis. Quero que se sintam tão bem como o que acabamos de fazer.

Xandi se sentou, colocou as tranças detrás das orelhas e segurou a mão de Keisha.

— Entendo. Apesar de ser boa com esse pênis de borracha, não é igual ao de Stefan.

Ela observou Keisha durante um longo momento.

— Como está? Agradou a você o que fizemos?

O amplo sorriso de Keisha lhe disse tudo.

— OH, sim. Eu adorei. Tive relações sexuais, tive um orgasmo assombroso, fiz que meu par tivesse ao menos dois...

— Três... E contando.

—Três orgasmos, lambi a vagina de uma mulher, agradou-me, e em nenhum momento me senti ameaçada ou assustada, nem pensei no que aconteceu antes. Não sei se estou pronta para fazer com os homens imediatamente, mas por fim sinto que estou recuperando a mim mesma.

— E se entrarmos um pouco? Quando os moços retornarem, realmente estarão preparados para foder. Você conhece a sensação, depois de uma boa corrida, em especial se tiver caçado. Vem comigo. Una-se a mim. Permanece no quarto, se toque se quiser, mas não se sinta como se tivesse que participar. Acha que poderá fazê-lo?

— Posso tentar. — Keisha sujeitou as mãos de Xandi nas suas —. Obrigada. É difícil de acreditar que só tenham passado três semanas desde que nos conhecemos. Todos vocês são tão importantes para mim... São tão pacientes... Obrigado por me ajudar a superar isto.

Inclinou-se para o Xandi para lhe dar um rápido beijo. Xandi capturou sua boca, movendo seus suaves lábios sobre os de Keisha, jogando com a união entre eles com a ponta da língua, encontrando logo a entrada da cálida e úmida cova de sua boca.

De repente, Keisha se aproximou e cruzou as pernas ao redor da cintura de Xandi até que esteve virtualmente sentada em seu colo. Seus seios se esfregavam entre si, mamilo contra mamilo. Suas bocas descobriram novos sabores e texturas, e Xandi notou que ela não estava quase tão sentada como tinha pensado.

Envolveu um braço ao redor da cintura de Keisha para segurá-la, logo se estendeu para encontrar seus clitóris. Keisha fez o mesmo, esfregando as malhas úmidas de Xandi com os dedos, gemendo contra sua boca.

Línguas enredando-se, corpos retorcendo-se contra os dedos, elas encontraram um ritmo e o mantiveram, mantiveram-no até que Xandi se afastou para respirar, ofegando seu grito de descarga, com Keisha imediatamente depois dela. Ofegando, inclinaram-se uma sobre a outra, rindo e ofegando, seus dedos ainda enterrados em seus corpos.

— Santa merda!

— Stefan? — Xandi lentamente se girou e observou a porta. Stefan estava de pé na entrada, com o Antón justo detrás dele. Ambos os homens vestiam calças curtas de ginástica e nada mais, como se

acabassem de sair da ducha. Seus corpos brilhavam à suave luz do abajur.

A parte dianteira da calça de cada um dos homens se sobressaía para fora.

Os olhares em seus rostos não tinham preço.

— Olá, moços. — Keisha tirou pouco a pouco os brilhantes dedos de entre as pernas de Xandi e saudou — Chegam tarde. A festa terminou. Estava indo para a ducha.

Ainda ofegando por seu orgasmo, Xandi segurou a mão de Keisha.

— Não, não estava indo. Recorda o que falamos?

— Oh. Sim... — Keisha olhou a seu redor, como se procurasse uma saída. Inclinou a cabeça e assentiu, logo inspirou fundo —. Está bem. Posso fazê-lo.

— Fazer o que? —Acomodando-se com cuidado, Antón se sentou na cama junto a elas. Brincou com as contas de cores que penduravam das tranças de Xandi, mas não tentou tocar em Keisha.

— Quando nós, quer dizer, você, Stefan e eu, formos à cama esta noite, Keisha unira-se a nós. Não participará, somente estará na habitação, em minha cabeça, unidas como estamos acostumados a está-lo, mas fisicamente no mesmo espaço conosco.

Antón sorriu a Keisha.

— Está pronta para isso?

— Acredito que sim... Espero. Se não for assim, irei de Dodge City.

Ainda recostado sobre a porta, Stefan riu.

— Nunca tinha comparado nossas relações sexuais somente ante o perigo. Terei que pensar nisso.

— Faça isso, xerife. — Antón ficou de pé — Vamos. Comamos algo.

Xandi desceu da cama e se inclinou para recolher sua túnica. Mal era consciente da risada de Stefan antes de sentir o açoite em seu traseiro.

— Ai! E isso por que foi?

Stefan se inclinou e a beijou.

— Seu traseiro brilha tão ruborizado que pensei que te agradaria. O que esteve fazendo?

Sorrindo, Keisha se deslizou da cama e agarrou seus objetos.

— Gostaria de saber?

Xandi se aproximou e sussurrou em sua orelha:

— Acredito que preferiria que o mostrássemos, não? Traz as meias...

Keisha as meteu no bolso enquanto se dirigiam à cozinha.

CAPÍTULO 19

— Então estão me dizendo que agora temos duas lobas alfa? — Stefan sorriu a Antón —. Uma já era suficiente para me deixar louco.

— Duas são muitas. — Antón aproximou com delicadeza Keisha sobre seu regaço, agradado de que ela não tentasse afastar-se — Não está de acordo?

Ela girou, esfregando seu traseiro contra seu pênis enquanto se voltava para olhá-lo nos olhos. Antón conteve um gemido de pura frustração.

— Xandi e eu resolveremos entre nós. Vocês dois machos beta devem se manter fora de nosso jogo de poder.

Stefan se separou da mesa.

— Pessoalmente, decido resolver entre as pernas de Xandi. Planeja se unir a nós? — Sustentou a mão estendida. Com um grande sorriso desenhado na boca, Alexandria a agarrou, logo se estendeu e tocou seu ereto pênis através de suas suaves calças de algodão.

— Abaixo, moço. Se comporte. — Ela puxou a mão de Stefan e o conduziu para fora da cozinha.

Keisha ficou rígida no regaço de Antón, assentiu em silêncio e ficou em pé. Ele a observou um momento, até que ela afastou o olhar e se negou a olhá-lo nos olhos. Tentou ler seus pensamentos, mas ela tinha bloqueado sua mente por completo.

Ele quase desejou ter a coragem para hipnotizá-la. Simplesmente utilizar os poderes de sua mente para liberá-la de seus temores, mas esse era um ato covarde. Keisha não era covarde. Se alguma vez descobrisse, — e o faria na primeira vez que se unissem —, incomodar-se-ia eternamente. Inclusive pior, ele sempre se perguntaria se ela realmente o amava, ou se o amava só pelo que tinha feito.

Controlar seus pensamentos com lembranças falsas não era uma opção. Em troca, estendeu sua mão até que ela colocou a sua sobre a dele.

Stefan e Xandi levavam a dianteira. Quando Antón e Keisha entraram no quarto, os outros dois já estavam despidos e lutavam alegremente sobre a cama.

Keisha se manteve na porta, seus dedos ainda se agarravam com força à mão de Antón. Ele ouviu a rápida rajada de sua respiração e sentiu seu crescente pânico.

De repente, antes que ele pudesse reagir, Keisha mudou, converteu-se em lobo e, com as patas escavando no piso de madeira, saiu do quarto.

— Vocês dois permaneçam aqui. Irei atrás dela. — Antón se transformou e saiu correndo. Viu

Keisha correr através da porta aberta, saltar sobre o corrimão do balcão e esconder-se no bosque. Antón a seguiu, sabendo que nunca perderia seu aroma.

Ela necessitava desse tempo sozinha. Uma vez mais o daria, mas não a essa distância, onde não podia protegê-la se surgisse à necessidade.

Já tinha passado o amanhecer quando a encontrou em um pequeno lago do bosque. Estava recostada sobre a espessa erva com a pelagem emaranhada e cheia de barro, as patas nuas e sangrando.

Antón se deixou cair junto a ela com um grunhido canino, estirou suas largas patas e colocou sua cabeça ao longo de seus ombros. Sentiu seu suspiro, esperou que ela abrisse sua mente a ele.

— Vou voltar para São Francisco logo que possa conseguir um voo. Meu mês quase terminou. Preciso retornar para trabalhar em meu projeto.

— Me deixe ir com você.

— Não. Preciso de um tempo sozinha, tempo longe de todos vocês, da intensidade dos sentimentos que sentem uns pelos outros... De seus sentimentos por mim.

— Eu te amo, Keisha. Esperarei.

— É tão injusto! — Ela ficou de pé, parando em frente à água — É tão paciente, e eu sou um desastre! Não é justo para você.

— Eu não pedi que fosse assim. Só quero o que é melhor para você. Quero que sare.

— Uma semana. Dê-me uma semana a sós. Telefonarei então, e avisarei se pode vir. Se considerar que vale a pena fazer a viagem.

Sua cabeça estava baixa, seu corpo tremia. Antón se sentou sobre suas ancas, logo ficou de pé. Lambeu seu focinho e empurrou brandamente seu ombro em direção à casa.

— Está bem. Uma semana. Não acredito que possa me esquecer em uma semana.

Ela partiu em uma corrida cansada e tremente, mas ele apanhou seus pensamentos enquanto ela passava a seu lado.

Não poderia te esquecer em uma vida. Não se vivo para sempre.

Keisha deu dez dólares extras de gorjeta ao chofer do táxi quando este levou as malas até a porta da frente e esperou até que entrasse e acendesse as luzes. Ela tinha estado aterrorizada por voltar e permanecer sozinha de noite em sua casa da cidade, aterrorizada por deixar a segurança do amor de seus amigos.

Aterrorizada de ficar.

Recostou-se contra a porta, observando o corredor bem iluminado na entrada belamente

decorada, na atrativa casa do frente. Tinha-lhe encantado esse lugar do momento em que o tinha comprado. Agora simplesmente se sentia vazio... Solitário e vazio.

“Voltarei a senti-lo como meu lar?”.

Seu lar agora estava no alto das montanhas de Montana, onde o ar era frio e o bosque escuro, profundo e acolhedor. Onde ela podia correr livremente com a manada, sentir o ar da noite contra seu corpo peludo, esticar as patas e competir contra o vento.

Competir contra o vento com o Antón junto a ela.

Já sentia saudades. Ele a tinha levado ao aeroporto, tinha-a abraçado com força antes que subisse no avião, tinha-a beijado na testa depois de afastar seus lábios dos dele.

Amava-o. É obvio que o amava. Mas ele como podia sabê-lo?

Ela não o havia dito, é obvio que não o podia demonstrar.

Esse, é obvio, era o problema. Todo avanço seria inútil até que pudesse chegar a ele livremente, até que pudesse fazer amor com ele como uma mulher completa. Antón merecia algo melhor.

Carregou as malas até sua casa, deteve-se para observar se tudo estava bem no estúdio, assegurou-se de que o sistema de irrigação da estufa tivesse mantido vivas suas plantas, logo voltou a entrar.

À noite a chamava. Abriu a porta para o pátio cercado e inspirou profundamente. Antón, Stefan e Xandi estariam correndo nesse momento. Correndo como uma manada debaixo do céu noturno, seguindo os rastros de cervos e coelhos, saltando riachos e troncos caídos, uivando pela alegria da caça.

Sorriu, imaginando as contas de Xandi pulverizadas pelas pranchas do balcão, e esperou que Oliver não escorregasse com elas quando fosse trabalhar pela manhã.

Lentas lágrimas percorreram suas bochechas enquanto se sentava na escuridão do degrau do alpendre dos fundos. Os sons da cidade ressoavam a seu redor, as estrelas perdidas no brilhante reflexo de um milhão de luzes. Antes que Keisha pudesse tomar consciência do que tinha feito, converteu-se em lobo.

Um só salto a levou sobre a grande cerca, para o estreito beco que era um enlace direto com a única selva em milhas. Correu baixo e rápido, bamboleando-se entre as sombras, até que saltou a última barreira entre ela e a liberdade do bosque que era o Golden Gate Park.

Rodeou Stow Lake, encontrou o lugar onde cresceria seu jardim comemorativo se a comissão aceitasse sua proposta, logo correu ao longo do parque, mantendo-se separada dos caminhos e das luzes. Observando, sempre observando, escondendo-se nas sombras, evitando os vagabundos que dormiam e os seus fracotes cães, curvando seu lábio com asco pelos aromas da suja humanidade, botes

de lixo cheios, refugos de muitas pessoas em um espaço muito pequeno.

Sonhou sentindo falta do espesso bosque e o ar fresco das montanhas de Montana, sentia saudades da sensação de irmandade que tinha conhecido com a manada, procurou sem êxito a sensação de liberdade que tinha descoberto sob o amplo céu de Montana. Correu até que lhe doeram os músculos, até que cada respiração gritou em seus pulmões, até que o asfalto e os caminhos de cascalho cortaram suas patas.

Antes do amanhecer, voltou sobre seus passos, deslizou-se em silêncio através da vizinhança, saltou a cerca do pátio e se deteve perto da estufa. Algo parecia fora do lugar. Algo não estava como devia estar.

Seus sentidos chankus estavam alerta enquanto revistava o pátio, farejou a porta traseira, que ainda estava um pouco entreaberta, do modo em que torpemente a tinha deixado. Com o cabelo arrepiado, agachou-se e urinou perto do degrau traseiro, marcando território.

Nada. Farejou o ar uma vez mais, grunhiu em silêncio e deu uma última volta ao redor do pátio. Ainda sentindo-se estranhamente alterada, deslizou-se dentro para converter-se em Keisha uma vez mais, na privacidade de seu lar.

O sono ia ser longo. Os alarmes contra roubos já estavam ativadas, a casa era segura.

Seus sonhos, quando finalmente chegaram, foram solitários e perturbadores.

Passaram-se três dias antes que estivesse disposta a enfrentar a grande montanha de correio que enchia a caixa que tinha deixado debaixo da abertura da caixa de correio. Pensou em ligar primeiro para Antón, mas era uma hora mais tarde em Montana, e ela sabia que ele estaria correndo com a manada. Além da ligação avisando que tinha chegado bem, não tinham falado.

Diabos, sentia saudades das corridas noturnas, a emoção da perseguição quando caçavam, o estreito vínculo mental da manada quando viam que uma presa se encontrava à vista.

Tinha deslocado uma vez mais desde sua volta, sem intenção ou direção. Não era absolutamente satisfatório sem a manada. Ao contrário, era solitário, perturbador. Sentia saudades da conexão, a sensação de família.

Sentia saudades especialmente de Antón. Tão sério e paciente, um contraponto direto à natureza brincalhona e docemente afetuosa de Stefan e à alma educada de Xandi.

Antón precisava dela, embora só fora para tirar um peso de cima. Sorrindo, com a intensa sensação de Antón em seu coração, Keisha se serviu de uma taça de vinho e retornou à habitação dianteira com a caixa debaixo do braço.

Levou quase uma hora para revisar tudo. Encheu uma bolsa para reciclar com o correio

comercial, separou as coisas que precisava passar pelo triturador, verificou os extratos das contas pagas automaticamente, desprezou os anúncios políticos e os adicionou à bolsa de reciclagem.

Um envelope fino caiu sobre a pequena pilha que permanecia em seu colo. Inclinou-se e o recolheu do tapete. Não havia carimbo, nem selo, nem endereço de retorno. Seu nome e endereço estavam minuciosamente escritos na frente, mas alguém devia tê-la deslizado através da abertura da caixa de correio.

Curiosa, cortou a parte superior da carta com uma faca de cozinha e desdobrou a única folha de papel dobrada, logo ficou sem fôlego ao ler a mensagem.

Sei sobre o lobo.

Ligue-me.

Keisha observou o telefone. A carta que ela tinha recebido a noite anterior estava sobre a mesa junto a outra parte de papel, que tinha o número do telefone de Antón escrito por seu grande mão. Teclou os números e conteve as lágrimas.

Logo marcou o número local. Não havia necessidade de envolver Antón. Tinha que deter isso nesse mesmo momento.

— Olá? Fala Cari Burns.

— Senhor Burns, meu nome é Keisha Rialto.

Ela ouviu a suave risada do outro lado. Fez que lhe crispasse o cabelo da nuca.

— É verdade, não?

— O que, senhor Burns? Não tenho nem idéia do que está me falando.

— O lobo, senhorita Rialto. Você é um lobo. Matou três homens. De algum jeito pode transformar-se, tornar-se uma besta feroz. Um assassino. É um homem lobo, não é verdade?

— Isso é totalmente ridículo. Quem é? Espere... Já sei. É o repórter do jornal sensacionalista, não é verdade? Que tem a vivida imaginação?

A imagem dessa falsa fotografia no jornal estava marcada em seu cérebro. Como podia fazer isso a ela? Tudo o que queria era se curar, superar tudo isso.

— Por favor, me deixe tranqüila. Se continuar me incomodando, obterei uma ordem de afastamento, e me assegurarei de que se cumpra.

— Voltará a mudar, senhorita Rialto. A lua estará cheia. Possivelmente alguma coisa ocorra, e você mudará. Quando o fizer, estarei ali.

— Está me ameaçando, senhor Burns?

Notou que suas mãos tremiam e rogou que não se transmitisse na sua voz. Não podia permitir

que soubesse quanto a assustava.

— Absolutamente, senhorita Rialto. Que tenha boa noite. Desfrute de sua corrida pelo parque.

CAPÍTULO 20

Keisha se sentou na escuridão no chão do estúdio, com o queixo apoiado sobre os joelhos, os desenhos de seu projeto comemorativo espalhados pelo chão de madeira.

A comissão tinha aceitado sua proposta, o que significava que tinha que permanecer ali em São Francisco, ao menos até que estivesse completo. Teria que estar encantada, celebrando-o, saltando de alegria. Deveria chamar Antón por telefone, que celebraria com ela.

Teria que estar feliz.

Tudo o que queria fazer era retornar para casa. A sua casa em Montana, para Stefan e Alexandria e, em especial, para Antón.

A casa, com as pessoas que a amava.

Queria correr livremente pelo bosque, sentir o vento no focinho, a terra úmida debaixo das patas. Ansiava recuperar a sensação de poder que tinha experimentado ao correr como um lobo, a força física, a natureza agressiva, que se converteu, em essência, um centro para sua energia.

Em troca, era uma prisioneira em sua própria casa, com temor a arriscar-se como humana, e mais como lobo.

Agora que sabia como mudar, ansiava a sensação; agora que sabia que estava sendo observada, não podia arriscar-se a deixar-se levar por sua verdadeira essência animal.

Pela mente passavam imagens dos corpos rasgados e mutilados dos três homens que tinha matado. Estremeceu, sabendo que recordava mais detalhes dessa fatídica noite cada vez que pensava nela. Mais detalhe, mais sangue.

Os chankus eram uma raça antiga. Suas regras de sobrevivência eram primitivas e violentas. Como os lobos do bosque, os chankus caçavam. Se fossem ameaçados, matavam.

Keisha não queria voltar a matar.

Não podia chamar Antón. Ele não teria remorsos em matar Cari Burns. Não queria carregar a culpa de um assassinato em sua alma, e sabia que ele queria protegê-la. E, além disso, não queria expô-lo a sua miséria, a uma mulher que não correria o risco de mudar por completo.

Observou os desenhos esparramados, o projeto que a tinha consumido, que lhe tinha dado tanta satisfação, antes do ataque. As obras no jardim comemorativo estavam programadas para começar em duas semanas. A única coisa que podia pensar agora era no fato de que tinha tempo de

retornar a Montana, tempo para passar com os de sua espécie.

Sabia que se fosse, nunca mais retornaria a São Francisco.

Queria que Antón estivesse ali. Queria sentir seu quente e pouco exigente corpo junto ao dela. Queria encontrar por fim a força para lhe dizer quanto o amava, quanto significava para ela. Queria fazer amor com ele sem temor, sem as horríveis lembranças deslizando-se e lhe roubando a alma. Queria lhe pedir que ficasse, ao menos até que ela completasse o projeto, vendesse sua casa e se mudasse com ele para ficar.

Ela queria...

Algo se moveu fora, no alpendre dianteiro. Keisha sentia uma presença, alguém ou algo masculino. De joelhos, Keisha se arrastou pelo chão do estúdio e olhou pela janela aberta.

A sombra em seu alpendre obviamente não era uma planta em um vaso de barro. Escapuliu na escuridão, sem deixar-se ver ainda. Seria Burns? Nunca tinha visto o homem, não poderia identificá-lo absolutamente, mas diabos, se tinha a ousadia de vir a sua casa...

Furiosa, mal controlando sua violenta natureza chanku, o quase entristecedor desejo de mudar e se tornar o predador, Keisha desceu pelas escadas, preparada para lutar. Abriu a porta da frente de um golpe.

— Olá, carinho.

Antón!

Soluçando, jogou-se em seus braços. Ele quase a carregou cruzando a soleira e fechou a porta detrás deles.

— Keisha? O que aconteceu? Ocorreu alguma coisa? Está bem?

— Senti sua falta. Não pensei que o faria, não deste modo, mas Antón, senti tanto a sua falta!

— Não podia permanecer longe de você, meu amor. Estava seguro de que sentia sua necessidade, logo notei que a distância era muito grande, e simplesmente estava projetando minha própria necessidade, meu próprio desejo.

— Ele sabe do lobo. Ameaçou-me.

— Quem? — de repente, o aborrecimento de Antón se personificou na entrada — Quem te ameaçou?

Ofegando para respirar, Keisha lutou para manter sua respiração sob controle, para cortar a corrente de lágrimas.

— Seu nome é Cari Burns. É o repórter do jornal que escreveu a história dizendo que eu sou um homem lobo. Ele contatou comigo, disse-me que desfrutasse de minhas corridas pelo parque.

—Você mudou? — Antón se afastou, mas conservou suas grandes mãos rígidas sobre os

ombros dela.

Keisha assentiu.

— Duas vezes. Tinha que fazê-lo. Sentia saudades de todos mais do que imaginei. Pensei que se me transformava, poderia me sentir mais perto de vocês, poderia me sentir parte da manada, mas foi tão solitário... Fui ao Golden Gate Park e fingi que eram suas montanhas, mas não é o mesmo sem você.

— Oh, carinho. — Abraçou-a e a aferrou a ele.

Ela suspirou contra seu amplo peito, inalou seu familiar aroma e notou que não havia temor nela. Não agora, não com Antón ali para protegê-la.

— Aprovaram meu projeto. A comemoração para o parque. Começo em duas semanas.

— Isso é maravilhoso! — Antón se afastou, mas manteve suas mãos sobre ela — Sabia que ganharia. Foi talentosa e formosa.

Ela agachou à cabeça.

— Não é do todo objetivo, mas obrigado. Desejaria poder desfrutar mais a sensação, mas estive tão preocupada... O que acontecerá com o repórter? Poderia arruinar tudo.

— Deixe isso comigo . — O grunhido surdo por trás da voz de Antón não deixou dúvidas de que se encarregaria dele.

Não podia lhe permitir que o matasse.

— Sei. Entretanto, é muito tentador. — Inclinou-lhe o queixo para cima e a obrigou a olhá-lo. O desejo nu em seus olhos de cor âmbar virtualmente a deixou sem respiração.

— Vem comigo. Tem duas semanas antes de começar a trabalhar. Tenho uma cabana em Humboldt County, há umas horas daqui, ao norte. As sequóias e as samambaias crescem frondosas, não há ninguém ao redor, e podemos correr tanto como quisermos sem temor de sermos observados. Já encontraremos a maneira. Por favor, diga que virá comigo.

Ela não podia falar. Como podia saber exatamente o que necessitava?

— Me diga o que devo empacotar. Posso estar pronta em cinco minutos.

Ele não ia lhe dar uma oportunidade de conhecer o temor, não desta vez. Um sentimento de aborrecimento, quente e pesado, ardia sob sua pele, um aborrecimento que ele tinha lutado para manter sob controle. Minutos depois de sua chegada, Antón já tinha colocado a única mala de Keisha na parte traseira do carro de aluguel. Se o repórter estava observando-os, não lhe resultaria simples seguir o Sedan indeterminável pela transitada estrada 101.

Se os seguia, se de fato os encontrava, Antón acreditava que Burns o lamentaria... Mas só durante o tempo que levasse Antón para matar ao bastardo. Antón preferia lutar com um chanku

zangado antes de permitir que o repórter a expusesse.

Em meia hora, Antón evadia com destreza o tráfico da hora ponta através da Golden Gate. Depois de ter passado o tráfico lento na Santa Rosa, aceleraram através do vinhedo, pegaram o caminho para o Oeste no Cloverdale e logo, o estreito caminho que conduzia ao norte. Passando Rockport, foram para o Leste, atravessando quilômetros de majestosas sequóias até chegar a Benbow. Em Garberville, Antón pegou outro caminho de volta para o Oeste. Estava obscurecendo, e Keisha fazia tempo que tinha caído no sono.

Examinou-a ao longo da viagem, desejando poder encontrar a chave para ajudá-la a superar seus temores. Era uma tentação utilizar sua mente, seus poderes para hipnotizar, para obrigá-la a querê-lo, para ajudá-la a esquecer o ataque.

Se o fazia, seria tão culpado como os homens que a tinha atacado, sempre se perguntaria se ela se sentia atraída para ele por vontade própria ou porque ele tinha forçado o sentimento em seu coração.

Isso era inaceitável. Keisha o amaria por vontade própria...

Ou não.

“E isso também era inaceitável”.

Depois de uma grande quantidade de caminhos estreitos e sem nome, portas bloqueadas, pensamentos privados e mais tarde caminhos privados, ele se deteve frente a uma pequena e bem cuidada cabana. Tinha ligado de antemão para que a preparassem para sua chegada. Ajudou o que fora proprietário há anos, e os zeladores fossem amigos de confiança.

Keisha se moveu no assento junto a ele, estirou-se, abriu os olhos e olhou a sua redor com curiosidade.

— Onde estamos? Quanto tempo eu dormi?

— Estamos na cabana. Não está muito longe da Área de Conservação Nacional King Range e é bastante privada. Não há maneira de que seu repórter ou outra pessoa possam te encontrar aqui. Está a salvo, quero que relaxe. Acha que poderá fazer isso?

Observou-o durante um longo momento, seus olhos de cor âmbar como dois discos de ouro, brilhando sob a pálida luz das estrelas.

— Sempre me sinto segura com você. Sempre.

Ele assentiu, profundamente comovido por sua confiança.

— Vamos, comeremos alguma coisa. Logo os chankus vão correr durante o tempo que quiserem. Ninguém nos incomodará.

Tudo foi como ele esperava. O gerador estava abastecido, a geladeira com provisões, e a cozinha

funcionava bem. Os armários tinham suficientes provisões. Antón preparou uma comida rápida, enquanto Keisha desempacotava seus poucos pertences, vestia-se com uma cômoda túnica e explorava a cabana. Havia uma só habitação para a cozinha e a área do salão, um quarto com uma cama enorme e um prático banheiro com banheira e ducha.

Seus olhos não deixavam de contemplar a cama. Estava preparada? Poderia fazer amor com Antón sem recordar seu ataque? Desejava-o. Sabia que podia experimentar o prazer sexual. Xandi o tinha demonstrado.

De algum modo, tinha que superar esse temor aos homens e ao sexo.

Antón a chamou para comer. Tinha preparado salmão fresco, uma salada e massa, utilizando a pequena cozinha.

— Ah, e também pode cozinhar! Não sabia que era tão habilidoso.

— Sou um homem com muitos talentos, meu amor. — Sujeitou seu nariz com a ponta do dedo, e ela o recompensou com um sorriso — De fato, amo cozinhar. É mais fácil deixar que Oliver se encarregue de tudo quando estou em casa, mas cozinhar é um prazer que desfruto. — aproximou-se e a beijou, um suave roçar de lábios na bochecha — O desfruto quase tanto como correr pelo bosque com uma loba alfa ao meu lado. Keisha riu.

— Vejo que Xandi falou com vocês, não é verdade?

— Alexandria fez mais que falar. Mostrou a Stefan exatamente o que fez com essas meias de náilon. E a palma de sua mão. Ele não podia sentar-se no dia seguinte; entretanto, não o escutei queixar-se. De fato, sorriu muito. Era realmente asqueroso. Eu escolhi não me unir a eles essa noite.

A risada de Keisha se tornou um sorriso pensativo.

— Não tinha nem idéia de que pudesse encontrar prazer sexual com uma mulher. Foi absolutamente assombroso. Xandi disse que os chunkus...

Sua voz se foi apagando.

— Os chunkus se apaixonam por vários de uma vez. Achamos prazer sexual com ambos os sexos. É parte do que somos, uma parte importante.

— É uma parte de mim, mas ainda não estou completa. Antón pode me amar como sou?

A via desconsolada, como se sua alma estivesse quebrada. De algum modo, ele a ajudaria com isso. Os chunkus eram uma raça forte e poderosa.

Uma raça vingativa... Mas com capacidade de adaptação. Encontraria uma maneira.

Terminaram a comida em silêncio. Seus pensamentos não estavam absolutamente tranquilos.

— Chunku? — Baixou o garfo e dobrou cuidadosamente o guardanapo, logo lhe acariciou a bochecha, e brandamente a obrigou a olhá-lo — Meu amor, quando se transforma, quando é um lobo,

teme a sua natureza sensual? Teme-me?

Lentamente, sacudiu a cabeça.

— Não sinto temor quando sou lobo. Não sinto temor absolutamente.

— Corre comigo esta noite. O bosque nos chama. Também penso que repara o que está quebrado. Quer?

Keisha ficou de pé e mudou com o mesmo movimento, logo esperou com insegurança em frente à porta fechada. Antón riu, levantou-se e caminhou para a porta.

— Sempre é uma boa idéia abrir primeiro a porta. As patas não são boas para esse tipo de coisas.

Abriu a porta e saiu ao estreito alpendre dianteiro, despiu-se com cuidado e mudou. Seus músculos se uniram, e saltou sobre a grade, aterrissando brandamente sobre as espessas samambaias que se encontravam além da cabana.

Keisha o seguiu, seu salto chegou quase igual em distância, seu corpo em forma e preparado para correr.

À noite os chamava. O bosque e seus milhões de aromas lhes faziam gestos. Com um agudo uivo e uma dentada em seu ombro, Antón tomou à dianteira.

CAPÍTULO 21

Ela perdeu a conta dos quilômetros que eles percorreram, os rastros através das sequóias que seguiram, sobre uma suave e esponjosa terra sob suas patas. Era uma experiência nova e fresca, um renascimento sentir-se tão livre. Como tinha sentido saudades disso!

Em um ponto, Keisha assustou um cervo, uma grande criatura com largas hastes. Correu, e eles o seguiram. Essa noite não eram uma ameaça porque tinham comido muito bem durante o jantar. Entretanto, a corrida era excitante e deixou a ambos ofegando, com as línguas pendurando, com olhos brilhantes pela risada lobina.

Logo depois da caça, Antón manteve o passo a uma cômoda velocidade, por isso os quilômetros se perderam debaixo de seus pés, mas Keisha nunca se sentiu pressionada nem incômoda.

Finalmente, ele se deteve em um claro pequeno e encerrado. Rodeou o prado, farejando qualquer sinal de perigo, levantou uma pata e urinou para marcar o território com o passar do perímetro. Nenhuma criatura ousaria entrar aonde os lobos descansavam.

Poderiam ter estado em outro planeta, tão longe dos assentamentos humanos, tão profundo dentro do bosque.

Árvores muita velhos se erguiam sobre eles, com as raízes protegidas por colchões de espesso musgo. As samambaias cresciam até um metro ou mais, e espessas trepadeiras criavam pontes sobre os riachos e troncos caídos. Era um lugar mágico, realmente um lugar para curar-se.

— O bosque repara o que está quebrado.

As palavras de Antón se converteram em seu próprio mantra privado.

— Estou doente, — gritou — me sare!

Deixaram-se cair sobre as samambaias, com as línguas pendurando, e os olhos brilhando à pálida luz das estrelas. Keisha nunca havia se sentido tão consciente de seu corpo lobino, e tampouco tinha sido consciente do grande macho junto a ela. A força de seus músculos, as gordas almofadinhas em suas patas, as escuras unhas que usavam para cavar, escalar e correr.

Rodou sobre suas costas e mordiscou o focinho de Antón. Ele lambeu seu rosto. Ela o mordiscou novamente.

Ele também rodou, para que seu corpo peludo se pressionasse contra o dela, nariz com cauda, cauda com nariz.

Ela sentiu sua língua entre as pernas e se sacudiu pelo contato. Ele nunca tinha se aproximado em forma lobina. Voltou a lambê-la, mais lento desta vez. Ela poderia ter estado assustada, se estivesse em forma humana.

Ela era uma loba. Uma loba alfa.

Recostou-se e abriu as pernas.

Antón rodou e ficou de pé, sua peluda cabeça pendurando, seus olhos penetrantes, observando. Sua mente estava fechada a ela, mas suas intenções eram óbvias.

Ele queria possuí-la.

Ela era chanku, o lobo. Não uma vítima de violação, não humana. Seus temores não podiam dominá-la agora. Poderosa, no comando, a loba alfa.

Grunhiu. O grunhido foi um ruído surdo em seu peito. Keisha rodou e se pôs de quatro patas. Mostrou sua espessa cauda a Antón, balançando-a lenta e tentadoramente, para frente e para trás.

Um profundo grunhido emanou da garganta lobina de Antón. Levantou as patas dianteiras e tocou seus quadris.

Suas patas estavam afiadas. Deixaram sulcos alvoroçados em sua pele.

Keisha se negou a baixar. Em lugar disso, voltou-se e o observou por cima do ombro, conectou-se a ele.

— Me tome agora, como lobo, não como mulher. A mulher está quebrada. O lobo está completo.

Ele sacudiu a cabeça, negando suas palavras.

— Não está quebrada. Nunca para meus olhos. Eu te amo. Deve saber meu amor, que entre os chankus, se a tomar como lobo, será minha para sempre. Notou que Stefan e Alexandria se aparelham como lobos? Eu não me uno a eles. Somente de maneira humana somos tão promíscuos.

— Eu te amo, Antón. Realmente me deseja?

— Para toda a vida, meu amor. Para sempre.

— Então me tome agora. Faça amor comigo. Mostre-me sua bondade e sua força. Apague todas as lembranças e me dê de presente lembranças novas, frescos, amorosas, de você e eu juntos.

Não necessitou mais rogos. Mordiscando seu ombro, estabeleceu seu domínio com um só corte de seu dente, o restelo de sua pata ao longo de suas costas, enquanto a montava.

A frustração que havia sentido como macho humano se intensificou em sua forma lobina. Encontrou sua suave abertura com o primeiro empurrão, indo profundo, duro, entrando em Keisha enquanto ela firmava as patas para sustentar seu peso.

Ele ouviu seu suave grunhido enquanto a enchia, um som agudo quando por fim se enterrou profundo. Ele tratou de conectar-se e encontrou uma barreira tão grossa como uma parede de pedra. Logo, as sensações se apoderaram dele, o apertado calor de seu canal, a grossa pelagem ao longo de suas costas que roçava seu peito. Ele se movia rapidamente, tomando-a como um lobo toma o seu par, enchendo-a com seu inchado pênis, preparando-a para seu sêmen.

Uma vez que esteve dentro de sua calidez, Antón empurrou forte e profundo, uma e outra vez, até que seu inchado pênis os atou. Ele sentiu que seu corpo se contraía, sabia que o nó sexual no pênis do lobo poderia assustá-la pela perda de controle, a sensação de estar presa.

Então aproveitou sua oportunidade, rogou que fosse o movimento correto, e se esticou. Ainda unido a Keisha, retornou a sua forma humana.

E notou que ela tinha feito o mesmo. Sujeitou a uma mulher em seus braços, seu traseiro pressionado contra seu ventre, seu pênis enterrado profundamente em sua quente capa. Eles se recostaram juntos sobre o suave leito de musgo e samambaias, fundidos em amor e paixão.

Ele estremeceu com os últimos tremores de seu orgasmo e sentiu os espasmos no corpo de Keisha. Retirou com delicadeza o emaranhado cabelo de seu rosto e a segurou perto, suas costas quadrava perfeitamente contra seu peito, seus quadris sentados no berço das suas. Ela voltou à cabeça e o observou com tanta nostalgia em seus olhos, tanto amor, que ele enterrou seu rosto no oco de seu pescoço, perdeu o controle e chorou.

Ela girou a parte superior de seu corpo para poder vê-lo, observou seu rosto, os olhos de cor âmbar do homem que amava, e se maravilhou por suas lágrimas. Com as mãos ainda tremendo pelas

vibrações do orgasmo, Keisha lhe secou as lágrimas, aproximou-se e beijou Antón na boca.

Todos os temores, todas as preocupações que ela tinha tido se derreteram frente à beleza de suas lágrimas, na profundidade do amor que ela sentia por esse assombroso homem. Seu pênis ainda estava dentro de seu calor, e a conexão se sentia bem. Era perfeito. Quando o beijou, sentiu-o inchar-se uma vez mais em seu interior, sabia que ele a desejava novamente.

— Eu te amo. Para sempre. Faça amor comigo outra vez. Ame-me como um homem ama uma mulher.

Seu corpo tremeu, e ele fechou os olhos como se rezasse. Muito brandamente, separou-se de sua capa e a colocou de costas sobre a cama de samambaias. Ajoelhando-se entre suas pernas, retirou o cabelo do rosto dela.

Começou a falar, tossiu e voltou a tentá-lo. Seus olhos brilhavam à luz das estrelas, cheios de lágrimas contidas. Sua voz se quebrou, fortaleceu-se:

— Quando a vi pela primeira vez, seu cabelo estava tão fortemente trançado, que não tinha idéia do grosso e formoso que era.

Ela franziu o cenho. A única coisa que ela poderia pensar era em voltar a colocar esse formoso pênis entre suas pernas. O temor que a tinha acossado durante o último mês se sentia como um pesadelo. Queria-o em seu interior, nesse mesmo instante. E ele queria falar sobre seu cabelo?

— Mudou. Eu mudei. — Sabia que soava impaciente. Não podia evitá-lo —. Meu cabelo era tão ondulado que tinha que usá-lo trançado ou curto. Transformar-me em chanku o mudou. Agora é mais suave, mais parecido com o da Xandi.

— Sempre foi chanku. Se transformar em lobo deve ter alterado seu cabelo, do mesmo modo que alterou o resto de seu ser.

Passou-lhe uma mão sobre a massa de cachos negros, inclinou-se e sustentou uma mecha de cabelo em seu rosto e inalou, logo o retirou de seu rosto uma vez mais.

— Você é mais forte, mais poderosa. Nunca mais será uma vítima. — Riu enquanto se agachava e a beijava, seus lábios se moviam com destreza sobre sua boca, sua língua logo provocava a dela. Ela sentiu seu duro pênis roçar contra seu ventre, e sua vagina se umedeceu.

Ele terminou o beijo e se sentou sobre os pés.

— Realmente é a loba alfa da manada. Inclusive Xandi é diferente de você em muitos aspectos.

Ela ajustou seus joelhos contra seus quadris.

— O que quer dizer, Antón? Por que não fazemos amor? Estive esperando por isto durante semanas. — Conteve uma risada nervosa — Estou preparada, certo? Você também. Só olhe. Seu pobre pênis ali erguido, tão impaciente.

Inclinou os quadris uma vez mais em um descarado convite. Seu ereto pênis cresceu ainda mais, pressionado para cima contra seu magro ventre. O que trazia entre mãos? Seus comentários introspectivos a preocupavam, deixaram-na insegura. Sua vagina estava molhada e esperando, seus mamilos enrugados em estreitos e pequenos brotos, e de repente ele queria falar?

Por que ainda parecia tão triste?

— Sonhei com isto no momento em que a vi. Dormi com você em meus braços, sabendo que temia a qualquer outra coisa que não fosse meu apoio e minha companhia. Deixe-me deleitar com este momento, de acordo? Deixe-me ver seu corpo, desfrutar de seus sabores, inalar seu aroma. Quero tudo, meu amor. Tudo de você. Quero seu amor, sua paixão, os pensamentos em sua mente. Não tenho pensado me apressar até que esteja preparada para deixar de lado todas as suas barreiras.

— Oh. — Ela o observou, compreendendo pela primeira vez a verdadeira profundidade de sua necessidade. Ela tinha bloqueado seus pensamentos tão fortemente, procurando o único amparo que ficava, a santidade de seus temores ainda encerrados em sua mente.

O temor tinha desaparecido graças a Antón. O trauma, o ataque, a brutalidade, já não controlavam seu coração, sua mente e sua alma. Por fim havia lugar para o amor em seu coração. Deixou de um lado suas barreiras, conectou-se a Antón e deu um grito afogado pela intensidade da emoção que estava contida em seus pensamentos.

Ofegou, logo sorriu, aceitando por fim sua necessidade, seu desejo, seu amor incondicional.

Aceitou, e devolveu cada parte.

O amor a empapou, saía de Antón e a banhou. Ele se aproximou e sujeitou seu mamilo com sua boca, sugando-o, e ela se sentiu renascer. Sua língua lambia a ponta, seus dentes a beliscavam e mordiscavam, e ela gritou com cada fresca sensação.

Rapidamente a beijou descendo por seu ventre, aconchegando-se no arbusto de pêlo encaracolado entre suas pernas, lambendo seus inchados lábios como um homem faminto em um banquete.

Ela estava quase frenética quando ele a elevou com sua amplas palmas colocadas debaixo de seu traseiro, elevou seus quadris até sua boca e torceu sua língua em seu interior, lambendo-a como o grande lobo que era.

Com o corpo tremendo, Keisha gemeu e estendeu os braços e se sujeitou com força, virtualmente enredando-se enquanto ele lambia e sugava as suaves dobras.

Levou-a até o limite, levou-a a um passo mais perto, logo se deteve, levantou a cabeça e se inclinou para beijá-la. Ela saboreou seu próprio fluxo nos lábios de Antón, sugou-lhe a língua em sua boca, grunhindo com cada novo gosto, cada nova sensação.

Sua vagina estava contraída, desejava-o. Seu pênis golpeava contra ela, com o mesmo desespero.

— O que está esperando? — Ela o observou

— Um convite?

— Oh, foda. Foda-me! Agora, Antón. Não posso esperar mais. — Ofegando para respirar, recostou-se sobre as suaves samambaias e se segurou nos caules, firmando-se. Ele se meteu profundo e forte. O pênis encontrou o caminho com um só empurrão. Golpeou duro contra a boca de seu útero e suspirou.

— Sinto como se tivesse chegado em casa.

— Está em casa. Ambos o estamos. — Ela se estendeu e tocou seu rosto, sentiu a emoção em seu coração e em sua mente, e aceitou, por fim, o que Antón lhe havia dito durante todo esse tempo. Ele era o indicado, seu casal, a pessoa mais importante no mundo para ela. Elevando os quadris para segurá-lo mais perto, envolveu os braços ao redor de suas magras e musculosas costas e se segurou com firmeza.

Nos recônditos bosques banhados pela escuridão da noite, nos fortes e firmes braços do homem que amava, Keisha sarou.

CAPÍTULO 22

Quatro dias mais tarde, justo ao entardecer, cruzaram a ponte Golden Gate. As luzes de São Francisco brilhavam contra o céu rosado e malva, e os edifícios se esfumavam de cor pêssego a cinza à luz do sol.

Keisha observou o familiar horizonte e sentiu saudades das montanhas de Montana, as altas árvores de Humboldt. Definitivamente, sentia saudades da pequena cabana.

Antón e ela se descobriram realmente nos últimos dias. Não havia uma zona erógena em nenhum dos dois corpos que não houvessem tocado, um orifício que não tivessem estimulado, um sabor que não tivessem provado. Ela se sentia bem e fodida de ponta a ponta, tão maravilhosamente saciada como nunca se sentiu em sua vida.

Tão apaixonada pelo homem que estava junto a ela, que quase lhe causava dor.

Observou sua mão esquerda, presa com força à direita de Antón, e teve a primeira sensação de tensão desde que deixaram a cabana.

— Ele estará esperando, sabe. Não poderemos mudar. Ele nos verá.

Antón girou e lhe sorriu, luzindo mais feroz que quando se encontrava em sua forma lobina.

— Sei. Espero com ânsias conhecer o senhor Burns. — Ele olhou para frente, manobrou com destreza ao redor de um caminhão parado, logo voltou a olhar Keisha — Duvido que ele o desfrute tanto quanto eu planejo fazê-lo.

Apertou sua mão tranquilizando-a, logo voltou a dar atenção ao tráfico denso. Keisha se reclinou contra o respaldo e observou o caminho que se encontrava a frente.

Um automóvel estava estacionado em frente a sua casa. Os sentidos de Antón se alertaram. Ele tinha que aprisionar a consciência da necessidade de mudar, de se tornar o predador que era em seu coração.

— Acredito que o senhor Burns está nos esperando. Reconhece o carro?

Keisha afirmou com a cabeça. O suor brotava de sua testa.

— Esteve na vizinhança desde que retornei. Não recordo se já estava aqui antes de minha viagem a Montana.

— Se for ele, segue minhas ordens. Permanece em minha mente se deve fazê-lo, mas não questione nada do que digo.

— Não irá matá-lo, ou sim?

— Não, apesar de que pensei nisso. Seria muito satisfatório estripar ao bastardo, mas provocaria um terrível desastre. — Ele mudou sua atenção do automóvel estacionado junto ao meio-fio à mulher que estava junto a ele —. É importante, Keisha. Fará o que eu digo?

Ela girou, sem mostrar temor. Riu em voz alta. Fez uma saudação cortez.

— Sim, senhor!

Essa era a mulher que ele amava.

Por fim relaxado, agora que a batalha tinha chegado a ele, Antón estacionou o carro à entrada.

Um homem corpulento e de meia idade saiu imediatamente do automóvel. Pela aparência enrugada de sua roupa, parecia como se virtualmente tivesse vivido em seu veículo durante os últimos dias.

— Ah, senhorita Rialto. Estava certo de que retornaria.

Estendeu sua mão, ignorando por completo Antón.

Grande engano. Antón mal pôde controlar o grunhido que nascia profundo em seu peito. Sua pele se estremecia e se movia pelo desejo de transformar-se em lobo, o predador em sua natureza quase esmagando seu ser civilizado.

— Sou Cari Burns, o repórter de...

— Sabemos quem é você, senhor Burns. Obrigado por vir.

Antón conteve o grunhido e estendeu sua mão interceptando a mão do outro homem em uma forte sacudida. A fanfarronice de Burns se converteu em confusão.

— Obrigado...

— É maravilhoso que seu jornal reconheça o jardim comemorativo da senhorita Rialto. Foi verdadeiramente uma honra que selecionassem seu desenho.

— Mas esse não é o motivo pelo qual... — Burns sacudiu a cabeça —. Não estou aqui...

— Venha por aqui. — Ainda falando, Antón colocou sua mão nas costas do outro homem e o conduziu para as escadas. Apareceram às garras, logo se desvaneceram. Sua coluna se esticava por sua necessidade de transformar-se, de matá-lo — Estou seguro de que lhe agradará tirar algumas fotografia dos desenhos da senhorita Rialto, possivelmente informações sobre as plantas exóticas que selecionou? É na realidade bastante excitante. — Ele girou para Keisha —. Carinho, quer me passe a chave?

Sacudindo a cabeça, contendo um sorriso, Keisha entregou as chaves a Antón, agarrou sua bagagem e seguiu aos dois homens pelas escadas. Sentiu a luta do Antón; sabia que o lobo espreitava. O fato de que sua ira estivesse tão a flor de pele e, entretanto tão controlada, a fazia sentir-se mais amada e protegida do que podia imaginar.

Fechou a porta detrás deles. No momento que se fechou, Antón segurou Burns pelo pescoço e o empurrou contra a parede. Havia um brilho selvagem em seus olhos, e lhe mostrou os dentes, mas de algum modo, para surpresa de Keisha, controlou sua ira.

Em vez do lobo que ela temia, havia um humano muito zangado observando o repórter que ofegava e se retorcia; seus pés penduravam a centímetros do chão, e seu rosto se tornava púrpura pela pressão que Antón continuava exercendo.

— Você não escreverá nada sobre o lobo. O lobo não existe. Se continuar, morrerá. É uma escolha fácil de fazer, senhor Burns.

Os olhos de Burns saíram das órbitas. Suas mãos procuravam os musculosos pulsos de Antón e seus pés raspavam a parede. Keisha conteve a respiração, perguntando-se até onde chegaria Antón, sabendo perfeitamente bem que não podia permitir que matasse ao repórter sem importar o que lhe tivesse prometido Antón, sem importar quão grande fosse à ameaça que representava para todos os chunkus.

De repente, Antón inspirou profundamente e liberou o Burns. Respirando com dificuldade, o homem se deslizou para o chão. Quando Antón se inclinou e lhe sujeitou a mão para pôr o de pé, Burns pareceu transfigurado por um breve instante.

Logo sacudiu a cabeça, esfregou distraidamente o pescoço antes de esticar seu casaco e

desculpar-se por sua estupidez ao tropeçar com o tapete.

Keisha não estava segura de como Antón o tinha dirigido, mas tinha feito que Carl assentisse e sorrisse como se nada tivesse acontecido na entrada de sua casa. O repórter pegou o bloco de papel de notas e apontou a informação, inclusive agarrou sua câmara para tirar uma rápida fotografia de seus desenhos no estúdio. Também fotografou Keisha, de pé junto à estufa.

Ela quase riu quando lhe pediu que segurasse algumas ervas que a ajudaram a transformar-se em lobo. Antón parou atrás do idiota com os caninos virtualmente estalando pela frustração. Keisha sentiu a fúria fervendo justo debaixo da superfície do civilizado comportamento de Antón.

Burns partiu uns minutos mais tarde, obviamente sem saber o perto que tinha estado da morte. No minuto de ter partido, Keisha segurou Antón pela parte traseira de sua camisa e o girou.

— Importar-se-ia de me explicar o que acaba de acontecer? Virtualmente estrangulou o homem, logo atua como se tudo fosse culpa sua e somos seus novos melhores amigos. Que diabos aconteceu?

— O senhor Burns simplesmente tropeçou na entrada antes de te entrevistar por seu jardim comemorativo.

Com seu sorriso ele era a inocência personificada, mas o efeito se viu arruinado pelo grunhido em sua voz.

— Esse não é exatamente o motivo pelo qual estive aqui. Como é possível que ignorasse por completo o fato de que tratava de matá-lo?

— Se tivesse tentado matá-lo, estaria morto.

— Essa não é a questão, e sabe. Por que não perguntou sobre o lobo?

— Só uma sugestão implantada, querida minha. Uma forma de hipnotismo, se quiser.

— O que? — Ela virtualmente gritou, inspirou profundamente e voltou a tentá-lo — Está dizendo que utilizou controle mental? Como?

Seu olhar era puro Antón, todo um macho acionado pelo testosterona, orgulhoso de si mesmo e de sua habilidade para proteger seu casal.

Keisha grunhiu.

Antón inspirou fundo e respondeu.

— Esqueceu. Antes de ser um lobo, ou antes, de saber que era um lobo, eu era um poderoso feiticeiro. Essas habilidades são parte de mim, aprendi-as através de muitos anos de estudo. Só convenci ao senhor Burns de que uma história sobre seu precioso jardim comemorativo no Golden Gate Park era o motivo pelo qual tinha estado tratando de contatar contigo. E você, minha amada mulher, foi terrivelmente esquiva porque é muito tímida por natureza.

— Sim. Está bem. Tímida. — Ela soprou. — Entretanto, não muito delicada. — Em algum momento recordará? Retornará? Antón assentiu, beijou a ponta de seu nariz. Ele encontrará suas notas, catalogará você como lobo. Não tem fotografias, ou as teria utilizado para te extorquir. Entretanto, imagino que tem muita informação em seus arquivos. Ao princípio pode confundi-lo, mas com o tempo recordará. Com sorte, para esse então já nos teremos ido.

— E os machucados que tem no pescoço?

— Deixarei que se pergunte sobre elas. — Antón afastou o olhar por um momento, a fúria que emanava de seu elegante corpo era quase evidente. Inspirou profundamente, e Keisha o ouviu ranger os dentes —. Queria matá-lo, mas te causaria muitos problemas. — Passou-lhe uma mão pelo cabelo —. Acredito que agora se encontra a salvo.

— E se nos encontrar?

— Se nos seguir, simplesmente o comerei. — Devido ao brilho selvagem de seus olhos, Keisha não estava segura se falava a sério ou em brincadeira.

— Não...

— Não. Muita gordura. É mau para meu colesterol.

Rindo, ela jogou seus braços ao seu redor, e beijou-o com paixão na boca.

— Antón, eu te amo. Tão logo termine o projeto, me leve para casa, por favor.

— Prometo. — Beijou-a.

Deus, mas ela amava o sabor de sua boca, não podia esperar para saborear o resto dele. Controle mental. Ele podia fazer que alguém pensasse o que ele quisesse...

— Antón? — Ela se afastou, afastou-se de seu abraço — Por que nunca tentou isso comigo? O da mente. Por que não me convenceu de que não fui violada, de que não matei esses homens? Teria sido muito mais fácil para você.

Seu pensativo sorriso lhe indicou quanto tinha pensado nisso. Que difícil tinha sido para ele não ajudá-la.

— Entretanto, não teria sido mais fácil para você. Teria tirado uma parte muito importante de quem e o que é. Precisava superar isto por sua própria escolha. É uma sobrevivente. Não teria te enganado privando-a dessa vitória. É um testemunho assombroso de sua força já que o fez por sua própria conta. Amo-a como é, o que é. Não quero alguém que ajudei a criar. Eu te amo, Keisha Rialto, temores, defeitos e tudo.

— Defeitos? Está dizendo que tenho defeitos?

— Bom, tem o costume de pensar que está no comando das coisas.

Ela se jogou em seus braços. Uma vez mais, como sempre, ele a apanhou. Como sempre o faria.

Ela sussurrou contra seus lábios, beijando-o entre palavras.

— Tão logo termine o projeto, irá levar-me para casa em Montana. Há muitas mais coisas ali para mim que aqui.

Antón lhe acariciou o cabelo, logo levantou a cabeça e sorriu.

— Tem razão. Não pode se esquecer do Xandi... E ainda fica Stefan.

“Stefan? Stefan, que tem um corpo e um rosto muito similar ao de Antón, com um extravagante senso de humor e compaixão ilimitada, e um óbvio interesse no sexo”.

— Não se importaria... Não sentiria ciúmes, de ver-me com outro homem?

— Você sente ciúmes quando faço amor com Xandi ou com Stefan? Quando tenho o seio de Xandi em minha boca e o pênis do Stefan dentro de mim, quer parar o que estamos fazendo?

Ela sacudiu a cabeça, imaginando exatamente a cena que ele descreveu, notando que já não sentia temor, só desejo.

— Não. Quero estar ali com vocês. Quando me uni a Xandi, queria ser parte das relações sexuais, mas não podia. Estava muito assustada. Agora o temor desapareceu, apesar de que imagino que me agradaria dormir sozinha primeiro com Stefan, antes de fazê-lo como um grupo. Preciso começar pouco a pouco. Isso o deixaria ciumento?

— Orgulhar-me-ia ver o longe que chegou. Saber que realmente aceita a parte de você que é chunku. Eu te amo. — Voltou a beijá-la, muito mais a fundo desta vez — Vamos. Sei algumas de coisas que Stefan desfruta. O que te parece se te mostro o que precisa fazer?

Ela riu.

— Então agora vou receber instruções? Achará que...

Antón a estreitou em seus braços beijou sua boca e se dirigiu para o quarto.

— Acho que me ama. Acho que é minha para sempre e mais. Acho que não pode esperar para fazer amor. E acho que o quarto está no final do corredor?

— Supõe corretamente.

Ela envolveu seus braços ao redor do pescoço dele.

— Espero que Stefan aprecie o quanto estamos dispostos a sacrificar para seu prazer.

— Oh, faz. Estou seguro de que o faz. — Antón a jogou sobre a cama e fechou a porta de um pontapé detrás dele.

PARTE V

O OBSÉQUIO

CAPÍTULO 23

Stefan apoiou o telefone sobre a mesa e suspirou. Antón e Xandi tinham chegado a salvo a Portland apesar da inesperada tormenta de neve. A casa parecia tão vazia sem eles... Não tinha esperado sentir tantas saudades, mas ouvir a doce voz de Xandi fazia que lhe doesse o coração.

Uma semana, não mais. Só levaria uma semana para Xandi dar baixa no aluguel do andar que uma vez tinha compartilhado com seu ex-noivo, renunciasse formalmente seu emprego, empacotasse seus pertences e conduzisse o caminhão arrendado no longo caminho de retorno a Montana.

Se Antón não tivesse tido negócios em Portland, Stefan estaria com ela neste momento, mas Antón tinha negócios ali e Stefan não, e só tinha sentido que Stefan permanecesse ali com Keisha.

Keisha. Stefan a observava através da grande janela.

Ela se inclinou sobre a grade do balcão, seu magro corpo realçado pelo sol, seu cabelo escuro agora caía em suaves ondas que lhe roçavam os ombros, sua nova textura era o resultado direto de sua herança chanku.

Luzia tão solitária ali fora, tão sozinha. Ele tinha se acostumado a ver Antón ao seu lado. Sempre a tocando, protegendo-a, amando-a. Keisha era um enigma. Amante da diversão, brilhante, formosa; entretanto, em conflito; o coração de Stefan doía por ela.

Ficou de pé e serviu um par de taças de vinho. Keisha o observou e lhe sorriu quando abriu a porta com o ombro e se uniu a ela na grade. O gelado ar virtualmente lhe tirou a respiração, mas o céu claro e as estrelas brilhantes valiam à pena.

— Formoso, não é verdade?

Entregou a Keisha a taça de Chardonnay, observou sua garganta contrair quando bebeu um pequeno gole, assentiu e logo lhe sorriu.

Ele abriu sua mente, mas seus pensamentos estavam bloqueados. A diferença dos outros, Keisha mantinha suas barreiras em seu lugar. Não estava seguro, mas suspeitava que sua violação e seu ataque estivessem sempre presentes em sua mente, que ainda sofria o trauma.

Observando-a, com um olhar pensativo e longínquo nos olhos, imaginava que seguia sendo parte dela. Stefan bebeu o vinho, logo apoiou a taça sobre a grade.

— Xandi acaba de ligar. Antón e ela já se encontram em um quarto de hotel. Antón tem entrevistas durante toda a manhã, e Xandi espera finalizar os trâmites do aluguel e ocupar-se de sua renúncia formal. Empacotar seus pertences lhe levará mais tempo, e terão que alugar um caminhão para trazer tudo até aqui. Parece que não chegarão à casa ao menos até na sexta-feira.

— Tanto? — Keisha franziu o cenho enquanto bebia o vinho — Isso é Véspera de natal.

— Sei. O clima foi bastante ruim, mas partirão assim que puderem.

— Estarei preocupada com eles toda a semana. — Keisha piscou e contemplou o prado coberto de neve.

Stefan viu o brilho das lágrimas em seus olhos. Tocou seu queixo com a ponta de seus dedos, e voltou seu rosto para ele.

— Estarão bem. Nós estaremos bem. Quer correr?

Seus olhos se abriram.

— Oh. Acredito que nunca pensei em correr com você. Pensei que esperaríamos até que eles retornassem.

Stefan começou a desabotoar sua camisa. O ar gelado entorpeceu seus movimentos.

— Está brincando, não? Uma semana sem mudar? Vamos. — tirou a roupa, consciente da dúvida de Keisha, de seu repentino acanhamento. Não foi fácil evitar lhe sorrir —. Keisha compartilhamos a mesma cama. Estivemos nus juntos. Transformamo-nos juntos uma infinidade de vezes.

— Sei. — Ela inclinou o queixo para que ele não pudesse ver seus olhos —. Antón e Xandi sempre estiveram aqui.

— Tem medo?

Desafiada, ela o observou.

— Não. Não, não tenho medo. — Ela tirou o pulôver pela cabeça, deslizou-se fora de suas calças jeans e mudou, seus olhos de cor âmbar brilhavam no crepúsculo.

— Estou bem. O que está esperando?

As barreiras seguiam ali, seguiam bloqueando seus pensamentos mais internos. Ele se transformou.

— Nada. Vamos.

A neve de fazia duas semanas tinha formado uma dura capa, o suficiente para suportar seus pesos enquanto corriam pelo prado. Stefan rapidamente tomou à dianteira, mas Keisha o seguia de perto, à direita.

Ele correu rápido, saltando troncos caídos, passando junto à congelada superfície dos riachos e dos pântanos, com a boca aberta, a língua pendurando, as orelhas para trás contra o crânio. Sem prévio aviso, Keisha mordiscou um lado de seu corpo e o passou, seus olhos brilhantes e sua cauda se sobressaindo detrás.

Ela golpeou a superfície de uma velha represa de moinho onde o gelo era grosso e a superfície ampla. Stefan correu diretamente para ela, derrubou-a, para que se deslizasse sobre suas costas sobre

o gelo, antes de ficar de pé.

Ela se equilibrou sobre ele, os olhos brilhando, as mandíbulas amplas, agachou a cabeça enquanto ela encontrava seu ventre, inundou o focinho debaixo de seu peito e o tombou de costas.

Stefan desabou com força, deslizou-se para um banco de neve e saiu com o rosto coberto de cristais de gelo. Grunhindo, sacudiu a cabeça.

Keisha estava de pé a dois metros de distância, as patas estendidas e erguida com firmeza.

— O apanhei! Nunca se meta com a loba alfa!

— Loba alfa! Segue com essa merda? — Ele ouviu sua risada em sua mente enquanto saltava, cobrindo a distância entre eles de um só salto, e a lançou antes que pudesse reagir.

O impacto levou ambos até o meio do lago. Um matagal de magros salgueiros que se encontravam contra o banco os deteve. Uma grande quantidade de neve caiu sobre suas cabeças.

— Está bem? — Ele ouviu Keisha respirar com dificuldade. Saiu de debaixo da neve, recuperando sua forma humana enquanto se movia. O frio o golpeou como um murro, mas se introduziu no montículo de neve e libertou o lobo.

Ela mudou, rindo tanto que ele notou que a respiração dificultosa não tinha sido um problema.

Também nua, ela envolveu seu magro corpo com seus braços e tremeu.

— Merda. Estou me gelando. — Keisha sacudiu o emaranhado cabelo, e flocos de neve caíram ao redor —. Retornemos. Faz muito frio esta noite.

Mudaram juntos. A corrida de volta a casa foi mais lenta, a sensação de família mais forte que nunca. Keisha parecia relaxar-se e realmente desfrutar de si mesma.

Entretanto, Stefan sentia a barreira, a sensação de segredos que Keisha não podia, ou não queria compartilhar. Ainda estava se perguntando como poderia ajudar quando por fim chegaram à casa, recolheram seus objetos e se meteram na ducha.

CAPÍTULO 24

— Por que está tão calada? — Stefan se deteve enquanto recolhia os pratos da mesa —. Não desfrutou do jantar? Oliver se superou desta vez.

Keisha piscou apanhada sonhando.

— Oh... Sinto muito. O jantar esteve excelente.

Stefan ocultou os pratos para que ela não pudesse vê-los.

— O que comemos?

— O que?

OH, Deus, o que tinha comido? Ela piscou.

— No jantar? Uh... Nós... Eu comi... — Keisha sentiu que sua pele esquentava, sabia que possivelmente estava se ruborizando. Apanhada, deixou-se cair na cadeira — Não sei. Sinto-me realmente estúpida.

— Está preocupada porque vamos dormir juntos esta noite, não é verdade?

Tinha que parecer tão petulante? Como podia saber o que ela estava pensando? Seus bloqueios eram fortes, nenhum pensamento escapava.

— Eu...

— Comigo, espero, mas sabe que não tem que fazê-lo, e não me importa se não o faz. Ela inspirou fundo.

— Quero. Dormir com você, quero dizer. Não é como se não o tivéssemos feito antes.

— Sim, mas os outros sempre estiveram perto, ou conosco.

Ele colocou os pratos perto da pia, caminhou de retorno à mesa e se ajoelhou junto a sua cadeira. Era tão estranho observar os olhos de Stefan, olhos exatamente iguais aos de Antón. Ele parecia estar pesando em algo quando sujeitou sua mão na sua, girou-a e percorreu a linha da vida com a gema do dedo, seguindo a escura raia na pele mais clara de sua palma.

Ela sentiu cada carícia até seu útero.

Era um ato sensual, a calosa gema de seu dedo percorrendo lento e com suavidade essa profunda linha, para frente e para trás, uma e outra vez. Fascinada, ela o observou enquanto sua vagina se contraía, e sentiu a quente umidade que se acumulava, preparando-a.

— Stefan?

Ela colocou sua mão sobre a sua, detendo o movimento antes de envergonhar-se e saltar sobre ele ali na cozinha.

Ele cobriu sua mão, ajoelhado ali, suas mãos unidas; parecia como se lhe estivesse propondo matrimônio. Seus olhos eram luminosos, sua expressão preocupada.

Ele lambeu seus lábios. Quando engoliu, ela observou como os músculos de sua garganta se contraíam, fascinada pelo fluido movimento. Ele era formoso, tão bonito como Antón, igual de sensual e cuidadoso. E que Deus a ajudasse, mas ela o amava. Não da mesma maneira que amava Antón, mas os sentimentos estavam ali, tão fortes e verdadeiros que faziam seu coração doer.

— Keisha?

Parecia preocupado. Quase triste. Ela inclinou a cabeça, examinando-o, sem atrever-se a ler seus pensamentos. Suas mãos eram cálidas, fortes, sujeitando as dela com firmeza.

— Carinho, alguma vez falou com alguém sobre o que te aconteceu? Falou como Antón, a seu

terapeuta, a alguém, sobre o lobo? Sobre seu ataque?

“O que?”. Ela não esperava essa pergunta. Nem em um milhão de anos!

— É obvio. — Tratou de soltar-se, mas ele a segurou. Depois de alguns puxões, ela desistiu — Antón sabe que fui violentada. Também a polícia, a terapeuta e, depois do artigo do jornal, meio mundo ocidental. — Conteve um som que poderia ter sido um soluço. Esperou que ele pensasse que era uma risada.

Stefan a observou um momento, logo sorriu e ficou de pé. Estendeu sua mão para ela.

— Vamos, não precisamos fazer sexo, mas quero que esteja junto a mim.

— Soa como Antón. — Desta vez a risada foi fácil quando segurou a mão dele — Esse pobre homem. Estava tão frustrado, e tudo o que eu queria fazer era aconchegar-me.

— Aconchegar-se está bem. Foder é melhor, mas aconchegar-se funciona.

Sorriu-lhe. Dentes perfeitos brancos, brilhantes olhos de cor âmbar, o cabelo escuro com matizes chapeados, um corpo para morrer. Sem dúvida, o moço mais doce e adorável do que não se apaixonou... “Mas o amo”.

Não da maneira que amava Antón. Não, apesar de que não tão profundamente, igualmente feroz.

— Como posso ter tanta sorte? — Lhe sorriu enquanto ele a ajudava a ficar de pé — Primeira terminemos com os pratos. Odeio deixar um desastre para Oliver.

Ela o observou, lançando olhadas para a direita enquanto ele secava com cuidado cada prato que lhe entregava. Possivelmente sua mente não estava muito segura, mas seu corpo definitivamente queria mais que aconchegar-se. Quando as **encimeiras** já tinham sido secadas e o último prato tinha sido guardado, os mamilos de Keisha estavam esfregando-se contra o pulôver, e ela temia que suas calças jeans refletissem a umidade entre suas pernas.

Stefan apagou a luz, deu a volta e segurou sua mão. Suas fossas nasais estavam alargadas. Ela sabia que ele tinha percebido seu aroma, sabia quanto excitada que estava. Keisha sentiu o salto de consciência entre eles, sentiu-o formando redemoinhos em seu ventre, fluindo através de suas veias como fogo líquido.

Um grunhido baixo se deslizou pelos lábios dele. Lentamente, levantou o queixo, colocando-a na posição perfeita para a boca dela, logo lhe deu um beijo comprido e lento. Ele roçou seus lábios ao longo dos dela, umedecendo a abertura entre eles com a ponta de sua língua.

Ela a abriu para ele, sugando sua língua em sua boca, provando os sabores similares aos de Antón, mas tão únicos de Stefan. Ele deslizou seu braço debaixo dos quadris dela e a elevou com facilidade, ainda beijando-a; sua língua era uma violação cálida.

Ela gemeu. Podia excitar-se só com um beijo? Stefan abriu a porta do quarto com um pé e recostou Keisha sobre a cama. Ainda completamente vestido, recostou-se sobre ela, beijando sua boca, a parte de seu pescoço exposta pelo pulôver.

Havia algo maravilhosamente decadente em fazer amor vestidos, decadente e tristemente insatisfatórios. Keisha puxou a suave camisa que estava dentro de seu jeans, sentiu a pressão de seus quadris contra os dela enquanto ele tirava os sapatos e as meias três - quartos, deslizava sua calça, tirava a camisa dos ombros.

Completamente nu, gloriosamente excitado, Stefan se ajoelhou entre suas coxas, seu grande pênis apanhado em sua mão. Lentamente, moveu-o de atrás para frente, da base até a grossa e escura ponta.

— Vai despir-se?

Ela riu, de repente nervosa, com a boca seca. Em lugar de responder, inclinou-se e lambeu o final de seu pênis. Ele tremeu, sua mão deteve todo movimento.

Voltou a lambê-lo, logo arqueou as costas e levantou os quadris, fazendo pressão sobre seu testículo. Ele gemeu e se aproximou mais a ela. Havia algo sobre a nudez de Stefan que conferia poder, o contraste com seu corpo vestido. Algo selvagem e carnal, estar completamente vestida enquanto que ele estava nu.

Keisha se inclinou e lambeu seu peito direito, logo arrastou seus dentes ao longo da pequena e dura ponta. Ele gemeu, pressionou mais forte contra ela, arqueou as costas para aproximar o peito dela a sua boca.

Ela o repetiu com o bico peito da esquerda, quase prodigiosamente consciente do acelerado pulsado de seu coração, o sangue correndo por suas veias, sua forte respiração. Movendo-se lentamente, Keisha saiu de debaixo de suas coxas e colocou Stefan de costas. Ela se sentou sobre seus quadris, apanhou sua ereção debaixo de sua vagina e pouco a pouco, esfregou suas calças jeans sobre seu corpo.

Inclusive através do tecido ela sentiu seu calor, a dura ponta de seu pênis, a sólida força de suas coxas. Em cada movimento para trás, a grande ponta se sobressaía entre suas pernas, logo desaparecia enquanto ela se balançava para frente.

Ela agarrou seus peitos com ambas as mãos, sustentando-se enquanto continuava com o movimento, para frente e para trás, lentamente, brandamente, contra sua rígida pele.

A costura de suas calças jeans abraçava seus clitoris, sua ereção empurrava o tecido contra sua vagina. Keisha ofegou. Seu corpo se esticou, sua respiração ficou apresa. Alagada em uma espiral conhecido de calor, desejo e sensibilidade, ela exerceu pressão contra ele, fazendo que esse bonito e nu

homem tivesse um orgasmo.

Mais rápido, sem importar quão ásperos seu jeans pudessem sentir-se nele, assumindo o controle, ela afrouxou seu corpo. Para frente e para trás, com as mãos de Stefan agora sujeitando seus quadris, ajudando-a a mover-se mais forte e mais rápido, seu pênis de repente sacudindo-se, jorrando, disparando seu sêmen sobre todo seu ventre. A visão de seu orgasmo aproximou Keisha do dele. Seu corpo se convulsionou, teve espasmos. Ela arqueou as costas e pressionou forte para baixo.

Sua vagina se apertou contra o vazio, como se procurasse mais. Seu coração pulsava com força. Stefan riu.

— Merda. Não tinha feito isso desde que era um adolescente. Sente-se bem, mas não tão bem como...

Ele a colocou de barriga para cima. Ainda sem força por seu próprio orgasmo, ela mal podia mover suas mãos. Rindo, ofegando para poder respirar, ajudou-o a tirar os jeans, e também quando ele puxou o pulôver por cima de sua cabeça.

Só pôde recostar-se e gemer quando lhe colocou a boca sobre suas pernas, pressionou contra ela com sua língua e lhe lambeu o sensível clitóris. Brandamente, muito brandamente, ele a levou até o limite, levou-a até sua tremente necessidade antes de ajoelhar-se entre suas pernas e pouco a pouco, com segurança, colocar seu ereto pênis profundamente.

Isso era o que ela necessitava, essa sensação quente de total realização. Ela elevou os quadris para encontrar-se com os dele e o colheu com força. A grossa cabeça de seu pênis tocava a dura boca de seu útero com cada empurrão.

Seus dedos seguravam seu traseiro, sustentando-a perto. Ele empurrou forte e rápido, mais forte, até que ela estalou uma vez mais, até que seus braços e pernas tremeram e sua vagina sujeitou seu pênis.

Ela o sentiu passar os dedos através da umidade que havia entre suas pernas, logo o suave deslize de um dedo encontrou seu ânus, pressionou brandamente contra a carne, logo encontrou a entrada. Ainda presa no transe de seu orgasmo, sua mente esqueceu o significado de seus lentos e sedutores empurrões enquanto primeiro um dedo, logo dois, finalmente três, estendiam o tenso músculo.

Quando a cabeça de seu pênis pressionou contra ela, assustou-se.

— Não!

Que demônios acreditava que estava fazendo? Gritando, chorando, empurrou-o com as pernas, afastou-o e foi até o extremo mais longínquo da cama. Encolhida ali, chorando, dominada pela vergonha, tão envergonhada que queria fazer uma fossa no chão e simplesmente desaparecer.

Stefan se sentou sobre seus pés e a observou. Não lhe ofereceu nenhum consolo, não tratou de abraçá-la, como se soubesse que qualquer movimento de sua parte a faria transpassar o limite.

Ela lutou por recuperar o controle, rodeou-se com seus braços e inspirou profundamente. Olhou a seu redor evitando Stefan.

— Importar-se-ia de me dizer o que acaba de acontecer?

Keisha sacudiu a cabeça. Observou os dedos de seus pés e se sentiu mais nua do que se sentiu em toda sua vida.

Ele agarrou sua calça jeans que estavam no chão e a vestiu. Logo lançou uma suave manta a Keisha. Ela cobriu o corpo. Escondida entre as dobras de múltiplos tons.

— Antes te perguntei se alguma vez tinha falado com alguém sobre a violação e sobre o lobo. O que acaba de acontecer está relacionado com seu ataque, não é verdade?

Ela assentiu. Ainda não podia olhá-lo.

— Espera aqui. Volto agora mesmo.

Ela o observou ir e pensou que seu coração se romperia. Não podia lhe dizer que tinha tido a mesma reação quando Antón tinha tentado ter sexo anal, apesar de que não recordava por que.

Desta vez, as lembranças eram claras e verdadeiras. Brutais e sangrentas, tão horríveis que não podia dizer a ninguém quão assustada estava; não por ela, mas sim por eles.

Outro homem a tinha tomado dessa maneira, e por ele, três homens tinham morrido de maneira atroz. Gritando de agonia, sangrando, aterrorizados até o último momento quando suas gargantas rasgadas já não podiam emitir som.

CAPÍTULO 25

Alexandria despertou, sonolenta, sozinha. O quarto do hotel estava escuro, a cama junto a ela, vazia. Sentiu um movimento, sentou-se e se concentrou na penumbra com sua aguçada visão de chanku.

Um lobo rondava. Comprido, predador, caminhava para frente e para trás debaixo da janela coberta. A doze andares, não havia risco de que saltasse, mas caminhava.

— Antón? O que acontece? Não pode dormir?

— Não. Sinto Keisha. Ela está preocupada. Sinto-a.

— Ela se encontra a milhares de quilômetros de distância. Não pode...

— Sim. Posso.

Ela sentiu seu suspiro muito humano.

— Se você diz...

Ele soprou, um som muito humano do grande lobo que agora estava parado na metade de seu quarto.

— Sei que Stefan me dirá se ela estiver em problemas, mas não posso ignorar o fato de que a sinto. É frustrante, saber que não há nada que possa fazer assim tão longe.

— Pode retornar à cama. O deixarei fingir que sou Keisha.

— Vamos. —Ela deu golpezinhos sobre os lençóis junto a ela.

Ele voltou a suspirar, deu um salto e aterrissou sobre a cama. Conservando sua forma lobina, Antón se aconchegou junto à Alexandria e colocou o focinho entre seus peitos.

Sua cabeça era pesada, reconfortante. Ela se afastou para dormir, enquanto lhe acariciava a suave pelagem detrás das orelhas com os dedos.

Stefan levava duas taças de conhaque cheio com o especial uísque escocês de Antón. O que ele ia fazer com Keisha ia levar mais que um par de taças de vinho.

Tinha estado tão perto de conectar-se com ela no momento em que ela se alterou, tão perto, que de fato tinha obtido visões escuras de seus pensamentos, imagens aterradoras que tinham acelerado seu coração e revolto seu estômago.

Se o que ele tinha visto tinha acontecido em realidade, não era de surpreender que Keisha não tivesse se recuperado por completo.

Abriu a porta do quarto. Ela não se moveu. Ainda encolhida na esquina da cama, suas costas pressionadas contra a cabeceira, a manta envolta ao redor do corpo, via-se como uma menina pequena esperando seu castigo.

Sentou-se junto a ela, passou uma mão por debaixo da manta e agarrou sua mão. Estendendo com delicadeza seus dedos, colocou a taça em sua mão.

— Bebe isto. É somente para te acalmar. Podemos ter uma longa noite.

— Não quero...

— Bebe.

Observou-a enquanto ela bebia um grande gole, respirou entrecortadamente e tossiu; observou-o com olhos lastimosos e logo voltou a beber, de forma mais pausada.

Ele aproveitou a oportunidade. Cruzou os dedos e esperou que Antón não o matasse pelo que tentava fazer. Observou Keisha.

— Está bem. Já pode baixar a taça. Não me importa uma merda sobre o que não quer falar. Keisha, eu te amo. Antón e Xandi a amam. Estamos cansados de vê-la sofrer, sabendo que tem muito

reprimido dentro de si e que isso evita que seja a mulher que está destinada a ser. Deixe-me te ajudar. Tenho algumas habilidades.

— Não... Não, não quero...

— Keisha! — Ele a agarrou pelos ombros, observou seus olhos cheios de lágrimas — Me olhe. Você recordou algo esta noite, algo que te assustou. Não o diga, nem sequer vá ali, mas, por favor, me deixe entrar em sua mente. Deixa de lado suas barreiras. Deixe-me ver o que está te dominando.

Ela abaixou o queixo para que quase descansasse sobre seu peito. Sua voz não era mais que um sussurro quebrado, e destroçou seu coração.

— Não quero feri-lo — disse ela —. Sei que fiz algo terrível, mas esta noite o recordei. Foi pior do que pensei. Temo o que farei...

— Mostre-me isso. — Ele se sentiu como um mentiroso utilizando sua mente dessa maneira, as habilidades para hipnotizar que Antón tinha estado ensinando-o, mas as utilizou de todos os modos, empurrando brandamente Keisha na direção que ele queria que ela tomasse.

Exausta, assustada, já sentindo os efeitos do escocês, foi uma presa mais fácil do que ele esperava. Ela levantou a cabeça e o observou sem compreender, dominada pelo feitiço de sua sugestão. Sob sua sutil ordem, ela deixou de um lado suas barreiras, eliminou todos os obstáculos que tinha mantido com tanto cuidado e o permitiu entrar.

Foi tudo o que pôde fazer para não vomitar. Ela compartilhou sua violação e suas sangrentas consequências, unindo-se a Stefan por completo. Ele era Keisha, evitando um homem, seu interior sangrando pelas repetidas penetrações enquanto seu atacante a empurrava com brutalidade de baixo.

Outro homem sustentava sua cabeça enquanto colocava seu pênis dentro de sua garganta. A dor era insuportável, o reflexo nauseabundo era irresistível, mas não havia nada que ela pudesse fazer. Não havia forma de lutar, não com as mãos atadas detrás com grandes partes de tecido, seus quadris sujeitos com força pelo homem debaixo dela.

Temor, temor e dor cegadora e entristecedora, tanta dor que seu corpo começou a apagar-se, para encontrar outro estado, outra existência. Logo a sensação de alguém mais, o terceiro homem, detrás dela. Manuseando-a, sujeitando seus quadris, estendendo suas nádegas; logo a agonia, uma agonia cegadora, inevitável, enquanto ele forçava sua entrada, entrando, lhe rasgando a pele.

Ela queria gritar, mas o pênis em sua boca a mantinha muda. Ela queria morrer, mas sua vitalidade era muito forte.

Ela queria matar. Queria provar seu sangue, os sons de seus gritos de morte. Queria viver. Stefan o sentiu então, a mudança que a tinha salvado, o rangido dos ossos e a contração dos tendões que não estavam preparados para esse ato. A mutação que tinha tido lugar tão rápido, seus atacantes

de repente fodendo a um lobo, um lobo que fez exatamente o que qualquer animal selvagem teria feito se estivesse assustado ou dolorido.

Ela atacou. O pênis em sua boca foi uma tarefa simples. Só tirou as garras e moveu a cabeça, arrancando as genitálias do homem. Voltando-se a grande velocidade, rasgou a garganta do homem que a havia sodomizado, estripando, ao mesmo tempo, ao que estava debaixo dela com uma pata traseira. As garras rasgaram suas tripas, triturando pele e tendões como se fosse papel.

Seu ataque foi rápido e eficiente, embora só o homem que tinha a garganta rasgada morreu instantaneamente. Os outros gritavam pelo que pareceu um comprido, comprido momento. Exausta, ainda em forma lobina, Keisha ficou de pé só em meio da habitação empapada de sangue, com a cabeça pendurando quase tocando o chão. Seu corpo sangrava, mas por fim cambaleou até chegar à porta, só para descobrir que suas garras não estavam feitas para ferrolhos e cavanhaques.

Exausta, fraca pela perda de sangue, finalmente caiu contra uma parede tão longe dos três homens como pôde. Sua mente se apagou por completo, tampando os gemidos e os gritos. Apoiou o ensangüentado focinho contra as patas cruzadas e ficou adormecida.

Sua mente permaneceu em branco durante a mutação a sua forma humana, mas Stefan notou os fortes golpes na porta, o aroma de sangue e a morte na habitação, o som da morte do último atacante enquanto falecia pela hemorragia. Logo tudo foi confusão e desorientação enquanto a polícia rompia a porta e, uma vez mais, a realidade se entremeteu.

Stefan notou que de algum modo tinha chegado até Keisha, sustentava-a em seus braços enquanto ambos choravam. Ele nunca tinha imaginado o horror que ela tinha passado, sabia que Antón não tinha idéia do valente e forte que era seu casal em realidade. Tratou de lhe dizer essas coisas, tratou de lhe remarcar o poder do lobo, a força e a valentia que a tinha levado a lutar quando a luta não era em vão.

Ele soltou a conexão e a segurou perto. Ela se estremeceu e tratou de afastar-se, mas ele esfregou suas costas e sussurrou frases tolas em seu ouvido até que por fim se acalmou. Seu coração pulsava lentamente, as lágrimas se detiveram. Finalmente, cansados, ambos dormiram.

Keisha despertou, piscando contra a brilhante luz do sol da manhã. Tinha dormido toda a noite! Os horríveis pesadelos que a tinham atormentado desde seu ataque não tinham aparecido. Tinha dormido profundamente, com a mente livre de temores. O terror tinha desaparecido.

Tinha sonhado com Antón.

Piscou, contemplou Stefan, que estava sentado junto a ela na cama, com uma xícara de café quente nas mãos. Ele sorriu e estendeu a taça para ela para que bebesse. Era maravilhoso: quente e

forte, com suficiente cafeína para despertar a um morto. Ela sorriu e devolveu a taça a Stefan.

— Obrigado.

— É uma mulher incrível, Keisha Rialto. Absolutamente incrível.

Ela sacudiu a cabeça.

— Como pode dizer isso? Matei três homens. Perdi o controle. Não morreram limpamente, Stefan.

Ele bebeu um gole de café e lhe sorriu.

— Foi fiel a sua natureza. Foi valente e audaz, e estou tão orgulhoso de você, que mal posso suportar.

— O que? — Assombrada, observou-o —. O que quer dizer? Sou uma assassina.

— É melhor que ser uma vítima. Estava sendo sistemática e brutalmente torturada por três valentões. Eles permitiram que os visse, por isso sabemos que pensavam matá-la. Pôde se salvar porque teve a coragem de atuar. Fez o que é natural para um lobo. Tinha algo enterrado na garganta, mordeu-o para tirá-lo. Tinha dois homens te sujeitando, assim respondeu da única maneira que pode fazer um lobo, com garras e dentes. É incrível.

Beijou-a.

Não lhe devolveu o beijo. Sentia-se muito assombrada para reagir.

— Todo este tempo soube que fiz algo terrível, mas não tinha idéia do que. Ontem à noite, quando tentou... Bom, recordei tudo. Tudo, de uma vez. — Bebeu outro gole de café — A poção mágica do doutor Aragat?

— Sim, se funcionar... — Retirou-lhe o cabelo dos olhos — Está bem?

Ela o olhou, suspirou profundamente e sorriu.

— Sim. De fato, sinto-me realmente bem. É o café ou sua sessão de terapia.

— A verdadeira prova será se puder ou não suportar um homem detrás de você sem enlouquecer. Espero que possa se dar conta de que me assustou.

— Também assustei Antón. Mas quando aconteceu com ele, não tinha idéia de por quê. Sabia que tinha algo a ver com o ataque, mas não sabia exatamente o quê.

— Agora que sabe, como se sente? O que aconteceria se a tomo dessa maneira? Poderia controlá-lo?

— É provável, mas não vai averiguar. Ao menos, não ainda. — Sorriu, completamente acordada agora.

— Por que não?

— Reservo-me para Antón. Podemos ter uma relação muito aberta, mas sei que lhe dói saber

que não pude desfrutar de tudo com ele, que ainda tinha este grande obstáculo em minha mente. Entende?

— Sim. — Ele se recostou e lhe beijou o nariz, logo abaixou para dar um festim com seus lábios. Finalmente, saiu para respirar —. Está bem. A tirarei de seu esconderijo de outras maneiras.

Ela se recostou e estendeu as pernas, logo flexionou um dedo, convidando-o.

Dado que nunca rechaçava um convite, Stefan aceitou.

— Chegam tarde.

— Sei. — Stefan se separou da janela. A neve caía sem cessar, brilhando multicolorida pelas luzes natalinas. Antón tinha ligado fazia horas. Já deveriam ter chegado.

A comida estava fria e tinha sido esquecida. Oliver tinha retornado a sua cabana fazia tempo. A estrada principal estava fechada pela tormenta, mas Antón e Xandi deveriam ter estado na estrada particular fazia horas.

— Sente-os? — Keisha cruzou os braços ao redor da cintura e observou quase com lágrimas nos olhos. Stefan parou detrás dela e a abraçou. — Não. Tentei-o, mas ainda estão muito longe.

— Ou mortos. — Sua voz tremeu.

—Não. Eles estão bem. — Tinham que estar bem. Ele tinha tentado imaginar a vida sem Xandi, sem Antón, e sabia que nunca queria voltar a estar sozinho. Sabia que Keisha sentia o mesmo. Juntos eram uma família. Juntos podiam conquistar qualquer coisa.

Só bastava considerar o que Keisha tinha conquistado essa semana. Havia tornado a falar, mais tarde, sobre os detalhes de seu ataque. Ela tinha gritado, tinha chorado, tinha arremetido zangada contra Stefan por fazê-la enfrentar às coisas que teria preferido manter ocultas em seu coração.

Por fim a convenceu de que essas lembranças se degeneravam, armazenadas como tinham estado. A fez ver o bom que tinha surgido de seu horrível ataque, o fato de que a tinha obrigado a encontrar o lobo em seu interior, algo que poderia não ter descoberto nunca.

Não tinha sido uma semana fácil. Eles tinham falado com Antón e Xandi diariamente por telefone, mas nem Keisha nem Stefan tinham mencionado as sessões de terapia.

Agora estavam preocupados.

A tormenta de neve piorou. A neve voava para ambos os lados, obscurecendo inclusive a grade ao redor do balcão. Keisha observou o telefone. Stefan caminhava de um lado a outro. Finalmente, dirigiu-se para a porta.

— Espera aqui. Vou pelo caminho, e ver se posso encontrar algo. Meus sentidos chankus são mais fortes ali.

Keisha agarrou os botões superiores como se preparasse para mudar.

— Não. Permanece perto do telefone em caso de ligarem. Não vou muito longe para poder me conectar com você. Se encontrar algo, avisarei. Mantenha-se em contato comigo. Se transforme se achar que aumentará seus sentidos, mas não abandone a casa.

Ela assentiu, aceitando sua decisão, apesar de que ele sabia que odiava a idéia de estar ali sozinha.

Antes que pudesse mudar de opinião, Stefan se despiu, abriu a porta e mudou.

— Tome cuidado.

Ele sentiu o frio inclusive através da grossa pelagem de inverno de lobo. Suas amplas garras se afundaram na neve, e lhe resultou quase impossível localizar o caminho, e avançar, mas se obrigou a seguir adiante, aferrando-se às árvores que se encontravam ao lado do caminho, onde a neve não era tão espessa.

Algo ia mal, horrivelmente mal. Tinha-o percebido no momento de mudar, o temor, a dor. Tentou estimar tempo e distância, mas era impossível. Impulsionava-o a sensação de Antón e Xandi. Compartilhou seus sentimentos com Keisha, recorreu a ela para obter forças enquanto percorria os largos quilômetros que conduziam à estrada. A temperatura seguia caindo enquanto avançava, enquanto crescia o sentimento de que algo ia mal.

Ele poderia não ter encontrado o caminhão, tão profundamente enterrado no **ventisquero**, mas o motor ainda estava em marcha, e a espessa nuvem que saía do escapamento chamou sua atenção.

Saíram da estrada. Não tinha certeza de quanto tempo fazia isso, mas mudou, ficando nu no frio, embora fosse a única maneira com que podia abrir a porta do caminhão do lado do passageiro.

Os gases do escapamento eram muito fortes, filtrando-se na cabine, envenenando às pessoas inconscientes que estavam dentro.

— Keisha! Preciso de você. Traz a caminhonete com mantas. Muitas mantas.

Puxou Xandi para a neve, logo ao Antón. Ambos estavam inconscientes, mal respiravam. Lutando contra o pânico, Stefan verificou o pulso de Xandi, logo soprou ar em seus pulmões. Ela tossiu, ofegou, lutou contra ele. Ele se moveu rapidamente para Antón, lhe dando ar para respirar, rogando que despertasse.

A caminhonete soava amortecida na tormenta, mas ele chamou Keisha, utilizando sua conexão mental que tinham fortalecido durante essa longa semana para chegar até ela, para levá-la diretamente para eles.

Ela se deteve perto em um pequeno veículo. Tinha agregado o reboque de jardim que Oliver utilizava.

— Estão vivos?

— Apenas.

Ela jogou roupa morna para Stefan. Enquanto ele se vestia, ela estendeu mantas na cabine do reboque, formando um casulo para Xandi e Antón, logo ajudou Stefan a carregá-los para a parte traseira.

Stefan procurou a mente de Xandi. Não encontrou nada. Tentou com a de Antón e achou a mesma falta de consciência. Observou Keisha e soube que ela também tinha tentado contatar com eles. Tinham chegado muito tarde? Durante quanto tempo tinham estado expostos aos gases mortais?

Respirando através do grande nó em sua garganta, Stefan ajudou Keisha a cobrir Xandi e Antón com as mantas. Logo, com sua preciosa carga bem protegida, retornaram à casa.

CAPÍTULO 26

Amanheceu lentamente, um amanhecer cinza, nada parecido às perfeitas manhãs natalinas que aparecem nos cartões, mas Keisha não podia recordar um melhor Natal em toda sua vida. Stefan, como lobo, estava junto a Xandi, que dormia pacificamente junto a Antón.

Keisha se sentou na cadeira de balanço junto à cama. Tinha-se envolto em uma manta multicolorida para proteger do frio da manhã. Agora bebia sua xícara de café e sorria como uma completa idiota enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

— Estão bem, Stefan. Sinto seus pensamentos. Seus sonhos são normais, seus pensamentos são claros e coerentes. Eu quase desisto.

Stefan levantou a cabeça e piscou. Keisha viu seus olhos fechar-se, soube que procurava Xandi. Lentamente, como se despertasse de um sonho, Alexandria abriu os olhos e se sentou.

— Stefan? — Ela tocou ao lobo junto a ela — Keisha? O que aconteceu? Havia uma tormenta terrível. Perdemos os freios nessa última colina e... Antón?

— Estou aqui. — Levantando-se, Antón sacudiu a cabeça e grunhiu — Meu Deus, que dor de cabeça! Estamos em casa? Como?

Jogando a manta para um lado, Keisha se lançou em seus braços. Antón grunhiu, mas a abraçou enquanto ela soluçava e o abraçava pelo pescoço, com as pernas cruzadas ao redor de sua cintura.

Stefan saltou da cama, mudou, inclinou-se e beijou Xandi, logo a segurou.

— Sabe, carinho? Estou me cansando de resgatar seu traseiro de acidentes automobilísticos durante tormentas de neve. — Voltou a beijá-la — Você e eu precisamos tempo, juntos e sozinhos. Igual a eles. Nunca mais me assuste desse modo.

Ele voltou a olhar para Keisha e lhe piscou um olho.

— Feliz Natal, amor. Parece que recebeu o que queria... O que significa que você lhe dará o que ele quer. Alegro-me de voltar a vê-los entre os vivos, Antón. Os dois nos assustaram muitíssimo. — Beijou Xandi com força na boca, logo a tirou do quarto.

Antón retirou o cabelo de Keisha de seu rosto.

— O que foi tudo isso?

— Conecte-se a mim, Antón. Por completo.

Ele franziu o cenho, mas fez o que lhe pediu. O olhar de maravilha que cruzou seu rosto conduziu a uma nova rajada de lágrimas.

— Sem barreiras. Sem obstáculos. O que ocorreu? — Ele retirou o cabelo de seu rosto uma vez mais, o amor em seus olhos quase foi sua perdição.

— Stefan me ajudou a atravessar parte do trauma, algumas das coisas que não tinha podido conduzir. Foi bastante feio. Coisas que nem sequer eu sabia, provavelmente nunca lhe teria podido mostrar isso porque te amo muito.

Antón a beijou. Ela podia se afogar nesses beijos. Nunca poderia cansar-se de seu sabor, de seu aroma. De seu amor. Logo ele se afastou, sustentou o rosto dela em suas mãos, olhou-a com tanto amor, com tanta emoção, que a deixou muda.

— Stefan te deu um presente bastante especial, meu amor. Devolveu-te seu espírito, essa parte que tinha estado ocultando de mim desde que a conheci. Mas a que se referiu quando disse seu presente para mim? Você é todo o presente que sempre necessitei.

Ela tratou de conter seu sorriso, mas falhou.

— Não até que se sinta melhor. Quero que esteja forte e saudável.

A realidade das últimas horas de repente a apanhou.

— Sabe o perto que estive que morrer aí nesse caminhão? Os gases eram horríveis! — Ela tratou de parecer indignada, mas pensar em seus corpos em estado de coma a fez voltar a chorar — Tive muito medo, Antón.

Ele estreitou seus braços ao redor dela.

— Devemos ter ficado inconscientes quando o caminhão se deslizou fora da estrada. Logo os gases do escapamento na cabine nos mantiveram inconscientes. Se Stefan não tivesse chegado quando o fez...

— Possivelmente devamos chamá-lo São Nicolas, não Stefan. — Keisha riu quando sentiu a mão de Antón subindo pela linha de sua calça. Ela se moveu, aproximou-se dele e sentiu seu duro pênis, inchando-se entre suas pernas.

— Estou me sentindo muito melhor.

— Já me dei conta. — Ela pressionou mais forte, seus músculos apertando-se contra sua crescente ereção.

Seus dedos baixaram ainda mais.

— Pensei que tinha dor de cabeça. — Ela moveu o traseiro uma vez mais quando seus dedos encontraram a linha entre suas coxas, deslizou-se mais baixo, descobriu o calor entre suas pernas.

— Que dor de cabeça? Estão me ocorrendo algumas idéias.

— A mim também. — Logo ela abriu seus pensamentos, deixou-o ver o que Stefan fazia, como a tinha ajudado a aceitar a violência, a verdadeira natureza do chanku.

Logo, lhe mostrou muito explicitamente o que queria... O que agora fantasiava e já não temia.

Com os olhos cheios de desejo, ele a beijou. Fez-se um festim com sua boca como se só sua respiração o mantivesse vivo. Entretanto, pôde lhe tirar a roupa. Sua mão direita encontrou seu seio, a esquerda desceu pela linha de seus quadris, sujeitando seu traseiro e a puxando mais perto contra ele.

Ela moveu os quadris, esfregando as úmidas dobras de sua vagina contra seu pênis, esperando que ele a enchesse. Em lugar disso, Antón se separou dela. Empilhando almofadas no meio da cama, reclinou Keisha sobre eles.

Sua boca se secou. Muito rápido, muito repentino! Um grossa espiral de temor apanhou seu coração. Mas em lugar de entrar nela da maneira que ela temia, a grossa cabeça de seu pênis se deslizou facilmente em sua vagina. Ele se moveu lentamente para dentro e para fora, incitando-a com o ritmo controlado, com o suave toque que não era suficiente.

Seus dedos encontraram seus clitoris, e ele esfregou e puxou com suavidade. Ela conteve um gemido e tremeu enquanto a tensão crescia, enquanto seu corpo rogava por mais. Sua suave risada encheu sua mente enquanto ele retirava seu pênis e o colocava em seu traseiro. Lentamente, ainda muito lentamente, esfregou o pênis contra seu ânus, acariciando primeiro com delicadeza, pressionando tão perto que ela sentiu o peso de seu testículo contra sua vagina.

Ele não mudou sua cadência... Não a tocou mais que com seu pênis. Segurava-a pelos quadris e a sustentou perto. Sua vagina pedia contato. Ele inundou fundo os dedos em seu interior, logo os tirou depressa, mas quando seus dedos úmidos tocaram com suavidade o estreito anel de músculo em seu ânus, Keisha soube que se adicionou outra zona erógena a seu corpo.

Em lugar de temor, tremeu pela expectativa. Em lugar de dor, só sentiu prazer enquanto Antón pressionava e esfregava com a úmida ponta de seu dedo, voltava a pressionar e esfregar, e por fim entrou pela estreita abertura. Deslizou o dedo para dentro e para fora. Keisha se moveu contra ele, querendo mais, querendo livrar-se da crescente pressão do orgasmo pendente.

Ele adicionou outro dedo a seu ânus, estendendo-a pouco a pouco, preparando-a. Ela tremeu, inclinou os quadris, lhe dando grande acesso. Seus dedos se moviam em seu interior, e levantou os quadris para encontrar cada suave empurrão.

Seu pênis repousava contra suas costas, os testículo lhe esfregavam o traseiro, seus dedos lentamente a fodiam por trás. Ela tremia de prazer, não de temor, a não ser com expectativa, não com dor.

Arqueou as costas e gemeu.

— Está tratando de me deixar louca?

Ele riu com força.

— Quero que esteja pronta para mim. Desejo-te tão desesperadamente, levar-me dentro de você sem dor, sem temor.

— Estou preparada, diabos! Mais preparada, e estalarei!

Ela apertou o rosto contra o colchão, levantou os quadris no convite mais descarada que pôde. Sentiu que Antón retirava pouco a pouco seus dedos, sentiu a sólida cabeça de seu pênis enquanto a esfregava ao redor do ânus. Desesperada, pressionou contra ele enquanto entrava nela, só para que ele se afastasse.

Ela se relaxou; seu corpo tremia de necessidade, de expectativa. Um suspiro escapou de seus lábios quando sentiu que pressionava uma vez mais contra ela, penetrando-a. Ao mesmo tempo, seus dedos encontraram seus clitoris, esfregou-o ligeiramente em círculos úmido, encontrando um ritmo que a levava mais alto, mais longe, mais profundo, em uma sensação pura.

O membro de Antón era grande, muito mais comprido que o dos homens que a tinham violado, mas esse pensamento era somente uma sombra que revoava em sua mente, não o suficiente para obscurecer o prazer de que Antón estivesse dentro de seu corpo.

Ela sentiu que se estendia, aceitava. Sentiu o suave deslize de seu quente pênis enchendo-a.

— Está bem? — Ele beijou sua coluna, um beijo por cada palavra.

— Oh, sim. E estarei melhor quando estiver completamente dentro de mim.

— Está segura?

Lentamente, Keisha fez pressão contra ele, tomando o controle, obrigando a seu sólido pênis a chegar mais profundo. Os músculos de sua vagina se contraíam. Antón gemeu, e ela soube que ele havia sentido a contração.

Sua mente se abriu a ela. Keisha quase se desmoronou debaixo da poderosa rajada de pura e cegadora sensualidade, o calor que ele sentia dentro de sua passagem, a vibração dos músculos enquanto continuava sua lenta e constante entrada. Finalmente, suas coxas pressionaram com firmeza

seu traseiro. Seu testículo, amarrados debaixo de seu pênis, perto de sua úmida vagina, seus dedos continuavam o constante ataque a seus clitóris.

Ele se retirou tão lentamente como tinha entrado, logo a encheu uma vez mais. Keisha arqueou as costas, empurrou seus quadris contra os dele e gritou. Seu primeiro orgasmo a deixou estremeando debaixo dele. Quando lhe encheu a vagina com seus largos dedos, ela voltou a gozar, e quando ele encontrou um ritmo mais rápido, empurrando contra ela duro e profundo, ela gritou uma terceira vez e se derrubou debaixo dele.

Só então Antón encontrou sua própria descarga. Sentiu-o pressionar contra ela, sentiu a quente corrente de sêmen enchendo-a, seus afiados dentes contra seu ombro enquanto a mordida, marcando-a como dele.

Logo ela girou a cabeça, encontrou sua boca e o beijou. Seu rosto estava úmido pelas lágrimas, seus lábios duros, possessivos. Ela sentiu seu amor, sua força, sua natureza, na beleza de seu beijo, no toque de seu corpo contra o dela.

Segurando-a com delicadeza, ele tinha convertido seu pesadelo em algo maravilhoso. Imaginou-se destrocada, quebrada, mas uma vez mais se encontrava inteira. Ela tinha temido por Antón durante toda a noite, mas ele estava ali, a salvo, vivo, desejando-a de todas as formas possíveis.

— Obrigado, meu amor.

Seu suave toque mental fez que lhe desenhasse um sorriso nos lábios.

— Tem que agradecer a Stefan. Não foi uma semana fácil para ele.

— Realmente um presente sem medida, Stefan. Obrigado.

Ela percebeu a risada de Stefan, seu amor por Xandi, por todos eles.

— Feliz Natal, moços. Sempre me alegra poder ser de ajuda.

Logo, seus lábios voltaram a encontrar os dela. Stefan se desvaneceu, e ela somente pôde pensar em Antón.

Fim



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>